



Universidade Federal de Sergipe  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia Social  
Mestrado em Psicologia Social

HELMIR OLIVEIRA RODRIGUES

CINEMA, HISTÓRIA E PSICOLOGIA:  
Produzindo uma história do presente.

São Cristóvão – Sergipe  
2010

HELMIR OLIVEIRA RODRIGUES

CINEMA, HISTÓRIA E PSICOLOGIA:  
Produzindo uma história do presente.

**Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Social.**

**Orientador: Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes**

São Cristóvão – Sergipe  
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
"Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos"  
NPPS/UFS CEP: 49.100-000 - Tel. fax: (079) 2105-6784

### COMISSÃO JULGADORA

Dissertação do Discente **HELMIR OLIVEIRA RODRIGUES**, intitulada "**Cinema, História e Psicologia: Produzindo uma história do presente**", defendida e aprovada em 13 de agosto de 2010, pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes

Prof.ª Dr.ª Liliانا da Escóssia Melo

Prof.ª Dr.ª Heliana de Barros Conde Rodrigues

*Às forças que me chacoalham e que me desprendem do chão*

## AGRADECIMENTOS

A Kleber, pela disposição em fazer parte dessa dissertação-experiência. Por suas provocações, dicas e principalmente pelo incentivo a ousadia. Se esse trabalho tem um quê de ousado, Kleber foi um dos que mais incentivaram, desde suas primeiras linhas, a trilhar esses caminhos.

A Liliana da Escóssia que se faz presente nas forças que perpassam este e outros trabalhos, desde os primeiros encontros lá na época da graduação, nas aulas de Práticas em Saúde e encontros outros; estendendo-se pelos encontros ocorridos desde as primeiras aulas, reuniões, orientações coletivas, qualificação e discussões que envolveram essa experiência-mestrado. E pelas contribuições dadas, em vários momentos deste trabalho.

A Heliana Conde que também se faz presente neste trabalho de várias formas, seja nas contribuições dadas durante a etapa de qualificação, que tiveram fortes ressonâncias na construção dessa dissertação; seja nas suas palavras de incentivo a ousadia; e nos belos textos que tem escritos, que trazem consigo uma força apaixonante de querer produzir sempre outros modos de pensar, outros modos de vida.

Aos professores Maurício, Manoel e Teresa os quais sempre possibilitaram a existência de boas conversas.

Aos meus pais, João Batista e Iracema e aos meus irmãos pelo total voto de confiança e o suporte afetivo sempre que necessário.

A Sergiane, por seu amor, carinho, companheirismo e pelo seu total apoio naquilo que desejo trilhar na vida.

A FAPITEC pelo apoio financeiro, também muito importante para produção desse trabalho.

Aos amigos-companheiros de mestrado: Sandra, Michelle, Ariane, Aline, Grazi, Giceli, Lwdmila, Eduardo.

A Bruno por uma parceria sempre falseante, ousada e desconcertante. Com quem rir e fazer chacota das certezas é um hábito.

A Carolzinha, minha irmã branca, parceira nos rolas de Jiu-Jitsu, parceira na música, nas risadas, nas fofocas.

A Shyrley, Wedmo (também parceiro musical), Joãozinho, Catarina, Natália, Michelle Pretinha,

Aos meus queridos amigos do Coletivo FUZUÊ: Mairla, Matheus, Levy, Tamyres e James. Pessoas com quem foi e é possível pensar a vida para além dos muros, seja da academia, seja das casas, seja na cozinha, seja na música...o que vier a gente dobra!

Aos que fazem parte do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFS, em especial as secretárias Áurea e Beatriz, pelo suporte administrativo-institucional, que também necessitamos nessa jornada, que as duas desempenham com total eficiência e pelo nível prestativo sempre demonstrado.

Aos alunos que fizeram parte das turmas de *Tópicos Especiais em Psicologia Social e Institucional* e de *Introdução a Psicologia*, que me permitiram experienciar questões relativas à sala de aula, que me provocaram, inquietaram-me e possibilitaram escrever essa história.

*“Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que a vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.”*

*(Michel Foucault)*

## RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo a produção de uma história do presente, que intenta problematizar aquilo que fazemos de nossas vidas e as possibilidades do vir a ser, que essa analítica permite. Sustentada num modo de pensar a história a partir de Michel Foucault, como uma história que se quer efetiva, que intenta remexer as estruturas vistas como sólidas, imóveis, mostrando que podem ser desestruturadas e pensadas de outras formas. Ela não aponta constâncias, mas o descontínuo, diferenciando-nos de um passado, demarcando o caráter singular do acontecimento. E essa história tem como campo de experiência e de problematização a disciplina optativa *Tópicos Especiais em Psicologia Social e Institucional*, ministrada para o curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, abordando em sua ementa o tema *Cinema, história e psicologia*. Ela também teve como função o cumprimento dos créditos optativos de Estágio em Docência, do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFS. A disciplina tinha como proposta a criação de um espaço para discussão sobre questões que atravessassem o cotidiano daqueles que fizessem parte dela, tendo como vetor provocativo o uso de filmes. Um weblog foi utilizado como outro espaço possível, para que novos sentidos sobre os debates fossem produzidos. A partir da análise dos diversos vetores que atravessaram essa disciplina, como o blog, os filmes e os pensadores trazidos para construção de diálogos, foi possível produzir uma história sobre essa experiência. Uma história que não diz somente do que foi a disciplina, que nos permite levantar questões que envolvem não só um espaço acadêmico, como a sala de aula, mas que nos aproxima de uma dimensão ética, que nos impulsiona a pensar: o que estamos fazendo de nossas vidas e da vida dos outros? Para assim questionarmos também: que outras formas são possíveis de se viver?

Palavras-chaves: história do presente; experiência; dimensão ética.

## RÉSUMÉ

Cette dissertation vise à produire une histoire du présent, dans le but de problématiser ce que nous faisons dans nos vies et des possibilités de devenir, que cette analytique permet. À l'appui de la manière de penser l'histoire de Michel Foucault, comme une histoire qui se veut effective, qui prétend remuer les structures considérées comme solides, immobiles, montrant qu'elles peuvent être structurées et conçues par d'autres moyens. Elle n'a pas de points constants, mais des discontinuités, nous différenciant d'un temps passé, marquant ainsi le caractère singulier de l'événement. Et cette histoire a pour champ d'expérience et de problématique la discipline optative qui s'appelle Thèmes Particuliers en Psychologie Sociale et Institutionnelle, faisant partie du programme de licence en psychologie à l'Université Fédérale de Sergipe, ayant comme programme thématique proche Cinema, Histoire et Psychologie. Elle permet d'obtenir crédits optative de "Stages en Enseignement" au Centre pour les études supérieures en psychologie sociale de l'UFS. Le cours a eu l'objectif de créer un espace de discussion des questions liées à la vie quotidienne de ceux qui en faisaient partie, ayant comme vecteur provocateur l'utilisation de films. Un blog a été utilisé comme un autre espace possible afin que de nouvelles significations des discussions puissent être produites. De l'analyse des différents vecteurs qui sont passés par cette discipline, comme les blogs, les films et les penseurs amenés au débat, il a été possible de produire une histoire à propos de cette expérience. Une histoire qui ne raconte pas seulement ce qu'est la discipline, ce qui nous permet de soulever des questions qui concernent un espace d'enseignement, tel que la salle de classe, mais aussi une histoire qui nous rapproche d'une dimension éthique, qui nous mène à se demander: qu'est-ce que nous faisons de nos vies et de la vie des autres? Ou même à s'interroger: Quelles sont les autres possibilités de vivre?

Mots-claves: histoire du temps présent; l'expérience; dimension éthique.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 UM TEXTO PARA CHAMAR DE MEU.....</b>	<b>16</b>
<b>3 FOUCAULT: UM NOVO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1- Um “Foucault-Cineasta-Em-Mim”.....</b>	<b>24</b>
<b>4 O DESENROLAR DE UMA DISCIPLINA .....</b>	<b>51</b>
<b>4.1 Sobre Filmes e Blogs.....</b>	<b>61</b>
<b>4.2 E no Meio do Caminho Tinha uma Pedra.....</b>	<b>75</b>
<b>5 RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>78</b>
<b>5.1 Um Intenso Começo.....</b>	<b>87</b>
<b>5.2 Nada Fala mais Alto que o Silêncio... Às Vezes.....</b>	<b>101</b>
<b>5.3 Corrida pela Aprovação.....</b>	<b>114</b>

5.4 Uma nova estratégia.....	118
6 CAMINHOS POSSÍVEIS PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA.....	133
7 PRODUZINDO UM (DES)FECHO.....	145
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	150
ANEXO – Arquivos dos posts e comentários do Weblog <i>Cinema, história e psicologia</i> .....	158

## 1 INTRODUÇÃO

Quando alguém diz que está fazendo um trabalho de história é comum que lhe perguntem sobre que época passada é objeto do estudo histórico. Estranho seria, para quem pergunta, escutar como resposta que se trata de uma história do presente. A história é comumente vista como um campo de saber que se debruça sobre antigos documentos, que vasculha objetos empoeirados atrás de pistas que conectem o passado ao presente, que encontre, no passado, explicações sobre fatos do presente. Escutamos isso por um bom tempo, desde que temos nossos primeiros contatos com o campo da história lá no Ensino Fundamental. Então, ouvir que alguém se propõe a fazer uma história do presente e no presente é algo que soa muito estranho aos ouvidos alheios.

Michel Foucault (2008d), a partir de sua história genealógica ou história “efetiva”, fundamenta e parte em defesa de uma história do presente. Se antes o presente era visto como algo que a história teria que explicar, através do passado ou mesmo sendo como ponto de partida para o estudo do passado, Foucault o coloca como local de análise. A história do presente possibilita uma problematização do modo como estamos vivendo ou o que somos enquanto presente. É o que ele vai chamar de uma ontologia do presente ou ontologia histórica de nós mesmos.

Colocar o presente como um tempo que pode ser estudado, analisado e refletido é permitir que pensemos de que forma nos constituímos como sujeitos de um determinado saber. É poder analisar que mecanismos de poder nos atravessam, quais os jogos de verdade aos quais estamos imersos e quais os efeitos dessas relações de poder, que possíveis modos de subjetivação elas permitem emergir. Colocar em análise o modo de vida que temos e examinar que tipos de forças nos perpassam, são coisas que nos jogam num processo de desprendimento daquilo que pensávamos ser, nos diferencia de um presente que somos ou que deixamos de ser. Assim como a história do presente nos permite diferenciarmos do presente que já não somos mais, a história efetiva em Foucault (2008d) também permite, com seu modo desnaturalizador dos modos de vida, diferenciar-nos de um passado que pensávamos ser condição e causa para o que vivemos no presente, sendo assim, é colocar o passado em sua condição singular, distanciando-nos dele.

O que vai permear as diversas páginas desse trabalho é, justamente, uma tentativa de produção de uma história do presente. Uma história que visa pensar o que estamos fazendo de nossas vidas e as possibilidades de sermos diferentes do que somos. E essa história tem como campo potencializador e provocador de suas análises genealógicas, uma experiência decorrida de uma disciplina optativa, ofertada pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com o título *Tópicos Especiais em Psicologia Social e Institucional* e que tinha como tema *Cinema, história e Psicologia*. E a experiência é vista aqui como algo que tem a função de permitir ao sujeito um desprendimento de si mesmo, de que ele não se veja mais como ele mesmo, ou seja, trata-se de um processo de des-subjetivação (FOUCAULT, 1995).

Durante o período acadêmico de 2008/2 da UFS, a disciplina em questão, foi ofertada como forma de que pudesse cumprir créditos referentes ao estágio em docência, de acordo com normas regulatórias do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFS, além de, intencionalmente, servir como campo de experiência e produção de uma história nos “moldes” foucaultianos. Foi uma disciplina montada com intenções de propiciar, aos que fariam parte dela, um espaço onde se pudesse discutir e produzir novos sentidos para aquilo que víamos acontecer no nosso dia-a-dia, ou seja, tratava-se de um espaço destinado a pensarmos sobre o modo como vivíamos e se seria possível viver diferente. Para produzir esse espaço foi preciso que algumas coisas planejadas fugissem a um modo já enraizado de se dar aula, de estar naquele espaço, tanto no papel de professor como no de aluno. Exigências institucionais, como chamadas e avaliações, não tiveram a mesma função que se têm como o de controle de frequência nas aulas e um modo de hierarquizar e classificar os alunos. Uma disciplina que trouxe para seus encontros produções cinematográficas, para servirem como vetores de provocações que nos ajudassem a pensar as coisas relacionadas ao modo que vivemos. E para que as discussões não se restringissem à sala de aula, criamos outro espaço para onde outros sentidos sobre aquela conversa pudessem ser levados. Tivemos um *weblog*, hospedado em [www.psicocinehistoria.blogspot.com](http://www.psicocinehistoria.blogspot.com), como outro local de encontros, onde os estudantes poderiam continuar as discussões, dando-lhes novos modos de pensá-las.

Desses encontros muito se debateu sobre os aspectos da vida, sobre modos diferentes de se relacionar com temas como a morte, tolerância, religiosidade, sexo, drogas, dentre outros. Por isso, creio que posso dizer que o que se encontrará nas próximas páginas, não é somente um trabalho que fala sobre um tipo singular de se pensar a história. Mas um trabalho

que traz uma questão que atravessa todo seu corpo, que é a necessidade de pensar e problematizar nossos modos de vida. Se se pensou em empreender essa pesquisa sobre a história em Foucault, foi porque ela permitia trazer esse tipo de questionamentos, possibilitava pensar que aquilo que é nem sempre foi como se vê, e que, sendo assim, podemos fazer de nossas vidas algo diferente.

O caminho percorrido para a produção dessa história foi dividido em cinco capítulos. No capítulo um intitulado *Um texto para chamar de meu*, há uma descrição do percurso tortuoso pelo qual me aventurei, desde os primeiros momentos na graduação em Psicologia, que inquietações tomavam conta do meu corpo, os efeitos delas, até o ponto em que essas inquietações se transformaram em um projeto para o Mestrado em Psicologia Social da UFS. Essa contextualização serve como suporte para reivindicar a necessidade da construção de um texto dissertativo, que é o presente trabalho, no qual essas inquietações estivessem presentes, que essa dissertação ganhasse aspectos singulares na sua concepção.

O segundo capítulo, *Foucault: um novo olhar sobre a história*, é dividido em duas partes. Na primeira parte faço uma breve contextualização sobre esse novo olhar sobre a história produzido por Foucault, no sentido em que ele aponta que novas questões passam a fazer parte do campo de práticas da histórica, como, por exemplo, os modos de se analisar aquilo que se tinha como descontínuo, para aquilo que foge, para rupturas que emergem no processo histórico. Esse novo campo de análise demanda dos historiadores novas ferramentas para seus estudos, como também requer repensar a questão do objeto em história.

Na segunda parte do segundo capítulo, intitulada *Um Foucault-cineasta-em-mim*, o que se tem é uma forma de buscar fazer desse trabalho algo que possa chamar de meu. Para pensar a história em Foucault que ressoa em mim, decidi falar dela por outros meios, utilizando-me do campo do cinema, especificamente, sobre os gêneros ou estilos existentes de filmes, ou seja, como seria um filme escrito por um *Foucault-cineasta-em-mim*. Numa intenção de pegar gêneros como a comédia, o suspense, a ficção científica e a ação, para, a partir deles, pensar a história em Foucault, resolvi não pegar esses gêneros dentro de algo que tivesse um significado já pronto, mas o que deles poderia fazer gaguejar, como bem apontou Deleuze (2004), para que formasse ideias sobre como pensar a história em Foucault.

Não é por acaso que o cinema é usado nesse momento do trabalho. Como ele atravessa boa parte da disciplina que serve como campo de análise, pensei que seria interessante trazer aspectos dessa dimensão cinematográfica para conversar com esse *Foucault-em-mim*. O cinema entra tanto aqui, como nos encontros em sala, como um intercessor, como aquele que falseia ideias pré-estabelecidas e que nos permite produzir novas verdades, novos sentidos para a vida (DELEUZE, 2004).

O terceiro capítulo, *O desenrolar de uma disciplina*, divide-se em três partes. Na primeira, falo sobre os primeiros momentos que antecederam a própria concepção da disciplina, que surgiu de uma proposta feita a mim, por Kleber. Falo sobre como recebi essa proposta, que novos rumos ela deu para a dissertação do mestrado. Depois discorro sobre todo o planejamento feito para montar a disciplina, as estratégias pensadas, questões como a ementa, os textos, etc.

Na segunda parte desse capítulo sobre a disciplina, falo sobre a função dos filmes e do *weblog*. Os filmes entrando como agentes provocadores de discussão, visto que eles carregam consigo modos de vida que, mesmo ficcionais ou não, falam de uma época, mas que podem servir como pontes para conversas para pensar os modos de relação que existem sobre aquelas temáticas, no cotidiano daqueles que estivessem em sala. E o *weblog*, indo além de ser um espaço onde os alunos escreveriam sobre os encontros em sala, ele também teria como função abrir novas possibilidades de pensar o que fora discutido.

Por último, na terceira parte do capítulo, falo sobre um momento que antecedeu o início das aulas, no período da matrícula, que veio a provocar inquietações sobre aquilo que havia sido planejado. Falo sobre questões que surgiram e que fizeram repensar as estratégias pensadas para a disciplina, se seriam ou não viáveis serem mantidas.

O capítulo quatro, *Relatos de uma experiência*, traz uma narrativa sobre o que foi essa experiência. Esse relato advém de um diálogo construído entre minhas memórias sobre a disciplina, algumas anotações que fiz à época e daquilo que se tem como arquivo dos *posts* e comentários do *weblog*. Das tentativas de produzir uma conversa entre esses documentos, emerge o que vem a ser os relatos de uma experiência. Mas não se trata somente de uma narrativa descritiva sobre algo que ocorreu em um período de quase cinco meses. Uma narrativa que buscou mapear nessa história aquilo que se tem como acontecimento, como

momentos singulares que produziram outros modos de funcionar aquele espaço. E desses momentos, foi possível levantar problemáticas que diziam não só daquele espaço, mas de outras forças que o atravessavam. Forças que apostavam em criar caminhos outros para aquela experiência e forças que queriam fazer com que aquela experiência seguisse um caminho já conhecido, com um final demarcado.

E é justamente para falar sobre esses possíveis caminhos para pensar essa experiência que o capítulo cinco foi pensado. *Caminhos possíveis para pensar a experiência*, é uma tentativa de pensar que histórias essa experiência nos possibilita fazer e que fala sobre aquilo que vemos acontecer no nosso cotidiano.

Por fim, mas não buscando um fechamento para essas problemáticas que tergiversam esse trabalho-dissertação, apresento uma possibilidade de (des)fecho – um não fechamento - para o que aqui se buscou fazer como uma história do presente. Algo que apenas atenda a uma exigência normativa, no que diz da concepção de uma dissertação, afinal, em algum momento a escrita teria que se encerrar, pois necessita que compartilhemos e convidemos a outros fazerem essa experiência. E até mesmo como um momento que reflete uma abertura para outros modos de pensar que não cabem mais aqui, que necessitam de novos horizontes.

Boa leitura!

## 2 UM TEXTO PARA CHAMAR DE MEU

Desde que entrei para o Mestrado em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS), tenho como compromisso escrever uma dissertação, como modo de obtenção do título de Mestre por essa instituição, sobre uma temática que há tempos faz parte de meus estudos. Trata-se de um estudo que tem como bases provocativas e referenciais pensar a história a partir de Michel Foucault.

Não é de hoje que essa questão me provoca. O primeiro contato com textos de Foucault, deu-se em uma disciplina do primeiro período da graduação em Psicologia, pela UFS. A disciplina intitulada como Observação em Psicologia. E o texto era *Recursos para um bom adestramento*<sup>1</sup>. Logo nos primeiros meses de aula, aluno saído de um esquema de estudo voltado somente para responder as questões do vestibular, mais comumente chamado de “decoreba” e fico de frente com um texto de Foucault, um choque de estilos é inevitável. Não foi um bom primeiro contato, achei uma leitura um pouco difícil e cansativa, mas não menos interessante. E assim passaram-se os períodos. Creio que lá para o quinto período da graduação, numa disciplina chamada *Conceitos Contemporâneos em Psicologia*, voltei a ter contato com os textos de Foucault. Dessa vez não só Foucault, porém outros pensadores contemporâneos a ele, como Gilles Deleuze e Félix Guattari, por exemplo. Essa disciplina teve uma forte importância no rumo que daria para a minha graduação dali em diante.

Em *Conceitos Contemporâneos* entramos em contato com novas perspectivas relacionadas ao saber que se produz no que se chamam ciências humanas. Uma disciplina que se propõe a por em discussão aquilo que afeta a produção de conhecimento em Psicologia. A questão das dicotomias indivíduo-sociedade, sujeito e objeto de conhecimento, etc.; contextualizando historicamente essas questões, colocando em xeque saberes que se queriam universais e absolutos, abrindo, assim, possibilidades para se pensar diferente sobre problemáticas que há tempos faz parte do campo das ditas ciências humanas. É nessa onda<sup>2</sup> que passo a me inserir desde então. Remo nessa e em outras ondas que foram se formando e

---

<sup>1</sup>Foucault, M. *Recursos para um bom adestramento*. In: Foucault, M. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões* 25ª ed. Petrópolis. Vozes, 2002. 288p.

<sup>2</sup>Tomando a noção de onda apontada por Deleuze, no texto Os Intercessores. Com isso, Deleuze vem falar sobre o movimento de se por em algo pré-existente, de se por em órbita em algo que já vem de outros movimentos e que não tem um ponto de origem. É o colocar-se “entre”. DELEUZE, G. *Os Intercessores*. In: Deleuze, G. *Conversações, 1972-1990*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. p.151-168.

ainda se formam. É nesse remar, nessa inserção “entre”, que começo a pensar sobre a questão da história da Psicologia, tal como era apresentada, por um bom tempo no curso e livros que lia. Uma Psicologia que tinha um ponto de origem, que tinha um pai. Coisa comum em muitos cursos de Psicologia Brasil afora, é perguntar onde nasce a Psicologia científica e ouvir de muitos a resposta: “*nasce com Wundt, na criação do primeiro laboratório de Psicologia na Universidade de Leipzig, na Alemanha, no ano de 1879*”. Isso sempre me intrigou e mais ainda a partir da leitura, dessa vez de uma forma mais atenciosa, de Vigiar e Punir, no momento em que Foucault (2002) fala dos corpos dóceis, da disciplina e do exame e de como disso produziu-se sujeitos, produziu-se conhecimento para um campo de saber como a Psicologia.

Desses acontecimentos emergem questionamentos sobre o modo de fazer história da Psicologia que vão desbocar, no caso da graduação, na temática que escolhi para o meu trabalho monográfico de conclusão de curso. Durante minhas pesquisas, tive que adentrar no campo da história para, primeiramente, saber o que queria falar por história. Então, meu orientador, na época, o professor Maurício Manguieira, indicou-me alguns livros de um grupo francês chamado de Escola dos *Annales*. Durante as leituras me deparei com um novo modo de pensar a história que os membros fundadores dessa escola, March Bloch e Lucien Febvre, propunham. Eles faziam críticas a um tipo de história tida por eles como tradicional e a qual via como função da história narrar os fatos passados, que eram tidos como dados nos arquivos, para assim entender o presente e caminhar para um futuro mais promissor. Era a história como ferramenta de obtenção das causas de certos efeitos do presente, como detentora da verdade que se passou durante o decorrer do tempo.

As ideias dos *Annales* afirmam uma nova concepção de tempo histórico de longa duração, um novo objeto para a história: o homem no tempo e espaço. Tal estudo parte de uma problematização do presente em direção ao passado, para assim construir novas visões sobre este, utilizando-se de fontes históricas bem variadas, como cartas oficiais, diários pessoais, poesias, livros de contabilidade, etc.; além da construção de novos métodos para o estudo histórico. Essa Nova História é decorrente de aproximações de Bloch e Febvre com outros campos de saber, em especial a Sociologia do final do sec. XIX e início do sec. XX, destacando a influência de Émile Durkheim. Sem querer adentrar muito nesse meu antigo trabalho, deixo claro que o que fiz foi um estudo sobre a Escola dos *Annales* e as possíveis contribuições desse novo modo de fazer história nas produções da história da Psicologia.

Depois de concluído esse trabalho monográfico, feita sua apresentação e tendo eu, posteriormente, colado grau em março de 2007, passei a pensar em como continuaria meus estudos referentes à Psicologia, tendo como referencial para isso o campo da história. Já tinha como interesse desenvolver algum tipo de estudo sobre a história em Michel Foucault, isso já vinha desde a monografia, porém por questões de prazos e tempo curto, não foi possível realizar. Meu anteprojeto entregue, como um dos requisitos obrigatórios na inscrição para a seleção do mestrado em Psicologia Social da UFS, tinha como temática a história em Michel Foucault e de que forma ela poderia favorecer a novos modos de pensar a Psicologia.

Já como aluno do mestrado, segui meus planos de estudos sobre o modo de pensar a história a partir de Foucault. Dentre várias conversas com meu orientador, o prof. Kleber Jean Matos Lopes, concordamos que um trabalho onde apenas fosse feita uma apresentação daquilo que está mais do que dito pelo próprio Foucault, ou seja, um trabalho através de uma revisão de literatura era algo que muitos fizeram, fazem e farão. Então, como fazer desse empreendimento algo singular? Como fazer algo que pudesse contemplar meu desejo de pesquisa e ao mesmo tempo ser um trabalho singular nessa área? Das conversas, das orientações, uma proposta me foi feita por Kleber: trabalhar a questão da história em Foucault a partir de uma experiência em uma disciplina ofertada para a graduação em Psicologia da UFS<sup>3</sup>. Proposta aceita. Montamos a disciplina *Tópicos especiais em Psicologia social e institucional*, tendo como temática *Cinema, história e Psicologia*. As aulas ocorreram durante o período letivo de 2008/2, dos meses de setembro de 2008 a janeiro de 2009. Um bom material foi produzido nessa disciplina, histórias e mais histórias possíveis de se contar sobre ela.

Porém, antes de contar as histórias possíveis, ainda fica no ar a questão de pensar como desenvolver esse trabalho; falar da história com Foucault de uma forma singular; como construir um texto para “chamar de meu”. Essa questão por um bom tempo me foi colocada por Kleber e posteriormente apareceu também durante o processo de qualificação do meu projeto de dissertação do mestrado. E, após a qualificação, fiquei a pensar sobre como construir um texto para “chamar de meu”. Sugestões foram feitas, como: porque não utilizar o cinema para falar de uma forma singular sobre um “Foucault-historiador”? Decidi, então,

---

<sup>3</sup> Mais a frente falarei melhor sobre o processo de montagem da disciplina.

aceitar essa sugestão. Nos próximos passos tentarei por isso na ponta dos dedos. Minha ideia, a desenvolver, é: sendo Foucault um cineasta, como seria desenvolvido um filme por ele? Como seria feito um filme a partir de um Foucault-cineasta, levando em consideração o seu modo de pensar a questão da história.

Contudo creio não ser tão viável tentar adivinhar como seria um Foucault-cineasta, até porque não há como ter acesso a ele ou mesmo enveredar por algo que ele dizia não querer para si, que é pensar pelos outros. Não farei aqui o papel de alguém que pensaria por Foucault. Em vez disso creio ser melhor mudar um pouco a estratégia, em vez de tentar pensar como seria esse Foucault-cineasta, utilizar-me-ei do Foucault que ressoa em mim para falar sobre isso, ou seja, pensarei como seria um filme num “Foucault-cineasta-em-mim”? Nesse sentido estarei me utilizando daquilo que ressoa em mim, através das leituras dos variados textos e livros de Foucault e desdobrando isso em algo que acredito ser o modo como posso pensar a questão da história em Michel Foucault.

### 3 FOUCAULT: UM NOVO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA

Antes de adentrar e escrever sobre minha proposta de um Foucault-cineasta-em-mim, vejo como necessário fazer uma pequena introdução sobre um novo olhar que surge sobre a história a partir das reflexões de Foucault, no que ele chama de mutação na história, presente na introdução da *Arqueologia do Saber* (2005a).

Na introdução citada acima, Foucault (2005a) discorre sobre um processo de mutação que, para ele, tem tomado conta do campo de saber da história. Um novo olhar passa a fazer parte da história. Um olhar que para a história tradicional era menosprezado, descartado, visto como inútil. O que aparecia de novo era um investimento que apontava para um problema que começava a chamar a atenção dos historiadores, que não os tradicionais. Esse investimento era para aquilo que se apresenta como uma ruptura, para aquilo que foge e se faz presente em variados momentos da vida. A mutação dizia que de um olhar para o descontínuo e um novo problema apontado por Foucault, seria como analisá-lo.

A história tradicional sempre se preocupou em narrar os fatos ocorridos no passado, seguindo uma linha contínua e cronológica até o presente, para assim dizer ou responder os diversos “*por quês*” sobre as coisas no presente. Uma história em busca de uma explicação, em busca da verdade no passado sobre o que se passa no presente, contribuindo para um futuro promissor. Esse tipo de história tinha como ideal uma ordem cronológica dos fatos, a partir de um tempo linear, sem fugas, nem fissuras. Para seus estudos, utilizava-se de fontes tidas como oficiais, tais como documentos advindos de órgãos de Estado ou monárquicos; textos sempre ligados a pessoas importantes em suas épocas, como generais, reis, presidentes, etc.; uma história que narra a vida de grandes personagens e disso tira a verdade sobre fatos no presente.

Outro tipo de história, defendida pela Escola dos *Annales*<sup>4</sup>, aponta para uma análise onde as épocas estudadas são bem demarcadas, onde se criam cortes estratégicos com o intuito de, dentro desse período recortado, de forma específica, desenvolver um estudo

---

<sup>4</sup> Esta Escola foi um movimento, iniciado pelos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, concretizado com o lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, no ano de 1929. “[...] o trabalho da Nova História tem por objeto a sociedade inteira e suas transformações, por mais surpreendentes que pareçam, recorrendo, nesta tarefa de inteligibilidade, a todas as contribuições disciplinares, desde que metódica e metodicamente avaliadas.” (RODRIGUES, 1998: p.14)

aprofundado do que se coloca enquanto problema. Não mais histórias de reis ou guerras, mas voltadas para coisas como rotas marítimas, histórias do trigo, do mar mediterrâneo, das mentalidades, etc. Nesse tipo de história o que se quer não é voltar ao passado para descobrir um ponto que explique o nosso presente, partir de problemas do presente para re-escrever o passado.

Para Foucault (2005a), o descontínuo surge como um novo campo de análise, pois ele advém de uma nova percepção que se debruça sobre o jogo de produção de diferenças. Essa ideia coloca a história imersa nesse jogo de múltiplas forças, onde a cada jogo algo diferente emergirá como acontecimento (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007).

Esse novo olhar sobre o descontínuo permite uma nova forma de se encarar o documento em história. Segundo Le Goff (1990) a produção em história se sustenta a partir de materiais de memória como os *monumentos e os documentos*. O monumento é um legado à memória coletiva, é tudo aquilo que pode perpetuar a recordação e está perpetuado seja por uma obra arquitetônica, que represente uma data comemorativa, seja como um monumento funerário, como recordação de uma pessoa. Mas há casos mínimos de monumentos como testemunhos escritos. O que interessa é ter a noção de que o monumento aparece como um tipo de coisa que quer manter, voluntária ou involuntariamente, como uma memória coletiva.

O documento é visto mais como um testemunho escrito. Segundo Le Goff (1990), o documento apresenta, para a escola histórica positivista do final do sec. XIX, uma objetividade no seu testemunho que não se encontra no monumento em si. Para os historiadores positivistas é do documento que se extrai os fatos como se deram, basta o historiador tirar dos documentos aquilo que ele apresenta, sem acrescentar nada a mais, só assim ele se manterá fiel ao texto. É a ideia de documento somente como texto. Outros modos de enxergar o documento foram defendidos. Marc Bloch e Lucien Febvre, no lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale* em 1929 (LE GOFF, 1990), afirmam que o documento histórico não pode ser visto apenas como um texto, como algo escrito. Para eles, a habilidade do historiador estava em também produzir o documento a partir de outros materiais, caso o texto não existisse. Produzir-se-ia esses documentos por análise de pedras por geólogos, análise de metais feita por químicos, ou seja, aquilo que pertence ao homem e que lhe serve, fala dele, torna-se possível extrair seus gostos e suas maneiras de ser. A atividade do historiador estaria também em fazer falar aquilo que se tinha como mudo.

Com os *Annales* há uma ampliação do sentido dado ao documento. Não mais algo somente advindo de um testemunho escrito. Um documento seria transmitido de forma escrita, sonora ou mesmo por imagem. Vê-se nos *Annales* essa ampliação do modo como se encarava o documento histórico. Eles impõem sobre a análise documental uma visão crítica, onde deveria ter noção que um documento não está ali por si só, que ele sobrevive aos anos passados por causa da ação do homem. É o homem que garante a sobrevivência ou ausência de um dado documento e é preciso levar isso em conta na análise do mesmo. Outra questão travada pelos *Annales* é quanto a veracidade ou falsidade de um documento. Há que se analisar se um documento é verdadeiro ou falso e há que analisar os *por quês* de serem verdadeiros ou falsos.

Com os *Annales*, ainda segundo Le Goff (1990), a concepção em história dada ao documento e ao monumento passa a ser questionada. Documento se transformava em monumento a partir de sua utilização pelo poder. O documento não era algo objetivo e inofensivo, como defendiam os positivistas, ele era produto da sociedade, advindo de relações de forças do momento em que foram criados.

[...] O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é uma mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Os medievalistas, que tanto trabalharam para construir uma crítica – sempre útil, decerto – do falso, devem superar esta problemática porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, e talvez sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 1990, p. 548).

Para Foucault (2005a) o que vai interessar é que nessa análise do documento não se busque saber se ele é verdadeiro ou falso, como pretende a história tradicional, a qual utilizava apenas os que eram considerados verdadeiros, por exemplo. A intenção de Foucault é buscar nos documentos algo de singular, fazer emergir aquilo que o diferencia de outros documentos, é fazer um exame na sua superfície. Com isso não se quer mais produzir uma memória fixa do passado, como um rastro para o presente. O que se quer é por o documento no jogo das diferenças, estabelecer seus limites e as relações possíveis com outras séries.

Assim o descontínuo, além de dar essas novas características à análise do documento, desponta também como um dos elementos importantes no estudo da história. Não mais será menosprezado. Passa a ser algo que o historiador deve remeter-se, deve sempre ser pensado, respeitando as especificidades de cada momento. Com o investimento no descontínuo, tem-se a possibilidade de construir uma história geral, a qual traz como problema determinar as condições possíveis de relação entre as séries, os limites, as rupturas que compõem um episódio, tendo como questão o aspecto diferencial e singular existente. Nesse ponto Foucault distancia-se consideravelmente dos Annales, pois estes pensam uma história que se quer total, que busca explicar diversos acontecimentos dentro de uma mesma cadeia causal, ou seja, um ponto único que explica um variado conjunto de eventos.

Com esse novo modo de encarar a história, Foucault traz diversos questionamentos para esse campo de saber. Ele faz com que outros problemas metodológicos atravessem o fazer história, como problemas antropológicos, lingüísticos ou mesmo faz com que se produzam novos problemas na própria prática de história. Outros questionamentos estão na forma como encara a noção de “real”. Para Rago (2002), Foucault conduz uma importante problematização para os historiadores, relacionando a questão do “real”. Se para alguns historiadores o importante era revelar o que realmente aconteceu num momento do passado, em Foucault vemos uma aposta na problematização do que se entende por “real”, que tipos de relação estabelecemos com ele. Para Foucault (2006b), há uma noção de real totalizante e globalizada que admite uma única realidade a ser estudada, esta seria “a” própria sociedade. Porém, ele interroga se uma maneira de pensar, uma racionalidade, por exemplo, não seria real, mesmo não querendo ser “a” própria sociedade.

Todas essas indagações sobre o descontínuo, o documento, o real, fazem com que outro ponto no fazer história também entre para o hall das problematizações. Este seria pensar o objeto em história. Com Foucault podemos pensar o objeto a partir de uma nova perspectiva, como afirma Albuquerque Júnior (2007). O objeto em história é visto como acontecimento, o qual emerge de um determinado momento na história, seu percurso é conflituoso e neste sofre modificações, ele é redefinido, dissolve-se. Não mais um objeto visto como algo natural, pois isso implica que ele traz em si a explicação verdadeira sobre a época da qual advém. Um objeto desnaturalizado, imerso num tempo tumultuado, revolto, onde através de um minucioso olhar sobre ele, pode-se aproximar do momento em que ele desponta enquanto algo que se possa denominar um fato de história. O objeto é sempre de uma política,

a forma como o apreendemos está ligado ao nosso tempo, a toda uma rede de forças que nos atravessa e que implica num modo específico de pensar.

O historiador é aquele que se debruça sobre o objeto, recortando-o, que o dobra, faz com que ele respire novos ares, o faz falar o que se fora dito, para assim, especificar nossa diferença com um passado. Não se quer desvendar o que há por trás do objeto, senão despedaçá-lo, desmistificá-lo, desconstruí-lo, criar novas formas de encará-lo, vê-los enquanto acontecimentos, ou seja, como algo singular, que possui seus nós, suas consistências e também fissuras, que permite dar-lhes esse caráter desnaturalizado e para apreendê-los dessa forma é preciso um olhar meticuloso, paciente, investigativo, contar com o acaso e que sempre tem que se por na espreita onde o acontecimento pode emergir.

### **3.1- Um “Foucault-Cineasta-Em-Mim”**

Pensar em como seria um filme feito por um *Foucault-cineasta-em-mim*, tendo como mote o modo de fazer história atravessado por ideias foucaultianas, faz-me, primeiramente, refletir sobre uma questão que envolve o variado universo dos filmes, no caso: *de que tipo de filme se trata? Qual o estilo: comédia ou ação?* Ao que responderia que nem um nem outro, ou mesmo os dois e outros mais. Para um filme nessa perspectiva proposta, creio que teríamos uma mistura de estilos. Não haveria como rotular de uma só forma – se é que poderia rotular de alguma forma. Apontarei quatro estilos possíveis – outros mais poderiam contemplar, porém vou me ater a esses quatro – para pensar um filme *foucaultiano-em-mim*. Eles seriam: suspense, comédia, ficção e ação. Falarei de cada um em separado, ligando-os ao modo de pensar a história em Foucault, no entanto eles estariam sempre mesclados, não ocorreria de um estar separado do outro.

É muito comum, hoje em dia, ao vermos um lançamento de um determinado filme, junto a sua sinopse ter um destaque sobre o gênero a que o filme pertence. Se o filme for taxado como de ficção científica, já saberíamos das muitas cenas carregadas de efeitos especiais e visuais, onde os atores atuam frente a uma tela verde, onde cenários virtuais serão depois colocados por meio de algum software de animação, que a montagem dos movimentos dos personagens foi toda feita por programas de computador, etc.; ou se formos ver um filme dito de ação já esperaríamos por inúmeras cenas de lutas intensas e perseguições de carro (ou mesmo em aviões ou navios) em altíssima velocidade, um filme com um nível de adrenalina

sempre alto, onde no final o bandido sempre perde para o mocinho. Os gêneros, nesse sentido, seriam o que Deleuze (2004) coloca como ideias justas, ou seja, já trazem em si significações dominantes, algo a que se esperar, uma ordem já estabelecida.

Nesse trabalho, tratarei o gênero não como uma ideia justa, mas como justo uma ideia. Justo uma ideia que me permite dobrar os gêneros para outro uso que não o que se pensa costumeiramente deles. Se os gêneros trazem uma linguagem pré-estabelecida, cabe então fazê-los gaguejar. Deleuze (2004) em uma entrevista ao *Cahier Du Cinéma*, em 1976, fala sobre um programa televisivo produzido e apresentado pelo cineasta francês, Jean Luc Godard<sup>5</sup>. Deleuze fala do modo como Godard ocupou o espaço televisivo, visto como um espaço duro, no qual programas que não seguem uma linha específica, traçada pelas normas das emissoras de televisão, são logo descartados. E para Deleuze, Godard consegue driblar esses empecilhos, mostrando como era possível ocupar a TV de outra forma. Deleuze diz que Godard ocupa a TV por seis vezes em dois programas, onde ele tinha como objetivo fazer ver as fronteiras, aquilo ao qual estava imperceptível na TV. Para Godard, segundo Deleuze (2004) as imagens da forma, na época, eram passadas e já traziam consigo ideias justas, permitindo um nível mínimo de percepção das próprias imagens. As imagens formavam um conjunto onde cada uma tinha seu lugar específico, agindo como palavras de ordem. Godard queria restituir um nível de percepção plena das imagens e para isso era preciso que se extraísse das imagens justo ideias.

Deleuze (2004) coloca que Godard, em seus programas, faz gaguejar dois tipos de ideias justas: a noção de força de trabalho e a de informação. Godard mostra que a noção de força de trabalho não é inocente. Há em uma ideia de uma “força de trabalho” algo bem abstrato, que se compra e se vende, por um preço que definiria uma injustiça social ou outro que garantiria uma justiça social. Segundo Deleuze, Godard levanta questões onde nem tudo que alguém faz entraria nesse jogo de compra e venda, alguém que vende sua força de trabalho enquanto encanador, recusa-se a vender algo que produza enquanto se faz pintor, quando não conserta canos. Dentro dessa lógica de compra e venda, por que então não pagar aos telespectadores por assistir determinado programa de televisão? Ou por que não pagar aos

---

<sup>5</sup> Cineasta francês, reconhecido por um cinema vanguardista e polêmico, que tomou como temas de seus filmes de uma forma provocadora, questões, dilemas e perplexidades do século XX. Retirado de: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Luc\\_Godard](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Luc_Godard) em 03 de maio de 2010.

analisando em uma clínica Psicanalítica, já que é o “inconsciente” do analisando que serve aos propósitos do Psicanalista?

Essa seria outra forma de adentrar na questão da divisão social do trabalho, porém ela desmorona o modo costumeiro de pensar a força de trabalho. Essa noção divide muito bem o trabalho de sua relação com a criação, o amor e até com produção (Deleuze, 2004). O trabalho vira algo que tem que ser conservado, sempre reproduzindo e nisso pouco importa se o que se recebe seja justo ou injusto, pois “sempre há a violência seletiva de um ato de pagamento, e mistificação no próprio princípio que nos faz falar de uma força de trabalho” (Deleuze, 2004, p. 55). Mas caso o trabalho fosse separado dessa dita força que ele tem, as relações existentes entre os variados fluxos de produção e os fluxos monetários poderiam se dar de uma forma mais direta, sem qualquer mediação por algo como uma força de trabalho ou uma divisão social do trabalho.

Godard mexe também com a noção de informação. Do modo como nos é posto que a linguagem tenha como essência algo informativo e a informação seria uma troca. Nisso a informação é vista a partir de unidades abstratas. Pois ao se ensinar algo a alguém não se passa necessariamente informações, porém se impõe palavras de ordem. A sintaxe gramatical seria um exemplo, ela é colocada como o caminho que deve ser seguido com o intuito de que se escreva conforme as normas dominantes. A linguagem vista como um sistema de comando e não um meio de informação. Para Deleuze (2004), dever-se-ia inverter esse processo de informação, onde no topo estaria a informação teórica máxima, do outro lado o ruído, a interferência, e entre eles estaria a redundância que diminui a informação, mas permite vencer o ruído. Na inversão, no topo colocar-se-ia a redundância como processo de transmissão e repetição das palavras de ordem, embaixo a informação como algo simplório na recepção dessas ordens; e mais embaixo ainda estaria o silêncio, a gagueira ou mesmo o grito, algo do qual emergisse daquilo que tangencia a redundância, que foge às grades da linguagem, mas que mesmo assim seria ouvido. Seria deixar falar aquilo que sempre se quer calar, aqueles que não têm esse direito. Seria devolver-lhes o direito aos sons, e isso se dá no fazer gaguejar a própria língua, ou, como diz Deleuze (2004), estar na dita língua materna como estrangeiro e criar para si linhas de fuga na linguagem.

É nesse sentido que trago a questão dos gêneros para pensar um Foucault-cineasta-em-mim, querer fazer gaguejar os gêneros, perceber neles aquilo que faz escorregar o que se

pretendia fixo, seria olhar o gênero no entre, um olhar de fronteira, que permita ver essas linhas de fuga que permitam devires outros para o que se têm como fixo. Tiro os gêneros dos seus lugares, para que eles levem o que escrevo para outros possíveis. O gênero e suas classificações não servindo como um modo de formatar a escrita, mas justo uma ideia, ver em variados gêneros (comédia, ação, suspense, etc.) aquilo que permite que o riso provocado permita enxergar outras coisas para além do que se riu. Um filme de ação não precisaria ser somente de um jeito onde o mocinho e o bandido trocam sopapos e no final vence o mocinho, um filme resumido na luta do bem contra o mal. A ação poderia estar nas relações de poder, nas forças que se chocam ao acaso e que delas emerge algo muito diferente. Ou seja, um filme de ação poderia nos dizer do local de emergência de novos modos de vida, sem o caráter de ser do bem ou do mal.

Com Foucault, teríamos um filme no qual as histórias desenroladas seriam atravessadas por um ambiente acinzentado. Não seria, necessariamente, um filme em preto-e-branco, o clima cinza diria de um ambiente onde um ar de suspense estaria sempre a rondar as cenas. Poderíamos acrescentar, dentro dessa linha, uma imagem desse ambiente: imagine uma rua pouco movimentada, uma leve neblina que a encobre, uma leve garoa. Aquele que caminha por essa rua carrega consigo um olhar meticoloso sobre cada passo que dá, atento aos mínimos movimentos que percebe, ao mais suave ruído ou mesmo a uma leve brisa provocada por um vulto, essas coisas são pacientemente observadas. E quando menos se espera, algo emerge das sombras. A plateia se assusta, não esperavam que da penumbra alguém aparecesse para atacar o transeunte. Já este não se assusta, sua meticulosidade, sua paciência em observar o mais ínfimo movimento, possibilita-o reagir ao ataque. Ele já se encontrava postado num dado lugar, à espreita do ataque.

Nesta cena o que se vê é um tipo de olhar investido pelo transeunte, que – tomando emprestado um termo foucaultiano – poderíamos chamar de um olhar genealógico. Um olhar que exige paciência, que é meticoloso e que deve buscar colocar-se à espreita para uma análise do documento, mirando enxergar o momento de emergência de um acontecimento. Emergência que marca a singularidade de um acontecimento, que quer mapear as forças que fez emergir enquanto evento histórico. Segundo Napolitano (2003), o gênero suspense é mais caracterizado por sua trama, por um mistério a ser desvendado. O que vale é a tensão desencadeada em uma cena. Muita das vezes, em filmes desse gênero, é preciso que o espectador esteja atento aos detalhes, mesmo que pareçam insignificantes, pois estes podem,

ao final da trama, ser o elo de explicação para todo o enredo. Porém seguindo essa lógica de Napolitano, estaríamos fugindo do modo de pensar uma história com provocações foucaultianas, uma vez que não temos nela uma busca por algo que servisse como ponto chave para explicar todo um evento. Não há uma procura por uma origem dos fatos. Fiquemos com a tensão, com a minúcia de uma cena de suspense, para pensar o olhar genealógico.

Quanto a essa questão da busca da origem é preciso deixar claro as críticas de Foucault a uma história que preze por esse tipo de pensamento. No momento em que Foucault (2008d) discorre sobre as críticas à questão da origem, ele utiliza algumas obras do pensador alemão Friedrich Nietzsche, as quais trazem diversas críticas ao tipo de pesquisa que se sustenta na busca pela origem das coisas. Um estudo que prime pela busca da origem de um acontecimento está preocupado em ir atrás de algo primeiro que diga sobre este, algo que lhe dê uma natureza, uma essência. É como se fosse possível retirar o véu que encobre quem ele realmente seria e que o tempo tratou de esconder. Como se nesse momento primeiro as coisas estivessem em seu estado mais puro. Sendo assim, seria aí que encontraríamos a verdade do fato. A origem enquanto lugar da verdade.

Para a genealogia, por trás das coisas não está sua origem, seu ponto de partida, sua verdade, porém temos algo bem diferente do que se tem como acontecimento. Foucault (2008d) coloca que o estar presente nesse momento é o jogo de forças de onde emerge um evento histórico, por isso o olhar meticuloso para poder ficar atento ao instante de emergência do acontecimento e também dos jogos de forças, os quais lhe são provenientes. A proveniência e a emergência seriam o alvo de estudo do genealogista.

A proveniência diz das marcas sutis, singulares, que se cruzam, se chocam e que produzem eventos históricos. Não se trata de buscar uma ligação entre essas marcas, que possa dar uma característica unívoca a algo, mas de procurar os múltiplos pontos que venham a dar corpo a esse algo. Contrapondo-se a uma procura por um começo que individualizasse um fato, que lhe mostrasse de forma contínua e linear sua evolução, a análise da proveniência permite jogar o acontecimento ao sabor do acaso, o coloca num caminho tortuoso, cheio de desvios, de falhas. Ela traz ao olhar a heterogeneidade daquilo que se constitui enquanto fato histórico. A proveniência diz de um corpo, daquilo que o atravessa, das forças que o constituem. O corpo é visto por Foucault (2008d) como uma instância de inscrição dos acontecimentos,

[...] o corpo traz consigo, em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza, a sanção de todo o erro e de toda verdade como ele traz consigo também e inversamente sua origem – proveniência.[...] O corpo - e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft*: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. (FOUCAULT 2008d, p.22)

Nesse ponto, assim como Nietzsche, Foucault traz o corpo para o campo da história (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007), coloca-o como produto histórico. A análise da proveniência diz também da análise genealógica de um corpo.

Já a emergência diz do aparecimento das forças, do local de afrontamento dessas. Do embate casual dessas forças que não cansam de se entrecruzar e chocar-se, emerge algo diferente, singular. É o momento em que se produz o acontecimento histórico. Essa emergência se dá no entre forças, no interstício, sendo assim não há quem seja responsável pela emergência, não há um sujeito a se buscar, mas há que catar o local onde se produz esse sujeito. A genealogia vai procurar mostrar esse jogo de forças, o barulho, o tumulto que existe, de que forma nesse alvoroço se produz algo singular. A proveniência fala desses acontecimentos num corpo, que efeitos produzem, e a emergência “aponta um lugar de afrontamento” (FOUCAULT, 2008d).

Um estudo histórico com bases nas análises genealógicas aponta para o que Foucault (2008d) chama de história “efetiva”. Uma *história* que se contrapõe à história tradicional. Contra esta e seu desejo de tornar-se hegemônica, de querer constituir um saber que nos prende em uma totalidade que diz de nossas vidas, de quem somos e para onde temos que ir, independente do lugar que estejamos. Ela produz um saber unitário, que não permite desvios, que mantém tudo numa linha reta que devemos percorrer.

A história “efetiva” vem para abalar toda essa forma de saber da história tradicional. Vê-se em Foucault (2008d) uma defesa de uma história que remexa as estruturas vistas como fincadas, sólidas, imóveis, mostrando que podem ser desestruturadas. Essa história não aponta constâncias, mas sim o descontínuo. Ela põe o acontecimento na sua condição singular. E Foucault (2008d) deixa claro que por acontecimento ele entende como:

uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta.[...] É preciso ainda compreender este acaso não como um simples sorteio, mas como o risco sempre renovado da vontade de potência que a todo surgimento do acaso opõe, para controlá-lo, o risco de um acaso maior. (FOUCAULT, 2008d, p.28)

Assim como a análise genealógica, a história “efetiva” está preocupada com aquilo que está próximo, que a rodeia e que a faz vibrar, tirando-a do lugar que outrora se pensava estável. É uma história baixa (Foucault, 2008d), pois se interessa pelas coisas mais simples, no sentido de proximidade, por aquilo que tende a passar despercebido, que muitas vezes é descartado, uma vez que não se enxerga nela uma história. Aí, nisso que é descartado, desconsiderado pela história tradicional, a história “efetiva” também se atenta, vê nesses pontos possibilidades de marcar as forças que o constituíram enquanto a margem de outro modo de vida mais soberano. E essa história efetiva não esconde, ou melhor, deixa claro o local de onde investe seu olhar, ela sabe seu lugar, se vê enquanto um saber perspectivo. Para Foucault (2008d) essa história

tem mais a fazer do que ser serva da filosofia e do que narrar o nascimento necessário da verdade e do valor; ela tem que ser o conhecimento diferencial das energias e desfalecimentos, das alturas e desmoronamentos, dos venenos e contravenenos. Ela tem que ser a ciência dos remédios. (FOUCAULT, 2008d, p.30)

A história “efetiva” compõe-se de três usos que se opõem à história tradicional. Primeiro seria seu uso paródico e burlesco, que ri do uso da história tradicional a qual quer construir uma memória fixa do passado e que quer nos prender, a todo custo, a ele. Então a história ri, faz chacota, debocha dessas versões monumentais do passado e nos distancia deste, ela não quer nos ligar a ele, aos que nos antecederam, mas provocar um distanciamento, colocar o passado em sua condição singular, que carrega suas diferenças.

Um segundo uso seria o destruidor da identidade, opondo-se à história tradicional como continuidade que sustenta uma identidade, enquanto indispensável, com o intuito de deixar bem demarcado os territórios, os lugares que cada um ocupa e deve ocupar. Esse uso dissociativo vem combater essa visão identitária, despedaçando-as, pondo em foco a descontinuidade, o campo múltiplo que nos atravessa.

E o terceiro uso é o sacrificial do sujeito de conhecimento. Um uso que se opõe à História-Verdade, História-Conhecimento. Ele vem no intuito de desmerecer esse uso Tradicional. A história “efetiva” pratica-se como desconfiança do que se tem como verdade, questiona o que se tem como certeza. Não é uma história que se preocupa por impor verdades. Sobre a preocupação no uso da história por Foucault, Albuquerque Júnior (2007) assinala que:

A história tem assim, para Foucault, todas as características de um saber pensado como jogo, pois ela implica a brincadeira com as máscaras, a violência do embate e do combate, a entrada em cena do acaso e da sorte e o desejo de vertigem, da perda das referências fixas que amarram nossos corpos e mentes a dadas identidades, razões e lugares. (Albuquerque Júnior, 2007, p.179)

Além de um suspense, um filme foucaultiano também teria uma veia humorística muito presente. Não qualquer tipo de humor, mas um humor satírico. Segundo Albuquerque Júnior (2007), em Foucault o riso sempre se fez presente, não somente como um traço de comportamento, também como um forma de relacionar com o mundo, com o saber. O riso irônico, satírico faz parte dessa história efetiva. Esse riso permite fazer chacota com aquilo que se tem como óbvio. É um riso de combate, a serviço do esquecimento, zomba o que se quer como unidade, identidade, semelhança.

A narrativa histórica se torna uma paródia das verdades estabelecidas, das versões consagradas sobre o passado para através de sua repetição irônica, [...] provocar o estranhamento crítico em relação às verdades antes tomadas como inquestionáveis. (Albuquerque Júnior, 2007, p. 185).

Quando rimos do óbvio, provocamos em alguns desconfortos, antipatia. Uma gargalhada bem dada sobre o que se tem como uma verdade inquestionável faz-nos não dar crédito à existência natural das coisas, ela nos permite vê-las como algo que fora inventado, pois esse riso faz com que enxerguemos o grotesco, o tosco de uma afirmação que se quer séria. Séria, pois, se quer enquanto nobre e divina e assim algo que deve ser respeitada, enquanto tal. Não se ri do nobre, do que é divino. Por isso, o riso é visto como um “anti-sistema, é o derrisório, é a ausência de lógica, é o deslocamento dos sentidos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.186).

A história praticada pelo riso, pela ironia, tem noção que trabalha no campo da invenção. Seus objetos são inventados, a verdade que daí emerge advém do campo de práticas discursivas de um dado momento. Essa leitura irônica nos faz enfrentar o texto, provocamo-lo, questionamo-lo, possibilita-nos novas interpretações, novos sentidos, tiramos os alicerces

que sustentavam suas verdades. Desse modo, nessa história não há privilégios de documentos, aqueles que são malditos ou mesmo glorificados. Eles são vistos como acontecimentos, imersos numa rede de produção de verdades. Rir dos fatos, dos documentos, das obviedades é provocar um distanciamento. Faz-nos ver as diferenças, as singularidades entre os tempos históricos e nos permite pensar diferente o passado, o presente e o futuro, de sermos diferentes do que somos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

A história satírica é uma maquinaria da produção do descrédito das mitologias que nos subordinam e nos domesticam. A ironia é a rebeldia da e na linguagem, que se assume como agente histórico, é o discurso se descobrindo como ação, para além do bem e do mal. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 189).

Esse tipo de humor foucaultiano me faz lembrar filmes do grupo de humor inglês chamado *Monty Python*, filmes nos quais a sátira e a ironia com situações cotidianas, de uma dada época, debochavam de coisas tidas como verdadeiras. O filme *Em busca do Cálice Sagrado (Monty Python and The Holy Grail – Terry Gillian e Terry Jones, 1975)* conta a história do Rei Arthur e seus cavaleiros, que partem em busca do Cálice Sagrado ou do Santo Graal, enfrentando dificuldades orçamentárias e envolvendo-se em situações cômicas. Em uma das cenas, um dos cavaleiros presencia um julgamento de uma mulher acusada de bruxaria. Para provar que a mulher era uma bruxa o responsável por julgá-la usa do que seria um raciocínio lógico. Primeiramente indaga a multidão o que é que se fazia com uma bruxa e todos gritam “*Nós a queimamos!*”. Então, o juiz pergunta o que mais eles queimam e a resposta dada foi madeira. Nisso, o juiz parte para o uso da lógica e diz “*Por que as bruxas pegam fogo?*” e depois de pensarem, um dos presentes responde “*Porque ela é feita de madeira.*”, o que o juiz concorda. Mas eles ainda tinham que provar que a moça seria feita de madeira e conseqüentemente uma bruxa, para poder queimá-la.

Seguindo mais uma vez o uso da lógica, o juiz diz que a madeira ao ser jogada na água boiava, logicamente, a bruxa também boiaria. Então o juiz pergunta a todos que outra coisa também bóia na água. E alguém dá como resposta que um pato bóia. Logicamente, se a mulher pesasse o mesmo que um pato ela seria feita de madeira, boiaria na água e seria, assim, uma bruxa. Logo alguém arranja um pato para poder tirar a prova. Ironicamente, ao serem colocados em uma balança, o pato e a moça, tem o mesmo peso. Isso provava que a mulher era uma bruxa. A multidão sai em cortejo, levando a bruxa para ser queimada.

A cena descrita ironiza com o modo como certas coisas eram pensadas no medievo. Mas o que interessa é mostrar o quanto o humor pode nos proporcionar uma visão do tosco, do grotesco daquilo que se tem como verdade.

É importante pontuar que por verdade, Foucault (2008g) não a entende como sendo algo dentro de um conjunto de coisas verdadeiras, que de algum modo estão veladas e que devemos trazer para luz, mas sim como “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2008g, p.13). A verdade faz parte dos jogos de poder, ela emerge deles, ela os alimenta e produz também efeitos de poder. Cada sociedade tem os modos e os mecanismos que distinguirão que enunciados serão considerados verdadeiros e/ou falsos, aquilo que será ou não valorizado enquanto verdade, cada sociedade tem, então, o seu regime de verdades.

No texto *A casa dos loucos*, Foucault (2008a) discorre sobre a questão da verdade. Segundo ele há um tipo de discurso na prática científica no qual a verdade é vista como algo que tem seu lugar, muitas vezes estando escondido e que cabe a nós, utilizando-nos do método e instrumentos corretos, descobri-la. Há outro modo de pensar a verdade, diferente deste discurso da ciência. Uma verdade que tem instantes propícios e lugares privilegiados para ser produzida ou mesmo para emergir enquanto tal. Por exemplo, o Oráculo de Delfos era o local onde a verdade era dita, se produzia; e a noção médica de crise, que se prolongou até o sec. XVIII, pode ser vista como o momento propício de emergência da verdade, da doença aparecer. É o momento chave no qual o médico deveria estar atento ao que nessa crise pode fornecê-lo ou não, aproveitando esse acontecimento para intervir com sua ação terapêutica e combater a doença no instante que lhe fosse mais oportuno.

De acordo com Foucault (2008a), esse tipo de verdade-acontecimento era algo presente na civilização ocidental, mas que com o passar do tempo foi perdendo força e sendo substituída por uma verdade-constatação, a qual era baseada na prática científica. Uma verdade-acontecimento, que era produzida, desqualificada em favor de uma verdade-constatação descoberta a partir de instrumentos, tido como precisos, de um método rigoroso. A verdade-acontecimento emerge de uma relação ambígua, belicosa, uma relação de poder.

Para Foucault (2008a), essa “passagem” da verdade-acontecimento ou verdade-prova, para uma verdade-constatação seria um dos fatos mais importantes na história da verdade.

Porém pensar esse processo como uma “passagem” pode gerar certas confusões, no sentido em que fica parecendo que essas verdades são pertencentes a campos opostos e que após essa passagem seria vista como uma sendo melhor que a outra. A verdade-constatação pode ser vista como um tipo de verdade-acontecimento, só que com uma particularidade: seria uma verdade-acontecimento que se quer universal, que pode ser repetida em qualquer lugar. Ela seria:

Ritual de produção que toma corpo numa instrumentação e num método a todos acessíveis e uniformemente eficaz; saída que aponta um objeto permanente de conhecimento e que qualifica um sujeito universal de conhecimento. É esta forma singular de produção da verdade que pouco a pouco foi recobrando as outras formas de produção da verdade e que, ou pelo menos, impôs sua forma como universal. (FOUCAULT, 2008a, p.116).

Fazer a história desse modo de pensar a verdade, de uma verdade que se produzia em locais específicos ou através de rituais e, por outro lado, uma verdade extraída a partir de um rigoroso método, de instrumentos precisos de aferição, dos momentos em que um tipo de verdade passa a ter mais valor que outro, onde se estabelece como uma norma de conhecimento; fazer essa história é, também ou senão, aproximar-se de fazer uma história do saber, dos modos de produção de conhecimento, desde a idade média na sociedade ocidental (FOUCAULT, 2008a).

Essa história acompanha outros momentos da sociedade ocidental. Um destes seria o estabelecimento do inquérito nas práticas políticas, judiciárias e religiosas. A partir de vários depoimentos sobre um mesmo acontecimento busca-se uma concordância entre eles e daí reconhece-se esse acontecimento como notório. Enquanto a prova era um tipo de saber/poder advindo de um ritual, o inquérito é um poder/saber essencialmente administrativo. Com o inquérito, o saber estabelece-se pela norma do conhecimento, tendo um sujeito universal e um objeto já dado e reconhecível por todos.

Outro momento destacado por Foucault (2008a) foi quando o inquérito incorporou-se a uma tecnologia sobre a natureza. Nesta, o que se prega é que os instrumentos devem sempre nos apontar a verdade, onde quer que estejamos. É um tipo de tecnologia que emerge na época das grandes navegações, nas quais era preciso que os instrumentos sempre nos dissessem a verdade, ou seja, no navio, o instrumento de navegação deveria sempre apontar o

lugar exato onde ele se encontrava. Esses instrumentos têm a capacidade de ser o meio de expor a verdade, sempre que solicitados.

E o terceiro momento, por volta do final do séc. XIII era da produção, pela química e eletricidade, de fenômenos, através de instrumentos universais. Essa produção permitiu que eles pudessem ser repetidos e constatados, ou seja, um modo onde a verdade, através de condições controladas, de técnicas apuradas, pudesse ser constatada, por quem quer que siga as instruções do manual.

Como podemos ver, esta grande transformação dos procedimentos de saber acompanha as mutações essenciais das sociedades ocidentais: emergência de um poder político sob a forma do Estado, expansão das relações mercantis à escala do globo, estabelecimento das grandes técnicas de produção. Mas também podemos ver que, nestas modificações do saber, não se trata de um sujeito de conhecimento que seria afetado pelas transformações da infra-estrutura. Trata-se sim de formas de poder-e-de-saber, de poder-saber que funcionam e se efetivam ao nível da “infra-estrutura” e que dão lugar à relação de conhecimento sujeito-objeto como nome do saber. Norma essa que é historicamente singular. E disto não podemos nos esquecer. (FOUCAULT, 2008a, p.117-118).

Essa norma, mesmo tentando ser universal, querendo abarcar a tudo e a todos, não dá conta do que se propõe. Há sempre algo que foge à sua lógica, algo que resiste a esse modo de saber-poder. E são essas coisas que escapam que podem provocar crises nesse modo de produzir conhecimento, fazendo com que se percebam as artimanhas histórico-políticas que as atravessam. Todo saber é político, todo saber se faz de um poder, saber e poder estão entrelaçados, não há como pensar um desligado do outro.

Num tipo de produção de conhecimento com bases no discurso científico, onde a verdade é aquilo que representa as coisas do mundo, há uma relação direta, semelhante, entre o conhecimento e o mundo que se pretende conhecer. Pensar o conhecimento e a verdade, dessa forma é admitir a existência de um sujeito fundante do conhecimento.

Foucault (2008b) parte para pensar isso por outro lado. Com fortes influências nietzschianas, Foucault analisa os dispositivos usados na produção de verdade, quais as relações existentes com outras práticas sociais.

A partir das ferramentas nietzschianas para pensar o conhecimento, Foucault (2008a) coloca este na esfera da invenção e não como tendo um ponto distante de origem. A invenção

é da ordem da quebra, daquilo que se rompe, que emerge de um campo baixo, obscuro, das relações de poder. O conhecimento sendo inventado não pode ser pensado como algo que compõe a natureza humana. Até essa condição de algo pertencente a uma natureza humana é problematizada. O conhecimento não é algo que pertença ao sujeito humano como fundamento, mas algo que se produz num campo de batalha dos instintos, como produto de uma luta casual de forças. Desse modo, não há como pensá-lo como sendo ligado a uma natureza, como sendo natural ao ser humano.

Do mesmo modo, o conhecimento também não pode ser considerado como algo semelhante ao mundo que pretende conhecer. Não há entre o conhecimento e aquilo que ele quer conhecer uma afinidade prévia. O mundo é da ordem do caos, não há uma ordem lógica, encadeada e contínua a descobrir, que permita lhe fixar uma lei única, ou seja, o conhecimento não consegue abarcar o mundo em seu ato de conhecer, senão lutar com ele, entrar num ringue e digladiar-se. É por esse tipo de relação que aparece algo sobre o qual o conhecimento fala sobre o mundo. Não há uma relação intrínseca entre eles, e sim uma relação arbitrária, de conflito. E não havendo também relação entre o conhecimento e os instintos não há um sujeito soberano, pré-existente. Se a filosofia clássica tem no sujeito fundante sua base para uma análise do conhecimento, vê nele uma ação natural de conhecer, de buscar a verdade, o que Nietzsche e Foucault apresentam rompe com essa forma de pensar, pois seus estudos colocam tipos como o conhecimento, o homem e a verdade num emaranhado jogo de forças, colocam-nos na história. Para eles não há sujeito fundante, não há uma relação natural entre o conhecimento e as coisas a conhecer; não há uma ligação natural entre sujeito e conhecimento e nem entre sujeito, conhecimento e verdade.

Para Foucault (2008b), nas relações estabelecidas na produção de saber, o que ocorre é um afastamento do objeto a conhecer. Um afastamento no sentido de se diferenciar dele, num processo de ruptura com esse objeto. Foucault, ainda com base em Nietzsche, aponta que nesse ato de compreensão de um objeto, pode-se dizer que três tipos de forças entram nesse conflito, que são o rir, o deplorar e o detestar e desse conflito se produz o conhecimento.

Se esses três impulsos – rir, deplorar e odiar – chegam a produzir o conhecimento não é, segundo Nietzsche, porque se apaziguaram. [...] É porque esses impulsos se combateram, porque tentaram, como diz Nietzsche, prejudicar uns aos outros, é porque estão em estado de guerra, em uma estabilização momentânea desse estado de guerra, que eles chegam a uma espécie de estado, de corte onde finalmente o

conhecimento vai aparecer como “a centelha entre duas espadas”. (FOUCAULT, 2008b, p.22).

Não há um impulso de proximidade, de afinidade, no processo de conhecer e sim impulsos de ódio e desprezo. Nesse sentido, Foucault (2008b) afirma que para depreendermos uma análise do conhecimento, do sujeito dessa ação, devemos nos aproximar não dos filósofos, que buscam num sujeito já dado a origem do saber, mas sim dos políticos, pois aí entraremos no processo de relações de luta e de poder. Como diz Foucault:

E é somente nessas relações de luta e de poder – na maneira como as coisas entre si, os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, querem exercer, uns sobre os outros, relações de poder – que compreendemos em que consiste o conhecimento. (FOUCAULT, 2008b, p.23)

O conhecimento emerge enquanto acontecimento dessas relações de poder, as quais são limitadas a momentos específicos que nos atravessam. Há toda uma condição estratégica que possibilita que se tenha como efeitos formas singulares de conhecimento. Levando em conta essa situação singular, Foucault, afirma que o conhecimento tem caráter perspectivo.

O caráter perspectivo do conhecimento não deriva da natureza humana, mas sempre do caráter polêmico e estratégico do conhecimento. Pode-se falar do caráter perspectivo porque há batalhas e porque o conhecimento é o efeito dessa batalha. (Foucault, 2008b, p. 25).

Sendo atravessado por essas ideias nietzschianas é que Foucault (2008b) vê possibilidades de encaminhar a análise a que se propôs, ou seja, analisar como, a partir de práticas sociais, como as práticas jurídicas, emergem tipos de saber, novos objetos, novos tipos de sujeitos, se produzem verdades. Segundo ele, é por uma análise das condições políticas, econômicas, sociais, nas relações de forças que se atravessam e se chocam nesse meio, que se pode investigar de que forma se produz sujeitos de conhecimento e que tipos de relações existem entre estes e o que se tem como verdade. Só assim é possível fazer uma história da verdade.

Pensando a verdade, o saber, o conhecimento e o sujeito como advindos de processos de relações de poder, de toda uma atmosfera conflituosa que os inventa, não há como deixar de pensar que um filme nessas bases também traria, de uma forma expressiva, o gênero da ficção científica.

A ficção científica possui milhões de fãs em todo o mundo, seja ocidental ou oriental. Grande parte dessa fama se dá, pois este gênero é marcado por mostrar em tela, modos de vida que não fazem parte de nossa “realidade”. É comum que filmes desse tipo retratem situações da vida na terra em um futuro muito distante ou mesmo criam-se outros mundos para além do universo terrestre: novos seres vivos, um novo planeta, novos aparelhos tecnológicos e até novas línguas. O que é exposto nos filmes de ficção científica tende a querer imaginar como seria um mundo de tecnologia vista como mais avançada que a nossa, onde carros não mais utilizariam somente estradas para trafegar, poderiam voar; viagens entre planetas distantes seriam facilmente realizadas, devido a criação de naves espaciais que viajariam em altas velocidades, próximas a da luz; o teletransporte também seria uma realidade; entre outras coisas mais.

Filmes como os da saga *Guerra nas Estrelas*, que teve seu primeiro volume exibido em 1977, intitulado *Guerras nas Estrelas – Uma Nova Esperança (Star Wars: A new hope – George Lucas, 1997)*, são exemplos desse tipo de gênero. Neste filme vemos desenrolar uma história sobre uma galáxia muito, muito distante, dominada por um Império Inter-Galáctico. Dentre outras coisas, o enredo fala de uma profecia na qual um guerreiro, dotado de habilidades especiais, irá surgir e trará paz à galáxia, livrando-a da dominação do Império. O diretor George Lucas, que também é idealizador e roteirista de grande parte dos filmes da saga, criou todo um universo com seres nunca vistos, línguas e objetos inexistentes, tudo para poder por em tela suas ideias. Além de ter que desenvolver uma nova tecnologia na parte dos efeitos especiais e visuais para fazer seu filme. O mundo do cinema de ficção passou a seguir outros rumos *pós-Guerra nas Estrelas*, assim como ainda acontece com outros filmes do mesmo gênero, que vêm a mudar toda uma concepção de se fazer filmes, do modo como se usa os efeitos especiais, etc. A mudança de percepção no modo de fazer cinema não fica só aí restrita. Essas mudanças se estendem para aqueles aos quais os filmes se fazem presentes em suas vidas, isto é, aqueles que o fazem e também aqueles que o assistem e passam a pensar o cinema e até suas vidas de outra forma.

A influência do cinema nas mudanças de percepção, como sendo um vetor sobre um novo olhar sobre o mundo é algo que Paul Virilio trata em seu livro *Guerra e Cinema (2005)*. Neste livro, Virilio, fala, entre outras coisas, sobre as proximidades entre o mundo do cinema e as guerras do séc. XX. Segundo ele, muitos dos avanços em termos cinematográficos estão

intrinsecamente ligados ao desenvolvimento de novas estratégias de guerra. Uma delas seria que a guerra traz consigo não somente os horrores que provoca e os combates sangrentos. É preciso que exista toda uma produção mágica de espetáculo: suas armas, seus exércitos não devem somente matar, mas, primeiramente, provocar o medo da morte. Esse espetáculo deve provocar mudanças, deve apropriar-se do campo perceptivo, ou melhor, deve criar um campo perceptivo que provoque essa “cativação” nos seus participantes. E é aí que entra o cinema.

Os filmes de guerra produzidos nos períodos das Grandes Guerras, sobretudo na II Guerra Mundial, tinham esse objetivo por parte de seus principais financiadores, que eram os militares, tanto do Eixo como dos Aliados. Joseph Goebels, general e ministro da Propaganda do nazismo, na Alemanha, utilizou-se do cinema como uma das armas para difundir os ideais nazistas por toda a Alemanha e por alguns países conquistados. Filmes encomendados pelo general nazista traziam a grandiosidade daquilo que defendiam como ideal de vida, além de também veicularem o poderio de seus exércitos, através de filmes que reproduziam batalhas vencidas pelo exército alemão durante a II Guerra (VIRILIO, 2005).

Fiz esse “parêntese” sobre o cinema e a guerra para exemplificar o quanto a produção de conhecimento não pode ser vista como separada de um poder político. Cinema e política andam juntos, assim o saber e o poder. Sendo o saber, a verdade e o conhecimento produzidos através das relações de poder, de que modo podemos entender o que estamos falando por relações de poder? Ou mesmo o que falamos sobre poder?

Ao falar sobre o poder na *Aula de 7 de janeiro de 1976, no curso Em Defesa da Sociedade*, Foucault (2005b) coloca que na análise dos mecanismos, nos dispositivos, das relações das diferentes formas como o poder se exerce, o que está em jogo, na genealogia, é determinar como isso ocorre. Para Foucault, o poder é algo que se exerce, que existe no seu exercício, ao mesmo tempo, é em si mesmo uma relação de forças. E uma vez sendo algo que se exerce e existe por uma relação de forças, o poder deve ser analisado pelo combate entre essas forças, como uma guerra de forças. Esse embate tem seus momentos específicos, ou seja, têm que ser vistos a partir do momento histórico ao qual estavam ligados.

Dentro dessa lógica, Foucault (2005b) afirma que o poder é a guerra continuada por outros meios, ele inverte o aforismo dito por Clausewitz, que fora general do exército prussiano no sec. XIX, considerado grande estrategista militar. Clausewitz dizia que a guerra

seria a continuação da política por outros meios. Já para Foucault a política é que seria a guerra continuada por outros meios. Isso quer dizer que a política, o poder político, permite que a guerra continue a acontecer de uma forma mais mascarada, disseminada nas inúmeras instituições da sociedade. A política permite que a guerra aconteça na “surdina”, sendo assim as decisões tomadas, aquilo que se firma como verdade, advém da guerra. “[...] o fundamento da relação de poder é o enfrentamento belicoso das forças [...]” (Foucault, 2005b, p.24).

Teríamos, então, mais um gênero retratado nesse filme-história foucaultiano. O gênero da ação com pitadas de um filme de guerra. Uma mistura desses dois estilos, uma vez que os filmes de guerra tendem a retratar o que se passa num campo de batalha, os embates entre as diversas forças que se digladiam e retratam também as estratégias, os dispositivos-armas utilizados, a guerra em si, seus efeitos naquele que dela participam, observam ou mesmo aqueles que não têm muito haver, estes também sofrem os efeitos. É um embate no qual aquilo que dele se produz afeta a todos que estão ligados a ele, seja direta ou indiretamente. O filme de guerra é mais explícito em seus combates.

Já nos filmes de ação os embates podem nos aparecer de uma forma mais polida, uma vez que as lutas são demonstradas em ambientes mais cotidianos, em meio às cidades, seus prédios, tráfegos, pessoas que transitam de um lado a outro, indo e vindo de seus trabalhos. É neste tipo de paisagem que se dão as cenas dos filmes de ação, trata-se de uma luta urbana, que uma hora ou outra qualquer um pode passar por ela. Faz parte da política da cidade, ou seja, faz parte de seu modo de vida, da forma como se dão suas relações. Mas não deixa de ser um embate, de ser uma relação de forças, é a polícia atrás do que se tem por criminoso, é o Charles Bronson<sup>6</sup> tentando acabar com o criminoso, pondo em prática o seu desejo de matar, a instituição em embate com o que se tem por desviante, querendo capturá-lo e este a contra-atacando, tentando fugir da captura. O filme de ação nada mais é que um filme de guerra continuado por outros meios.

Quando Foucault coloca em suas problemáticas a questão do poder é no sentido de buscar analisar os efeitos deste, de que forma e através de quais mecanismos o poder se

---

<sup>6</sup> Ator norte-americano famoso entre a década de 50 até meados dos anos 90. Fez muitos filmes faroeste durante a década de 50, mas ficou muito famoso com uma série de filmes intitulado *Desejo de Matar*, onde ele fazia o papel de um homem que resolve fazer justiça com as próprias mãos, saindo a caça de bandidos, exterminando-os sem dó nem piedade.

dissemina. Em uma de suas aulas do curso no *College de France*, com o título de *Soberania e Disciplina*, Foucault (2008e) apresenta o que ele chama de “precauções metodológicas” nessa analítica do poder. Ele aponta cinco precauções.

Na primeira, Foucault (2008e) assinala que nessa analítica o poder é visto, ou melhor, busca-se captá-lo nas suas ramificações, no modo como ele se prolonga, em seus mecanismos estratégicos de efetuação. Não haveria, portanto, um local específico e “oficial” do poder, no qual usaríamos como ponto de partida nos estudos. A ideia é analisar o poder nas suas extremidades.

A segunda precaução coloca como modo de análise o estudo do poder da forma como se dão os processos de sujeição, ou seja, não se trata de uma análise de quem detém o poder e para onde se aponta o dedo, como se fosse algo intencional, mas examinar os efeitos desse poder, de que jeito ele se relaciona com o seu plano de inscrição, como funciona esse processo de sujeição dos corpos nas relações de poder. A terceira precaução, seguindo a linha das duas primeiras, nos mostra que o poder deve ser visto como algo que circula, que funciona num emaranhado de filamentos em cadeia. Esses filamentos atravessam os indivíduos, sendo estes o campo de transmissão desse poder. Além de transmitir o poder, os indivíduos também são efeitos dele. Ao mesmo tempo em que se constituem como efeitos dessas relações de poder, os indivíduos também o fazem circular.

Alem de toda essa análise dos filamentos, dos efeitos do poder, a quarta precaução traz a dimensão histórica para a problemática. Uma genealogia do poder, que quer examinar de que formas esses mecanismos de poder ainda se sustentam. Quais processos históricos garantiram e garantem efeitos desse poder, seguir a trilha sinuosa deixada pelos efeitos desses mecanismos de poder, possibilitando um exame minucioso de como eles foram e ainda são efetivos nos modos de vida sobre os quais atravessa. E a quinta e última precaução, dada por Foucault, não exime da analítica do poder suas relações com um saber. Apesar de Foucault apresentar de uma forma didática essas precauções para uma analítica do poder, elas têm que ser vistas e pensadas simultaneamente.

Todo esse modo de pensar a verdade, o poder e o saber possibilitaram a Foucault produzir problemáticas relativas aos modos de vida que ele via funcionar no seu cotidiano. Isso lhe permitiu pensar de que forma poderia problematizar esses modos de vida no campo

de seus estudos. Uma história da verdade, dos modos de relação entre os regimes de verdade de uma sociedade e as formas de pensar, permite-nos por o nosso presente como campo de problemática.

Um filme nesta perspectiva não poderia ter outra postura que uma postura crítica, que exponha um modo de pensar, de relacionar-se com o que se sabe, com o mundo ao redor. Aquele que escreve um roteiro de filme dentro desta perspectiva genealógica foucaultiana, quer que seu filme traga em seu corpo um olhar crítico sobre aquilo que se passa no seu enredo, quer analisar as relações de força, problematizar o que se tem como verdade. Trata-se de um filme que não quer somente contar um “causo”, que não quer apenas expor fatos de uma história, senão um filme que se pretende mostrar-se com uma atitude crítica. Vejamos o que isso quer dizer.

Para poder pensar uma filosofia que se quer abrindo novos horizontes, ou seja, uma filosofia que se intente por desenvolver-se próxima a ela mesma, contra ela, em favor de uma por vir ou de uma que seja possível, Foucault (1995), a partir da questão “*O que é a crítica?*”, reflete sobre a atitude crítica no ocidente. Segundo ele, essa atitude esteve presente tanto nos pensamentos de Kant quanto em pequenas atividades cotidianas da história da sociedade ocidental. Trata-se de uma maneira de pensar, um modo de se relacionar com as coisas que nos rodeiam, seja política, seja a sociedade ou mesmo pensar sobre as formas de relação com outras pessoas, isso seria uma atitude crítica. Foucault (1995) vê a questão da crítica como algo que faz parte da cultura ocidental muito antes do séc. XV e XVI e ela tem como característica não uma busca por unidade, mas que tem como função produzir dispersão, heteronomias. A crítica só existe em relação a algo distinto dela mesma. Ela seria aquilo que sustenta a filosofia, a ciência, a política, etc. Sendo assim, Foucault atribui a crítica como uma virtude, como algo que tem uma força que gera seus efeitos.

Enveredando por fazer uma história da atitude crítica, Foucault (1995) traz como exemplo o processo empreendido pela Igreja Católica, na Idade Média, no qual pregava que cada indivíduo deveria ser governado e deixar-se governar. Esse governo era feito por um intermédio de outra pessoa visando à salvação e esse processo deve obedecer a uma tripla relação com a verdade: 1- verdade como dogma; 2- verdade que implica um modo de conhecer que seja particular e individual; e 3- verdade passa a ter um modo próprio de funcionar. Para ser alcançada: regras, métodos e técnicas próprios. Porém esse modo de

governar a si e aos outros não ficou restrito a um núcleo específico da igreja, para Foucault (1995) por volta do séc. XV esse modo de pensar se dissemina pela sociedade civil, passando a fazer parte de variadas instituições da época, somando-se no processo pedagógico, político e econômico, com o intuito de atingir desde pequenas crianças até os mendigos. Contudo não bastava querer governar a vida dos indivíduos, era preciso saber como fazê-lo. E a resposta a essa pergunta abria precedente para outra que seria: “Como não ser governado?”, isto é, como não se submeter a este tipo de governo que se quer impor, mas submeter-se a outro tipo de governo sobre si?

Este tipo de reflexão aparece quando se questiona, por exemplo, o modo como a igreja prega o que há na bíblia e muitos não acreditam na interpretação dada e se voltam para a própria bíblia, buscando outra interpretação; ou mesmo quando cobra-se de chefes de Estado condições mínimas destes para com a população, para que assim se mantenha o respeito entre ambos; e até quando se questiona aquilo que dito como sendo verdade por alguém em posição privilegiada, como uma autoridade, caso o que fora dito não apresente argumentos plausíveis para sustentar-se enquanto verdade. Esses exemplos dados por Foucault, frente a questão da governamentalidade e sua relação com a crítica, que tem, nesse jogo entre as duas, fortes contribuições no desenvolvimento da história da cultura ocidental, de reflexões seja na ciência, seja no campo metodológico. Foucault (1995) vê, ainda mais, que nessa atitude crítica frente à governamentalidade, o que está em jogo é por em análise as relações que atam o poder, a verdade e o sujeito, entre si.

E se a governamentalidade é esse movimento pelo qual se tratava, realmente, de uma prática social de sujeição de indivíduos por meio de mecanismos de poder que reclamam para si uma verdade; pois bem, diria que a crítica é o movimento pelo meio do qual o sujeito dar o direito de perguntar a verdade sobre seus efeitos de poder e ao poder sobre seus discursos de verdade. Em outras palavras, a crítica será a arte da não servidão voluntária, a arte da indocilidade reflexiva. A crítica teria essencialmente por função a não sujeição no jogo do que poderíamos chamar a “política da verdade”. (FOUCAULT, 1995, p.5).

Foucault aproxima esse modo como ele pensa a atitude crítica ao modo como Kant pensava a questão da *Aufklärung*. Segundo Foucault (1995), Kant partiu de uma problemática referente à tutela que se dava sobre a humanidade. Essa tutela se estabelece devido a uma ideia de incapacidade atribuída aos indivíduos de governarem-se a si próprios, ou seja, era preciso que outros direcionassem os indivíduos. Essa autoridade ou tutela dava-se tanto por um excesso de poder, como por uma falta de coragem ou de decisão da humanidade frente a si

mesma. Com *Aufklärung* Kant trazia para a vida a ideia de se questionar quais os limites do conhecimento, isto é, até onde é possível conhecer. O que se queria com isso era que cada um pudesse saber dos seus limites frente a vida, ao que se pode conhecer. A liberdade estaria ligada a essa atitude de saber de nossos conhecimentos e seus limites.

[...] no lugar de deixar dizer a outro “*Obedeça*”, é nesse momento, no qual alguém teria uma ideia a partir de seu próprio conhecimento, que se poderia descobrir o princípio da autonomia e não teria que escutar mais o “*Obedeça*”; ou, senão, que o *Obedeça* estará fundado na autônima mesma. (FOUCAULT, 1995, p.6).

Esse era o modo como Kant definia a atitude crítica a partir de sua relação com a *Aufklärung*. A crítica torna-se passo primordial para Kant, a toda *Aufklärung*, ao caminho de conhecer o conhecimento.

Essa questão posta por Kant, no séc. XVIII, da *Aufklärung* e da atitude crítica, em outros momentos da história passa a ser usada de formas diferentes. Foucault (1995) demarca que no séc. XIX e também no séc. XX dá-se mais valor à crítica que a própria *Aufklärung*. Essa crítica de conhecer o conhecimento permitiu consolidar uma ciência positivista, que com essa atitude tinha para si muita confiança no que fazia, além de se postar criticamente frente aos resultados de seus estudos; ela também permitiu o desenvolvimento de um sistema estatal que via em si mesmo a razão que lhe sustentava, não precisava buscar fora de si nada que lhe referenciasse; e com a ciência positivista e um estado desenvolvido, foi possível nascer uma ciência desse estado, um estatismo. Esses três marcos históricos do séc. XIX tinham entre si uma relação próxima, onde um garantia ao outro, instrumentos para sustentarem suas verdades.

Já em meados do séc. XX, num período pós II Guerra Mundial, a questão da *Aufklärung* e da atitude crítica, tal como problematizada por Kant, passa a ser retomada tendo aproximações com a Escola de Frankfurt e a fenomenologia (Foucault, 1995). Nessa época, essa aproximação possibilitou questionamentos sobre o que podia constituir o sentido as coisas, de que forma se chega ao sentido, para poder assim pensar de que forma modos de racionalização, como o fascismo ou stalinismo, que se caracterizavam por exageros de poder e a todo o horror causado por esses regimes, puderam se sustentar, como pode produzir sentido sua existência. Esse tipo de problemática permitiu que se pusesse como questão o modo como

uma racionalidade científica pode se formar, a partir de algo distinto dela mesma, e no último caso, como ela pode levar a exacerbação de poder.

Foucault (1995) apresenta essas diferenças históricas da atitude crítica, justamente para marcar a singularidade de cada época em se relacionar, de pensar, a questão da crítica. No entanto, para Foucault, pensar a *Aufklärung* como uma questão central, relacionada à atitude crítica, quer dizer variadas coisas, entre elas, quer dizer uma certa prática que ele chama de histórico-filosófica. Esta prática não tem a ver nem com a história da filosofia ou a com a filosofia da história. Trata-se de algo que faz sua própria história, sendo esta vista como uma ficção, como um modo singular de fazer história e que é atravessada pelas estruturas de racionalidade que produzem discursos de verdade e os mecanismos de sujeição ligados a estes. Ou seja, é um tipo de prática que traz para o campo do pensamento as relações possíveis de existir entre discursos de verdade, as relações de poder e o sujeito.

O propósito de desubjetivar a questão filosófica recorrendo ao conteúdo histórico e de liberar os conteúdos históricos graças a indagação sobre os efeitos de poder que os afetam em virtude da verdade que dizem revelar, corresponde a primeira característica desta prática histórico-filosófica. (Foucault, 1995, p.11).

Esta prática tem que ser vista como tendo um lugar historicamente específico. Cada momento histórico estudado traz consigo suas singularidades, as quais devem ser consideradas. Cada período carrega consigo seus regimes de verdade, sua forma de se relacionar com a verdade e esta de se relacionar com o poder e dos efeitos de sujeição gerados. Cada época carrega, em sua superfície, as relações entre poder, verdade e sujeito. Para Foucault (1995, p.12), o que se quer com essa prática histórico-filosófica é “ver a partir de que condições, a preço de quais modificações ou de quais generalizações, se pode aplicar a qualquer momento a história essa pergunta da *Aufklärung*, a saber, relação de poder, verdade e sujeito”.

Para Foucault a análise empreendida a partir desse uso da *Aufklärung* e da atitude crítica não deveria buscar problematizar a legitimidade dos modos históricos de conhecer, ter como problema o conhecimento, mas sim buscar analisar questões referentes ao poder, o sujeito e a verdade, como fora dito acima, em sua condição de acontecimentalização ou eventualização. Sobre essa noção Foucault a entende como:

Uma ruptura absolutamente evidente, em primeiro lugar. Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a um traço antropológico imediato, ou ainda a uma evidência se impondo da mesma maneira para todos, trata-se de fazer surgir uma “singularidade”. Mostrar que não era tão necessário assim;[...] Ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apóiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas. (FOUCAULT, 2006b, p.339)

Essa noção de eventualização tem em seus processos de análise um caráter genealógico-arquelógico, ou seja, uma análise que se preocupa em estudar a singularidade dos acontecimentos como efeitos de uma rede de relações casuais de forças e também por uma singularidade dos acontecimentos como jogo de relações entre saber e poder. Abre-se, assim, a possibilidade de questionar como essa relação saber-poder produz eventos singulares que se consolidam num campo de possibilidades, de rupturas, ganhando status de aceitabilidade; ao mesmo tempo em que também permite pensar como foi possível escapar a esse modo de governamentalidade, ou seja, como foi possível criar estratégias que invertam esse processo de ser governado. Esse seria um processo de criação de contra-condutas.

Toda essa forma de pensar, esse procedimento histórico-filosófico é o que possibilita a Foucault falar sobre uma história do presente. Em outro texto sobre Kant - que fora extraído de uma aula de Foucault em 5 de janeiro de 1983, no *College de France* - intitulado “O que é o Iluminismo?”, Foucault (1994) discorre sobre a reflexão kantiana, sobre esse tema, publicada no ano de 1784, para assim poder pensar a questão da história do presente.

Nesse texto, Foucault (1994) fala que Kant já trazia essa reflexão sobre o que somos enquanto presente. Segundo Foucault, o texto kantiano discorre sobre a questão da teleologia como prática imanente ao processo historiográfico. O que Kant buscava era encontrar pontos característicos ao presente que fossem constantes nos acontecimentos históricos, que os explicasse.

A questão centra-se sobre o que é este presente, centra-se sobre a determinação de um certo elemento presente que se trata de reconhecer, de distinguir, de decifrar no meio de todos os outros. O que é que, no presente, faz sentido para uma reflexão filosófica. (FOUCAULT, 1994, p. 2).

Kant queria mostrar que aquele que pensa sobre essas questões filosóficas está também implicado nesse processo, ele se encontra enquanto pensador e objeto do próprio pensamento. Foucault vê nesse tipo de postura que coloca o presente em questão, um modo de se colocar nele também enquanto questão, uma forma de se colocar a dimensão coletiva que

vivemos, ou seja, é pensar um “nós” sempre imerso nas relações de poder. E seria este o caminho para o estudo dessa atualidade.

Só que Kant tinha como intuito, nessas reflexões, descobrir algo que fosse constante nos acontecimentos históricos, algo que fosse essencial e que sempre aparecesse. Para ele existia em todo acontecimento um signo de existência de uma causa para o que ocorreu. E que isso sempre aparece para trilhar o caminho dos homens para o progresso. Segundo Foucault, esse tipo de problemática kantiana caminha para uma análise da verdade em geral, que busca pontos que possam universalizar o conhecimento. Aí Foucault se distancia de Kant. Ele enxerga que Kant abre um novo campo problemático que é o de se pensar enquanto presente; sobre o que se passa hoje; ou melhor: “O que estamos fazendo de nós mesmos?” E esse tipo de analítica não é de uma verdade em geral, mas de uma analítica do presente, ou como ele mesmo diz, “uma ontologia de nós mesmos”.

A história do presente parte de uma problematização no presente, tem como fundamento o projeto de uma história genealógica, onde se quer examinar os mecanismos de poder que atravessam os corpos, que efeitos produzem, quais as relações com os regimes de verdade, etc., sendo assim pensar o presente, colocá-lo em questão é uma atividade que requer ou que produz um distanciamento deste com aquele que o pensa, pois o que se pretende é uma análise desse presente com o intuito, não necessariamente de conhecê-lo, mas de diferenciá-lo de nós mesmos. Segundo Rago (2005):

Problematizando nossa atualidade, Foucault propõe a realização de um diagnóstico que não se limite a mostrar o que somos, mas que aponte para aquilo que estamos nos tornando. Essa “história do presente” é capaz de distinguir as tênues linhas que separam o passado do presente e o presente da atualidade. (RAGO, 2005, p.263)

Sobre essa questão do tempo, do passado, do presente e do atual, Rodrigues (2005), tomando por base um texto de Gilles Deleuze, nomeia esses termos. No caso ela utiliza os termos *o ontem*, *o hoje* e *o passado*. O ontem faz parte da dimensão do presente, é o que diz do que somos, mas, ao mesmo tempo, o que estamos deixando de ser. O hoje faz parte da dimensão do atual e diz do que estamos nos tornando. E o passado é a dimensão da história que nos distingue do ontem e do hoje.

Como já foi visto, a proposta de história em Foucault traz consigo toda uma nova relação que se estabelece com as dimensões do tempo. Se Foucault (RAGO, 2005) utiliza-se do passado é para nele analisar os locais de emergências de acontecimentos, uma forma de singularizar o passado, de diferenciá-lo de um presente. Se parte para estudar o presente é para vê-lo, não como um caminho em direção à verdade, por exemplo, mas como uma forma de desencaminhá-lo (Rodrigues, 2005), de mostrar que aquilo que somos, nem sempre foi do jeito que se é, e que se formou de confluências contingenciais de encontros, no acaso. O que Foucault traz para o campo do pensamento é uma reflexão sobre como nos relacionamos com a gente mesmo e com os outros, de que forma podemos problematizar nossos modos de existência.

Esse tipo de analítica carrega consigo uma dimensão ética, uma vez que se coloca como modo de atuação pensar, refletir sobre os modos de existência do sujeito consigo mesmo e com os outros. Nesse tipo de reflexão busca-se um tipo de análise que busca estabelecer a relação dos sujeitos com os jogos de verdade. Os modos de pensar de cada período e a relação que estabelecem com os regimes de verdade próprios dessa época (NARDI; SILVA, 2005).

Então, até aqui teríamos um filme com pitadas de suspense, no que diz respeito a cenas onde passos meticulosos e pacientes são dados, à espreita do acontecimento, com o intuito de mapear as forças que o fazem emergir enquanto singularidade; teríamos também doses de um humor satírico, irônico e desconcertante, numa forma de desmistificar aquilo que se tem enquanto verdade; o gênero que arrasta multidões às salas do cinema também tem vez nesse filme, isto é, a ficção científica é parte desse filme, uma vez que se trabalha com a ideia de invenção, de produção de sujeitos e de verdades advindos das relações entre poder-saber; e no que se trata da análise dessas relações de poder, os filmes de guerra e seus embates bélicos, seus efeitos diretos e indiretos sobre os que estão presos a essa rede conflituosa, não poderiam faltar, como também os filmes de ação, sendo que estes seriam formas de se continuar os filmes de guerra por outros meios. Uma guerra urbana, cotidiana, em meio às pessoas. E nisso tudo teríamos um filme com uma postura crítica que não quer somente narrar os fatos, quer com sua história mostrar o modo como esses acontecimentos emergem; a partir de que relações de força; e quais as relações existentes entre poder, verdade e sujeito. Um filme que nos mostraria de que forma seus personagens problematizam suas vidas, o mundo no qual vivem. Seria um filme que contaria histórias de modos de pensar, de como os personagens

emergem enquanto objeto para si próprio, que dispositivos eles têm para se ver, pensar como um campo de saber para si e que relações esses personagens estabelecem entre si, para se verem como sujeitos de um dado conhecimento. Um filme que exporia as formas de experiências singulares, relacionadas a tipos específicos de personagens-sujeitos.

Um filme foucaultiano seria, antes de tudo, um filme-experiência. O que isso quer dizer? Para Foucault (1980) a experiência é aquilo que desprende o sujeito de si mesmo, ela empreende um processo de des-subjetivação. Uma experiência é aquilo do qual se sai transformado que faz com que o sujeito não se veja mais como sendo ele mesmo, que o impede de sê-lo. Foucault (1980) afirma que quando empreendeu algum de seus estudos, escreveu um livro, foi sempre a partir de uma experiência pessoal. Seus estudos históricos pretendiam falar sobre:

[...] uma experiência do que somos através de um determinado conteúdo histórico, daquilo que não apenas é o nosso passado, mas igualmente nosso presente, uma experiência de nossa modernidade de tal maneira que dela saíamos transformados. (FOUCAULT, 1980, p.4).

Foucault (1980), com isso, quer dizer que tanto ele que escreve o livro, quanto aqueles que o lêem, possam, ao terminar a escrita ou leitura, criar novos modos de se relacionar com sua história, com sua vida. Nesse sentido a relação com a experiência não pode ser só daquele que escreve o livro, não é uma prática individual, ela tem que ser coletiva, deve permitir uma acessibilidade de outros a ela, para que estes também possam fazê-la, possam vivenciar essa transformação, trata-se de uma experiência ligada a uma prática coletiva, a um modo de pensar.

Desse modo um filme-experiência não teria um roteiro prévio, já pronto para rodar, não se saberia seu final ou mesmo por onde andaria a carruagem. Há sim, um campo problemático prévio, uma provocação que movimenta a fazer o filme. Aquele que o faz, irá construir-lo ao longo do processo, a partir das análises histórico-filosóficas, arqueológico-genealógica, que vai fazendo. Não seria um filme que traz uma história já pronta, com final previsível, cheio de clichês. Um filme-entretenimento, ou melhor, um filme-demonstração, o qual bastaria sentar confortavelmente nas poltronas das salas de projeção do cinema, comer uma deliciosa pipoca e desfrutar de um filme já pronto, no qual apenas absorveríamos aquilo que nos passa como verdade. Num filme-experiência não seríamos meros espectadores,

seríamos participantes no sentido em que eles nos permitiriam vivenciar, ser atravessado de alguma forma pela aquela experiência, seria um filme visto e que depois de vivido, não seríamos mais os mesmos. Um filme-experiência provoca mudanças naquele que o faz e também naquele que os assiste.

O [*filme-experiência*] é, portanto, [*visto*] como uma experiência que muda, que impede de ser sempre o mesmo, ou de ter com as coisas, com os outros, o mesmo tipo de relação que se tinha antes da *exibição*. Isso mostra que, no [*filme-experiência*], está expressa uma experiência bem mais extensa que a minha. (Foucault, 1980, p.7).<sup>7</sup> [*grifos* meus].

---

<sup>7</sup> Nessa citação os *grifos* trazem uma modificação do texto original, onde Foucault referia-se a produção de um livro e não de um filme. Fiz a mudança dos termos para se encaixar melhor no que vinha expondo como um *filme-experiência*.

#### 4 O DESENVOLVER DE UMA DISCIPLINA

No primeiro capítulo, expus de forma bem sucinta o modo como decidi trabalhar a questão da história em Foucault, os recursos que usaria para poder escrever um texto ao qual pudesse chamar de meu. Muito dessa decisão vem de uma proposta feita por Kleber, a qual falava de montarmos uma disciplina para servir como campo de experiência para a composição desse trabalho. Falemos sobre essa proposta.

Durante algumas conversas com Kleber sobre este trabalho de pesquisa, referente à história a partir de Foucault, uma das coisas que tínhamos como consenso era que muito se fez sobre esse tema, muito se está fazendo e muito se fará ainda, visto que trata-se de um modo de pensar a história que abre um leque muito vasto de possibilidades do pensar. Dessas conversas, Kleber me falou sobre uma disciplina optativa que ele havia dado para o curso de Psicologia, onde o trabalho foi todo feito a partir de textos literários. Cada encontro era dedicado a contos da Literatura Fantástica do século XX e a partir da leitura destes as pessoas levantavam possíveis discussões relacionadas ao seu cotidiano. Kleber relatou essa disciplina como sendo algo que rendeu bons frutos, boas discussões e que isso o fizera pensar em montar outra disciplina no mesmo esquema, mudando apenas o agente provocador das discussões. Em vez de contos literários seriam usados filmes.

Então, a proposta de montar essa disciplina foi feita a mim. Kleber me deu um tempo para pensar sobre o assunto. Durante os dias que fiquei a pensar sobre a proposta, uma das coisas que mais me passava pela cabeça era a mudança nos rumos da pesquisa. Não passava pela minha cabeça algo como um campo, digamos, mais empírico para o estudo referente à Foucault, e sim um estudo de cunho mais bibliográfico, sobre seus livros. Se bem que eu já tinha em mente que durante o percurso desde a seleção e minha inserção no mestrado, muito do que pensava na época da escrita do anteprojeto já havia mudado, pensei até em empreender uma pesquisa sobre a questão do corpo no contemporâneo, porém mantive como algo firmado em meu projeto, o estudo da história a partir de Foucault. Desse modo a proposta de Kleber tinha um quê de atrativo, era rodeada por um suspense que me prendia e me atraía. Fui tomado por uma curiosidade em saber como aquilo poderia ser possível. Isso me fez aceitar a proposta.

Aceita a proposta, passamos a conversar sobre ela, para termos ideia de como a montaríamos, que questões a envolveriam, sua metodologia de trabalho, dentre outras coisas. Faríamos a oferta a partir da disciplina optativa *Tópicos Especiais em Psicologia Social e Institucional* - presente na grade curricular do curso de Psicologia da UFS - e de nossas conversas acertamos que seu tema seria *Cinema, História e Psicologia*. Tínhamos<sup>8</sup>, então que colocar isso no papel, ou seja, tínhamos que transformar essa nossa ideia em uma ementa para ser apresentada como oferta de disciplina ao Departamento de Psicologia. Lembrando que essa disciplina serviu não só como um campo para esse trabalho, como também foi requisito obrigatório na minha condição de bolsista-Fapitec<sup>9</sup>.

A montagem da ementa exigia decisões que estavam relacionadas a questões como: o que diz essa ementa, qual seu conteúdo; objetivos da disciplina; sua programação; metodologia; avaliação; e as referências bibliográficas a serem usadas. Montamos a ementa<sup>10</sup> dentro das propostas iniciais para a disciplina, na qual queríamos criar um espaço de discussão sobre questões que envolvessem o cotidiano daqueles que participariam dos encontros em sala e teríamos como intercessor das nossas discussões o cinema e seus filmes. A ideia que foi posta na ementa dizia de uma disciplina que queria promover um espaço de produção de sentidos, usando referenciais bibliográficos do campo da Psicologia, da história, do cinema e de produções cinematográficas. Além disso, queríamos também dimensionar possibilidades de leitura e interpretação dos referenciais bibliográficos e das produções cinematográficas e assim poder pensar novas possibilidades de modos de existência para a experiência contemporânea.

Tendo pronta a ementa, era preciso decidir algumas questões institucionais, tais como: para quem seria ofertada essa disciplina, ou seja, haveria pré-requisito?, qual seria a quantidade de vagas ofertadas? Decidimos por criar um pré-requisito e ofertar somente quinze vagas. O pré-requisito colocado foi para alunos que estivessem cursando do quinto período em diante, para isso colocamos como requisito prévio que os alunos tivessem cursado a

---

<sup>8</sup> A partir daqui sempre que usar o verbo na primeira pessoa do singular estarei reportando a decisões minhas, frente a disciplina; e quando for na primeira pessoa do plural, será referente a decisões tomadas por Kleber e eu.

<sup>9</sup> FAPITEC - Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica de Sergipe. Uma das resoluções do contrato do bolsista para com essa instituição de fomento à pesquisa, diz que o bolsista deverá cumprir créditos referentes ao Estágio Docência.

<sup>10</sup> A ementa montada fará parte dos anexos presentes neste trabalho.

disciplina obrigatória *Psicologia Social I*. Isso servia como forma de garantir a restrição de alunos para fazer a matrícula e também que tivéssemos alunos presentes, que já estivessem há um bom tempo no curso, pelo menos na metade dele. Essa restrição respondia também ao número de vagas ofertadas, queríamos que tivesse no máximo quinze alunos, pois formaríamos um pequeno grupo, onde possibilitaria uma melhor fluidez das discussões. Achávamos que uma sala muito cheia prejudicaria a dinâmica das conversas.

Tínhamos pronta uma ementa e decidido um número de vagas ofertadas, o pré-requisito para a disciplina e também o dia da semana em que as aulas aconteceriam às segundas-feiras, das 19h às 23h, desse modo a carga horária semanal seria dada em um só dia, além de que duas aulas seguidas nos permitiriam assistir a um filme tranquilamente e logo após abrir os espaços de discussão. Encaminhadas essas decisões, tivemos outras a tomar. Sendo uma disciplina ofertada pela universidade, dentro de todo um jogo de regras e normas a se seguir para a sua oferta, tínhamos também outras regras e normas a cumprir na execução da disciplina, que seriam: fazer chamadas em todas as aulas, para garantir quem estaria presente ou faltaria, registrando isso no diário de classe; além das avaliações, que serviriam como forma de dar a nota necessária para o aluno sair aprovado e ganhar os créditos da disciplina ou sair reprovado. A decisão a tomar era: seguiríamos essas normas e regras institucionais, da forma como prega e exige a universidade? Ou buscaríamos, nestas normas e regras, formas de dobrá-las ou desdobrá-las, criando outro modo de responder as essas exigências, porém sem ficarmos amarrados diretamente a elas? Melhor dizendo, tínhamos que dar satisfações institucionais do nosso trabalho, não havia como não fazê-lo, afinal coisas outras estavam também em jogo ali: meus créditos da docência; responsabilidades institucionais de Kleber, enquanto professor; entre outras coisas. Tínhamos que ter noção onde estávamos pisando, que lugar ocupávamos, quais implicações nos atravessava. Pois bem, a questão era: *já que temos que responder à instituição, como fazê-lo de outra forma que não a que ela nos exige? Como fazer dessa nossa relação com normas institucionais, não uma relação de submissão, mas uma relação de embate de forças? Como criar contra-condutas?*

Embarcávamos num modo de funcionamento que fugia aos padrões e normas institucionais da educação que estão amplamente difundidas e institucionalizadas. A maioria dos alunos sempre entra em sala, sempre se matricula em uma disciplina, sabendo que nela terá que se fazer presente, que terá que ler os textos, ouvir o professor, responder quando solicitado e submeter-se a uma avaliação. Mesmo que muitos alunos demonstrem

descontentamento com esse modelo, que não concordem com ele, a reação, muitas vezes, toma ar de conformação, visto que a luta contra o “gigante”, ou melhor, contra as normas institucionais é difícil e cansativa, nesse sentido, acaba por se tornar mais cômodo, não diria mais fácil, seguir as regras do jogo.

Não me interessava muito a ideia de apenas chegar numa sala de aula, postar-me enquanto o professor da disciplina, como aquele que detém o saber que será passado, passar os conteúdos preparados, ouvir uma ou outra pergunta ou dúvida, aplicar uma prova e no final dar uma nota, que aprovaria ou reprovaria o estudante. Há tempos que esse modo de dar aula não me atraía mais, estava e estou sempre a pensar em modos diferentes de atuar dentro dessa função institucional que é a de professor, outras formas de ocupar essa posição de poder em instituições de ensino. E dessa vez não podia fugir à regra, tinha uma chance de poder experimentar essa posição a partir de outra ótica que não a que vi ser executada por anos a fio enquanto ocupava a posição de estudante.

Decidimos algumas coisas que modificavam o modo convencional de ministrar uma disciplina. Primeiramente, quanto à questão das chamadas para verificar a presença dos alunos, não a faríamos. Investíamos na ideia de ter um grupo composto por pessoas que fossem para os encontros dispostas a sentar, assistir a um filme e criar discussões a partir deste. Não haveria uma obrigação quanto à presença. Outra coisa que decidimos foi que a disciplina não seria composta, como comumente acontece, por inúmeros textos a serem discutidos. Teríamos apenas três textos durante todo o período em que ocorressem as aulas. Num total de quinze encontros durante todo o período, apenas três textos, os outros encontros seriam dedicados aos filmes. A ideia era nos concentrarmos mais no uso dos filmes e das possibilidades que nos trariam de problematizações, que ficar trabalhando com textos e mais textos acadêmicos, apesar de esses também nos possibilitarem muitas outras formas de pensar - mais a frente tratarei sobre a escolha dos textos e dos filmes.

Outra decisão tomada dizia respeito à avaliação. A avaliação é comumente utilizada para extrair uma nota sobre o que aluno apresenta como saber daquilo que se passou na disciplina. Há sempre nesse tipo de atitude uma busca por avaliar se o que o aluno escreveu está certo ou errado, assim podemos mensurar o que foi dito e dar-lhe uma nota. Se quiséssemos adentrar um pouco mais nessa discussão, bastaria lembrarmo-nos de Foucault em seu *Vigiar e Punir* (2002), ao colocar o exame, entre outras coisas como um dispositivo que

permitia ao mestre tanto transmitir o seu saber, como fazer um reconhecimento de campo sobre os seus alunos. Foucault faz uma discussão muito interessante sobre essa questão do exame, enquanto um dispositivo que tinha como função qualificar, normalizar e punir aqueles que eram submetidos às avaliações. Não queríamos entrar nessa lógica, não havia interesse em saber se o que seria dito nas discussões estaria certo ou errado, não se tratava de uma avaliação entre o que seria verdadeiro ou falso, mas o que nos interessava eram as pontes possíveis de serem construídas a partir daquilo que seria visto nos filmes. Sendo assim, optar por um tipo de avaliação que queira classificar e mensurar o que fosse dito, acabaria por tomar um caminho bem diferente do que vínhamos propondo desde o início. Mas ainda ficava o ponto a se decidir sobre como encararíamos essa questão da avaliação, num sentido que teríamos que, ao final da disciplina, ter em mãos notas para repassar ao diário de classe que seria encaminhado para instância burocrática da UFS responsável por dar baixa no sistema e assim contabilizar os créditos aos alunos aprovados e que sua nota também entrasse na contabilização de sua média geral.

Criamos um dispositivo que nos garantiria dar essa resposta institucional, contudo não precisaríamos fazer dele um campo de classificação ou mensuração do que seria dito ou escrito. Entendendo aqui, dispositivo como uma condição estratégica que englobaria elementos heterogêneos, numa rede de forças (FOUCAULT, 2008f). Não haveria um julgamento sobre certo ou errado. Seria um dispositivo de controle da participação dos alunos matriculados à disciplina, onde a partir dele saberíamos a quem aprovar. Bastava o aluno fazer-se presente nisso que criaríamos, que ele garantiria sua aprovação na disciplina. Criamos ainda um weblog, onde a cada encontro os alunos escreveriam sobre como eles enxergaram a discussão ou mesmo o que poderia ser dito para além daquela discussão.

Tínhamos pensado e encaminhado praticamente quase tudo para as atividades em sala: uma ementa e a oferta da disciplina; já havia uma lista de filmes a serem escolhidos feita por mim; encaminhamentos para por o blog<sup>11</sup> da disciplina no ar; e uma lista de textos. Da lista de filmes e textos eu teria que escolher aqueles que fariam parte dos encontros em sala.

---

<sup>11</sup> Para me referir ao Weblog, utilizar-me-ei do termo *blog* mais usado entre os usuários dessa ferramenta.

A escolha dos filmes e dos textos apresentava entre si uma relação. Os textos pensados para serem lidos e discutidos durante as aulas tinham relação com a temática da disciplina, ou seja, eram textos que falavam sobre cinema, sobre história e Psicologia. Fiz uma lista de dez referências bibliográficas para a disciplina, no entanto dessas dez, só usáramos em sala três. As outras sete ficavam como leituras complementares para quem tivesse interesse. Foram textos que li no decorrer dos meses que antecederam a disciplina. Os textos escolhidos foram: *Libertar a História*, Margareth Rago (2002); *O cinema não é o eu vejo, mas eu vôo*, presente no livro de Paul Virilio (2005); e *Notas sobre peso e velocidade dos corpos e Corpos-passagens*, de Denise Sant'Anna (2001).

Nesse primeiro texto, Rago (2002) fala sobre a defesa da história feita Foucault, ao longo de sua obra. Uma defesa que visa libertar a história de conceitos e procedimentos cristalizadores. Rago discorre sobre o modo como Foucault pensava a história, de como ele ia à contramão dos modos pensados em sua época, de como isso irritava os historiadores. Ela fala sobre as problematizações feitas por Foucault sobre, por exemplo, o estatuto do “real” para a história. Entre outras coisas, Rago fala sobre essa defesa de uma história efetiva feita por Foucault e aponta o quanto isso nos permite criar novas estratégias para pensar o nosso presente. Esse texto se aproxima muito do que já escrevi no capítulo três dessa dissertação, sobre a questão da história em Foucault. Como queria levar uma discussão para os alunos, na qual pudessemos problematizar a função da história, vi que o texto de Rago nos dava ferramentas suficientes para tal tarefa, pois ela apresentava um modo de pensar a história a qual fugia dos padrões mais difundidos no meio acadêmico.

O segundo texto de Virilio (2002), também já citado nesse trabalho, faz questionamentos sobre as relações entre o cinema e a guerra. Virilio faz uma história sobre o desenvolvimento da tecnologia do cinema atrelado ao desenvolvimento de estratégias militares. Como por exemplo, o reconhecimento do campo de batalha inimigo não mais por fotos tiradas por aviões espiões, mas por filmagens feitas pelos mesmos aviões, isso deu ao cinema modos diferentes do uso da câmera. Ou mesmo, o que já citei sobre o uso do cinema como forma de disseminar a paixão e orgulho pelo exército nazista, pelos alemães. Virilio entra como uma oportunidade de se fazer uma discussão sobre as questões que envolvem o cinema e a política e de uma forma mais ampliada, uma discussão sobre as relações entre saber-poder.

O terceiro texto de Sant'Anna (2001) traz uma discussão que problematiza pontos que envolvem esse novo século. Sant'Anna problematiza os modos de vida no contemporâneo, os quais giram em torno de uma política da velocidade. Velocidade dos corpos, da informação, dos contatos, etc. Velocidade que produz corpos que passam por essa vida, com uma sensação de estarem estáticos. Uma velocidade como sinônimo de eficiência, porém que gera agonias, que dilui as percepções e que cria seres confortavelmente entorpecidos<sup>12</sup> com as coisas a sua volta. Esse modo de vida está na arquitetura das cidades, feita para os carros e outros veículos de alta velocidade, enquanto o sujeito-pedestre some. Os obstáculos à velocidade, como os corpos fora de um padrão de beleza e medidas, carroças, áreas verdes, entre outras, são facilmente tirados do caminho, para a passagem de um modo de vida cada vez mais veloz. Esse tipo de discussão se fez necessário na disciplina, em vista de pormos aquilo que nos rodeia no campo da problematização da disciplina.

Esses três textos teriam relação com os filmes escolhidos, sendo assim foram escolhidos filmes que, na minha percepção, possibilitariam trazer para o campo da conversa que se daria em sala questões que envolvessem a história, o cinema e os modos de vida no contemporâneo, nesse caso essa última temática atrelada ao campo *Psi*. Vamos aos filmes escolhidos.

A princípio, quando decidimos pela temática da disciplina e que já estávamos encaminhando todos os trâmites exigidos para ofertá-la, eu já estava pensando nos possíveis filmes que fariam parte das aulas. Fiz uma lista com cerca de uns quinze filmes, dos quais teriam apenas oito na lista final. A escolha dos filmes partiu de um gosto pessoal por filmes já vistos, outros ainda por ver e havia aqueles que surgiram de conversas, entre amigos, seja nos corredores da universidade ou mesmo das conversas em mesa de bar. Aqueles que já tinha visto, os escolhi por terem sido filmes que tiveram uma ressonância importante para mim, que traziam questões interessantes as quais me permitiram pensar coisas referentes ao meu cotidiano. Outros que ainda não tinha visto, mas tinha a intenção de vê-los, ou mesmo os que surgiram das conversas entre amigos, entraram na lista também por já ter um conhecimento do seu enredo, de saber do que tratavam e via o assunto como algo pertinente ao que pretendia com a disciplina.

---

<sup>12</sup> GILMOUR, David; WATERS, Rogers. *Comfortably numb*. In: *Pink Floyd/ The Wall*. Produção: Bob Ezrin, David Gilmour, James Guthrie e Roger Waters. Londres: CBS; Pink Floyd Music Ltda, 1979.

Os oito filmes escolhidos para serem exibidos, na seqüência apresentada, na disciplina foram: 1º - *Elefante* (*Elephant* – Gus Van Sant, 2003); 2º - *Crash, no Limite* (*Crash* - Paul Haggis, 2004); 3º - *Apocalypse Now* (Francis Ford Coppola – 1979); 4º - *Soldado Anônimo* (*Jarhead* – Sam Mendes, 2005); 5º - *A Concepção* (José Eduardo Belmonte, 2005); 6º - *As Invasões Bárbaras* (*Les Invasions Barbares* - Denys Arcand, 2003); 7º - *Pulp Fiction – Tempo de Violência* (*Pulp Fiction* – Quentin Tarantino, 1994); e 8º - *Touro Indomável* (*Raging Bull* – Martin Scorsese, 1980).

Aqui é bom deixar claro como pensamos o esquema das aulas. Dois encontros seguidos seriam destinados a exibição de filmes e no terceiro viria um texto. Dois filmes, um texto. A relação estabelecida entre filmes e textos era sobre temáticas.

Os dois primeiros filmes estavam relacionados à temática da história. Escolhi esses dois, pois eles trazem em seu enredo modos diferenciados de contar suas histórias. No primeiro, *Elefante* (*Elephant* – Gus Van Sant, 2003), vemos histórias sobre um dia em uma escola, que termina com dois de seus estudantes portando armas e atirando em outros estudantes. Essa história é contada sobre a perspectiva do olhar de três estudantes diferentes, cada história com seus momentos singulares, mas que culmina no fim trágico da morte de várias pessoas da escola. Já o segundo filme, *Crash, no Limite* (*Crash* - Paul Haggis, 2004), conta a história de vários personagens, que pertencem a grupos étnicos e sociais diferenciados, que moram em bairros distantes um dos outros, mas que em algum momento vêem suas vidas se cruzarem. Por tratarem de outros modos de contar uma história, vi como pertinente atrelar esses filmes ao texto sobre história, que viria no encontro seguinte a exibição do segundo filme. Via que a possível discussão vista no filme poderia, de alguma forma, ressoar nas discussões que se dariam em virtude do texto de Rago, o qual seria debatido na aula após a exibição do segundo filme.

Os próximos filmes a serem exibidos tinham como tema em comum a guerra. O primeiro, *Apocalypse Now* (Francis Ford Coppola – 1979), se passava durante a época que ocorreu a Guerra do Vietnã, onde o exército dos Estados Unidos combatia a guerrilha dos vietcongues, partidários de uma revolução comunista naquele país. No filme vemos, para além desse enredo sobre a Guerra do Vietnã, uma história sobre um capitão do exército norte-americano que sai em uma missão para encontrar e matar um coronel que enlouqueceu e que tem com ele um grupo de soldados fanáticos e que estariam provocando o terror por onde

passavam. Há no filme uma amostra do teor propagandístico que essa guerra adquiriu nos Estados Unidos, além, claro, de trazer as transformações humanas provocadas pela guerra. Já o outro filme, *Soldado Anônimo* (*Jarhead* – Sam Mendes, 2005), se passa numa guerra, em uma época, mais próxima a nossa, que seria a guerra no Iraque. No filme vemos um grupo de soldados que são convocados para a guerra, porém nessa guerra não se vê o seu inimigo, não se sabe muito bem o porquê de estarem ali. Uma guerra onde a presença dos soldados não gera tanto efeito, em comparação ao provocado pela armas de alto teor tecnológico, comandadas a longas distâncias de seu alvo. Propaganda e tecnologia, temas trazidos por Virílio (2005), no texto escolhido para a discussão na aula, da semana posterior ao último filme de guerra e que poderia gerar um bom debate sobre a relação entre cinema e guerra, entre o campo do cinema e a política.

Os filmes seguintes tinham como intenção trazer para as discussões, em sala, temáticas que envolvessem modos de se relacionar com questões como a morte, o uso de drogas, outros modos possíveis de vida, dentre outros. Os dois filmes escolhidos trazem uma porção disso que intentava. O primeiro, *A Concepção* (José Eduardo Belmonte, 2005), conta a história de três amigos universitários, moradores da cidade de Brasília, que entediados da vida comum que levavam, decidem por aventurar-se numa vida sem limites, onde estariam dispostos a experimentar tudo que lhes fosse possível, seja no uso de substâncias psicoativas ou no envolvimento sexual. Os três acabam se envolvendo com um homem misterioso, que surge na vida deles, e este serve com um potencializador da intenção dos três jovens em mudar radicalmente suas vidas. Eles passam a viver em orgias, regadas com os mais variados tipos de drogas, levando à frente uma vida clandestina, aplicando fraudes em cima de fraudes e tendo como norte ser uma pessoa diferente a cada dia, inventando novas identidades para si.

O segundo filme, *As Invasões Bárbaras* (*Les Invasions Barbares* - Denys Arcand, 2003), conta a história de um professor universitário, chamado Rémy, que sofre de um câncer que atingiu o estágio terminal. Nesses últimos dias de vida, ele levanta algumas questões sobre sua vida e sobre as coisas que fez ou que deixou de fazer. Graças a seu filho, Rémy passa todo esse tempo rodeado dos seus melhores amigos. Para minimizar a dor provocada pelo câncer, Rémy passa a fazer uso de heroína, visto que outros analgésicos já não faziam mais efeito. Após alguns dias no hospital, Rémy decide que não queria morrer ali, então ele, sua ex-mulher, seu filho e amigos vão para uma casa a beira de um lago, pertencente a um de

seus amigos. Nessa casa, Rémy despede-se de seus familiares e amigos, logo após ele decide antecipar sua morte, tomando uma overdose de heroína e morre tranquilamente.

Esses dois filmes trazem, como já foi dito, questões referentes aos modos de vida. Um aventura-se por explorar modos de vida relacionados a extremos, seja no uso de drogas, ou nas relações entre as pessoas. Outro faz referência à relação que temos com a morte, de que forma ela nos atinge, que questões podem surgir para aquele que encontra-se moribundo e sobre o direito que temos sobre a nossa vida. Tendo por bases essas questões é que resolvi colocar como texto para essa discussão, o de Sant'Anna, visto que ela trata sobre questões que nos aflige no contemporâneo. Por mais que problemáticas referentes à morte, ou mesmo modos de vida extremos, não sejam exclusivas de uma discussão que envolva o contemporâneo, que façam parte de outras épocas da nossa história, faz-se importante trazer modos diferenciados de pensá-la, justamente com intuito de marcar essa diferença, apontando para aquilo que seja mais marcante para cada época. Ou seja, de que forma as questões levantadas nos filmes, sobre a morte, sexo e drogas poderiam ser problematizadas no cotidiano daqueles que estariam em sala.

Os próximos filmes tinham como tema a questão da violência explícita. *Pulp Fiction* – *Tempo de Violência* (Pulp Fiction – Quentin Tarantino, 1994), traz três histórias, contadas sem uma lógica cronológica entre si. Uma dessas histórias mostra dois assassinos profissionais que vão fazer uma cobrança para um *gângster* e esta se transforma num banho de sangue e uma posterior e violenta perseguição de carros. Um filme recheado de cenas violentas, uma violência “barata”, sensacionalista, como aponta o próprio título. O *Pulp* faz referência a um tipo de literatura de ficção científica, do começo do século XX, muito comum nos Estados Unidos, onde as revistas em quadrinhos eram impressas em papéis baratos e de baixo preço, acessível a quase todos<sup>13</sup>. O segundo e último filme de nossa lista era *Touro Indomável* (*Raging Bull* – Martin Scorsese, 1980). Filme que conta a história de um boxeador que vê sua vida ascender no boxe por ser um exímio lutador, enquanto sua vida fora dos ringues descende, visto seu temperamento forte, possessivo e violento.

Para esses dois últimos filmes não dispomos nenhum texto a ser discutido posteriormente. Seriam dois filmes que encerrariam as atividades da disciplina, no âmbito dos

---

<sup>13</sup> Retirado a partir de: <http://www.telacritica.org/letraP.htm#pulp> , em 29/03/2010.

encontros em sala para ver filmes e discuti-los. As atividades subseqüentes aos dois últimos encontros seriam voltadas para o encerramento da disciplina. Voltando aos filmes, a escolha deles, dessa temática da violência, partia da ideia de levantarmos possíveis discussões sobre a questão da violência nos dias de hoje, vendo-a nas suas diversas possibilidades de existência, não só uma violência tida como física, mas a violência que se dá no dia-a-dia, suas diversas formas.

Tendo acertado quais textos seriam lidos e discutidos, quais filmes seriam vistos e também discutidos, faltava ainda decidir como seria o funcionamento do *blog*, no que diz respeito a como seria a escolha de quantos e quais alunos escreveriam por encontro. Em uma de nossas conversas, Kleber e eu, decidimos que para cada encontro teríamos dois alunos para fazer o *post* no *blog* e que, a princípio, deixaríamos que esses dois pudessem se manifestar de acordo com sua vontade em escrever, caso isso não ocorresse eu escolheria as duas pessoas. Quanto ao conteúdo dos posts, pensamos em sugerir aos dois que fossem escrever que um escrevesse sobre a discussão que rolou em sala, sobre os pontos discutidos, de uma forma bem solta, com suas pontuações sobre o debate, para que o *post* não virasse uma ata do que houve na sala de aula. O outro aluno, a sugestão seria que ele pegasse daquilo que fora discutido, o que mais lhe chamava atenção, aquilo que mais o provocava e escrevesse um texto que levasse a discussão para outros caminhos. A intenção era que o aluno pudesse ter a discussão em sala como provocador para outras problemáticas. Falemos agora de uma forma mais detalhada sobre esses dois dispositivos criados: filmes e *blog*.

#### **4.1 Sobre Filmes e Blogs**

No final do terceiro capítulo falava eu sobre um *filme-experiência*, um filme como algo do qual, ao fazê-lo ou ao vê-lo, se sai transformado. Já não se pode ser mais o mesmo que era ao entrar na sala de cinema, saímos outro. É nessa ideia de um filme-experiência que pretendo, daqui em diante, falar sobre o uso do cinema, dos filmes, nesse trabalho.

Desde o momento em que aceitei a proposta feita por Kleber, passei a pensar sobre como seria esse envolvimento com o cinema, com os filmes. De que modo eles entrariam nisso que pensávamos em construir, nessa disciplina. Primeiramente fiquei pensando se teria que adentrar num estudo mais aprofundado sobre o cinema, suas técnicas, conceitos, no seu campo de saber. Pesquisei alguns livros sobre isso, porém logo vi que não seria bem por aí

que o cinema, o modo como seriam visto os filmes, entraria nos encontros da disciplina. A questão era o uso do cinema como provocador de discussões que envolvessem o cotidiano daqueles que se fizessem presentes nas aulas. Passei a fazer uma pesquisa por textos sobre a relação entre o que se produz no cinema e fatos cotidianos, de que forma o cinema se envolve com coisas ao nosso redor. Li alguns textos interessantes, textos esses que não serviriam para a disciplina, apenas, no momento, para que eu pudesse refletir sobre o uso dos filmes nas aulas.

Dessas leituras prévias, uma me chamou mais a atenção. Kleber havia me sugerido um livro de Paul Virilio, filósofo e urbanista francês, chamado *Guerra e cinema (2005)*. Nesse livro Virilio traz suas considerações sobre as relações entre o cinema e a guerra. Como um utilizava-se do outro em suas estratégias. Uma guerra não seria somente uma conquista no campo de batalhas, trata-se também da conquista de corações e mentes. Melhor dizendo, a guerra tem que além de trazer a morte, provocar um medo de morrer. Suas armas não devem ser vistas com receio somente, mas devem ser admiradas por seu potencial destrutivo. É preciso que tanto os inimigos, quanto os aliados tenham uma visão de apreço por seus exércitos ou pelo exército contrário. E para esse tipo de conquista, para provocar uma mudança de percepção, como trata Virilio, utiliza-se do cinema como estratégia cativante. A exemplo do nazismo alemão que, a partir de ideias do seu ministro da propaganda, J. Goebels que disseminou por toda Alemanha e em alguns países conquistados o respeito, a estima pelo exército de Hitler, a partir de filmes financiados pelo governo alemão, como forma de enaltecimento de seu regime.

Essa mudança de percepção se dá também no campo de batalha, segundo Virilio (2005), com o desenvolvimento de novas técnicas de filmagens, novos equipamentos sendo feitos, os quais garantiam uma visão além do alcance humano, os soldados não precisariam estar presentes no campo de batalha para acertar seus alvos. Aviões não tripulados sobrevoam o campo de batalha, seu piloto encontra-se agora a quilômetros de distância do alvo. Não mais um olhar direto sobre o alvo. Vários anos para chegar a esse ponto, desde o uso de balões equipados com câmeras fotográficas, para tirar fotos do campo inimigo, até o uso de câmeras filmadoras em tempo real, para nos mostrar o alvo. “A partir de então, *não mais existe visão direta*: no intervalo de 150 anos, o campo de tiro transformou-se em campo de filmagem, o campo de batalha tornou-se uma locação de cinema fora do alcance dos civis” (Virilio, 2005, p.34).

A partir do que se vê em Virilio é possível afirmar que cinema e guerra estão ligados, ainda mais que não há como fazer dissociação entre aquilo que se produz no cinema e a política. Se a política é a guerra por outros meios, como afirmamos anteriormente, a partir de Foucault, e se vemos indissociabilidade entre cinema e guerra, nesse sentido não vemos também indissociabilidade entre cinema e política. Isso quer dizer que aquilo que se produz no cinema, nos filmes não pode ser visto como fora de uma rede de relações entre poder-saber. Há nos filmes a presença de discursos, de um modo de pensar que diz de uma época.

É nesse sentido que Foucault, em entrevista intitulada *Anti retro*, publicada na coleção *Ditos e Escritos vol. III* (2006a), fala sobre um uso do cinema francês em referência a filmes que retratam as lutas da Resistência Francesa<sup>14</sup> durante a II Guerra Mundial. Segundo Foucault, em alguns desses filmes o que se destaca ou o que é contado é a história da resistência francesa aos nazistas a partir da imagem do general Charles De Gaulle, ou seja, é uma história pautada no enaltecimento de heróis. É um modo de se contar a história que, para Foucault, contribui para um combate, uma recodificação de uma *memória popular*.

Todo povo, mesmo que não saiba escrever, que não tenha como registrar de uma forma escrita suas histórias pode propagá-la de uma forma oral. É o modo como têm de manter viva uma memória daquilo que eles viveram. De acordo com Foucault (2006a), filmes que retratam o período da resistência francesa contam uma história onde a luta popular, tão característica desse movimento, foi mascarada pela imagem grandiosa de seus heróis ou de seu herói. É como se os filmes fossem usados para mostrar que as coisas aconteceram da forma como eles querem que sejam mostradas, não haveria outro modo. Ou seja, aquilo que faz parte da memória popular não diz a verdade sobre como as coisas realmente aconteceram. “Então, mostra-se às pessoas não o que elas foram, mas o que é preciso que elas se lembrem que foram.” (FOUCAULT, 2006a, p.332).

Os filmes feitos dessa forma, com esse modo de contar a história seguem a mesma lógica implementada, na época – se bem que ainda hoje vemos muito dessas coisas –, nos

---

<sup>14</sup> “A **Resistência Francesa**, chamada na França de *La Résistance*, designa o conjunto de movimentos e redes que durante a Segunda Guerra Mundial prosseguiu na luta contra o Eixo e os seus delegados colaboracionistas desde do armistício do 22 de Junho de 1940 até à Liberação em 1944.” (Wikipedia, 2010) ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Resist%C3%A2ncia\\_Francesa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Resist%C3%A2ncia_Francesa))

livros escolares, na literatura barata (FOUCAULT, 2006a). Livros nos quais suas histórias são carregadas com o mito dos heróis, uma maneira de dizer que nas lutas da resistência francesa não houve luta popular, houve heróis bem marcados, como o General De Gaulle. Os filmes seguiam uma estratégia política na qual a história ou as histórias contadas sobre uma determinada época deveria enaltecer aqueles heróis que posteriormente ocupariam cargos de poder, uma maneira de legitimá-los como líderes por mérito, por respeito ao seu passado.

É de se perceber que os filmes carregam consigo discursos de uma determinada época, os personagens retratados trazem um modo de viver, um modo de se relacionar com as coisas que estão à sua volta. Seja um filme sobre guerra, como já exemplificamos, seja um filme que retrate o cotidiano de uma pequena cidade do interior da região nordeste brasileira e como os moradores dessa região se relacionam uns com os outros e com as esferas institucionais de poder. Vê-se nos filmes essa possibilidade de, a partir deles, remar à favor de uma onda que eles já vêm remando, ou seja, há a possibilidade de ter com os filmes uma relação na qual eles possam provocar discussões que envolvam o modo como em uma dada época os sujeitos desta se relacionavam com aquilo que os rodeava. Ou mesmo tendo por parâmetro um modo de vida em uma época passada, problematizar o modo como nos relacionamos hoje com o que nos rodeia.

É esse modo provocador que deveria ter os filmes para a disciplina que se pensava em montar. Os filmes teriam um papel de interlocutores das discussões, suas ideias expostas, sendo elas ficcionais ou não, o que interessava era ver como elas seriam percebidas por quem as assistia e como aquilo serviria para pensar as coisas ao redor. Teríamos o cinema como nosso intercessor (DELEUZE, 2004). Ele seria o nosso falso, aquele que poria em descréditos nossas ideias, valores pré-estabelecidos e nos permitiria pensar diferente do que pensamos. Seria aquele que nos faria levantar a questão, tão cara a Foucault, “*de que modo ajudamos a fazer o que vem sendo feito de nós mesmos?*”.

Quanto ao uso do *blog*, posso dizer que sua intenção não seria apenas uma forma de termos controle sobre os estudantes, seria mais que isso. Enquanto dispositivo, enquanto algo que engloba elementos diversos e que estabelece uma rede entre as diversas forças presentes, nesse caso, ele engloba forças institucionais e forças outras que queríamos possibilitar para a disciplina. Essas forças outras dizem das intenções que pensamos, outrora, para o espaço da

disciplina, ou seja, seriam formas de criar novos espaços de discussão, novas formas de pensar aquilo que fora problematizado em sala. Contudo o que seria um *blog*?

O *blog* é uma ferramenta de uso na Internet. É uma página da Internet usada como uma espécie de páginas de notícias sejam elas pessoais ou mesmo de cunho jornalístico, musical, humorístico, gastronômico, etc., o uso vai depender de quem cria o blog. Os blogs tornaram-se populares em grande parte dos usuários da internet por volta do final da década de 90 (LOPES, 2006). No começo eram mais usados como uma espécie de *querido diário online*, isto é, as pessoas o utilizam para escrever sobre fatos, sentimentos e outras coisas mais que se passava em suas vidas.

Com o passar do tempo e de sua disseminação, os *blogs* passaram a ser usados de outra forma. Hoje em dia, tornaram-se muito comum o uso dos *blogs* como ferramentas jornalísticas, ou seja, jornais ou jornalistas criam um blog com o intuito de expor os produtos de seus trabalhos jornalísticos. Alguns jornais impressos criaram blogs com a ideia de publicar informações que muitas das vezes não estão presentes nas edições que saem às ruas diariamente. Já alguns jornalistas decidiram por não mais trabalhar para empresas de comunicação que se dedicam a jornais impressos ou mesmo na mídia televisiva, para criar sua própria página.

Os *blogs* tornaram-se uma importante ferramenta de comunicação no ciberespaço. Não só no sentido jornalístico. Como já apontei, há *blogs* sendo usados como espaço dedicado a conteúdos gastronômicos, humorístico e musical. No meio musical, os *blogs* permitiram uma mudança muito grande no modo como se divulga e distribui música pelo mundo. Falo isso, por acompanhar bem de perto essa questão, sou uma pessoa que gosta de pesquisar pela internet por bandas novas. Se antes para alguém, que tinha uma banda ou mesmo sendo artista solo, divulgar seu trabalho, atingir pessoas de outras cidades, estados ou mesmo países, era coisa impossível sem um auxílio de uma gravadora de discos, hoje isso se tornou algo muito fácil. Basta que a pessoa tenha acesso a um computador ligado à internet, que a coisa pode acontecer. Não mais é preciso ter suas músicas gravadas impressas em um cd para poder divulgá-lo, basta ter as músicas gravadas no seu computador que a disponibilização delas está garantida, isto é, ao criar um *blog* e nele disponibilizar as suas músicas, qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, que também tenha acesso à internet poderá fazer o *download* dessas músicas para o seu computador e assim conhecer sua banda.

Esses exemplos de uso dos *blogs* remetem, na verdade, a uma das características da Internet, que seria a possibilidade, diria, infinita de você se conectar à ela. Quando digo “conectar-se” à internet, não falo só da ação de, ao usar o computador, a pessoa usar um programa específico que permite que o seu computador possa navegar pela internet. Com isso quero apontar para a relação entre o sujeito e a rede mundial de computadores. Lopes (2006) em sua tese de doutoramento, intitulada *Transfigurações do humano na cibercultura: a análise de um blog que não coube em si*, buscou fazer um estudo sobre os usos da rede mundial de computadores e a relação que esse uso estabelece consigo e com os outros, ou seja, de que modo se dá a produção de si e dos outros nas relações possíveis no campo da internet. No caso, ele utilizou-se de uma experiência com *blog*, para nisso analisar as maneiras de aparecer nesta página e como aqueles que ali aparecem se relacionam entre si. No decorrer de sua tese, Lopes aponta para algumas questões contemporâneas que envolvem o uso da Internet, a partir de pensadores contemporâneos como Paul Virilio e Pierre Lévy.

Lopes (2006) traz esses dois autores para seu trabalho, pois estes apresentam opiniões distintas e muito interessantes sobre essa nova onda tecnológica que passa a fazer parte do cotidiano de grande parte do mundo, que é a Internet. Segundo Lopes (2006), Virilio aponta para os perigos que a rede mundial de computadores pode produzir na sociedade. No seu *Guerra e Cinema*, Virilio (2005) já trazia questionamentos sobre mudanças de percepção ocasionadas pela visão intermediada das coisas, a partir do uso das teleobjetivas no âmbito das guerras. Não mais mirar-se-ia os alvos a partir do próprio olho, mas sim a partir de imagens geradas por câmeras fotográficas ou filmadoras. Seria uma espécie de visão sem olhar, as imagens apresentadas já seriam tratadas, editadas e nos dadas como sendo do jeito que se mostram. A relação entre olho e imagem não mais se daria da forma *olho-imagem-sentido*, e sim *lente-imagem-máquina-olho*, ou seja, aquilo que veríamos viria com um sentido pronto de fábrica. Virilio então aponta para os perigos da universalização das imagens. Para Lopes (2006, p. 55), Virilio sugere que “o olhar ao tomar para si os avanços tecnológicos no campo da percepção visual, abriria a guarda para a eliminação de uma das suas funções primordiais: a construção das imagens mentais.”

Segundo Lopes (2006), Virilio estaria salientando que a esse avanço tecnológico do campo da percepção teria uma dimensão política, onde os efeitos seriam a produção totalitária da imagem. Dessa forma o pensamento estaria refém da tecnologia, seria ela quem

determinaria o pensar no contemporâneo. Passaríamos não mais a refletir sobre as imagens, sons, sobre as informações que nos chegam pelos veículos de transmissão dessa nova tecnologia. Veríamos, escutaríamos aquilo que esses veículos quisessem que víssemos ou escutássemos. Nossa atitude crítica, assim, cairia no esquecimento.

Já Pierre Lévy, segundo Lopes (2006), traz outro viés para a problematização referente às novas tecnologias. Lévy aponta essa relação entre as novas tecnologias no contemporâneo que possibilitam uma abertura de novos caminhos, ela permite a criação de linhas de fuga ao que já está posto. Pegando a ideia defendida por Virilio de que esse novo campo tecnológico imporia formas dadas de imagens, imporia assim uma forma dada de pensar; Lévy coloca que nesses fluxos das novas tecnologias existem fluxos que provocam uma desestabilização nessas imagens, que as decodificam e criam, dessa forma, possibilidades de fugas. Ou seja, essas fugas abrem os caminhos para a construção de novos sentidos para a vida, para as imagens, por assim dizer.

Lopes (2006) cita que Lévy intenta por demonstrar que essas novas tecnologias criam novas formas de se relacionar com aquilo que se pensa, ela não seria uma forma de determinar o pensamento. Lévy aposta nessas novas possibilidades de relação entre o pensamento e a cibercultura, onde novas modalidades de escrita e de contatos podem se estabelecer. Nesse caso o pensamento não estaria refém da coisa, mas o pensamento atingira a coisa tecnológica, isto é, a construção de sentidos se daria no processo de navegação pela internet.

Dessas duas considerações, citadas por Lopes (2006), sobre a questão do avanço tecnológico e o tipo de relações que ele estabelece com os sujeitos no contemporâneo, podemos levantar muitas considerações a cerca do avanço tecnológico e quais seus impactos no modo de vida contemporâneo. Porém é interessante pensar alguns tipos de uso que vem sendo feito da e na internet hoje em dia.

A internet e sua crescente ascensão no número de usuários, por todo o mundo, permite fazer circular de uma forma muito dinâmica a informação entre seus usuários. Hoje é muito comum termos acesso a livros que estão fora de catálogo, seja para comprar em sebos que estão a mais de mil quilômetros de nossa residência, seja mesmo para tê-lo enquanto arquivo digital, sem precisar pagar um único centavo por isso. A internet como uma rede de comunicação aberta e livre, permite a criação de conteúdos sem a necessidade de que algum órgão governamental nos dê o aval para tal ação. Ela permitiu uma disseminação e

democratização, nunca antes vista, de diversas manifestações artístico-culturais, além de permitir um novo olhar sobre aquilo que é veiculado por outros meios, como o televisivo, no que diz respeito à informação. Vamos a um exemplo, que diz também envolvimento meu com a Internet.

Há três ou quatro anos que acompanho, quase que diariamente, as informações publicadas em um *blog* sobre questões que envolvem o dia-a-dia político do Brasil e do mundo. Antigamente, tinha por hábito, como muitos brasileiros, acompanhar os noticiários televisivos, uma vez ou outra, ler um jornal impresso, para me informar sobre coisas que acontecem à minha volta. Contudo, muito do que lia sempre me soava estranho, pois não era suficiente para poder pensar melhor sobre certas coisas que eram tratadas nesses meios. Nunca fui da linha que acha “que para bom entendedor meia palavra basta”. Não que uma palavra inteira me faça entender por completo uma situação, mas é preciso escutar o que está não dito nos discursos. E era isso que eu não conseguia ver nesses veículos de informação que assistia ou lia, para me manter informado. E vejo que esse não dito ou mesmo até os ditos eram tratados de uma forma para que fossem vistos como tendo só um lado, como sendo somente da forma como eram mostrados. Algo dentro dos perigos apontados por Virilio, quanto a uma padronização do olhar. Então, fui atrás de outros meios informativos, para poder dali criar minhas próprias problematizações sobre os fatos apresentados.

Já nessa época, os *blogs* jornalísticos estavam se espalhando pela rede e uma das características desses que passei a ler, era que eles falavam sobre as mesmas notícias apresentadas pelos telejornais, no entanto a abrangência sobre o tema era muito maior. Outras questões eram levantadas como estando ligadas aos fatos. Vi nesse tipo de mídia uma alternativa àquela das TVs. Minha afeição com esses *blogs* se deu rápido, porque além de neles eu ter um acesso mais diversificado às informações, há neles a possibilidade debatermos com aqueles que fazem o *blog*, sobre as questões levantadas por eles. Não se tratava só de mais um espaço onde eu iria apenas ler ou ver o que outro escreveu ou que filmou e quer nos passar, senão um espaço onde as notícias, além de serem passadas, eram temas de debates sobre como cada um pensa sobre aquilo, ou seja, de que forma aquela notícia atinge aquele que lê e como ela ressoa na sua vida.

Não sei se poderia aqui arriscar a dizer que emerge disso um novo modo de se fazer jornalismo, até porque não tenho muito contato com o fazer jornalismo, senão com aquilo que já está feito. No entanto, vejo aí um novo modo dos leitores se relacionarem com aquilo que

fora escrito, com aquilo que se lê. E acho que também há um novo modo daqueles que escrevem, que lançam alguma notícia nos telejornais ou mesmo nas redes, preocuparem-se com aquilo que lançam. Digo isso, pois se algum jornalista, ao lançar uma notícia, omite propositalmente, algumas informações as quais ele teve fácil acesso, mas que se divulgadas daria outros sentidos àquilo que ele queria noticiar, outros jornalistas que também tiveram acesso as mesmas informações, poderão divulgar o material completo que estavam em suas mãos, modificando assim a visão sobre determinado assunto que alguém quis encobrir. Esse tipo de atividade tem se tornado comum nos meios dos *blogs*.

O papel que alguns *blogs* têm desempenhado, hoje em dia, é justamente de oferecer aos seus leitores informações que muitas vezes são cerceadas pelos veículos da grande mídia (grandes veículos de comunicação, que dominam o sistema televisivo, impresso e virtual de divulgação de informações). Em meados do ano de 2006 o jornalista Luis Nassif, em seu blog *Luis Nassif – On line*, ([www.colunistas.ig.com.br/luisnassif](http://www.colunistas.ig.com.br/luisnassif)), já sinalizava essa mudança de comportamento de parte de leitores de jornais impressos ou espectadores de telejornais. Segundo Nassif, em artigo publicado em 30 de agosto de 2006, com o título *O jogo da convergência digital*<sup>15</sup>, desde a década de 90, o que se via na mídia era uma guerra ideológica, na qual a intenção era atacar o grupo político que estava no governo. A oposição usava de suas fontes midiáticas para assim conseguir derrubar mais um presidente<sup>16</sup>. Já no século XXI, a oposição que antes era situação, age da mesma forma tendo a grande mídia como aliada, numa campanha desenfreada por sempre apresentar denúncias contra o atual governo da presidência brasileira.

Nassif aponta que esses ataques não surtiram muito efeito, ao ponto que a popularidade do presidente Lula frente à população brasileira, não fora afetada. Com isso a grande mídia e a oposição tomaram posições radicalizadas em suas críticas, fazendo com que o nível de opiniões divulgadas atingisse um nível de homogeneização, no qual opiniões contrárias ou mesmo com leves declives não fossem mais aceitas. Sendo assim, para Nassif, essa postura foi uma das coisas que favoreceram para um aumento no ibope das mídias tidas como alternativas, naquele momento, que eram os *blogs*. Leitores e telespectadores mais

---

<sup>15</sup> Artigo retirado de [www.colunistas.ig.com.br/luisnassif/2006/08/29/o-jogo-da-convergencia-digital](http://www.colunistas.ig.com.br/luisnassif/2006/08/29/o-jogo-da-convergencia-digital) em 18 de março de 2010.

<sup>16</sup> Aqui Nassif faz referência à pressão midiática que culminou no impeachment do presidente Fernando Collor de Melo em junho de 1992. E que o mesmo queria a oposição ao presidente Fernando Henrique Cardoso, já no final dos anos 90.

exigentes cansaram-se da forma como a opinião e as notícias eram divulgadas e procuraram um novo espaço, onde pudesse ter acesso a informações variadas sobre um mesmo tema.

Isso tem gerado descontentamento entre esses setores, ao ponto de setores da grande mídia desferir ataques aos *blogs*, desmerecendo aquilo que está escrito, não pela falta de qualidade ou pela não veracidade do que fora escrito, e sim por quem foi que escreveu. Como uma das características da Internet é que podemos criar perfis com nomes que não são os nossos fora dela, há muitas pessoas que assumem alteregos para poder navegar pela rede. Há um rumor que paira sobre quem usa a internet que diz que o modo como as pessoas se descrevem por lá, não condiz com o que ela é fora. Por exemplo, há pessoas que se descrevem como tendo um corpo esbelto, maravilhoso, mas quando é vista *tête à tête* não condiz em nada com o modo como se descreveu. Por isso paira uma desconfiança por aquilo que se publica na Internet.

Aproveitando-se desses rumores é que campanhas publicitárias da grande mídia buscaram desvalorizar os *blogs*. Campanhas que tinham como argumentos a desconfiança sobre a verdadeira identidade dos autores dos textos dos *blogs*. Até que ponto poder-se-ia acreditar em algo escrito por alguém não se conhecia realmente? *Blogs* como o do jornalista Luis Nassif, por exemplo, não padeciam dessas críticas, visto que ele é alguém conhecido do meio da imprensa, porém uma pessoa que passa a dedicar seu tempo por fazer um trabalho jornalístico por conta própria, ou algum jornalista recém formado que desejava aventurar-se por esse novo meio de propagação de informações, estes não teriam muita credibilidade no que escrevessem.

Trata-se de sempre saber quem fala ou quem escreve o quer que seja em um meio público. Importância sobre aquele que seria o autor do texto no *blog*. Remeto-me mais uma vez a Foucault para pensar junto com ele essa condição da importância do autor ou no caso em questão do *blogueiro*. Numa conferência para Sociedade Francesa de Filosofia, no ano de 1969 e com o título “O que é um Autor?”, Foucault (2006c) toma como problema a relação existente entre o texto e o autor, como o texto se liga ao autor. Segundo ele, na escrita contemporânea, essa indiferença frente a quem escreve algo se dá, pois o ato da escrita estará num processo de sempre reinventar a si mesmo. A escrita estará sempre abrindo novas possibilidades, novos caminhos, diferentes do seu “começo”. Desse modo, torna-se complicado remeter a escrita àquele que a escreve, uma vez que nesse processo de

diferenciação de si daquilo que se escreve é que Foucault sinaliza - algo que para ele já circula entre o campo da crítica e da filosofia - que a obra se torna assassina do autor, a sua marca singular é justamente a sua ausência. No momento em que se escreve aquele que o faz não para de desaparecer.

Por mais que se tenha essa ideia de um desaparecimento do autor como algo constatado, há certas noções que bloqueiam esse desaparecer, que tentam manter uma ligação intrínseca e visceral da escrita, do texto com o autor. As noções de obra e de escrita desempenham esse papel. A obra seria o conjunto de “tudo” o que o autor escreveu. Entretanto, o que seria esse “tudo”? O que levar em conta como importante no que é escrito pelo autor? A noção de obra não está totalmente vinculada ao autor. O que vai caracterizá-la enquanto tal nasce de outros momentos. Ela em si não sustenta a função autor. Já a escrita, na sua tentativa de ausentar o autor, acaba que reforçando sua presença. Vendo a escrita como algo original, pode-se remeter essa condição como algo sagrado, com um sentido oculto e que se deve interpretar, buscar o que há por trás ou buscar as significações que estão implícitas. Isso sustenta uma escrita para além da vida de quem as escreve, cria-se ou mantém a figura do autor. Mas quais seriam os problemas possíveis do uso do nome do autor? O que seria esse nome e como ele funciona?

Para Foucault (2006c) o nome do autor é um nome próprio, porém com marcações singulares. A ligação do nome próprio com o indivíduo é diferente da ligação do nome do autor com o que ele nomeia. Se por acaso nota-se uma diferença ou uma retificação em algo no indivíduo como, por exemplo, a cidade em que ele morou, isso não provoca modificações no nome próprio, mas se há uma mudança frente a autoria de certa obra, se há uma modificação no nome do autor, isso afetaria o modo como este e sua obra serão vistos dali em diante.

Isso se dá, pois o nome do autor funciona a partir de uma relação com o discurso, ele tem função classificatória. É a partir dele que se pode organizar certos textos, excluir outros, dispô-los de uma maneira ou de outra; é o nome do autor que permite caracterizar um tipo de discurso. Dependendo a quem seja dada a autoria de um determinado texto, isso indicará o *status* que este receberá. É o nome do autor que vai recortar, limitar, singularizar um texto, é ele que vai dizer do seu modo de ser, vai caracterizá-lo. É o que vai permitir a circulação, a existência de determinados discursos na sociedade.

Nesse caso, se num determinado blog que se propõe a escrever artigos de cunho jornalístico ou mesmo acadêmico, se não se conhece o seu autor, aquilo que fora escrito passa a não ter consideração. É preciso que se saiba o nome do autor, para poder legitimar certos discursos. Foucault (2006c) mostra que um discurso portador da função autor permite reconhecer quatro características. A primeira estaria ligada a um regime de propriedade. Segundo Foucault, em um dado momento histórico, a função autor passou a ser exigida nos textos, com o intuito de penalização, caso o que estivesse escrito fosse considerado como blasfêmia, que os discursos fossem transgressores. Com o tempo, com a criação das editoras, das relações autores editores, sobre os direitos da reprodução da obras, para Foucault (2006c, p.275):

[...] é nesse momento em que a possibilidade de transgressão que pertencia ao ato de escrever adquiriu cada vez mais o aspecto de um imperativo próprio da literatura. Como se o autor, a partir do momento em que foi colocado no sistema de propriedade que caracteriza nossa sociedade, compensasse o *status* que ele recebia, re-encontrando assim o velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o perigo de uma escrita na qual, por outro lado, garantir-se-iam os benefícios da propriedade.

A segunda característica coloca a função autor como sendo diferente em cada época. De acordo com Foucault, houve um tempo em que os textos, que hoje teríamos como literários, podiam circular sem nome de autor, que eram aceitos dessa forma. Já textos tidos hoje como científicos, que falassem sobre ciências naturais, por exemplo, exigia-se deles, na Idade Média, a nomeação do autor, como forma de lhes dar credibilidade. Por outro lado, por volta do séc. XVII ou XVIII passou a exigir dos textos literários a nomeação do seu autor, senão cairiam no descrédito e os textos científicos tinham sua confiança garantida não pelo nome de seu autor, senão pela existência de um método. É este que garante ou não sua credibilidade. É a condição de dar a qualquer outro a possibilidade de aplicá-lo novamente e chegar aos mesmos resultados evidenciados no texto científico. O nome do autor não tinha tanta importância, quanto o método, ele desapareceria nesse processo. Poderia ser lembrado apenas para nomear uma fórmula, mas não como condição de crédito ao estudo.

O modo de atribuir a característica da função autor não é algo espontâneo. Não há uma ligação direta de um discurso a um indivíduo. Há preceitos que devem ser respeitados e análises a serem feitas para que se chame alguém de autor. Um processo complexo que vai produzir um ser de razão chamado autor. É a partir de uma análise dos textos que se designa

um indivíduo como sendo um autor, ou seja, o autor é uma projeção advinda de uma análise interpretativa dos textos, das aproximações existentes entre os diversos textos, as possíveis exclusões, continuidades e traços que possam ser estabelecidos entre esses textos, seria dessa forma que se produziria um autor.

A função autor permite a existência de vários egos, variadas posições-sujeitos ocupadas pelo indivíduo que escreve. Os discursos da função autor são povoados por uma pluralidade de egos: é um que fala no prefácio, outro que descreve o trabalho feito, outro que analisa os problemas levantados, etc. (FOUCAULT, 2006c).

O autor não pode está limitado a um livro ou a um texto. Pode-se ver essa função em quadros, músicas, filmes. Para Foucault (2006c), o autor, na ordem do discurso, aquilo que ele escreve, pode ocupar uma posição de transdiscursividade. Aquilo que ele escreve entra num movimento de possibilitar a produção de novas discursividades, ou seja, o que os autores escrevem vai além do que está escrito, no sentido em que permitem novas regras de formação discursiva para outros textos. Isso torna possível a produção de diferenças, abrem espaço para que desses textos possam emergir novos que sejam diferentes deles. O que “deriva” dessas discursividades será diferente delas, ou seja, a instauração discursiva não faz parte de suas transformações ulteriores.

É nesse sentido que o uso do *blog* entra nesse trabalho. Ele seria um espaço destinado aos alunos para escrever sobre os encontros em sala. No entanto, seria mais que isso. Seria o espaço para que eles pudessem se perder daquilo que fora experienciado em sala, pois a escrita no *blog* teria como função a abertura de novas possibilidades de pensar o que fora discutido, experienciado em sala. E o texto produzido seria caminho para a criação de novos entendimentos, ele não diria somente sobre si, mas poderia dizer de outros caminhos. E esses caminhos seriam ditos também a partir dos comentários feito aos textos publicados.

Tendo definido o tipo de uso do *blog* para a disciplina e também para esse trabalho, passo a descrever o processo de criação do *blog* e o que dele resultou. Hoje em dia, existem muitos sites na internet que possuem ferramentas para hospedagem e que permitem a criação de *blogs*. O site que escolhi para o *blog* em questão foi o [www.blogger.com](http://www.blogger.com), pois já possuía cadastro no mesmo, em virtude de já ter me utilizado dele para a hospedagem de um *blog* pessoal. Assim, bastou que eu entrasse no sistema a partir de meu cadastro e senha. Após

acessar minha conta, cliquei na opção *criar um blog*, para daí começar a desenvolver a nova página. Todo o processo é de fácil manuseio, o site já apresenta opções pré-determinadas para montagem da página, mas essas opções têm suas variedades quanto a cor de fundo da página, tipo de letras, etc. Há a possibilidade de que eu mesmo desenvolva toda a página de uma forma independente, depois bastaria que eu utilizasse a ferramenta de importação dessa página criada para o domínio do *Blogger* e daí teria a opção de uma página personalizada. Contudo, como isso exigiria um pouco mais de conhecimento na área de informática, coisa que eu não tenho, resolvi seguir os passos apresentados pela página do *Blogger*.

Continuando, escolhi o modelo da página, então fui jogado para outra página onde deveria escolher o nome para o *blog*. Pensei que nada melhor para o nome do blog que o escolhido para ser tema da disciplina. Dei-lhe o nome de *Psicologia, cinema e história*. Uma inversão do título da disciplina, pelo menos da forma que foi colocada na ementa, porém sem nenhuma intenção além de algo que saiu na hora da configuração do título do *blog*. Depois de definido o título, era preciso definir qual seria o endereço do blog, o que ficou como <http://Psicocinehistoria.blogspot.com> e ele foi descrito como “Um espaço de discussão e produção de sentidos da disciplina *Tópicos Especiais em Psicologia Social e Institucional – UFS*”. Tendo definido modelo, título e o endereço, o *blog* já estava pronto, já poderia ser publicado seu primeiro *post*, caso eu o quisesse. Mas havia outras coisas a serem acertadas para o funcionamento do *blog*. Em conversa prévia com Kleber, tínhamos decidido que o *blog* teria um caráter público, ou seja, estaria aberto às visitas e comentários das postagens de qualquer pessoa que tivesse acesso a internet, porém só poderiam publicar *posts* no *blog* as pessoas que fossem cadastradas por mim, que era o administrador dele. As pessoas cadastradas seriam os alunos da disciplina, mais Kleber, além de mim, claro. Assim, estava o *blog* pronto para ser usado, esperando somente o começo das atividades em classe.

Nesse meio tempo no qual acertávamos qual a função dos filmes e quais seriam exibidos, textos a serem lidos, quais as funções do *blog* na disciplina e como se daria a dinâmica de *posts* nele, tive também que reservar uma sala destinada à exibição dos filmes. Há na Biblioteca Central da UFS (BICEN-UFS), salas de áudio e vídeo, destinadas ao uso de exibição de filmes, equipadas com televisões, aparelhos de DVD e vídeo-tape. Faríamos uso dessas salas para os encontros destinados aos filmes, visto que lá teríamos à nossa disposição todos os recursos necessários para que estes fossem exibidos. Como seria um uso por todo o semestre, vimos como necessário fazer uma reserva prévia de todos os dias nos quais haveria

a exibição de filmes. Então, fui até o setor responsável pelas reservas, apresentei-me como aluno do mestrado, que estaria na condição de professor-estagiário de uma disciplina do curso de Psicologia e que precisaria fazer reservas antecipadas para o uso de uma das salas de áudio e vídeo. O funcionário relutou um pouco em fazer a reserva, pois eu não era o professor responsável pela disciplina, mas depois de um tempo argumentando para que ele, pelo menos, fizesse uma pré-reserva, que dentro de dois dias eu levaria algo como uma circular ou ofício do próprio departamento ou mesmo do núcleo de pós-graduação, para comprovar minha situação, enquanto aluno cumprindo o estágio em docência, o funcionário acabou abrindo uma exceção, a contragosto, como ele próprio apontou, e fez a reserva.

Já estávamos praticamente com tudo encaminhado, filmes, textos, blog e a sala de exibição dos filmes. Agora era aguardar o período de matrículas e posteriormente o início das aulas. E eis que durante a matrícula uma pedra se põe no nosso caminho, algo que mudaria algumas coisas no modo como pensamos toda a disciplina.

#### **4.2 E no Meio do Caminho Tinha uma Pedra...<sup>17</sup>**

Falemos da pedra. Creio que pedras no caminho são coisas que sempre hão de aparecer, por mais que estudemos com cautela o caminho a seguir, que saibamos todos os passos de cor, uma pedra, por minúscula que seja, há de aparecer. E ela nos diz muito mais do que um mero impedimento.

Uma pedra no meio, no começo ou em que parte seja do caminho serve para nos mostrar os outros caminhos possíveis. Muitos podem vê-la como um impedimento, como uma barreira que não nos deixa chegar ao ponto previsto. No entanto, ela pode aparecer como aquilo que nos aponta para algo novo, para uma possível ruptura naquilo que se fazia sólido. Um tropeço numa pedra não nos faz perder o caminho, nos joga em direção a outro, seja ele o chão ou mesmo um tropeço que nos faça caminhar de outra forma, sair “catando ficha”, como se diz popularmente, por pequenos saltos em busca de um equilíbrio, que pode nos mostrar outra forma de seguir. E de quais pedras estaria, eu, aqui falando?

---

<sup>17</sup> Alusão a poesia *No meio do caminho* de Carlos Drummond de Andrade.

Nós estávamos, como fora dito, somente aguardando o processo de matrícula e início das aulas, para começarmos as atividades previstas para a disciplina *Tópicos especiais em Psicologia Social e Institucional*. Contudo, durante os dias de matrícula fui informado por um dos estudantes que pretendia cursar a disciplina e que já sabia que seriam ofertadas somente quinze vagas, que na oferta oficial do Departamento de Administração Acadêmica da UFS (DAA-UFS), a oferta da nossa disciplina aparecia com trinta e cinco vagas. A partir dessa informação, acessei o site do DAA e constatei que a oferta fora mudada. Entrei em contato com Kleber para informá-lo do ocorrido e ver o que poderia ser feito. Porém, vimos que seria impossível algum tipo de ação. Kleber averiguou e descobriu que o motivo da oferta sair, oficialmente, como trinta e cinco vagas deu-se por um equívoco no momento do envio da oferta do Departamento de Psicologia. Não havia como barrarmos o processo de matrícula, mudar o número de vagas. Quando descobrimos esse equívoco, já havia cerca de uns vinte e cinco estudantes com pedido de matrícula. Seria inviável tentarmos manter o número que prevíamos. Já tinha fugido a nosso controle. O que teríamos a fazer era pensar se sustentaríamos aquilo que pensamos para a disciplina ou se mudaríamos nossas estratégias. Uma nova situação emergia. O que exigiria uma nova forma de pensar a disciplina. Quais poderiam ser os possíveis efeitos dessa mudança?

Quando estávamos na fase de pensar a disciplina, o número de vagas a ser ofertada era algo que tinha um valor significativo em nossas avaliações. Isso tinha uma grande importância, visto que uma das principais intenções com a disciplina era possibilitar que seu espaço favorecesse uma maior fluidez, dinâmica e transversalidade entre as discussões que se sucedessem. Quinze alunos, mais dois professores nos pareciam um número satisfatório para o que almejávamos. Um número que fosse maior do que esse seria mais complicado para trabalhar da forma que queríamos. Uma sala muito cheia desfavorece a uma atenção naquilo que se teria como proposta. Por mais que dispersões pudessem apontar para outros caminhos, para as brechas nas discussões, para que isso ocorresse era necessário que tivéssemos uma visão disso que se desprendia, era necessário enxergar a rachadura. Numa sala com trinta e cinco alunos, perceber essas dispersões como outros caminhos possíveis seria complicado, pois para ter essa visão seria preciso um olhar atencioso sobre aquilo que nos parece estranho. O que se tornaria complicado numa sala muito cheia.

Mas é claro que essa previsão poderia não se confirmar. Poderíamos ter uma sala cheia e mesmo assim as coisas fluírem dentro do desejado. Não havia como ter certeza, só poderia

especular. Contudo precisávamos pensar nos efeitos dessa mudança sobre as coisas que tínhamos acertados. O *blog*, por exemplo, estava certo que para cada encontro teríamos dois alunos responsáveis por postar algum texto. Dentro de nosso cronograma, teríamos oito encontros dedicados aos filmes, mais três para os textos, e destes encontros é que sairiam as ideias para o que seria escrito. Nisso, dos onze encontros, teríamos no mínimo vinte e dois *posts*, tendo o número desejado. Para que todos os alunos pudessem escrever no blog, tínhamos como ideia que alguns alunos escreveriam *posts* a partir de algum dos textos complementares da referência bibliográfica posta na ementa. Desse modo todos os alunos postariam seus textos no blog e assim garantiriam o requisito básico para a avaliação da disciplina.

Numa sala com cerca de trinta alunos – número aproximado das solicitações de matrícula para essa disciplina que constavam no site do DAA – em onze encontros teríamos os mesmos vinte e dois *posts* e ainda faltariam cerca de oito alunos para escrever. A princípio mantivemos a mesma estratégia de uso dos textos complementares, mas com um adendo: aquele aluno que quisesse escrever, mesmo não estando entre os dois escolhidos, poderia fazê-lo. Queríamos uma periodicidade de escrita no blog, dois *posts* por semana, no entanto, não impediríamos, em nenhum momento, aqueles que quisessem escrever. Até mesmo a pessoa que já tivesse escrito algo, poderia escrever novamente.

Vimos que não havia muito a fazer. Não tínhamos como reduzir o número de vagas, pois já estava no sistema do DAA e seria muito complicado de modificar isso. Não tínhamos como pedir aos alunos que se matricularam, para retirar o pedido de solicitação da disciplina para que atingíssemos o número outrora pensado. Nada mais a fazer, o que nos restava era esperar o início das aulas, apresentar aos alunos a nossa proposta para a disciplina e ver como isso iria funcionar, ver que outros lugares essas pedras nos apontariam.

## 5 RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

No dia 22 de setembro de 2008 foi quando tivemos o nosso primeiro dia de aula. Numa sala repleta de estudantes, passava-me pela cabeça o que muitos esperavam dos encontros porvir. Entre alguns deles, já tinha uma ideia do que o fizeram se matricular e o que esperavam, visto que no meio de uma turma de trinta alunos, tinham alguns com os quais desenvolvi uma boa e forte amizade durante os anos da graduação e com os quais já havia discutido coisas referentes aos caminhos pensados para a disciplina. Todos devidamente acomodados nas cadeiras, costumeiramente, enfileiradas, Kleber e eu sentados próximos a uma mesinha, tendo um olhar panorâmico sobre a turma. A primeira impressão, uma típica sala de aula existente em muitas instituições de ensino. Mas o que tinha a propor para turma tinha algo que desejava mexer com essa questão típica de uma sala de aula.

Fiz a distribuição da ementa da disciplina, fiz uma breve leitura desta em voz alta, depois passei a explicar que essa disciplina teria um caráter diferente das outras, institucionalmente falando, pois uma das primeiras coisas para marcar isso é que não faríamos chamadas. Não iríamos regular a presença dos alunos nos encontros, iria quem quisesse. Segundo ponto é que teríamos uma frequência bem demarcada para os encontros: dois encontros dedicados aos filmes e discussões provocadas por eles e um terceiro encontro para um texto. Dois filmes, um texto. A disciplina teria apenas três textos e oito filmes e para cada um desses encontros dois alunos ficariam responsáveis por escrever, cada um, um texto no blog da disciplina, onde os outros alunos também teriam a oportunidade de tecer comentários sobre os textos escritos. Outra coisa destacada era que não teríamos avaliação por meio de provas, trabalhos ou seminários. A aprovação na disciplina estaria sujeita a produção textual no blog, com no mínimo um texto postado. Antes de prosseguir falando sobre a proposta da disciplina, perguntei a todos o que os levaram a se matricular na disciplina e quais eram as expectativas com ela.

Sem que precisasse apontar o dedo para alguém, eles começam a falar. Entre muitas exposições sobre o que os levaram a se matricular destaco uma que se tornou frequente nas bocas dos que falavam: o que lhes atraíram fora o tema da disciplina. Uma disciplina que tinha em sua ementa um tema como *Cinema, história e Psicologia* foi vista como algo inovador, algo diferente a outras ofertas de disciplinas optativas feitas pelo departamento de Psicologia. “*Uma disciplina de ver filme? Obaaa!!*” Essa parecia ser a sensação que tomava

conta daqueles que falavam. Mas o desejo pela disciplina não pairava só no tema. Muitos afirmaram que seria uma disciplina diferente, pois não teria a mesma carga de textos que as outras. Eles colocavam que a maioria das disciplinas que faziam tinha muitos textos, que eram cansativas e que esta seria muito mais confortável, pois teriam apenas três textos e o resto seria ver filmes e falar sobre eles. E esta última razão também se destacou, pois muitos comentaram que há tempos não tinham a oportunidade de ver filmes e logo após ter com quem conversar sobre eles. Outros estudantes disseram que a disciplina caíra como uma boa oportunidade de conseguir um crédito fácil, pois eles estavam cursando o último período antes de concluírem a graduação. Precisavam cumprir créditos optativos e tinham também que dar conta de dois estágios curriculares, um em clínica e outro institucional, como também finalizar o trabalho monográfico. Então, eles diziam que a disciplina, além do atrativo e da diferença de outras disciplinas – ver filmes, carga pequena de textos, etc. – seria uma forma de cumprirem os créditos optativos que faltavam sem uma sobrecarga a mais do que já tinham. As razões giravam em torno dessas questões: uma disciplina diferente; não teriam muitos textos; possibilidade de ver filmes e conversas provocadas por eles; e no final das contas tratava-se de um *crédito fácil*.

Passei então a falar que nossa proposta era criar um espaço muito diferente do que se tinha habitualmente na universidade. Um espaço de sala de aula onde o professor era aquele que falava, explicava e os alunos escutariam, anotariam o que fora ouvido e tirariam suas dúvidas quando necessário, ou seja, o professor como aquele que tem o saber a passar e os alunos como os que ouviriam o sábio, para com ele aprender. Professor emissor da verdade, aluno receptor. Não queríamos reproduzir essa lógica. Estávamos propondo a criação de um espaço onde as discussões pudessem tomar um aspecto coletivo. E aqui, coletivo entendido como:

um movimento em que se permita alguma coexistência de forças distintas, em que elas não concorram para eliminação da outra ou da vida de ambas. Movimentos que se compõem por tentativas de outros movimentos, que resistam naquilo que lhes enseja, àquilo que marca padrões ou tentativas de identificações plenas. (LOPES, 2006, p. 174).

Falava-se da criação de plano coletivo de forças, onde dois planos estariam em constante relação. O plano das formas ou daquilo que já está estabelecido ou instituído e um plano de forças onde atuariam as forças singulares, que estão alheias a qualquer tipo de

ordenação prévia (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009). Ou seja, pensávamos esse espaço coletivo como um espaço onde os processos de criação seriam potencializados.

Para que esse espaço coletivo pudesse ganhar força, era preciso uma disposição em criar novas formas de ocupar os espaços de uma sala de aula, isto é, era preciso que houvesse uma implicação<sup>18</sup> naquilo que se propunha, era preciso pensar um modo diferente de se estar em uma sala de aula, em conduzir aquela disciplina optativa. Então, comecei a pontuar sobre essas questões, levantando problematizações referentes ao modo que propúnhamos, o qual se desviava de muitas normas institucionais e que isso não seria fácil de manter, uma vez que essas normas, essas coisas já institucionalizadas (chamadas; avaliação; professor fala, aluno ouve; entre outras) a todo o momento tentariam se fazer presentes. Mudar um modo ao qual estávamos acostumados, ao qual estávamos enraizados, não era tarefa das mais fáceis. Isso demandaria da gente uma constante análise das posições que deveríamos tomar, onde pisar ou não. Isso geraria desconfortos, que muitas vezes, não estamos dispostos a enfrentar. É mais cômodo, como cantava Raul Seixas (1973), sentar-se no trono de nosso apartamento e esperar a morte chegar, que se levantar e sair e dar à cara a tapa para o que a vida nos traz. Com isso sinalizava que era preciso a necessidade por não apenas querer ter uma disciplina diferente das outras, mas era preciso fazê-la diferente, produzir essas diferenças. Mas cabe aqui pensar um pouco melhor sobre as questões referentes às motivações dos estudantes com a disciplina.

Veza ou outra, em conversas entre amigos do meio acadêmico entrávamos em uma discussão sobre a falta de interesse que toma conta da universidade, nos dia de hoje. Muitos citam exemplos de que as aulas são muito monótonas, que não agüentam mais o modelo *professor fala, aluno escuta*, onde quase não há discussão e quando alguém se destaca por fazer perguntas, por levantar problematizações que tendem a desencaminhar aquilo que vinha sendo passado pelo professor, outros fazem cara feia, como se a conversa tivesse ido longe demais, que dever-se-ia ater-se ao que o professor ou o assunto enuncia. Outras queixas dizem que a maioria dos estudantes vai para sala sem ler o material disponibilizado pelo professor como sendo aquele que irá nortear ou mesmo provocar a discussão em sala. Ou mesmo

---

<sup>18</sup> Refiro-me aqui a noção de análise de implicações em René Lourau, que afirmava que análise de nossas implicações seria a análise dos “lugares” que ocupamos, o que está em jogo nesses lugares. Contrário a uma ideia de neutralidade nas pesquisas científicas, Lourau não isola o ato de pesquisar e o momento em que esta acontece, ou seja, é preciso estar atento ao conjunto de condições que permitem uma determinada pesquisa se desenrolarem. Lourau, R. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

queixas sobre turmas onde não se ouve uma palavra sequer. Os ruídos emitidos saem da boca do professor e do rabiscar dos lápis ou das canetas.

Se alguém começa a questionar essa apatia, seja professor ou aluno, muito do que se fala para justificar é que os textos são chatos, são complicados e muito grandes. Não houve tempo para ler, porque as pessoas não têm somente aquela disciplina e que as outras também exigem muito deles. Então sugestões das mais diversas começam a aparecer, onde dizem que os professores deveriam usar de outras metodologias para que a aula torne-se mais dinâmica, interessante. Os textos não seriam o único caminho, poderiam ser usados filmes, atividades extra-sala, dinâmicas de grupo, etc. Já ouvi de alguns colegas e amigos de curso que um tipo de coisa que se tornou comum entre os estudantes do curso de Psicologia, quando querem justificar falta de interesse em determinados textos ou discussões, eles dizem que não conseguem entender ou mesmo não gostam de ler texto desses autores “pós-modernos”. Os pós-modernos que eles citam seriam autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze ou autores que criticam, criticam, mas não sugerem nada para por no local.

Bom, falo disso para marcar um ponto bem interessante ao que se diz da vida universitária, nos últimos tempos. Vejo uma mudança considerável que aconteceu nos últimos anos. Entrei na universidade no ano de 2001 e me formei no começo de 2007. Esse período da minha graduação o Departamento de Psicologia passava por um momento bem diferente do que tínhamos quando a disciplina ocorria. Muito dos professores efetivos da casa estavam fora da universidade fazendo seus doutorados, isso causava uma defasagem no quadro de professores, o que era suprido com a contratação de professores substitutos. Metade da minha graduação e daqueles que estavam no curso nessa época passou por essa situação, tínhamos muitos professores substitutos em disciplinas obrigatórias, muita das vezes professores que nem eram familiares aos temas dessas disciplinas, mas tinham que tapar um buraco e por outras questões eram colocados para nos dar aula. Tivemos alguns percalços quanto a isso, o que nos levou a algumas reivindicações frente ao departamento e colegiado do curso, para que tomassem algumas providências em relação a professor que não cumpria o contrato ou mesmo que tinha caído de pára-quadras em determinada disciplina e não sabia o que fazer. Brigávamos por melhores professores e ao mesmo tempo corríamos atrás de suprir o déficit daquilo que deveríamos estar estudando.

Ao mesmo tempo, a UFS tinha uma movimentação política estudantil muito fervilhante, afinal estávamos em um período de transição de governos nacionais, saía um governo explicitamente neoliberal e entrava um que assumia, no imaginário popular, posturas esquerdistas. Vínhamos de um período de defasagens em investimentos em educação pública superior, o que exigia uma constante cobrança a nível local e nacional, e entrávamos em um período que supúnhamos as coisas iriam melhorar, propostas de melhorias seriam ouvidas pelas instâncias do governo, novos investimentos para a educação, etc. No que tange ao movimento estudantil do curso de Psicologia, também estávamos em um momento de ampla ocupação dos espaços a nós destinados. Fiz parte por um bom tempo do DIAPSI (Diretório Acadêmico de Psicologia), nessa época estávamos de uma forma constante nas reuniões do Departamento e do Colegiado do curso, atuávamos frente aos estudantes, organizando eventos, distribuindo jornais, etc. E tivemos a oportunidade de organizar um encontro nacional de estudante de Psicologia na UFS. Sendo isso algo bem marcante para universidade, visto que há uns cinco anos que não era mais permitido o uso do espaço da universidade para encontros estudantis. Além que havia uns quatro anos que não acontecia um encontro de estudantes de Psicologia. Isso fez com que outros encontros, de outros cursos pudessem acontecer na universidade dali em diante.

Bom, por que trago essas coisas aqui para esse trabalho? Gostaria de marcar diferenças entre o modo como as coisas se davam em um determinado momento e outro. Não querendo dizer que no tempo em que fazia parte da graduação as coisas eram melhores, só porque estávamos sempre “na luta”. Não seria algo nostálgico, mas para marcar modos diferentes de ocupar os espaços acadêmicos. A UFS, em 2008, passa por outro momento. O Departamento de Psicologia composto por um amplo quadro de professores, dos mais diversos campos de saber. Muito do que se reclamava referente à falta de investimentos, hoje está diferente. Vemos serem lançados programas e mais programas de investimentos seja na esfera pública de ensino, seja na privada. Porém esses investimentos vêm com contrapartidas que mexem com o modo de funcionamento das universidades, desde questões estruturais até no que se refere às questões político-pedagógicas dos cursos. A universidade tendo que ampliar suas vagas, fazer com que mais pessoas tenham acesso ao ensino superior, da forma que for preciso, mesmo se nas questões estruturais não se consiga abarcar o número de estudantes que entram por ano. Ou seja, os investimentos que vêm, estão sujeitos a metas que a universidade deve cumprir, não importa como. Cumpriu a meta, ganhou o dinheiro.

Vamos a um exemplo. Há três ou quatro anos os horários das aulas na UFS sofreram uma mudança radical, a partir da portaria nº 1024 de 2006<sup>19</sup> da reitoria. As aulas obedeceriam a esses horários: 7h às 9h; 9h às 11h; 11h às 13h; 13h às 15h; 15h às 17h; 17h às 19h; 19h às 21h; e 21h às 23h. Antes da mudança as aulas variavam. Havia aulas das 7h às 9h, por exemplo. Mas a maioria estava nos seguintes horários: 8h às 10h; 10h às 12h; 14h às 16h; 16h às 18h; 19h às 21h; e 21h às 23h. Um dos pontos diferenciais está nos horários que dizem respeito à hora do almoço e do jantar. Havia um intervalo destinado a esses horários, ou seja, os estudantes poderiam almoçar tranquilamente a partir do meio-dia e ter um bom intervalo até a próxima aula, que só seria às 14h. O mesmo no horário dedicado ao jantar. Com o novo horário instituído, esse intervalo foi suprimido, fazendo com que os estudantes não tivessem tempo para almoçar e logo após ter um tempinho para um descanso. Se por acaso tivesse aulas nos horários de 11h e 13h, o tempo para o almoço seria em torno de quinze minutos, além do que, com esses horários espremidos o aluno estaria mais tempo em sala de aula que fora. Segundo informativos que circulavam pela UFS essa mudança de horários visava uma otimização dos espaços da universidade, seria a forma de que espaços tidos como ociosos fossem ocupados. Assim queriam garantir que todas as salas fossem ocupadas dentro de um padrão que permitisse acomodar o novo contingente de estudantes, em relação ao espaço físico do campus, que passaram a fazer parte do corpo estudantil da universidade.

Bom, como disse, trago essas questões para marcar uma diferença percebida no modo como as coisas se passam pelo meio da UFS. Antes tínhamos um tempo mais flexível, o que nos permitia um trânsito nos espaços fora da sala. Os horários espremidos fazem a universidade reduzir-se ou querer reduzir-se aos espaços de sala de aula. Horários destinados a bons dedos de prosa, ou dedicados a uma boa cesta pós-almoço ou mesmo horários que permitissem reuniões estudantis, para discutir políticas dos seus respectivos cursos ou mesmo da própria UFS, esses teriam que ser posto para depois das tarefas escolares/universitária. O espaço da universidade, mesmo em sua amplitude, em termos físicos, estava restrito a uma única atividade, que seria: assistir às aulas. Farei aqui um paralelo com uma questão levantada por Richard Sennett em seu livro *Carne e Pedra (2006)*, no qual ele empreende a escrever uma história das cidades através da experiência corporal do povo: de que forma se moviam, viam, sentiam os odores, se relacionavam, etc., e quais as relações disso com o que se tinha como modelos de arquitetura e urbanismo, das cidades ocidentais.

---

<sup>19</sup> A portaria pode ser encontrada na íntegra nesse *link*: <http://www.ufs.br/arquivos/11649137200969.pdf>

Sennett (2006) ao falar sobre o período que ocorreu a revolução francesa e seus desdobramentos destaca a liberdade individual, como um dos princípios da revolução. Com a revolução, passam a ser criados espaços nas cidades, destinados ao exercício da liberdade por parte dos cidadãos livres. Paris passa por um processo de reconstrução, onde são criados grandes espaços abertos onde os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade fossem vivenciadas. Criaram-se áreas vazias, extensões livres de obstáculos que permitissem o movimento e a visão. Era a garantia iluminista do direito de ir e vir (Sennett, 2006).

Essa liberdade proporcionada nos campos abertos também favorecia a máxima vigilância do Estado sobre a multidão. Esses novos espaços de liberdade pacificaram as massas (SENNETT, 2006). Os espaços destinados às execuções por guilhotina dos condenados demonstram bem isso. No antigo regime os rituais de execução tinham a participação ativa tanto do carrasco, quanto da população que assistia. Nesta época o carrasco sempre buscava surpreender o público com novos truques para a tortura. Já o público poderia até interferir no ritual, caso percebesse que o carrasco não o executasse de forma correta. Ainda nesses rituais, esperava-se do acometido confissões de seus pecados, para que fosse perdoado antes da morte, com o intuito que sua alma não fosse para o inferno. Era-lhe dado o direito ao perdão. Já nas execuções francesas do final do sec. XVIII, tanto o carrasco, como o povo e mesmo o condenado, tinham papéis bem passivos. O carrasco somente liberava a lâmina que cortaria a cabeça do condenado, este esperava a morte, calado; enquanto o público apenas assistia. Com exceção do trajeto que o condenado percorria até a guilhotina, no qual a população poderia dirigir-lhe impropérios ou palavras de encorajamento, mas tudo isso mudava quando se chegava ao espaço público destinado às execuções, “ali, o corpo do condenado ingressava num espaço livre de obstáculos, vazio” (SENNETT, 2006, p. 246).

Esses grandes espaços também quebravam o contato visual e visceral da massa com os condenados. Por serem espaços amplos e ocupados por muita gente, existiam aqueles que nem sequer viam nada. Muitas das vezes o espaço destinado à lâmina estava envolto por um grande número de soldados, postos ali para evitar esse contato entre a população e o condenado. Assim, além do espaço ser amplo, ter muita gente, a distância entre a população e o ato também era barrada pela camada de soldados. Não se via, não se ouvia, apenas se sabia do ocorrido. Existia o espaço, ele era ocupado, porém a participação daqueles que ocupavam restringia-se a esperar o final das execuções e depois iam embora.

Já no final do século XIX e começo do século XX o que se vê são cidades onde seus espaços passam a ser destinados aos veículos de locomoção. Nessa época existiam pouquíssimos carros automotivos, mas as cidades estavam sendo projetadas para a livre circulação dos veículos puxados por animais, como as carruagens e àqueles que circulavam a cavalo. As cidades do séc. XIX eram planejadas para permitir a livre circulação dos corpos individuais e desencorajava o contato entre estes, por conseguinte, os movimentos populacionais organizados. Corpos que transitam desligados do que está a sua volta, por onde estão passando, “vidas isoladas e mutuamente indiferentes garantem um equilíbrio social infeliz.” (SENNETT, 2006, p. 264). No início do séc. XX o que se percebe é que os corpos se movimentam por espaços cada vez mais velozes, com o mínimo ou nenhum esforço. A livre circulação dependia da não existência de obstáculos, de empecilhos. As coisas que não permitissem uma boa circulação dos veículos, que não lhes garantissem eficiência em ir de um lugar a outro no menor tempo possível, deveriam ser expurgadas do caminho.

Nesse mesmo sentido, poderíamos dizer que obstáculos existiam no caminho de uma política de otimização da Universidade Federal de Sergipe, que visa, entre outras coisas, formar maior número de pessoas em um menor tempo possível, a garantia do cumprimento dessas metas de crescimento, digamos, quantitativo e conseqüentemente, do recebimento dos investimentos, dependiam da superação desses obstáculos<sup>20</sup>. Então uma nova política foi implementada na universidade com vista a retirar esses obstáculos do caminho. Com essa nova política, vê-se também ganhar forma e consistência um modo específico de relações com a vida acadêmica.

Se antes ao falar de vida acadêmica incluíamos questões como ocupação dos espaços destinados à produção de políticas que norteariam as questões universitárias, a organização de festas, as conversas de corredor, o momento destinado ao descanso pós-almoço e até mesmo a ida ao bar da Vera<sup>21</sup>, além, claro, das idas e participações ou não nas salas de aula, parece que, hoje em dia, o que mais se prega é aquilo que se dá em sala de aula. Uma formação universitária resumida ou restringida às horas-aula. Aluno bom é aquele que se

---

<sup>20</sup> Essa política de otimização está vinculada à regulamentação do plano de Reestruturação e Expansão da Universidade Federal de Sergipe – REUNI-UFS, que consta na resolução nº 21/2009/CONEPE. Podendo ser visualizada em <http://www.daa.ufs.br/textos/0212009%20-%20Regulamenta%C3%A7%C3%A3o%20Reuni.pdf>

<sup>21</sup> Bar muito freqüentado pelos estudantes UFS e que se localiza na parte externa do campus universitário da UFS, no bairro Rosa Elze, da cidade de São Cristóvão.

forma no tempo mínimo estipulado pela universidade, por exemplo, aluno bom de Psicologia é aquele que se forma em cinco anos. Dentro dessa lógica é de se esperar que muitos dos alunos tragam o cansaço como algo freqüente em suas vidas, afinal de contas enfrentar uma maratona de aulas que possam acontecer das nove da manhã, até as três da tarde, cada uma com textos de dez a vinte páginas, em aulas onde somente os professores são os detentores das palavras e isso acontecendo de uma forma ininterrupta é algo para fazer qualquer um perder o fôlego, afinal vivemos em tempos onde cada vez mais exige-se velocidade no que fazemos. Uma época onde a velocidade ganha sentido de eficácia (SANT'ANNA, 2005), ou seja, ser veloz, conseguir dar conta das exigências do dia-a-dia, alcançar uma perfeição no cumprimento de metas, é visto como sinônimo de eficácia. Com isso, ter ouvido de muitos que eles se matricularam em virtude de uma carga reduzida de textos, onde poderiam assistir aos filmes e ao mesmo tempo ter uma conversa de uma forma mais leve, livre e solta é algo que nos faz pensar sobre as questões político-pedagógicas que atravessavam a disciplina *Tópicos especiais em Psicologia social e institucional*.

Mas é bom deixar claro que nem tudo que acontece na universidade, apesar das políticas implementadas, está restrito a sala de aula. Há sim outros movimentos. Mesmo com toda a política do aceleração kubitschekeano<sup>22</sup>, alguns respiram e não só no sentido fisiológico. Há movimentos estudantis organizados de uma forma horizontalizada, sem uma vinculação institucional a exemplos dos diretórios ou centros acadêmicos, que intentam bater de frente com essas novas políticas; outros movimentos como ocupação de espaços da universidade para produção de hortas orgânicas, com o intuito de produzir alimentos de outra forma que não a partir de uso de agrotóxicos; cineclubes; grupos de estudos os mais diversos; etc.; movimentos que propõem novos modos de vida acadêmica em relação a que se quer hegemônica. É essa paisagem que vemos atravessar a vida dessa disciplina optativa que queremos relatar. É pelo olhar dessa paisagem, dos seus atravessamentos na vida da disciplina, dos dispositivos criados para esta, que podemos falar sobre que tipo de movimentos tivemos, para onde eles apontam e o que eles querem afirmar ou re-afirmar. Foram movimentos confortavelmente entorpecidos ou tratou-se de movimentos de transformação?

---

<sup>22</sup> Analogia ao programa criado pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek, que governou o Brasil entre os anos de 1956 e 1961. Kubitschek tinha como lema de seu mandato *Cinqüenta anos em cinco*. Ele queria provocar o desenvolvimento do país de uma forma exorbitante durante os cinco anos de seu governo. Destaque para a construção da cidade de Brasília, obra executada em quarenta e um meses, tempo recorde para por uma cidade toda em pé. Retirado de <http://www.memorialjk.com.br/index.html> em 10 de maio de 2010.

## 5.1 Um Intenso Começo

A disciplina começa com forças que esperavam por um espaço mais leve e descontraído, onde discussões sobre filmes pudessem ocorrer. No nosso primeiro encontro, depois da aula de apresentação, assistimos ao filme *Elefante* (*Elephant*, Gus Van Sant, 2003). Encontro com sala cheia, todos os estudantes presentes. Ao final do filme, começam a surgir os primeiros comentários sobre a película. Muitos apontavam para o modo como se desenrolavam as cenas, onde o tempo para o desenrolar dos fatos era muito extenso, em comparação com os filmes que mais se destacam nas grandes salas de cinema frequentadas pelos estudantes. Falou-se sobre um plano de filmagem onde se buscava abarcar a paisagem de uma forma bem ampla, se a cena mostrava o corredor, mostrava-o em sua extensão tanto em largura quanto em comprimento e profundidade. Se era o campo de futebol, exibia-o de uma forma a pegá-lo como um todo, enquanto os estudantes que estavam nele, desenvolvendo atividades esportivas, não passavam de meros componentes daquela paisagem, que era o campo de futebol. O modo de montagem das cenas do filme foi um dos aspectos que povoaram as discussões em sala.

Outro aspecto dizia do modo como o diretor contou a história do filme. O filme traz em seu enredo um dia de uma escola de nível médio dos Estados Unidos, em comparação com o nível educacional brasileiro. Um típico dia em uma escola, onde os alunos frequentam as salas de aula, participam de atividades físicas, grupos de discussão, têm conversas ao corredor e almoçam no refeitório da escola. Porém essa previsível rotina é quebrada quando dois dos seus estudantes entram na escola portando diversas armas, entre pistolas e metralhadoras, e saem atirando em quem vêm pela frente, fazendo uma espécie de tiro ao alvo. Mas para contar a história desse dia, Van Sant resolve fazê-la pela perspectiva de três diferentes estudantes. A partir da rotina desses três, o diretor demonstra o dia daquela escola, como cada um desses estudantes se insere naquele espaço e como se dá para cada um o momento do desfecho do massacre ocorrido.

Esse modo diferenciado de se contar histórias que se cruzam frente a um mesmo desfecho e o modo de montagem dessas cenas foram o que chamaram atenção em um primeiro momento, nas discussões. O que se falava era que no cinema convencional, o que mais toma conta das telinhas de projeção, nas grandes redes de exibição de filmes, são cenas

muito rápidas, onde certas situações eram mostradas em poucos segundos, os jogos de câmera tendiam a acompanhar essa rapidez das cenas. Filmes rotulados no gênero ação têm esse tipo de características: lutas entre as personagens, onde temos a impressão que a câmera fora colocada junto ao corpo dos lutadores o que faz com as imagens vistas sejam muito imperceptíveis, porém os sons emitidos são dotados de uma grande amplitude, no qual nos dão a impressão de quão violentas são essas lutas. Imagens sobre a hegemonia dos sons, estes capturam outras séries de imagens e passam a dizer o que deve nos interessar no que se passa, uma forma de ditar aquilo que mais interessa à nossa percepção (DELEUZE, 2004). Seria a ditadura da imagem sobre a percepção como aponta Virilio (2005), onde a imagem que nos é passada, já vem carregada de significados prévios, não haveria a possibilidade de vê-la ou percebê-la de outro modo que não o que se quer que se veja, nesse caso, ouça.

De uma discussão sobre como fora montado *Elefante*, entramos numa discussão sobre questões referentes ao modo como estamos habituados com o modelo de filmes *hollywoodianos*, onde as cenas são montadas dentro de tempo bem veloz, onde pouco se vê, mas muito se ouve; outro ponto destacado é que esse modelo de filmes traz uma característica frente à forma como é escrito seu roteiro: filmes que apresentam um roteiro cronológico, com começo, meio e fim; em seu desenvolvimento as coisas são bem explicadas e o final seria o momento de desvelamento de certas verdades que faltavam para uma melhor compreensão do filme. Em *Elefante*, o que se vê é que a história do filme é contada em três perspectivas diferenciadas, onde vidas se cruzam e cada uma obedece não uma ordem seqüencial das cenas, mas momentos diferentes do dia em que ocorre o massacre dos estudantes. E no final do filme não vemos uma explicação lógica sobre o que levou aos dois garotos entrarem armados e matarem quem vissem pela frente. Uma grande incógnita faz parte do filme *Elefante* e que tomou conta das discussões em sala. O que levou os dois adolescentes a fazer o que fizeram? Essas informações não estavam explícitas nem no começo, nem no meio ou mesmo no final do filme – se é que podemos fazer esse tipo de divisão em *Elefante*. Essa pergunta levaria a outra: o que então queria o diretor e roteirista, Gus Van Sant, mostrar com esse filme? O que significava o nome dado ao filme, *Elefante*?

Esses questionamentos começaram a povoar as discussões em sala e muitas opiniões começaram a aparecer. Nesse primeiro encontro houve uma participação considerável dos alunos da disciplina, muitos tinham o que falar sobre o que viram, sentiram e pensaram sobre *Elefante* e o que mais ele podia provocar. Mas a discussão não ficou restrita ao estilo

empreendido pelo diretor do filme ou mesmo pela falta de uma razão ou razões mais explícitas ou mesmo implícitas sobre o que levava os dois jovens a cometerem aqueles assassinatos. Dentro dessas indagações, o papo passou a tratar sobre o modo como se é sempre passado em filmes norte-americanos sobre as relações existentes entre os jovens das escolas daquele país. A maioria dos filmes mostra que as escolas são demarcadas por diferentes grupos, os quais a depender dos espaços que ocupem, têm diferentes status na vida escolar. Existem os atletas de times oficiais da escola, que são os que mais se destacam, juntamente com as garotas que fazem parte da torcida oficial dos times, estes dois são vistos como os mais populares das escolas e que podem fazer o que quiserem; existem, por outro lado, os estudantes tidos como os *nerds*, os que são muito tímidos, porém visto como os mais inteligentes, que são alvo de chacotas por parte dos atletas ou das líderes de torcida e sempre estão se escondendo, para não sofrerem as humilhações aos quais são, constantemente, submetidos (roubo de lanches, agressões físicas ou Psicológicas, etc.); há também outros grupos, que não apresentam muito problemas com os ditos populares e nem importunam os *nerds*.

Dessa ideia típica, freqüentemente, retratada por esses filmes norte-americanos, a discussão tomou um rumo onde pensamos sobre essas questões referentes aos diferentes grupos existentes naquela escola e se nisso teria alguma razão para o que aconteceu. Os dois garotos que deram os disparos, foram retratados como garotos que tinham um comportamento bem diferente, eram muito calados, não interagiam muito com as pessoas da escola. Mas os dois cultivavam uma amizade, onde freqüentavam as casas de um e de outro, tinham passatempos como jogar vídeo-game, assistir televisão, colecionar diversos tipos de armas e usá-las para a prática de tiro ao alvo, na garagem de suas residências. Nesses seus encontros constantes eles começam a arquitetar tudo o que fariam no dia do massacre. Cada passo é pensado pelos dois, tudo dentro de uma estratégia onde seus objetivos fossem cumpridos. Mas mesmo assim nada nos mostra o por quê de eles entrarem armados na escola e matarem quem cruzassem seu caminho. Nisso, novas indagações surgiram, em meio à discussão, e levantavam a necessidade ou não de haver pontos explicativos no filme. O que serviria como ponto de explicação, como acesso à verdade? Informações sobre a infância dos dois jovens? Como se davam suas relações familiares? Questões como essas tomaram corpo nas conversas em sala.

Como os encontros em sala tinham um tempo para ocorrer, a discussão teve que ser suspensa, devido ao horário. No entanto, não fora interrompida totalmente. Dois alunos ficaram responsáveis por levá-la, da forma que achavam mais pertinentes, para o blog da disciplina. Seria o primeiro momento no qual o blog seria utilizado como um espaço outro da disciplina, não tinha noção de como se dariam as conversas por ali e como seria a participação dos estudantes por lá. Os dois primeiros *posts* traziam questões diferentes sobre as discussões em sala. Um dos *posts* levantava pontos sobre a falta de explicação no filme, a necessidade desta e o que nos leva a exigir sempre uma explicação das coisas que se passam em nosso cotidiano. Em vez de buscar explicações que desvelassem os “motivos reais” sobre o ocorrido, Marcel, apresenta algumas indagações sobre que forças poderiam atravessar aquela paisagem escolar e como nisso se inseriam as ações dos dois estudantes ou até mesmo como nesse tipo de paisagem poderíamos pensar coisas relacionadas ao nosso dia-a-dia, onde fatos como os do filme poderiam tomar corpo.

A escola com seus extensos e alargados corredores, com suas inúmeras portas e saídas talvez tenha a intenção de retratar a imensidão do mundo ou o fato de que acontecimentos como aquele podem ocorrer em qualquer lugar a qualquer momento. O que acontece é que estamos tão focados nos nossos afazeres, na correria do dia-a-dia que acabamos passando batido pelos outros (seus problemas e sentimentos) e por nós mesmos (não nos vemos mais). Os espaços internos da escola parecem não estar interligados: como se estivessem todos ali e, ao mesmo tempo, não estivessem. Será que estes espaços da escola não poderiam ser análogos a muitas das nossas relações cotidianas? Até que ponto está nossa afetação e ligação com o outro?

Nesse paralelo traçado entre a escola e o mundo lá fora, fiquei me questionando se as tantas portas da escola não se encaixariam na condição de refúgios ou válvulas de escape – como a menina que usava calças na ginástica agiu para escapar de uma das aulas; ou ainda, como bem mencionado na discussão, é o que fazemos quando perguntamos a alguém – ‘E aí tudo bem?’ E, ao ouvirmos um não, respondemos – ‘Caramba, estou atrasado!’ [...] Por fim, questionamos se o comportamento dos meninos foi de fato motivado por um quê a mais de afetação, por se sentirem não aceitos no ambiente escolar, e por se identificarem com os personagens do videogame. Mas a menina que usava calças nas aulas de ginástica, ela também na teria motivos suficientes para se sentir incomodada com os colegas de escola? Para entendermos o filme, seria necessário nos identificar com algum personagem ou procurar nos ver incomodados como eles? Muito francamente, só consigo me identificar com os que correram; mas, de repente, pode ter alguém com tendência suicida, feito o personagem de camiseta amarela que desfila pelos corredores da escola no momento em que estão ocorrendo os assassinatos<sup>23</sup>.

Postado por Marcel Maia às [01:48](#)

---

<sup>23</sup> Faz-se necessário demarcar que o modo de escrita presente nos *posts* do blog não seguem um rigor gramatical, ou seja, não há uma preocupação com certas normas gramaticais no ato de escrever. Poderíamos dizer que seria um tipo de escrita mais descompromissada com as normas, onde abreviações são feitas em palavras que comumente não se abreviam. Esse tipo de escrita tornou-se muito comum entre usuários da Internet, seja em conversas entre amigos ou mesmo em espaços, como *blogs* ou listas de discussão, destinados a debates sobre temas os mais variados. Sendo assim, a escrita apresentada ao longo dos *posts* será carregada de abreviações não comuns, de um não uso de certas normas gramaticais.

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

Os comentários que se seguem ao texto de Marcel Maia, ponderam sobre essas questões que poderiam servir de pontos explicativos para a atitude vista no filme. Os dois garotos fizeram aquilo por uma falta de afetação às coisas, às pessoas que o rodeavam? Ou mesmo um modo de vida, tão corrido, onde as pessoas não conseguem prestar atenção umas nas outras, não percebendo o quanto cada uma pode estar passando por um momento difícil, levou a reações como a dos dois garotos? Será que vivemos uma vida que não nos permite sermos afetados pelo que se passa a nossa volta? Mas para sentir-se afetado pelo outro seria preciso se identificar com o outro ou pôr-se no lugar do outro? Algumas das questões colocadas nos comentários tinham levantado essas coisas como problemas. Mas a falta de uma explicação que servisse como a verdade dos fatos, ainda parecia incomodar. Será que se houvesse uma explicação dada por alguém que apresentasse um conhecimento especializado nessas situações, traria conforto? Como aponta um dos comentários:

Elton disse...

Tenho quase certeza que após o massacre real que inspirou o filme foi chamado um profissional Psi para a "explicação" de tamanho ato de crueldade. Buscou-se traços Psicóticos através da história dos garotos, acontecimentos que pudessem dar uma direção do porquê de dois garotos de classe média saírem atirando em pessoas de sua escola. Isso nos deixa mais tranquilo, ficamos sabendo que "aquele indivíduo era louco", "seu pai o violentou quando criança" etc., nos dá a sensação de que isso só ocorre com tais pessoas, e de que podemos sempre identificá-las, mesmo após o fato.

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

Hoje em dia, fatos como esses, onde jovens entram numa escola fortemente armados, atiram a esmo e matam de uma forma tida como fria, ou mesmo casos como pais que acabam matando seus filhos, filhos que matam os pais, etc., crimes que chocam a opinião moral-pública, é de se esperar que profissionais *Psi*<sup>24</sup> sejam chamados para explicar à população que casos como esses ocorrem com pessoas que, por exemplo, viveram em uma família desestruturada, que tiveram pais violentos, que foram abusados sexualmente, ou mesmo que nasceram com uma personalidade Psicótica, a qual, em algum momento de sua vida isso poderia acontecer. Essas explicações geram conforto em quem as ouve, pois dão a entender que certas coisas não acontecerão em sua família, com seus amigos ou consigo. Porém quando as coisas nos são apresentadas de um modo onde não é possível estabelecer uma relação causa-efeito aparentes, uma angústia toma conta de nossas sensações, afinal de contas,

---

<sup>24</sup> Psicólogos, psicanalistas e psiquiatras.

essa imprevisibilidade faz com que certas situações possam bater (ou não) a nossa porta. Como conviver com a imprevisibilidade?

[Pri](#) disse...

[...]Essa imprevisibilidade me incomoda bastante, e assusta. Eu acho que a nossa vida de forma geral é permeada por isto. Em contrapartida, se isso não for inesperado, se já for "o que se espera" me assusta ainda mais! Como foi declarado na discussão em sala (não lembro por quem), na qual pessoas afirmaram que não se espantariam se isso acontecesse ali, me deu a impressão que a antes imprevisibilidade que senti vinda do filme, é vista ou sentida hoje em dia como algo mais previsível.

De fato, é tranquilizante ouvir que uma pessoa fez isso porque é louca ou tem um histórico de violência ou alguma outra experiência trágica que a "inspirou" a cometer tal ato. Porém, também concordo que nem sempre é isso que acontece. Mas simplesmente aceitar que não há uma/duas/três/infinitas causas por trás, nem que seja, a causa da diversão, é muito conformismo; acho que é tão conformista quanto simplesmente buscar um psicólogo para encontrar distúrbios psicológicos nesses meninos que atiraram. Porque atirar em pessoas como joguinhos, virou diversão? Porque é divertido ver pessoas morrendo? Não sei... seja qual for o motivo, psicológico, social, diversão, o sistema padre, etc, acredito que o(s) motivo(s) existem. E espero que a gente se espante e seja "sensibilizado" por essas coisas.

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com/> )

Não é que não possamos tecer comentários, opiniões que dêem, de certa forma, uma explicação sobre determinadas situações. Porém muitas das vezes, ouvir um profissional *Psi* que busca no seu discurso encaixar uma determinada pessoa envolvida em determinada situação num rótulo de louco, ou que aquilo é decorrente da infância mal resolvida dele, até nos traz conforto, mas seu discurso tende a centrar toda a razão, toda sua explicação na pessoa envolvida, uma explicação que cria o louco.

Legalidade defensora e mantenedora do abismo entre subjetividade e política, caracterizando ambas como entidades naturalizadas, excludentes, desprovidas de história, de materialidade, ou, talvez, de um certo risco circense [...] a entrevista diagnóstica fabricou o indivíduo. (BAPTISTA, 1999, p. 29).

E muitas vezes é preciso estar atento sobre o lugar onde determinadas coisas acontecem as quais necessitariam de uma explicação de um saber *Psi*. Certas situações, digamos, análogas ao que se passou na escola do filme, não exigem explicações de um psicólogo.

[Juaum](#) disse..

me incomoda o fato de ficarmos bestificados com um episódio desse tipo, mas nem se quer lembrarmos que 15 (não me lembro ao certo) pessoas foram assassinadas durante os jogos panamericanos no rio de janeiro numa ação policial no morro do alemão. tá nesse caso foi no morro... mas onde estão as causas? alguém se importou em buscalas? vasculhar as personalidades e histórias dos policiais para saber dos

distúrbios que todos eles tinham? é preferível falar em dano secundário, tipo não intencional, ou efeito colateral, és a nossa causa.  
(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>).

Ainda no que tange à discussão referente ao primeiro encontro, tivemos um segundo *post*. As discussões sobre a necessidade ou não de explicações no filme sobre o que levou os dois garotos a atirarem em todos que viam a sua frente; as angústias existentes em algo que acaba sendo visto como imprevisível, justamente pela falta de uma razão que explique tudo que ocorrera e garanta uma vida confortável, etc. Coisas como essas fizeram parte do primeiro *post* e de seus comentários. Já no segundo *post*, outro ponto da discussão em sala reaparece: a divisão em grupos.

Destacou-se nas discussões em sala que filmes que retratam esse dia-a-dia das escolas norte-americanas, tendem a mostrar as escolas e seus grupos de adolescentes. A discussão em sala tratava sobre essa formação de grupos ou as famosas *panelinhas*. Quais os limites entre isso? Muitos pontos levantados, sobre a impossibilidade de não acabar fazendo parte de um determinado grupo, no entanto o perigo poderia estar quando ser parte de um grupo acarretasse em não interagir com pessoas de outros grupos. Sermos ou não membros de grupos, isso teria suas conseqüências?

É um fato. Sempre haverão grupos, painelas, turminhas nos mais diversos ambientes onde existirem pessoas. Não se trata de algo certo ou errado, algo para ser aplaudido ou combatido. É pura e simplesmente um fato. A problemática reside nas conseqüências de tal divisão. Argumentou-se, em classe, que a problemática das escolas americanas são as represálias sofridas pelos considerados diferentes, apenas por serem considerados diferentes. Concordo. Mas essa problemática se expande por muito além dos muros de qualquer colégio, americano ou brasileiro. A intolerância frente ao diferente tem deixado sua marca ao longo da história, ou melhor, tem escrito a nossa própria história. Afinal, a cor, a religião, a opção sexual, a nacionalidade foi e continua sendo utilizado como critério de segregação em grupos, de preconceito, discriminação e violência.

- Mas para quê misturar? Alguém perguntou em meio à discussão. Para quê misturar? Devem se perguntar israelenses e palestinos. Para quê? Devem se perguntar brancos e negros, católicos e evangélicos, líderes de torcida e nerds. O seu grupo de alunos de Psicologia e o meu grupo de alunos de Psicologia.

Postado por Carina às [20:55](#)  
(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com/>)

O *post* de Carina suscitou comentários sobre essa necessidade de mistura entre pessoas que sejam de grupos diferentes. Para que misturar? – fora perguntado. Um dos comentários dizia que o misturar-se poderia servir como forma de estreitar as relações entre os diferentes grupos, criando tolerância entre eles, ao ponto de respeitar o que se tem como diferentes. A intolerância entre os grupos diferentes vista pela existência de uma postura rígida, fixa, entre aquilo que os dividem, o que

poderia ocasionar modos não “racionais” de resolução dessas diferenças. Quanto mais passeássemos entre os diferentes grupos, quanto mais nos aproximássemos e aprendêssemos com essas diferenças, mais tolerantes seríamos. Em outro comentário, se diz que há aqueles com quem temos afinidades e aqueles com os quais não temos, nesse sentido a mistura não seria algo necessário, a vida seria desse jeito, não haveria sentido em forçar aproximações. Nesses dois comentários, um coloca que a tolerância estaria ligada a uma aproximação com aquilo que temos como diferente, quanto mais os grupos não se fechassem em si mesmo e buscassem aproximações com outros diferentes, menos intolerantes seríamos. O outro aponta que há aqueles com que temos afinidades e os com que não temos. Tentar se aproximar, abrir um espaço para discutirem as diferenças acabaria em briga.

Em outro comentário, há outra forma de pensar essa questão. A tolerância não estaria ligada a conhecer ou não algo, mas até que ponto nós nos importamos com alguma coisa. Nisso, não seríamos intolerantes somente com aquilo que nos é diferente, até com o que nos é próximo há a possibilidade de intolerância. Ou seja, diferença entre grupos e o nível de tolerância entre eles não são coisas tão estreitas. Diz Melanie (10 de Outubro de 2008 17:13):

Penso a tolerância como a aceitação do modo do outro agir, pensar, SER. Sim, quando em grupo é muito mais fácil fazer isso, já que você se identifica, mas se um tiver uma opinião diferente? Ou os grupos são conjuntos de pessoas iguais? Isso existe? Ser ou não pertencente a um ou mais grupos e ter a capacidade de tolerar são coisas diferentes. É você enxergar o outro e permitir que esse outro exista. Eu acho que o que está acentuando seja isso: a não capacidade de suportar a existência do outro enquanto diferente de nós. Depois as pessoas dizem que querem ser diferentes. Será?

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

Essa discussão me faz lembrar coisas que vi e vejo em matérias de jornais, em programas televisivos e até nas propagandas. Trata-se de um apelo, de uma defesa por esse desejo de ser diferente. Uma determinada propaganda de um refrigerante famoso mostra um jovem com uma garrafa desse refrigerante, com dois canudos. Sempre que ele se encontra com alguém muito diferente dele, ele oferece um gole do refrigerante. Os dois bebem juntos, cada um em um dos canudos. Após beber, o jovem passa a ter características da pessoa que bebeu junto com ele. Por exemplo, ao beber junto com uma jovem gótica, ele que tinha cabelos curtos, passa a ter cabelos longos e pretos, seu rosto passa a expressar uma palidez e forte maquiagem preta nos contornos dos olhos e boca, igual ao modo como é retratada a imagem da jovem gótica. O jovem segue seu caminho e encontra-se com punks, com um típico músico escocês que usa kilt e toca gaita de fole, entre outros. No final da propaganda, exhibe-se a seguinte frase “Viva as diferenças”.

Em outras situações já assisti a reportagens onde são mostradas pessoas que desejam ser diferentes. Que não agüentam ser iguais a todo mundo, então decidem por fazer algo que as tornarão diferentes. A decisão se pauta em alguma mudança estrutural em seus corpos, para o qual o termo em inglês *Body modification*, é comumente usado. São pessoas que modificam de alguma forma seus corpos, seja bifurcando suas línguas, fazendo implantes abaixo da pele de bolas de aço inoxidável em várias partes de seus corpos, seja nos braços, na testa. Tatuagem por todo o corpo para imitar uma pele de um tigre. Vários são os exemplos. Mas em todos eles, o que se ouve das pessoas isso se dá pelo desejo de serem diferentes, pelo prazer que sentem em não serem parecidos com todo o mundo.

Não quero aqui apontar juízos de valor frente a quem faz esse tipo de atividade. No entanto, gostaria de marcar esses discursos sobre um enaltecimento das diferenças que aparecem nessas práticas. A diferença que aí se enaltece é marcada por um destacamento individual dos corpos. Se dentro de um processo de padronização da vida, onde cada vez mais devemos fazer aquilo que se tem por caminhos corretos para termos uma vida confortável, cada vez mais as pessoas se parecem, em seus objetivos, em seus desejos, até no que comem, parece que essa ideia de algo individual, particular se perde, tanto que muitos buscam diversas terapias, com o intuito de encontrar o verdadeiro eu interior. Alguns buscam esse eu interior modificando os próprios corpos, trazendo o que acreditam ser um eu interior para o exterior dos corpos. É uma busca por uma diferença que individualize os corpos. Isso gera também um discurso pelo respeito aos diferentes. Afinal, foi a forma que eles encontraram para expressar o que há de verdadeiro em si. Os diferentes existem e é preciso respeitá-los, diriam. Dentro de todo um enaltecimento dos diferentes se fabrica um novo indivíduo: o diferente.

O que poderia apontar para novos modos de vida acaba por se tornar modos esperados de se viver. É como se tivéssemos, então, aqueles tidos como normais, comuns e aqueles que serão os excêntricos, os diferentes, que enchem seus corpos de tatuagens, de piercings, que se relacionam com pessoas e não com seus gêneros, etc. Se há os indivíduos diferentes, é de se esperar que existam os iguais. A diferença como categoria, que tem seu lugar, seu mercado, tem seu espaço na sociedade. Se eles existem é preciso, então criar um nível de tolerância entre aqueles, tidos como normais, comuns, para aceitarem os diferentes, afinal, agora eles fazem parte da sociedade.

Mas voltemos ao *blog* e à disciplina, para que a conversa não tome outros caminhos. Afinal, estamos no começo dessa história. Passemos ao próximo encontro em sala, com o próximo filme a ser exibido. Assistimos ao filme *Crash, No Limite* (*Crash* - Paul Haggis, 2004). Filme no qual são contadas histórias de vários personagens diferentes, que vivem em locais diferentes e pertencem a grupos étnicos diferentes, tudo isso na cidade norte-americana de Los Angeles. Esses personagens cruzam suas vidas em determinados momentos e esse choque de diferentes, em situações que se passam no limite de cargas emocionais, no limite do medo, no limite da intolerância. E nessas situações as reações são sempre de agressões, abusos de autoridade, expressões que menosprezam o outro por sua cor, credo ou etnia. E em outro momento, alguns desses personagens, quando se encontram no limite da fragilidade de suas vidas, mostram-se, por outro lado, benevolentes com aqueles que outrora menosprezaram, agrediram, abusaram.

A discussão pós-filme começa por questionar os lados que uma pessoa pode ter; que todos têm seus momentos de benevolência e também seus momentos de maldades e que esses lados dependem de situações que vivenciamos. Quando somos postos no limite de algo, reagimos de forma agressiva e maldosa ou até ficamos mais bondosos uns com os outros. O limite no título do filme poderia dizer de nossa imprevisibilidade de comportamento, quando somos postos nessa condição. Além de mostrar situações no limite, considerou-se que *Crash* seria, antes de tudo, um filme que fala sobre preconceito. Mas dentre as discussões sobre os limites entre o bom e o mau, sobre preconceito, o que mais se destacou foram as críticas feitas ao filme. Dizia-se que *Crash* poderia querer retratar essas questões de intolerância, preconceito, limites entre bom e mau, porém houve um exagero no modo como isso teria sido retratado. As cenas seriam de um nível de exagero, de apelo para que o preconceito aparecesse; que muitos viram nesse exagero uma estratégia para que o filme atingisse níveis altos de bilheteria, ou seja, estratégias para vender o filme. Mas qual filme não quer ser vendido? Alguém indagou. As discussões que começaram por questionar se havia ou não situações preconceituosas, ou sobre os limites da bondade e da maldade, passaram a focar a o que se faz, hoje em dia, para que um filme tenha uma boa venda. Alguém então pergunta a todos se fossem comparar o filme a um animal, qual ele seria. E alguém disse: “uma galinha!”. Galinha porque é algo corriqueiro, encontrado em qualquer lugar e vendido a preço baixo, ou seja, galinha por ser de fácil acesso, pela sua vulgaridade. Um filme que se fez galinha, para ser facilmente vendido.

As discussões sobre preconceito, discriminação e limites bem/mal, iam e voltavam em meio à discussão do filme-galinha. Muito se falou em sala sobre o que o filme queria retratar, sobre a intolerância entre as pessoas, mas o exagero do que foi retratado chamou mais atenção, tanto nas discussões em sala como no *blog*. Os dois *posts* falavam sobre preconceito e sobre a galinha, porém nos comentários o que mais ganhou destaque foi a galinha, ou mais especificamente a ideia de filmes que se fazem galinha e outros que poderiam ser pavão<sup>25</sup>. Uma das questões era: todo filme que se faz quer ser visto? Quer entrar no esquema de venda, como um produto? Seria esse o objetivo principal?

[Jade](#) disse...

eu concordo com o comentário de que alguém faz um filme para ser visto. mas eu acho também que para alguns tipos de filme esse não é o objetivo principal... eu acho que "vender" é o principal objetivo de filmes no esquema hollywoodiano... mas acho sim que existem vários filmes nesse esquema que são muito bons... a meu ver, esse não é o caso de crash...

eu acredito que a proposta inicial do filme era falar de preconceito, individualismo e na não existência de uma dicotomia bom/mal, mas eu acho que o filme fracassa nessas três propostas devido ao exagero e a vontade de fazer as pessoas se comoverem a qualquer custo...[...] eu acho que se um filme quer mostrar que não existe uma dicotomia entre bom/mal e que qualquer um pode ser filha da puta, ele não devia usar de tantas situações extremas, onde claramente uma pessoa está sendo filha da puta em uma cena e claramente está sendo vítima em outra... por que não utilizar situações em que bem e mal estejam mais escondidos e mais sujeitas a interpretações? mas é claro, "deixar sujeito a interpretação" não vende, já "exagero" vende bastante... continuo achando que o filme é uma puta hehe. viva os patos...\o/.  
12 de Outubro de 2008 22:46

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

Posterior a esses dois encontros e dois *posts* advindos de encontros e discussões provocadas pelos filmes exibidos, o encontro seguinte seria dedicado a discussões oriundas a partir de nosso primeiro texto, que tinham como temática a questão da história. Encontramos então para debater o que fosse possível, tendo como texto provocador *Libertar a história* (Rago, 2002).

Um texto que provoca a história, que fala sobre o modo pensado por Foucault em trabalhar com a história, uma história efetiva. Fiz uma breve apresentação do texto e os motivos que o havia escolhido e joguei a peteca para os alunos, para saber o que acharam do texto. Empreendeu-se uma discussão sobre os variados modos de se contar histórias e o que está em jogo quando uma história é contada partindo de figuras como reis, chefes de estado.

---

<sup>25</sup> Em um desses *posts* o pavão é colocado como uma ave bela, que não se encontra ou é vendida em qualquer lugar, por qualquer preço. Ele é apreciado por sua beleza. Ler o *post* "A perda da origem" disponível em <http://psicocinehistoria.blogspot.com/2008/10/perda-da-origem.html>

Em um determinado momento uma das alunas começou a falar sobre sua experiência em um estágio que fazia no CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), da cidade de Aracaju. Segundo ela, havia neste CAPSi um quadro no qual era colocadas as fotos dos usuários e familiares destes. Este quadro, segundo ela, era uma das formas de se contar a história daquele CAPS. No entanto uma informação dada por ela fez pulular alguns questionamentos. Ela disse que as fotos colocadas eram dos usuários que tinham sido bem sucedidos em seus tratamentos. As fotos ficavam no quadro como uma forma de estimular os outros usuários, seus familiares e os técnicos da instituição a seguirem no tratamento, com a esperança de que um dia as fotos deles também estariam naquele mural.

Após ela fazer esse relato, aponteí que a história daquele CAPS pautava-se por aqueles que obtiveram sucessos, vitórias em seus tratamentos. Eles eram os modelos a serem seguidos. Mas porque não colocar as fotos dos outros usuários, independente de sucesso ou não. Não seria uma forma de contar a história daquela instituição somente por seus sucessos? Isso não serviria para mascarar possíveis problemas existentes naquele lugar? A conversa passou a tomar forma, primeiramente, nessas questões e por fim estávamos discutindo sobre reforma Psiquiátrica, luta antimanicomial, se o CAPS reproduzia ou não em seu funcionamento um modelo Psiquiátrico, etc. As problemáticas sobre o CAPS giravam em torno da questão se o órgão, como modelo substitutivo a um modelo manicomial, Psiquiátrico, não estava sendo visto como “O Modelo”, ele se fechando nele mesmo, como projeto que viria a solucionar anos e anos de tortura e exclusão social. Era preciso falar do CAPS, defendia-se em sala, como um avanço, sim, mas que seu avanço se dava por um constante questionamento das práticas que se faziam no seu dia-a-dia. Dessas conversas, Joana escreveu no *blog*:

Falar sobre CAPS rendeu histórias! De certo que algumas pretendiam considerar essas instituições como prolongamento daquelas Psiquiátricas responsáveis por anos de tortura e exclusão social; outras optavam por propor uma libertação do pensamento sobre saúde mental, apesar de terem feito uso de um discurso aprisionador; e por aí vai. Bastou um relato para as discussões começarem. Será mesmo que os Centros de Atenção Psicossocial fazem uso dos preceitos teóricos e práticos dos hospitais Psiquiátricos anteriores à Reforma? É óbvio que existem resquícios nas instituições, em umas mais que outras, e nos discursos (muitas vezes dos próprios profissionais do local – “Todo mundo percebe que aquele menino é doidinho”), resquícios estes que tanto comprometem que se atinja o bem-estar ao indivíduo e a inclusão social prometidos, quanto contribuem para que ocorram mudanças por terem demonstrado que este modelo não nos é mais considerado adequado. [...] Sim, essa forma vigente de fazer saúde mental não é a perfeita, até porque essa não existe, mesmo que muitos passem o tempo criticando o que se tem em prol de uma idealização. Não é de pretensão sugerir o acomodamento neste atual modo de produção (nem acho que isto seja possível, afinal, estamos

continuamente nos transformando, renovando concepções), mas incomoda demais perceber que, em alguns casos, produz-se ideias que se afastam das condições apresentadas pelo “mundo real”, prático, dotado de interesses individuais, políticos. Persisto, tem-se um modo de fazer saúde mental, com singularidades que fragmentam a linearidade da história vista anteriormente e, acredito eu, é o que tem sido possível fazer neste momento. Para hoje! Quem sabe do futuro? O amanhã é uma outra história, dotada de inúmeras possibilidades de desfecho! [...]O que muito impressiona é a capacidade de se criticar tudo e todos, ainda que não se conheça o contexto do qual está se tratando, as pessoas que lá convivem, as histórias construídas por elas naquele local e a diversidade de fatores que possam estar presentes em cada ambiente, influenciando-o. (Isto não se refere apenas ao debate sobre o CAPS, também permeou as discussões dos filmes assistidos) Mas, sendo uma turma de Psicologia, em que nós, estudantes, somos treinados a criticar deliberadamente, isto é permitido. A grande questão é que passa a tratar de assuntos sem dimensões mais reais deles, chegando até, como já dito anteriormente, a desrespeitar e desvalorizar esforços de gente que dedica sua vida pela tentativa de melhorar a do outro, só pelo hábito da crítica. E aí, com a justificativa de ‘desconstruir’ verdades absolutas, debate a debate, novas verdades absolutas são erguidas, e volta-se ao marco zero. Não se trata de abolir debates, de maneira nenhuma, são sempre muito enriquecedores, mas de observar os discursos produzidos e investigar se eles transparecem realmente novas ideias, novas propostas. Criticar é fácil, mas quem de nós tem buscado fazer a diferença, trazer novas proposições, cabíveis a uma realidade prática, concreta, burocrática? Por isso, acredito cada vez mais, refletir é de enorme importância, norteia práticas, promove mudanças. Entretanto, pelo contato com o outro, com suas singularidades, pelas possibilidades de acontecimentos, condições de existência (tanto de pessoas quanto de instituições), acasos, vivenciar vai muito além disso. Depois de muito treinar um olhar crítico sobre o mundo, chego à conclusão de que preciso pensar menos e **EXPERIENCIAR** mais. Certamente aprenderei mais dessa forma.

Postado por Joana às [02:48](#)

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

O texto crítico e provocador de Joana veio de inquietações suas em relação ao que ouviu em sala. Ela partiu em defesa de sua visão sobre os CAPS, suas políticas, modelos, criticando aqueles que, para ela, faziam críticas apenas por fazer, criticavam por estar do lado de fora e que desse jeito seria muito fácil falar mal, afinal não se estava lá para fazer a diferença. Um dos comentários que se seguiram a seu *post*, trazia outros questionamentos frente a esse modo criticar de quem está de fora, que fora denunciado por Joana. Carol, em seu comentário, diz (19 de Outubro de 2008 15:48):

Eu começaria dizendo que "de boas intenções, o inferno está cheio" e nem por isso acredito que eu desrespeite ou desvalorize o trabalho de quem quer que seja, apesar de que eu prefiro evitar tais terminologias.

Experiência sem auto-crítica é um se jogar sem consequências, acredito eu. Quem está de fora geralmente tem pouco a dizer da experiência de dentro, corre o risco de se bater em paredes desconhecidas, mas normalmente é quem mais pensa e diz e por vezes isto consiste na única contribuição que este possa dar - e, queiram acreditar ou não, o problematizar de quem está desemaranhado do processo muitas vezes rende bons frutos. Esclareço, aqui, que não estou "pregando" que alguém pode ser de todo neutro e isolado; acredito apenas que quando não se está lá dentro, pode-se sentir 'livre' para não precisar respeitar ou valorizar o trabalho que é feito – coisa que amarra a gente.

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

Porém vejo que algo interessante surge em outro comentário:

[Kleber Matos](#) disse...

Joana provoca com seu texto um mundo de coisas. Coisas que se edificam na desconstrução de outras coisas, usando muitas vezes o entulho. Assim as coisas ficam parecidas e somos tentados, a pensar a experiência imediata, aquela que vemos, cheiramos, ouvimos. A experiência imediata pensada solitariamente não é boa companhia. Ela não gosta de viajar. Ela se perde na viagem. ***O texto da Joana é um texto que viaja pelos caps, pelo curso de Psicologia, pelo senso cotidiano.*** Joana media essas coisas num texto, que atende demandas de uma disciplina OPTATIVA. Joana-mediadora, talvez seja o caso de pensarmos a experiência mediada. Abraço! [*grifos meus*].

[20 de Outubro de 2008 06:20](#)

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com/>).

Um texto que viaja pelo CAPS, pelo curso de Psicologia, através de uma temática que toma conta de vários espaços. Hoje em dia, é muito comum se ver encontros, simpósios, congressos onde o que não irá faltar será discussões que falem sobre saúde mental, reforma Psiquiátrica, luta antimanicomial, seja para defender, seja para atacar ou mesmo para através do que se está fazendo pensar novas práticas para esse espaço. No meio estudantil creio que não seja diferente. Estudante do curso de Psicologia da UFS, com certeza, ouvirá essas palavras: CAPS, reforma Psiquiátrica, manicômio e luta antimanicomial. Seja dos seus professores, seja de colegas de curso. E entre os estudantes que se envolvem nos espaços políticos do movimento estudantil de Psicologia, tanto a nível nacional como local essas questões se farão presentes. Vez ou outra alguém tende a dizer “Ah! Lá vem vocês como esse papo de reforma, saúde mental de novo. Cansaram não?!”. É um tema que está sempre “retornando” as pautas de discussão, o que fez alguns estudantes colocarem-na como algo que faz parte das *pautas eternas do DiaPsi ou Movimento estudantil Psi*<sup>26</sup>. Além desse tema, outros entram nessa pauta eterna, seriam eles: discussão sobre formação em Psicologia; reforma curricular; e representatividade. São temas que fazem parte da paisagem dos estudantes de Psicologia da UFS e que volta e meia fazem-se presentes em inúmeras discussões, como a que ocorreu na nossa disciplina.

---

<sup>26</sup> As pautas eternas são temáticas que estão sempre nas discussões do meio estudantil. Mesmo estando sempre retornando, nem sempre retornam do mesmo jeito. Como são temáticas que carregam consigo forças que estão sempre em movimento é de se esperar que vez elas apareçam em meio as discussões ou mesmo que seja difícil levantar discussões sobre o curso de psicologia da UFS e não trazer essas temáticas para a conversa.

Após esse terceiro encontro, chegávamos num ponto que fechava, digamos, o que havíamos proposto, inicialmente, para as discussões que envolvessem a temática da história. Os três primeiros encontros com as discussões sobre os filmes e textos e as discussões que se deram no *blog*. Nesse primeiro momento da disciplina, o que pude perceber é que havia uma vontade em grande parte da turma em ver como poderia funcionar aquilo que propusemos. Nas primeiras discussões em sala, o número extenso de alunos – em comparação ao que queríamos – não interferiu na fluidez das conversas. Pode-se notar uma participação considerável no número de pessoas que se pronunciavam. Muitos dos que falaram em sala, eram os mesmo que comentavam no *blog*. Nesse primeiro momento tivemos uma participação considerável em termos quantitativos em relação aos comentários. Parecia que a proposta de uma conversa em outro espaço da disciplina começava a engrenar. No entanto, o próximo encontro viria a provocar mudanças em muitos aspectos da vida da disciplina.

## **5.2 Nada Fala mais Alto que o Silêncio... Às Vezes**

Depois de passado os filmes e o texto da temática da história, era chegada a hora da temática que envolvia a questão da guerra. Mas antes do primeiro encontro, em uma conversa com Kleber sobre o último filme visto, *Crash, no limite* (*Crash* – Paul Haggis, 2004), apontávamos para a questão da duração dos filmes. *Crash* tinha cerca de uma hora e quarenta minutos, não que fosse muito longo, mas para o tempo que dispúnhamos para a aula, ter um filme para além desse tempo poderia ser problemático. A aula tinha como horário oficial das 19h até as 23h, porém tínhamos que levar algo em conta. Oficialmente uma aula teria uma duração de 2h, mas é prática comum, na universidade, que as aulas tenham entre 1h 30m e 1h40m. Nesse sentido, nossa disciplina teria por volta de 3h. E muita das vezes, ao chegar o horário das 22h, muitos alunos começavam a se retirar da sala, indo embora. Então era preciso estar atento a essa questão da duração dos filmes em relação ao horário da disciplina. Tendo isso em mente, era preciso rever os filmes escolhidos para a temática da guerra. Todos os dois escolhidos eram muito longos, para o tempo que dispúnhamos. *Apocalypse Now* (Francis Ford Coppola – 1979) tem a duração de 148min e *Soldado Anônimo* (*Jarhead* – Sam Mendes, 2005) 123min. Um dos filmes tinha quase duas horas e meia de duração, e o outro tinha duas horas. Resolvi por pesquisar outro filme na mesma temática que pudesse substituir o primeiro escolhido.

Com o corte de *Apocalypse Now*, tive que ver que filme o substituiria. Na segunda, dirigi-me até a locadora onde, geralmente, locava os filmes a serem exibidos, e comecei a pesquisar filmes de guerra que tivessem um tempo máximo de duração de uma hora e meia ou uma hora e quarenta minutos. Foi uma tarefa difícil, a maioria dos filmes de guerra que encontrei tinha tempo mínimo de duas horas. Por fim me deparei com um filme chamado *Tigerland – a caminho da guerra* (*Tigerland* - Joel Schumacher, 2000). Nunca tinha ouvido falar desse filme. Peguei a caixinha do DVD, li a sinopse, achei que se encaixaria na temática e a duração dele era razoável, cerca de uma hora e meia. Desse filme só conhecia um dos atores, já vistos em outros filmes. No mais, nunca tinha visto mais gordo. Saí da locadora e me dirigi para a UFS.

Assistimos ao filme. A história se passa num campo de treinamento militar dos Estados Unidos, onde os soldados estão sendo treinados para lutar na guerra do Vietnã. Alguns estão ali devido ao alistamento forçado, outros desejavam defender a bandeira de seu país e outros nem sabiam direito o que ali faziam e para onde iam. No meio disso tudo, havia um dos soldados que sempre batia de frente com a hierarquia militar, seja desrespeitando ordens, seja encontrando nelas brechas para livrar companheiros de continuarem servindo e irem à guerra. Além de sofrer sanções de seus superiores, esse soldado é visto com desdém também por outros companheiros. No filme não chegamos a ver os soldados lutando nas matas do Vietnã, o mais próximo de uma guerra que se vê é um treinamento de combate, onde os soldados são divididos em dois grupos, onde um tem a missão de tomar conta do território do outro.

Com o término do filme, perguntei quem gostaria de começar a conversa, se alguém tinha algo a dizer sobre o filme. Um silêncio ensurdecedor tomou conta da sala, por alguns minutos parecia que estávamos em algum espaço voltado para meditação, onde o silêncio é peça chave no processo. Mas o silêncio em sala, falava de outras coisas. Passado um tempo desse silêncio - podem ter sido alguns segundos, não lembro bem, mas daqueles que nos dão a impressão de terem durado muito tempo -, perguntei novamente se alguém tinha algo a dizer. O silêncio já começava a me incomodar. Então decidi por apontar para algum dos alunos e pedir que ele desse alguma opinião sobre o filme. Ele disse que não tinha muito a dizer, que não gostou do filme e só. Daí, questionei se haveria o que dizer sobre esse não gostar. Nisso do silêncio se fez a voz ou vozes. Alguns alunos começaram a falar que também não gostaram do filme, que nada tinha para falar por isso. E foram mais além, começaram a questionar

sobre as escolhas dos filmes. Quem escolhia e por que escolhia. Respondi que a escolha dos filmes foi feita por mim e sobre o por quê, falei que havia dividido em temáticas e a partir disso fiz uma lista que trazia filmes onde algum faziam parte de um gosto pessoal outros de sugestões de amigos e que também tinha interesse em ver, no entanto deixei claro que o *Tigerland* havia sido escolhido por acidente. Aí alguém pergunta se, por acaso, poderia haver uma sugestão de filmes por parte dos estudantes. Respondi que sim, que não veria problema quanto a isso. Somente deixei claro que caso houvesse uma sugestão, aquele que a fizesse ficaria responsável por levar o filme para o próximo encontro. Eu garantiria o local de exibição.

Outra proposta surge dessa conversa. Alguns alunos pontuaram que o local onde assistíamos ao filme não permitia uma boa visualização do que se assistia. O local usado era uma das salas de áudio e vídeo da Bicen e o material usado era composto por uma televisão de 29 polegadas, um aparelho de DVD e um vídeo-cassete. Segundo os alunos, assistir aos filmes nessa TV era difícil, para aqueles que sentavam na parte do fundo da sala, pois eles não conseguiam ler todas as legendas. Sugeriram então, que mudássemos de sala e procurássemos algum local onde os filmes pudessem ser projetados com uso de um data-show, o que acabaria com essa dificuldade de leitura. Não vi problema em acatar a proposta e me comprometi a buscar uma sala, a levar meu aparelho de DVD – caso não conseguisse um aparelho pela UFS –, e o *data-show* seria fácil de conseguir, visto que havia um disponível na sala do Núcleo de Pós-graduação de Psicologia Social (NPPS). A única coisa que não tínhamos era um sistema de som para podermos garantir o áudio dos filmes. Coisa que logo foi resolvida, pois um dos alunos disponibilizou-se a emprestar caixas de som que possuía e que tinha potência suficiente para um bom áudio nas exibições dos filmes. Faltava apenas encontrar uma sala. E para fechar a noite um dos alunos disse que levaria um filme, que seria de seu critério, para o próximo encontro.

Essas propostas mudaram o andamento pensado para a disciplina. Não havia como manter a temática da guerra, as coisas que havia planejado começavam a perder seu sentido e outros sentidos para a disciplina começavam a tomar corpo. A disciplina estava indo para outro caminho e resolvi deixar que fosse. Nisso não mais fazia uso de outro filme sobre guerra ou mesmo do texto escolhido. Decidi por esperar o próximo encontro para ver o que faria em seguida, com as outras coisas que estavam dentro de meus planejamentos, se haveriam outras sugestões de filmes e como seriam os novos encontros pós essa manifestação por mudanças.

O que se viu após esse encontro, tomado por um silêncio que se fez palavra, foi algo parecido tomar corpo no *blog*. Os dois *posts* tratavam sobre esse silêncio, sobre esse não ter o que dizer.

Um primeiro ponto levantado em sala de aula foi a diferença entre esse filme com os demais filmes de guerra, na verdade *Tigerland* é um filme de guerra sem guerra, ele trata dos conflitos de um grupo de homens que estão sendo treinados para se tornarem soldados. A maioria deles não estão naquele local por escolha própria e muitos tentam uma forma de sair de lá. E esse é o diferencial com relação a outros filmes do gênero, onde o soldado é o herói, e está disposto a tudo por sua pátria. Uma outra questão levantada em sala foi o papel de “herói” do personagem principal. Na verdade *Bozz* é um anti-herói, ele toma proveito do conhecimento que tem da burocracia do exercito e burla as normas, ajudando algumas pessoas a saírem de lá.

Então as pessoas se calaram. Nenhuma questão foi levantada. Indagados porque a discussão não estava acontecendo algumas pessoas apontaram como motivo o filme, disseram que não gostaram do filme, outros que não gostam de filmes de guerra. Será porque as pessoas não conseguem se colocar naquela situação? Não sei... Pode ser pro preguiça, por sono, ou por qualquer outro motivo, mas acho que não gostar de algo seja motivo para não falar, muito pelo contrário, ai é que se tem o que falar mesmo.

A questão é sempre se pode falar de algo, não precisa necessariamente reflexões profundas ou como nos projetamos em determinada situação, ou que o filme seja aquele que mudou a minha forma de ver o mundo! Falar o que aquilo lembrou, que gostou de disso, não daquilo, viu tal ator em tal lugar, que curtiu a bunda de Colin Farrel... sei lá! Simplesmente conversar.

Postado por Catarina às [23:04](#)

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>)

Muitos motivos para a não conversa, um deles poderia ser a não apreciação do filme. Até que ponto não gostar de uma coisa seria motivo para que não se conseguisse falar dela? Seria o filme responsável pelo silêncio? Questões levantadas em sala e trazidas também para o *blog* por Catarina e que ressoariam nos comentários.

[Paloma Côtés](#) disse...

(primeiramente meu teclado está com problema de formatação ,então relevem ,ok?)<sup>27</sup>

Tava pensando algo relacionado a isso,quanto a questão da ausência de comentários...

não sei o que acontece nessa disciplina ,mas não estou conseguindo desenrolar,saltar o verbo,nem nada parecido...nem mesmo lendo os textos postados aqui,nem ao ler os comentários até me deparar com este...

e isso é estranho pra mim(admito)pelo menos quanto se refere a discutir,falar sobre filmes e tal (geralmente tenho essa "iniciativa" de perguntar quem assistiu,o que achou, que "viagens" fazer dele...). Não sei se seria um movimento de apatia meu quanto ao cinema e sua previsibilidade ou se as temáticas apresentadas nos filmes até agora se tornaram tão sem sentido pra mim(por serem temas tão repetidamente

---

<sup>27</sup> O comentário de Paloma apresentava muitas falhas na digitação, que a mesma sinalizou por problemas de configuração de seu teclado. Resolvi consertar essas falhas para uma melhor leitura do que fora escrito.

abordados,sei lá) que não me afetam mais...me veio agora alguns filmes em mente,mas não sei se eles trariam sangue novo,para fazer circular a conversa...ou talvez o recurso áudio-visual proporcionado pelo filme inibi e limita a imaginação e por sua vez a discussão...

Divagações e nada mais...

[30 de Outubro de 2008 16:12](#)

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

Na época que li esse comentário não levei muito em conta o que Paloma problematizava sobre a sua não capacidade de produzir comentários, conversas sobre os filmes, devido a uma previsibilidade dos filmes passados ou mesmo os filmes e seus recursos de imagem e som, inibindo ou limitando a imaginação da mesma. Porém, no momento em que parei para reler os *posts* do *blog*, e os comentários, já nesse período que antecede a escrita dessa dissertação, comecei a pensar sobre isso. O quanto o modo de produção dos filmes de grande bilheteria, já trazem consigo todo o dito possível sobre o que se vê. O filme já vem pronto para ser posto por 3 minutos na água fervente e depois desse tempo o tiramos e comemos. Como macarrão instantâneo. Não haveria porque fazer a massa, preparar um bom molho caseiro e fresco, tudo já viria pronto de fábrica, seria “pá-pum”. Não haveria mais o que pensar; a imagem já viria pronta, como anunciava Virilio (2005), bastava-nos captá-la e armazená-la na cuca. Mas nem de comida pronta se faz a cozinha. Assim também com os filmes.

[Kleber Matos](#) disse...

Oi paloma, apostaria mais na tal limitação da conversa pelas produções audiovisuais. Não que isso seja característico desse tipo de produção, em essência, mas acho que muitas coisas se coadunam para que a experiência da conversa com os audiovisuais seja precária. Fica-se com a impressão que eles já disseram tudo que era necessário e o sentido está posto. Não acho que precise ser assim, mas creio que isso acontece frequentemente. Na nossa disciplina, poderíamos experimentar resistir a isso. Algo que "entre nós" permitisse a produção e uso de "algum veneno antimonotonia". Será que queremos? Como podemos querer?

Abraço"!

[2 de Novembro de 2008 19:47](#)

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>)

É bem provável que os filmes de caráter mais comercial, os filmes-galinha, já venham com tudo pronto. Sua lógica de montagem começo-meio-fim, com as verdades sendo desveladas nos instantes finais, nos favorece uma visão cômoda, onde nada fica solto, tudo está amarrado, para cada efeito há uma causa, o que nos leva, ao sair do cinema, a somente tecer comentários sobre a inovação nos efeitos especiais e visuais, ou se o filme foi bom ou ruim. Mas mesmo nessas previsibilidades, nessas coisas bem amarradas e seus finais

reconfortantes seria possível resistir àquilo que já nos aparece como dado e criar novos sentidos? Ou pensar demais sobre essas coisas lhe tira o que tem de valor?

Se no *post* de Catarina tínhamos um chamado para conversas, pela necessidade de falar sobre as coisas, mesmo que não gostemos dela. O segundo *post* apontava que haveria coisas sobre as quais nem sempre se precisa conversar, e que esse conversar, o debruçar sobre as coisas, as análises, acabariam que tirando dessas coisas algo próximo a uma essência. Como se a conversa por demais sobre algum tema, fizesse com que esse tema perdesse aquilo que ele tem de singular e transformá-la em algo que se possa usar como forma de ganho de outras coisas. Diz Marcel Santiago Soares (Sexta-feira, 31 de Outubro de 2008):

Uma vez estava eu e um certo amigo discutindo sobre algum jogo cujo nome não é relevante e tampouco eu lembro. Ele falava sobre um personagem ruime sua inutilidade. Eu questionei a importância dele na trama do jogo, falei que a posição que ele ocupava era estratégica para causar aquele sentimento. Esse mesmo certo amigo me falou que o grande mal do Psicólogo era o relativismo. Não entendi e questão e fui discutir com ele. Mostrei várias necessidades sobre relativizar. Foram alguns minutos e copos de coca que nunca mais voltarão... Hoje entendo porque ele, com frequência, me mandava tomar no cú.

Obviamente a intensão não é falar sobre o jogo, meu amigo ou sobre o estranho hábito dele de me mandar tomar no cú. A intensão - além de postar no *blog* para cumprir responsabilidades - é só falar que de vez enquanto não existe muito o que falar, e não incomodar-se com isso. Sim, sim, claro que a intensão de nós como graduandos, graduados e doutores é produzir, dar para a comunidade que pagou por nossa formação algo. É bem verdade também que quase sempre esquecemos disso, mas não é sobre isto que falo. É sobre, às vezes, perceber que refletir demais, analisar algo sobre todas as esferas é tirar aquilo de "essência" (não sei que palavra usar) que ainda havia, para transforma-la em produto, um bem que possuo e é valioso. Conhecimento é poder e venhamos e convenhamos... bem... vocês entenderam.

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

O *post* de Marcel não obteve nenhum comentário. O silêncio que se fez em sala, parecia que queria tomar conta do *blog*. Só sei que os caminhos que se deram depois desse dia mudaram muita coisa em relação ao meu olhar sobre a disciplina, o que me fez rever minha postura frente àquele lugar que ocupava. Ao montar a disciplina, apostei num modo de trabalho onde não seguiria certas normas institucionais, como forma de permitir que pesos dessas normas não atrapalhassem o andar da carruagem, que a presença em sala se desse pela vontade em ocupar aquele espaço de uma forma diferente. Mas comecei a questionar se muitas dessas estratégias já não estavam capturadas, se já não tinham mais o efeito de produzir brechas. Então era preciso pensar outras formas de estar naquele lugar, que nos permitisse produzir novas brechas.

Na semana seguinte o encontro passava a se dar numa sala que fica vizinha a secretaria do NPPS. Sala destinada às aulas da pós-graduação de Sociologia e de Psicologia, mas que no horário destinado para nossos encontros se encontrava vazia, sem nenhuma atividade. Decidimos por ocupá-la, visto dispor de um espaço propício para exibição dos filmes: sala com cadeiras confortáveis, com ar-condicionado e um quadro branco no qual poderíamos projetar as imagens do data-show. Havia informado a turma, previamente, onde seria a nova sala e no nosso horário da aula muitos já começavam a chegar. Eu havia chegado mais cedo para montar os aparatos necessários para vermos o filme. O aluno que tinha se pronunciado a levar um filme surpreendeu-me, pois ele levava um dos filmes que estavam na minha lista. Tratava-se do filme canadense *As Invasões Bárbaras (Les Invasions Barbares - Denys Arcand, 2003)*. Esse filme estava lista que fiz e seria exibido logo que terminássemos de ver os filmes de guerra e discutíssemos o texto referente a essa temática.

Nesse filme vemos a história de um professor universitário, chamado Remy, que está num estágio terminal de câncer. A história é atravessada por inúmeras questões, se passa na época do mundo pós os ataques às torres gêmeas na cidade de Nova York, em setembro de 2001, retrata o serviço de saúde pública canadense e suas dificuldades, como os hospitais públicos que sofrem com precariedade, burocracia e acertos políticos informais que tem que ser acordados tanto com o representante do sindicato, como com a diretora do hospital. Mas o que mais chama atenção no filme é como se desenrola a situação vivida por Remy. Seu filho, Sebastien, um consultor de investimentos na bolsa europeia, volta ao Canadá para dar a ajuda necessária a seu pai. Sebastien vive uma condição financeira muito boa, ao ponto de subornar o dirigente sindical e a diretora do hospital para que coloquem seu pai numa sala privativa, coisa impossível dentro do hospital, para que ele pudesse receber as visitas de seus familiares e amigos e desfrutar de algum tipo de conforto. Sebastien também paga alguns dos ex-alunos de Remy, para que o visitem, no intuito de que seu pai sintasse bem. Remy, em seu estado, começa a se questionar que iria morrer esquecido, que não havia produzido nada de importante, que sua vida se esvairia e ele estaria só. Uma vida cheia de prazeres, seja entre os amigos, seja entre os livros e até entre as mulheres.

Sebastien consegue reunir os amigos de seu pai e suas ex-amantes, para que possam desfrutar, juntamente com Remy, do final de sua vida. O final da vida de Remy suscita outros questionamentos. Remy sofre com fortes dores decorrentes do câncer, os analgésicos prescritos já não fazem tanto efeito, então ele passa a fazer uso de heroína, com o auxílio da

filha de uma de suas amigas, que faz uso da mesma substância. Não querendo encerrar sua vida numa cama de hospital, Remy pede a seu filho que encontre um lugar onde aquele ambiente criado entre família e amigos possa ser mais bem desfrutado. Vão então para uma casa à beira de um belo lago e lá convivem os últimos dias de vida de Remy, a qual é encerrada com o uso, solicitado pelo mesmo, de uma overdose da heroína. Remy sucumbe tendo todos que amou em vida a sua volta.

O filme retrata a morte diferentemente de como passou a ser costume nos dias de hoje. A morte cada vez mais se dá fora do ambiente familiar, a morte não mais pertence ao espaço da casa. A morte tem seu lugar, que seria o hospital. Ainda é comum em cidades interioranas, de pequena população, que o morrer ainda aconteça nas casas do moribundo, com toda sua família e amigos em volta. Logo após a morte, o velório se dá na própria residência e todos fazem sentinela pela madrugada, tomando café, comendo uns petiscos, trocando prosas sobre como fora o morto em vida. Há também o ato de beber o morto, que seria o ato de beber litros de cachaça, sempre em evocação ao defunto. No outro dia, todos saem em cortejo, pela cidade em direção ao cemitério para o enterro. Hoje em dia, em grandes cidades pouco se vê situações como essas. A morte se dá de forma individual, privada e solitária, dentro de um quarto de hospital, o corpo é encaminhado para o necrotério e de lá já sai embalado em direção ao velatório, onde os amigos prestarão as condolências aos familiares do morto. Após um tempo, o caixão é colocado no fundo de um carro e segue em direção ao cemitério para o sepultamento.

Sempre que me lembro de uma cena da morte de Remy, só me vem à cabeça uma cena descrita por José Carlos Rodrigues, em seu livro *O Corpo na história (1999)*, livro no qual ele apresenta estudos sobre as representações sociais do corpo e da morte na história. Falando sobre a morte durante a Idade Média, Rodrigues (1999), detalha a forma como se dava os últimos momentos de alguém que estava à beira da morte. A morte seria um acontecimento público, quando o sujeito sentia que ia morrer chamava a todos, familiares e amigos, que se reunissem ao redor de seu leito para dar continuidade à cerimônia da morte.

O moribundo ouvia os participantes e conduzia o ritual de seu próprio falecimento. Acertava suas contas, pagava suas dívidas, fazia testamento oral e confissão ainda pública, dava conselhos, pedia desculpas....De alguma forma, aquele que ia morrer, com a autoridade dos que não precisam mais barganhar com a vida, promovia a confraternização dos presentes e transmitia todas as riquezas que possuísse, das quais não se considerava na verdade senão um depositário provisório. Tudo era

visível, e o que eventualmente estivesse oculto deveria ser solenemente revelado nesta ocasião. Temia-se justamente a morte sorrateira, de que não se conhecessem os detalhes; causava medo a morte repentina, sem cerimonial; trazia pânico a morte acidental, que comparecia sem se fazer anunciar. Semelhantes fatalidades continham, acima de tudo, o amargo sabor da ruptura. (Rodrigues, 1999, p.124).

O modo como Remy escolhe morrer torna-se pauta das discussões. Todos viram beleza naquele momento e declaravam querer para si uma morte igual, se sofressem do mesmo mal. Mas no meio disso tudo entrava a discussão sobre a eutanásia. Alguns comentavam que em casos como o de Remy achariam válido, afinal o câncer já havia se espalhado, não havia o que fazer e Remy não precisaria sofrer tanto. Porém indagou-se que a eutanásia era também usada como forma de substituição de leitos, pacientes que se encontram moribundos acabam tendo suas mortes adiantadas por profissionais de saúde, para que seu leito seja ocupado por outro que tenha chance de vida. Por um lado a eutanásia vista como um modo de amenizar uma dor e apressar um desfecho já certo, por outro uma forma de dar espaço a quem, supostamente, mais precisasse. O caso de Remy estaria mais ligado a primeira situação, ele decide apressar a morte já anunciada, devido a não mais querer sofrer. E o suicida? Perguntou-se também. Não seria alguém que abraça a morte, por não mais querer sofrer em vida? Nesse ponto o tom da conversa mudou. Alguns falavam que no suicídio a situação era diferente, a pessoa precisaria de ajuda, a morte não seria a solução.

A conversa era atravessada por discussões que falavam sobre as relações que estabelecemos com o morrer em diversas situações. Mas também era uma discussão que falava sobre os modos de viver, sobre as relações que temos com a vida, com o viver. De que modo estamos vivendo? Uma pergunta que leva a diversos questionamentos, inclusive a pensar de que modo estamos morrendo. Seriam essas indagações que ganhariam força num dos *posts* sobre esse encontro. Postou Carol (Quarta-feira, 5 de Novembro de 2008):

Um filme bom de se ver e difícil de falar. Mesmo assim, conversamos. Ainda há o que se falar sobre a questão da existência, ou melhor, ainda há paciência para isso? Por que não? Por que a questão da existência deixou de ser um tema corrente e foi mandado para o rol dos temas passados sobre os quais eu não tenho mais o que dizer?

Pensar sobre a morte sempre suscita vários sentimentos. Quanto à morte dos outros, como viver sem aqueles que amamos? Quanto à nossa própria, “o que será do mundo quando eu deixar de existir”? Isso se torna marcante não porque o seja realmente – acredito que quando pensamos desta forma, somos tragados para a questão: “Quão relevante fui em vida”? E isso passa por diversos âmbitos, do afetivo, de deixar pessoas saudosas, ao intelectual, de ter deixado ou não grandes feitos para a humanidade, ou pelo menos para um punhado de pessoas. Mas ainda assim a discussão correu apertada, sem lá muitas manifestações. Pergunto novamente por que a questão da existência foi deixada há muito nas mãos

dos filósofos – se vacilar, nas mãos dos antigos filósofos. Deixo claro aqui não ser eu alguém que está, pelo contrário, a supervalorizar a questão, e a desejar que tudo volte a ser como antes. Pergunto-me apenas; e por que?

Não me atrevo a responder a questão, mas ela nos leva para outro ponto, não menos nostálgico para alguns, eu creio. Onde vemos, hoje, velhos amigos unidos ao leito de morte de um deles? Aliás, perguntariam, será isso uma questão do passado? Será, então, uma questão de gerações? Será isto, enfim, uma questão particular que depende de cada indivíduo? Me arrisco em dar minha opinião: “não há regras sem exceções”, ouvi de vários professores de português; não quero, no entanto, estabelecer regras, mas penso mesmo que os laços de amizade se fragmentam a cada dia e que cabem aí as exceções, mas apenas exceções. Sem querer entrar no clichê da crítica à modernidade e à tecnologia, mas já o fazendo, lidamos, hoje, com exigências múltiplas e acabamos vivendo em si e por si mesmos, afinal, de que outra maneira damos conta de conseguir tudo o que sonhamos para nossas vidas - nos dando aos outros? Tentando me redimir do comentário acima, não acredito que seja algo pessoal ou tão cretinamente consciente. Nascemos numa cultura e aprendemos a viver a partir dela e vivemos, dando nossas contribuições à sua construção, é claro. Tentamos, portanto, atender às demandas que se nos apresentam – e aqui sei que simplifico uma questão bem mais complexa, mas assumo minhas limitações.

Postado por carol às [08:58](#)

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>).

Pensar sobre a existência, sobre a vida que estamos levando e que queremos levar é algo que tende a mexer com aquilo que se encontrava estacionado. Muitos tendem a pensar: “*estaria vivendo uma vida satisfatória?*”; “*O que estou fazendo da minha vida?*”; “*De que forma gostaria de terminá-la?*”. Por um momento aquilo que se fazia sólido tende a se desmanchar no ar, se liquefaz ou se gaseifica e entramos num processo de deixarmo-nos levar pelas forças que movimentam o líquido ou que espalham o gás pela atmosfera. E dessa digressão da vida, nascem versos.

Ir...

(Tentar definir)

O sentido do existir

(Parece se resumir)

(É) (a ) um mero consumir:

Vinhos, trufas, mulheres,

Bom leito para dormir,

Amigos para recobrar um passado

Que (jamais) irá se repetir.

O que levar de souvenir

Quando a vida esvair?

(Ou seria) O que deixar para os que vão vir,

A fim do nome, no esquecimento, não cair?

Feitos, artigos, amores,

(Bom) filho para o substituir,

“Anjo de guarda” para o olhar admirado

Que sabor pela vida passou a possuir (.) (?)

(De que) adianta tudo isso adquirir,

(Será que) vai repercutir(?) (.)

Por que, o morrer, (não) admitir?  
 Há problema em sumir(?) (.)  
 Grandes invasões, vitórias, mortes  
 Basicamente, a História vai se referir,  
 Antigo/ Novo Império por elas abalado.  
 Que simplório falecimento o irá aturdir?

(Talvez) um percurso de vida a seguir  
 É (não) tentar se iludir  
 Dos fatos, acontecer, apreciar, curtir (.)(?)  
 Todos os desejos realizar e assumir (.) (?)  
 Presente, Passado e Futuro  
 Num mesmo pacote - o (con) sentir  
 (Pra que) ficar acomodado (?) (!)  
 É melhor (que), os riscos, assumir...  
 Postado por Paloma Côrtes às [07:47](#)  
 (Sábado, 8 de Novembro de 2008).  
 (Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>)

Versos que levam outros a também se expressarem ou tentarem se expressar dessa forma. Ou mesmo fazer dos versos de outros, os seus próprios.

[Juaum](#) disse...  
 belas palavras...faço minhas as de noel  
 Quero que o sol  
 Não invada o meu caixão  
 Para a minha pobre alma  
 Não morrer de insolação

Quando eu morrer,  
 Não quero choro nem vela,  
 Quero uma fita amarela  
 Gravada com o nome dela.  
 Se existe alma  
 Se há outra encarnação  
 Eu queria que a mulata  
 Sapateasse no meu caixão  
 Não quero flores  
 Nem coroa com espinho  
 Só quero choro de flauta  
 Violão e cavaquinho  
 Estou contente,  
 Consolado por saber  
 Que as morenas tão formosas  
 A terra um dia vai comer.  
 Não tenho herdeiros  
 Não possuo um só vintém  
 Eu vivi devendo a todos  
 Mas não paguei a ninguém  
 Meus inimigos  
 Que hoje falam mal de mim,  
 Vão dizer que nunca viram  
 Uma pessoa tão boa assim.  
[11 de Novembro de 2008 23:00](#)  
 (Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>)

Os dois *posts* traziam questões relevantes para pensar os modos de vida que levamos ou que queremos levar. Traziam em suas palavras feitas em versos ou de forma cursiva, forças que desmanchavam o chão de alguns, que por não encontrar um ponto onde fincar o pé, o produziram também em palavras. No entanto, o período de silêncio que tomara conta da disciplina, ainda se fazia forte. O encontro das Invasões Bárbaras se fez com mais da metade dos alunos matriculados, e os comentários nem metade tínhamos. E com o andar dos encontros algumas coisas passavam a ganhar mais consistência, como as pessoas que se manifestavam tanto em sala como no *blog* eram, praticamente as mesmas. Vez ou outra alguém diferente dessas pessoas aparecia em um ou outro espaço. Esse aparecer não diz somente da presença física, mas do fazer-se presente enquanto alguém que busca remar junto na onda que se forma. Esse esvaziamento se daria por mais alguns encontros, mas alguns fatores fariam as pessoas voltarem e tentarem aparecer na disciplina.

Com esse esvaziamento e esse silêncio tanto no *blog*, quanto em sala, resolvi que deveria mudar algumas coisas. Primeiramente, decidi por uma mudança nos próximos filmes a serem exibidos. Ainda teríamos até o final da disciplina, mais quatro filmes para serem vistos. Mantive a exibição do filme *A Conceção* (José Eduardo Belmonte, 2005) e a discussão de mais um texto. Os próximos filmes não seriam mais os mesmos que havia escolhido no momento de montagem da disciplina. Após o encontro dedicado a discussão dos textos *Notas sobre peso e velocidade dos corpos* e *Corpos-passagens* (SANT'ANNA, 2001), mais uma vez a disciplina começa a tomar outros rumos.

Durante esse encontro discutíamos as questões que os textos de Sant'Anna nos permitiam pensar sobre a vida que levamos. Sant'Anna problematiza um modo de vida que se produz com invenção do mundo dos deslocamentos cada vez mais rápidos, seja através de automóveis, trens ou aviões. Um mundo que cria novas liberdades, que nos permite percorrer trajetos que levariam dias, em horas; que levariam horas, em minutos. Mas essa liberdade também cria agonias, os trajetos são cumpridos, mas os corpos parecem inertes. Do longo caminho percorrido, pouco é percebido. As paisagens somem em favor da velocidade do movimento, os corpos também sofrem de uma fluidez desmaterializadora, que nos impede de enxergarmos os nossos limites. Por mais que estejamos em movimento, os corpos sentem-se estacionados. Uma viagem que produz uma desensibilização, que cria corpos passivos aos movimentos que executa. Sant'Anna (2001) evoca uma vida que traga para si a dimensão da

lentidão, mas essa como não sendo um contrário à velocidade, senão uma dimensão singular da vida que permite afetar os corpos àquilo que a rodeia.

A discussão enfocou muito essa condição de vida cada vez mais veloz, onde temos que dar conta de muitas coisas em pouco tempo. Metas e metas a cumprir, porém pouco tempo para pô-las em prática. Assim seria visto também a vida acadêmica, onde cada vez mais se vê surgirem exigências de uma formação cada vez mais rápida, para que acessemos logo o campo de trabalho. Aquele que demora a se formar perderia a oportunidade. Então, isso faz com que, cada vez mais, os cursos oferecidos por inúmeras faculdades ou universidades, apostem, enquanto propaganda, em uma formação em tempo recorde, de forma objetiva, sem firulas. As firulas diriam de desvios que disciplinas que fossem mais críticas, mais problematizantes e menos técnicas provocariam no curso. O tempo de hoje, exigia uma formação cada vez mais técnica, que focasse num único ponto onde as pessoas deveriam atingir com as ferramentas específicas, previamente analisadas.

Nesse dia em particular, a sala estava muito vazia, tínhamos menos da metade dos alunos. E utilizamos essa situação para problematizar aquele espaço, para levantar questionamentos sobre o esvaziamento, sobre que tipo de compromisso as pessoas que estavam matriculadas tinham, não só com a disciplina, mas com o curso. Entramos numa discussão que envolvia a questão do nível de comprometimento que temos com as coisas que fazemos. A não participação naquilo que envolvia não só a nossa disciplina, como a outras, no que tange a não leitura de textos, seja por esse ser longo, seja por ser “pós-moderno” demais, dizia de uma falta de capacidade de se comprometer? E esse não comprometimento estaria também em outros momentos, para além da universidade, seja com situações que envolvessem as políticas nos espaços públicos, ou mesmo com outras coisas mais cotidianas? Pontuávamos que esse não comprometimento também dizia dessa velocidade exigida aos corpos, pois dificultava uma atenção<sup>28</sup> à vida.

---

<sup>28</sup> Aqui, o termo atenção é usado de um modo positivo, mostrando-a como um “*instrumento de seleção dos encontros, por meio do qual os seres distinguem, em cada corpo e em cada ação, a potencia do poder, a diversidade da diferença[...]*” Sant’Anna, D. *Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres*. In: VEIGA-NETO, A (org.). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

### 5.3 Corrida pela Aprovação

Coincidentemente, no encontro posterior a esse, a sala estava cheia. Mas essa presença em massa diz mais de outra coisa, do que de algumas apontadas quanto ao comprometimento com aquele espaço. Estávamos quase adentrando o mês de dezembro, que seria o último mês de aula e ainda havia um número considerável de estudantes que ainda não haviam postado no *blog*, ou seja, não tinham garantido sua aprovação. Teríamos mais quatro encontros, de onde, teoricamente, sairiam oito *posts*, enquanto sobriariam em torno de nove pessoas que não postariam. Tínhamos visto o filme-documentário *Edifício Master* (Eduardo Coutinho, 2002), sugerido e levado por um dos alunos. Documentário que retrata a vida de moradores do Edifício Master, localizado no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. O documentário é recheado de histórias contadas pelos moradores do edifício, os quais relatam suas vidas naquele espaço, que tipo de relação tem com os outros moradores, o que fazem, com quem moram, etc. Um filme que mostra uma diversidade de vidas, existente em um edifício e que muita dessas vidas quase nunca se cruzam. Cada palmo de minúsculos apartamentos são mundos para seus moradores.

Um filme que, mais uma vez, provocou discussões sobre o modo como as pessoas vêm se relacionando, ultimamente. Hoje é muito comum ver pessoas vivendo em imensos condomínios de casas ou mesmo de apartamentos e pouco saber sobre o seu vizinho. Em condomínios de casas, a propaganda feita e exaltada sobre si envolve todo um conforto proporcionado, por morar em um espaço mais aberto, diferente de um apartamento e ao mesmo tempo um espaço livre do *stress* e da violência do dia-a-dia. A segurança aparece como grande propaganda e garantia de qualidade de vida. No entanto, seus altos muros com cercas elétricas, não são suficientes, tanto que os moradores ainda cercam suas casas com muros altos, também com cercas eletrificadas e se justificam por ditados como “melhor prevenir, que remediar” ou por uma garantia de manutenção de sua privacidade. O outro, aquele que nos é estranho passa a nos ameaçar, apenas pela sua condição de ser estranho. Um excesso de desconfiança nos impede de ver o outro como um possível novo amigo.

As discussões caminhavam nessas direções, pautando-se em exemplos dos filmes. Vizinhos de anos e anos que nunca haviam se visto ou trocado sequer um bom dia. Ou em outros momentos, em que um dos moradores idosos caiu, seus vizinhos só souberam do incidente, quando ele já havia voltado do hospital. Ou mesmo uma jovem que por quatro ou cinco meses escutava sempre uma criança, moradora do andar de cima, brincando, cantando e

a jovem nutria uma curiosidade de saber como era a pequena criança, mas não se sentia à vontade para bater à sua porta para conhecê-la. Um filme que engloba um espaço de variedade de pessoas, do modo como elas pensam aquele local que habitam, as histórias possíveis de se contar sobre um edifício que, para quem vê de fora pode ser dito como o mesmo para todos, mas que reserva, em seus espaços tão pequenos, mundos tão diversos e distantes.

Ao chegarmos próximos do horário de terminar a aula, perguntei quem seriam os dois alunos dispostos a escrever. Antes que alguém manifestasse o desejo, um grupo de alunos começou a falar que ainda não haviam escrito no *blog* e que pelo número de encontros que restavam, não seria suprida a demanda que faltava. Dois *posts* por encontro não seria suficientes. Passamos a discutir com os alunos como resolveríamos aquela situação e ficou decidido que a partir daquele encontro teríamos mais que dois *posts*. Daríamos um jeito de que todos pudessem escrever no *blog*, para assim garantir a aprovação na disciplina. Desse encontro sobre o *Edifício Master*, resultaram quatro *posts*. A maior parte dos posts enfocava essa situação já colocada do isolamento, da diversidade e das histórias possíveis, contadas por seus moradores.

Um dos quatro *posts* trouxe outra coisa para a roda. Em um momento da conversa em sala, alguém pontuou que achou interessante a disponibilidade das pessoas em abrir a porta para um estranho, com uma câmera na mão, para falar sobre sua vida. Se não abria a porta para o seu vizinho de muitos e muitos anos, como seria possível abrir para um desconhecido que nem do prédio era morador? O que levava às pessoas a falarem abertamente sobre suas vidas, para um estranho e ainda mais, numa ocasião que seria veiculada para outras pessoas, em diversas partes do Brasil e até de outros países? Como o diretor conseguiu essa proeza de que essas pessoas contassem para ele suas histórias? Essas perguntas ficavam no ar. Então, esses questionamentos levaram uma das alunas a arriscar um palpite: para ela, fazer essas pessoas falarem não seria o trabalho mais difícil, seria até, a parte mais fácil. Isso se daria, pois haveria uma necessidade de escuta para aquelas histórias, que muitos, mais próximos a eles, não estariam dispostos a ouvir, não teriam tempo para dispor seu ouvido, para que o outro lhe contasse suas histórias.

Tenho a impressão de que sentimos vontade de falar mais e mais e, ao mesmo tempo, temos poucos e com pouco tempo pra nos ouvir. Não dá pra perder tempo ouvindo histórias. Às vezes você quer ouvir aquela historinha que seu filho insiste

em contar do que aconteceu ontem na escola, mas não dá porque você está atrasado para o trabalho. Às vezes, você simplesmente não quer escutar porque você está de saco cheio, trabalhou o dia inteiro com muita informação! Às vezes sua mãe fica te “perseguido” quando você chega pra almoçar, mas não dá pra ouvi-la porque a aula começa às 13h. Às vezes você quer falar como uma matraca, mas não tem graça falar pro espelho.

Vi um pouco disso no filme: a satisfação de poder ser ouvido com atenção, de ter um espaço só seu pra falar, simplesmente falar pra alguém. Acho que muitos Psicoterapeutas ouvem essas mesmas histórias.

Postado por Manuela às [19:06](#)

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>)

Nisso, uma discussão sobre a necessidade e a eficiência da escuta psicoterápica começa a povoar os comentários que se seguem ao *post* de Manuela. Uma escuta qualificada, que dentro de um tempo de cinquenta minutos à uma hora pode fazer recuperar o tempo perdido pelo indivíduo, relata um dos comentários. A terapia não seria um simples conversar, mas seria o espaço por excelência da escuta, onde as pessoas teriam suas necessidades saciadas e assim poderiam encontrar-se consigo mesmas. O espaço psicoterápico visto como um local ao qual recorreremos, pagamos por ele, para que recuperemos nossas verdadeiras vidas, perdidas ou roubadas, num mundo onde os tempos para escutas estão cada vez mais fluidos.

[Isis Caroline](#) disse...

[...]A terapia torna-se mais que um espaço de auto-conhecimento, de reflexão, de acertos e desacertos e torna-se um espaço só seu, em que tudo é permitido, em que se pode falar, gritar, chorar, rir, esperar, mas que mesmo com um tempo reservado apenas para isso, que vem sendo limitado no cotidiano, ainda há um controle do tempo...paga-se pelo tempo perdido no dia-a-dia. Para alguns 50 minutos, para outros 1 hora e para os lacanianos o tempo que for preciso. Quem dá mais pelo tempo perdido?

2 de Dezembro de 2008 21:52

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>)

Uma defesa do espaço de escuta clínica da Psicologia passa a ser feito. Um espaço que é visto como local onde nos encontramos com nossos verdadeiros modos de ser. Colocavam a Psicoterapia como aquela que nos devolve a nossa real vida, aquela na qual é preciso pagar para que se possa ter alguém que se disponha a nos escutar. Porém nem todos os comentários pulsam nesse mesmo ritmo de defesa do espaço Psicológico, muito menos pulsa contrário a ele, senão há um pulso que se pretende pensar sobre que tipo de ritmo é esse que toma forma nesse pulsar e que tipo de danças ele proporciona.

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

será q se paga mesmo para recuperar um tempo perdido??? será q não há mascaras?...mas é interessante estar explicito que ao Pagarmos(e o q esta ligado a isso, ou seja,a Psicoterapia), conseguimos "entrar" nesse tempo em nós somos nós

mesmos...é difícil pra mim pensar q eu pago pra recuperar algo q me foi roubado...se me roubaram, pq eu tenho q pagar pra reaver? será q a quem eu pago, nao ta de certa forma produzindo esse roubo, atraves desse discurso q eu fui roubado, q o tempo q tenho nao me permite ser o q sou, q eu vivo no bloco do eu sozinho, qd seria melhor estar eu no bloco bora bora, ou fascinação (aproveitem q as mortalhas ja tao se esgotando), mas pra descobrir isso preciso pagar pra descobrir q fui roubado e dps pagarei ainda mais pra entrar no bloco do todo mundo junto...mas fiquemos com a ideia q me roubaram o tempo onde eu posso ser eu, pois desse modo quem sai no lucro é quem diz q eu tive o tempo roubado, q vai me escutar e falar comigo..

4 de Dezembro de 2008 00:20

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>).

Ou ainda:

[Juaum](#) disse...

Legal a discussão...

Quanto a isso acho que a gente precisa ter mais cuidado quando falamos que vivemos em tempos assim ou assados. acho que há um risco nesse tipo de generalização de acabarmos sufocando os cruzamentos, aos esquinas, as vias de mão dupla em nome da via expressa de mão única.

Acho sim que esses discursos apontam para algo que massifica, mas acho que não podemos mesmo reduzir tudo àquilo ou a isso.

Então, encontramos o Psicólogo no dito espaço Psicoterápico onde se paga para encontrar seu eu ou o tempo que lhe roubaram. só que antes ele estava na tv falando que os pais deveriam dedicar mais tempo aos filhos para o bem do seu desenvolvimento. no jornais da meia noite ele fala que o individuo que cometeu o crime era de uma personalidade patológica que com certeza em algum tempo da sua vida iria fazer aquilo.

pra mim fica uma pergunta que conspira com as ideias trazidas por helmir.... que facas estamos a amolar?

[5 de Dezembro de 2008 00:38](#)

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>).

No entanto, para além do que os comentários querem ou não afirmar, é preciso ressaltar que com essa mudança no número de *posts* por encontro, uma situação que já se fazia presente no *blog* e também nos encontros em sala, ficava mais marcante. Por um bom tempo, após o momento em que houve as primeiras mudanças no andamento da disciplina – questionamentos sobre a escolha dos filmes, o silêncio que se fez em sala, mudança no local, possibilidade de sugestão dos filmes pelos alunos, esvaziamento nos encontros – os comentários para os posts eram feitos, praticamente, pelas mesmas pessoas, sempre, uma vez ou outra alguém diferente aparecia. Com o aumento dos *posts*, isso fica mais explícito. Nessa primeira leva de mais de dois *posts* por encontro, por exemplo, tivemos um total de quatro posts e desses, somam-se dezenove comentários. Esses dezenove foram escritos por dez pessoas diferentes, numa sala com trinta. Isso não é exclusivo desse momento, grande parte dos comentários existentes no *blog* apresenta essas características. Creio que somente nos

posts referentes aos três primeiros encontros é que tivemos uma variedade maior no que diz respeito aos alunos que foram ao *blog* estender a conversa tida na sala.

Assim que terminávamos as aulas, que escolhíamos ou alguém se prontificava a ser o responsável por escrever no *blog*, o tempo que se dava entre esse dia e o dia em que o texto era postado no *blog*, foi muito parecido. As aulas aconteciam todas as segundas, dávamos um prazo para que o texto estivesse no *blog* em sete dias, ou seja, até o domingo seguinte. Queríamos que o texto estivesse no *blog* em um tempo que permitisse que os outros lessem com calma e pudessem tecer seus comentários. Grande parte dos *posts* ia ao ar muito próximo desse prazo. Durante a semana referente a um novo encontro, ainda havia pessoas se inteirando com os novos textos, da semana anterior, tecendo seus comentários. No momento em que o número de *posts* por encontro aumentou o que ocorreu foi que tivemos cerca de quatro *posts* publicados em dias próximos ou no mesmo dia. O que parece que nem todos tiveram a mesma atenção, uma vez que houve aqueles que nem comentários obtiveram. Algo que tinha acontecido somente uma vez no *blog*, aconteceria mais umas cinco até o último *post*. E quando havia comentários, a dinâmica presente em outros continuava a mesma, ou seja, as mesmas pessoas que já habituadas a comentar, comentavam, uma ou outra diferente aparecia. Aparentava que o interesse pelo *blog* estava apenas ligado à sua função institucional na disciplina, isto é, servir como condição de aprovação. Isso me levou a criar uma estratégia na qual as pessoas se posicionassem frente à disciplina, a intenção era saber o nível de implicação delas com aquele espaço. Para tanto resolvi utilizar algo que chamarei de metodologia do constrangimento alheio.

#### **5.4 Uma Nova Estratégia**

A metodologia do constrangimento alheio nada mais é do que fazer com que os posicionamentos políticos, que já se mostram em práticas, como por exemplo, no uso do *blog*, sejam enunciados. Seria fazer com que aquilo que estaria num nível do não-dito, venha à tona. Os modos de funcionamento da disciplina, seja em sala, seja no *blog*, já diziam muito sobre que tipo de políticas atravessavam aquele espaço. Mas quando alguém é, de certa forma, forçado a falar sobre seus posicionamentos, a coisa toma outros rumos. Muitos não conseguem falar ou se falam é sempre como se estivessem pisando em ovos, há todo um pedido de desculpas prévias ou uma justificação exagerada. Mas há aqueles que falam sem pudor nenhum e reafirmam seus posicionamentos.

Pois bem, a estratégia pensada era a seguinte: desde o começo da disciplina, havíamos deixado claro que não faríamos nenhuma prova como forma de obter uma nota para a aprovação dos alunos. Dissemos que a aprovação estava subordinada à escrita no *blog*. Porém não havia dito qual seria a nota final de cada aluno, afinal é preciso colocar uma nota na caderneta encaminhada para o DAA. Então, diria aos alunos que todos que escreveram no *blog* estariam aprovados, como combinado e a nota final seria o mínimo exigido pela universidade para ser aprovado em qualquer disciplina, ou seja, todos teriam nota cinco. Com isso estaria cumprindo o acordo de todos que postaram no *blog* serem aprovados. Essa estratégia mexia com algo que há muito está solidificado no curso de Psicologia da UFS: notas abaixo de oito são consideradas muito baixas.

É muito comum estudantes de Psicologia terem sua média geral entre oito e nove. É algo que faz parte do curso há muito tempo. Desde que eu entrei como graduando, em 2001, que já era prática instituída alunos com médias muito altas. Especula-se que isso se dá porque no curso de Psicologia os professores são muito compreensíveis, que entendem cada aluno do seu jeito, o que leva a não somente avaliar aquilo que fora produzido, mas o aluno como um todo, ou seja, a velha ideia de que Psicólogo é alguém que entende dos problemas dos outros, que leva isso em consideração relativizando a avaliação. Era comum ouvir pelos corredores da UFS, de estudantes de outros cursos, que muito gostavam de fazer disciplinas do Departamento de Psicologia, porque era oportunidade de aumentar a média geral, pois não se tirava nunca abaixo de oito. Outros ironizavam, dizendo que bastava inventar qualquer intervenção, seja a partir de uma dinâmica de grupo ou mesmo um exercício de relaxamento, que já tiraria nota dez. Variadas são as razões que pode se ouvir pelos corredores. Porém o que importa aqui é que, sendo ironia ou não, isso se faz como prática instituída no curso de Psicologia. Sem querer fazer julgamento dos métodos avaliativos, até porque isso não tem importância para mim, tanto quanto tem como norma institucional. O que interessa é que isso criou uma prática no curso de Psicologia, seja para seus alunos ou mesmo para outros, que tirar abaixo de oito é visto como nota muito baixa, como algo inadmissível. E era com isso que queria mexer.

Por mais que essa visão sobre as notas estivesse presente, havia nela uma questão também de mérito. Não se tirava determinada nota somente porque o professor era compreensível. Havia um acompanhamento em relação ao crescimento intelectual do aluno

avaliado nas atividades em sala, que levariam à nota, isto é, se recebia tal nota era por merecer.

Minha estratégia estaria em informar aos alunos que a aprovação seria com a nota mínima exigida, mas que haveria notas complementares que poderiam elevar a nota final. Todos que postaram teriam nota cinco e poderiam aumentar essa nota, a depender do número de comentários que foram feitos até o final da disciplina. Daria para cada comentário meio ponto. Quem tivesse dez comentários em todo o *blog*, teria nota final dez. Não se tratava de uma questão de nota, de forçar comentários, mas, como disse, era uma metodologia de constrangimento alheio, queria que os posicionamentos políticos com a disciplina pudessem ser ditos. O engraçado é que o dia no qual falei sobre essa questão das notas, teve um filme que, no meu ver, trazia uma discussão que se aproximava com o que veio a se dar.

Frente à forma como as coisas estavam se desenrolando na disciplina, onde poucos se manifestavam, grande parte da turma entrava muda e saía calada e a partir de algumas provocações quanto aos filmes escolhidos, que vinha desde o quarto encontro da disciplina, fiz algumas mudanças na lista dos filmes. Escolhi outros que achava que tivesse uma tendência mais provocativa, pois traziam questões que, quando levantadas geram muitas discussões, porque acabam incomodando. Resolvi então, levar para assistirmos ao filme *Bonitinha, mas ordinária* (Braz Chediak, 1981). Esse filme é uma adaptação da peça de teatro homônima de Nelson Rodrigues. Nesse filme vemos a história de Edgard, um rapaz pobre que trabalha na companhia do Dr. Werneck. Peixoto, genro de Werneck, durante uma conversa com Edgard pergunta-lhe se ele era um cafajeste e Edgard o responde com uma frase que dizia “*o mineiro só é solidário no câncer!*”, atribuída a Otto Lara Rezende<sup>29</sup>. Com isso ele queria dizer que não teria escrúpulos algum, que se precisasse seria sim um cafajeste, um canalha. Então, Peixoto lhe diz que se ele quiser ficar muito rico bastaria aceitar casar com a filha do Dr. Werneck; Cecília. Esta havia sido estuprada e seu pai achava que dessa forma ninguém se casaria por vontade própria com ela, então seria preciso lhe comprar um marido.

O Dr. Werneck oferece a Edgard uma vida recheada de luxos, bastaria que ele dissesse que aceitava o casório. Edgard reluta por um tempo, mas Werneck era um sujeito que achava

---

<sup>29</sup> Otto Lara Resende (1922-1992) foi um escritor mineiro, a quem Nelson Rodrigues atribuiu essa frase. Retirado de Rodrigues, Nelson. *Otto Lara Resende, ou, Bonitinha, mas ordinária*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

que todos tinham um preço e ele como uma pessoa muito rica sempre poderia pagar para provar isso. A frase dita por Edgard toma conta de praticamente todo o filme, todas as situações que mostravam humilhação ou falta de escrúpulos, eram justificadas pela frase “*o mineiro só é solidário no câncer!*”. Na indecisão de Edgard, Werneck lhe dá um cheque no valor de cinco milhões de cruzeiros, se ele fosse mesmo um homem de caráter não descontaria o cheque, mas se por outro lado, não fosse, seria um canalha como qualquer outro, e a frase de Otto Lara estaria certa. Edgard encontrava-se num grande conflito que o acompanharia durante todo o filme, ficar rico e se tornar um canalha ou permanecer pobre e íntegro. E nesse conflito estava também o amor dele por sua vizinha Ritinha. Vista, a princípio, como uma professora que trabalhava duro para sustentar a casa e ajudar suas irmãs, porém depois ela revela que não é uma professora e sim uma prostituta. Edgar sente-se atraído por Ritinha, quer se casar com ela, mas para isso teria que desistir do cheque e do casamento com Cecília. Ser ou não ser canalha, seria um dos assuntos que mais toma conta do enredo do filme. Werneck tinha para si que todos tinham um preço, que qualquer ato de humilhação e de violência, poderia muito bem ser encoberto, bastava usar das quantias monetárias necessárias, para ele as pessoas eram todas canalhas, sempre se venderiam, mesmo se tivessem sofrido algum tipo de abuso antes. Como diria Peixoto “*No Brasil quem não é canalha na véspera, é canalha no dia seguinte. O Otto está certo. O mineiro só é solidário no câncer.*” (Rodrigues, 2004, p. 66).

A conversa tida em sala passeava por essa afirmação de quem não é canalha na véspera, será no dia seguinte. Discutíamos sobre até que ponto tudo pode ser comprado, até onde seríamos suscetíveis ao dinheiro. Nelson Rodrigues, um escritor que sempre buscava mostrar em suas peças ou crônicas aspectos da vida, de um Brasil da década de cinquenta, sessenta e setenta, que muitos queriam mascarar. Um filme que fazia da canalhice uma de suas principais personagens. Segundo a frase de Otto, todos nós seríamos canalhas, todos teríamos um preço. Debatesmos muito sobre esses pontos, até que a conversa começou a caminhar para coisas que se deram no filme e que nos fizeram rir. Rimos das canalhices alheias, das humilhações de Werneck, das declarações de Peixoto, dos conflitos de Edgard. “*O que dizia esse riso?*”, perguntava um dos *posts*. Enquanto os outros não respondiam sobre seus risos, Kleber disse do seu:

[...] Confesso. Também ri de muitas cenas. Agora, alguns dias depois; cai a ficha e vejo que não havia como não rir. Daqui em diante, direi desse meu riso e quem quiser que diga do seu.

Meu riso era efeito de uma imbecilidade efêmera que se apossou de mim, a me dizer: “Ria Kleber, pois o Rio de hoje é bem mais dramático, sujo e triste”. E eu ri. Ri daqui de Aracaju do Rio de hoje onde os excessos parecem não causar remeço. Dr. Wernek, o pilantra-mor da história revelava arrependimentos e tentava compensar suas perversões com dinheiro. Não creio que haja outros Werneks na Cidade Maravilhosa da atualidade, a estabelecer parâmetros para que a solidariedade, mesmo destinada a uma dimensão moral, seja um investimento para a vida e não para a morte.

Repetia a exaustão o José Wilker que a “o mineiro só é solidário no câncer”. No *happy end* diante da tentação Vera Fischer e de um cheque de cinco milhões de moedas, decide-se o obstinado personagem pelo amor e por uma vida de convicção na incerteza. Como diz Juauim; “Isso é lindo”. Lindo como a cidade do Rio de Janeiro era. Lindo como o silêncio poderia ser, não tivesse eu me entregado ao riso de enxergar o tosco naquilo que era sinistro. Esses momentos roubam qualquer cena, pois eles são mestres em instalar a indiferença. Penso agora que foi bom eu ter rido. Pude querer escrever isso que escrevo. Entretanto, agora, agora mesmo, um calafrio me toma de assalto e me encaminha uma reflexão: seguirei rindo do tosco que me é insuportável ou outros sentidos vou conseguir inventar, estabelecendo comigo e com o mundo modos de ser solidário a quem do câncer? Não se trata de uma opção. Trata-se uma análise. Uma Psicanálise sem atos falhos ou superego, onde o que importa é sentir que faço parte do tempo e que ele é e será, um pouco que seja, aquilo que melhor me convier. Pergunto; vivemos em tempos tumorais?

Postado por Kleber Matos às [20:20](#)

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>)

Mas a obra de Nelson Rodrigues não nos fez pensar só nas canalhices, na nossa condição ou não como produtos que teriam sempre seus preços, não só nos fez rir das desgraças alheias, seja pela indiferença que aquilo se instala em nosso modo de vida, seja por graça mesmo, Nelson provocou outros questionamentos. Apontou-se essa capacidade das obras de Nelson Rodrigues em trazer à tona canalhices, relações incestuosas, fetiches dos mais variados, estupros assistidos por plateias, num meio que se passava por livre dessas tidas perversões, que era o da classe abastada, que cheios de seus moralismos, viviam como todo requinte e superioridade onde atos como esses não aconteciam. Em uma das cenas do filme, Werneck faz com que seus convidados revelem seus segredos mais íntimos, a partir de uma sessão chamada por ele de Psicanálise de galinheiro. Uma das mulheres presentes revela que já havia se prostituído por um cachê de setenta e cinco cruzeiros, pago por um operário das obras de construção de Brasília. Todos teriam suas sujeiras em vida, que estariam escondidas e se faria tudo para que se mantivesse nessa condição. Em um dos *posts* é pontuado o que diria Nelson Rodrigues sobre a sociedade dos tempos de hoje, onde o que mais conta é o fazer-se ver, o ser visto a todo custo?

[...] Fiquei pensando o que diria Nelson Rodrigues da sociedade de hoje. Será que houve grandes mudanças de lá pra cá? Tenho minhas dúvidas. Lembrei de alguns fatos que aconteceram recentemente. Os jovens, de classe média, que embriagaram uma adolescente de 15 anos e a estupraram. Não satisfeitos, gravaram o crime e

divulgaram as imagens pela internet. No dia seguinte à veiculação da notícia, encontrei alguns conhecidos e ficamos conversando sobre o fato. Dois deles falaram que assim que assistiram à reportagem, correram para o computador para tentar encontrar o tal vídeo e, rindo, mostraram a frustração de não ter encontrado. Perguntei o porquê de querer ver um vídeo como aquele, eles continuaram rindo e disseram: “pura curiosidade”. Curiosidade!?. Também lembrei do caso de um senhor que encontrara um malote de dinheiro e o devolvera ao banco. No dia seguinte, esse senhor foi à delegacia para denunciar ameaças que estava sofrendo desde ter devolvido o dinheiro. Não quero discutir se devemos tratar esse senhor como um herói ou um bobo, mas o fato de a própria sociedade ter repudiado tal gesto de honestidade.

Se um dos objetivos de Nelson era mostrar o que acontecia às escuras na sociedade de sua época, o que ele diria da nossa que não faz muita questão de esconder sua podridão?

Postado por Carlinha às [17:52](#)

(Disponível em <http://www.Psicocinehistoria.blogspot.com>)

Entre os risos, as canalhices, a vontade de ser visto ou a condição de que tudo tem seu preço, fomos levando as discussões pelos *posts* e comentários do *blog*. Mas uma discussão tida em sala não apareceu no que fora escrito no *blog*. Antes de encerrarmos a aula, comecei a falar de como vinha observando as coisas que rolavam na disciplina. Falei sobre a participação dos presentes nas discussões em sala, pontuando que poucos eram os que participavam e isso se estendia para o *blog*, onde a maioria dos comentários advinha daqueles que falavam em sala. Falei também que minha posição ali era de alguém que experimentava a condição de professor, estava ali fazendo um estágio e que havia feito alguns planejamentos para aqueles encontros e com isso, esperava algum tipo de retorno, coisa que não estava percebendo nas aulas. Nisso, comecei a falar que a aprovação daqueles que já tinham escrito um *post* no *blog* estava garantida, como combinado, porém eu não havia dito com que nota seria essa aprovação. A nota também dependia da participação tanto em sala, como no *blog*. Então disse que aqueles que já haviam postado no *blog* teriam nota cinco, garantindo a aprovação e que para aumentar a nota, ganhariam pontos extras por comentários. Nesse momento o que se ouviu foram vozes de protesto, questionando quais os motivos dessa decisão. Nisso perguntei se o que importava ali não era a condição de serem aprovados, todos teriam seus créditos, se isso já não era o bastante. Os argumentos de protestos variavam, uns diziam não ser justo, visto que participaram mais que outros, assim mereciam uma nota maior (questão de caráter e de mérito); outros achavam a nota baixa (valor da nota); e outros protestavam por isso só ter sido dito naquele momento, faltando mais três encontros para o encerramento da disciplina (contrários à ironia).

No decorrer do debate, afirmei que quanto à questão da nota baixa, não havia o que se preocupar. Todos poderiam aumentar suas notas, bastava que tivessem um número

considerável de comentários no *blog*, que poderiam atingir a nota dez. Daria pontos por comentários. O que levou a perguntarem-me quanto eu daria, o que respondi: “*meio ponto por comentário*”. Nisso bastava ter feito dez comentários que terminariam a disciplina com a nota dez. Disso surgiram novos questionamentos, onde alguns perguntavam se qualquer coisa poderia ser considerada como um comentário, um simples “*bom texto!*” poderia ser visto como um comentário e que valeria meio ponto. Respondi-lhes que sim. O que gerou mais revolta, pois alguns disseram que não seria justo, pois eles sempre se preocupavam em ler os *posts*, pensar sobre e escrever um comentário, faziam por onde para entrar nas discussões. Enquanto outros poderiam apenas dizer duas palavras e ter o mesmo mérito, em nota, que eles. Então propuseram que os comentários fossem avaliados por mim, que após isso eu daria os pontos complementares. Disse-lhes que não estava disposto a fazer esse tipo de atividade, porque não se tratava de examinar se houve comentários certos ou errados, mais bem articulados que outros, mas poder perceber a participação dos estudantes naquele espaço. Aí, falei o seguinte: “*Vocês estão reclamando por algo que lhes será muito cômodo. Estou lhes dando os pontos de graça, basta que vocês se façam presentes nos comentários por umas dez vezes, que terão dez como nota final.*”. Mas isso não agradava a todos, havia aqueles que, no meio disso tudo, permaneceram calados, assim como fizeram por grande parte da disciplina e outros que ficaram calados por concordar. Só que alguém aparece com uma terceira proposta.

Tínhamos a minha proposta de que todos ganhariam cinco por terem postado e mais meio ponto por comentário feito, não importando o tipo ou conteúdo do comentário. A segunda proposta era que se mantivessem os cinco pontos pelo *post* e que os pontos complementares saíssem de uma avaliação minha dos comentários. Propuseram como terceira proposta que se mantivesse o cinco pelo *post* e que a nota complementar não tivesse nada a ver com os comentários, que ela fosse decidida a partir de uma auto-avaliação no último dia de aula, onde nesse momento os estudantes, além de auto-avaliarem, avaliariam a disciplina, dando-me um *feedback* sobre o que vivenciaram. Abrimos para votação e a terceira proposta sagrou-se vencedora. Teríamos uma auto-avaliação ao final da disciplina, onde seria decidida a nota total. A nota total seria resultado da soma da nota obtida pelo *post* no *blog* (5,0) mais os pontos complementares, que seriam dados pelos próprios alunos, cada um a si próprio, no processo de auto-avaliação.

Essa foi uma proposta que eu nem cogitava que aparecesse. Quando muito acharia que as pessoas, mesmo depois de algumas chiadeiras, acatariam a minha decisão, afinal seria uma

forma de ganhar pontos de uma forma muito fácil e sair com uma nota que correspondesse ao curso de Psicologia. Só que a auto-avaliação também é um dispositivo, no curso, que cobre bem essa função de pontos fáceis. Em grande parte das vezes que tive avaliações dessa forma, o modo dos alunos de se auto-avaliarem eram as mesmas. Frases como: “*Eu não tive um bom empenho nessa disciplina, mas consegui acompanhar as discussões, por isso mereço a nota oito.*”; ou “*Ah, eu participei da minha maneira, li todos os textos, vim na maioria das aulas, então mereço dez.*”; ou até “*eu faltei muito, não estava muito motivado nesse período o que me levou a não ter um bom rendimento em sala, por isso acho que mereço nota sete e meio*”; entre outras, eram bem comuns nesses processos de auto-avaliação. Já esperava ouvir coisas muito parecidas no último dia de aula. Não me importava muito com isso, na verdade, via nesse novo processo que entrava nos caminhos da disciplina, como algo que dizia muito sobre o modo como vinha funcionando aquela disciplina e também me permitia dizer de outras coisas referentes ao que se passa no modo de funcionar do curso de Psicologia da UFS.

Ainda teríamos mais dois encontros com filmes e um para a auto-avaliação e ainda havia nove alunos a postar no *blog*. O penúltimo filme que levei, trazia em seu enredo uma discussão sobre as escolhas sexuais. O filme era *Procura-se Amy (Chasing Amy – Kevin Smith, 1997)*, nele vemos se desenrolar uma história de um relacionamento amoroso entre Holden e Alyssa. Poderia ser mais um filme qualquer de relacionamento entre um homem e uma mulher, não fosse o caso que Alyssa apresentasse, no começo do filme, como uma lésbica convicta. Holden e seu amigo Bancky eram dois cartunistas de uma revista em quadrinhos que circulava em circuitos alternativos desse setor e que eram muito famosos. Alyssa também era desse mesmo ramo, porém sem fama igual a dos dois amigos. Alyssa, Holden e Bancky se conhecem em um evento desses tipos de revistas, logo Holden fica interessado em Alyssa, esta demonstra apenas um envolvimento amigável, mas Holden queria mais. Bancky o alerta para esse tipo de relacionamento, que não daria certo, pois Alyssa era lésbica e nunca que ela deixaria de ser o que era, ou seja, sairia de uma vida homossexual para uma heterossexual. Em um momento do filme, Holden não agüentando mais a paixão que sentia, declara-se para Alyssa, que quando escuta isso diz a Holden que isso não podia acontecer, porque ela tinha uma vida que não condizia com aquele tipo de romance, que de uma hora para outra não poderia mudar. Mas Alyssa já estava também apaixonada por Holden e acaba se entregando para ele.

Ao mesmo tempo que os dois passam namorar de uma forma séria e firme, a relação entre Bancky e Holden vai se esvaindo. Bancky não aceita a relação do amigo, achando que em algum momento ele não iria aguentar e que seus valores morais falarão mais alto quando souber algo da vida passada de Alyssa, algum tipo de relação que ela teve que fosse além do que os valores de Holden admitiam. E em um momento uma história da vida passada de Alyssa surge, Holden acaba descobrindo que ela já havia se relacionado sexualmente com homens, o que para ele fora algo inaceitável, achando ser o único homem na vida dela. Entre discussões, Holden termina o relacionamento por não achar que fosse do mesmo nível de experiências de Alyssa.

Quando começamos a conversar sobre o filme o que mais caracterizou a discussão foi se seria possível alguém que se diz homossexual ou heterossexual poder mudar de uma hora para outra a sua dita “preferência” sexual, ou seja, uma pessoa que tem uma vida de relacionamentos homoafetivos, em uma noite, conhecer alguém do sexo oposto e, naquele instante, decidir que agora terá uma vida de relações heterossexuais. Alguns argumentavam que isso não seria algo tão fácil, como fora mostrado no filme. Outros se utilizaram de uma cena do filme para argumentar. Na cena da discussão entre Holden e Alyssa, ela começa a falar que desde pequena ela não sabia direito como seria sua vida, que diferente de muitas pessoas que já vinham com um “mapa” indicando que caminho seguir, ela não teve isso. Então Alyssa decidiu fazer de sua vida uma vida experimental, aquilo que a atraísse ela experimentaria, até que em algum momento ela encontrasse seu lugar. Segundo a personagem esse momento de encontro se deu com Holden.

Esse tipo de conversa se estendeu para o *blog*, uns questionavam essa postura de Alyssa, de uma hora para outra mudar de opção sexual, como se mudasse de uma roupa, chamaram-na de egoísta por só pensar em si em tomar suas decisões e não ver que aquilo acabaria com uma amizade de anos e anos, entre Holden e Bancky; outros viram na atitude de Alyssa algo que quebrava essa fixidez de uma dita opção sexual, pois o que movimentava ela nas suas relações estava para além de uma opção e dizia do que ela buscava fazer para se sentir bem consigo mesma. Foram ao todo seis *posts* sobre as escolhas de Alyssa e o que dela era possível escrever. Desses seis, apenas cinco comentários e tivemos três posts que não obteve nenhum.

Faltava ainda mais um encontro para vermos o último filme e depois viria a auto-avaliação. Do último encontro tivemos seis *posts*, ainda tinham mais três pessoas que não tinham escrito no *blog*. Para o último encontro, Kleber me deu a sugestão que escolhesse um filme que tratasse da temática da religião. Os últimos dois filmes mexeram muito com os presentes, pois suas temáticas tinham uma força muito provocativa, nisso Kleber sugeriu algo que envolvesse a religião, por ser também algo que sempre tende a provocar boas discussões. Além disso, ele me indicou um filme, só que eu achava que ele não teria um nível provocativo que esperava, então comecei a pesquisar filmes que trabalhassem com a questão da religião e que tivessem uma reputação não muito boa frente a entidades religiosas. Na minha pesquisa me deparo com um cineasta espanhol chamado Luis Buñuel e muita das críticas sobre seus filmes destacavam suas produções que eram bem ácidas e provocativas com os dogmas do cristianismo e da igreja católica. Resolvi passar um dos seus filmes, chamado *O estranho caminho de São Thiago (La Voie Lactée – Luis Buñuel, 1969)*.

Esse último encontro se deu num dia 22 de dezembro de 2008, véspera do recesso natalino e de final de ano da UFS e, como já disse, a maioria dos alunos já havia cumprido a obrigação de escrever no *blog*, estávamos certos que a nota final seria decidida por uma auto-avaliação na aula que encerraria a disciplina, que se daria na volta do recesso, em janeiro de 2009. Nessas condições era bem provável que poucos alunos apareceriam para assistir mais um filme e foi o que aconteceu. Tivemos a presença de apenas seis alunos, onde três ainda estavam pendentes com o *blog*.

Botei o filme para rodar e vimos se desenrolar a história de dois peregrinos que decidem fazer o caminho até a cidade espanhola de Santiago de Compostela. O caminho para Santiago é visto entre os cristãos católicos como um caminho de provação e fé. Todos os anos milhares de pessoas fazem o caminho saindo da cidade de Saint-Jean-Pied-de-Port, na França, em direção a cidade de Compostela na Espanha. Um caminho de aproximadamente 800 km. Acredita-se que na cidade Compostela estão enterrados os restos mortais do apóstolo Thiago.

No filme, dois peregrinos passam a fazer esse caminho e durante o percurso eles se deparam com inúmeras situações onde os dogmas católicos são sempre postos em dúvida, onde figuras religiosas apresentam argumentos que põe em cheque certas verdades absolutas divulgadas pela igreja católica. Os principais dogmas católicos, como os da eucaristia, da virgindade de Maria, a natureza de cristo, são apresentados de uma forma a destacar suas

falhas, que quebram assim sua natureza dogmática. O filme mistura épocas diferentes, os peregrinos em um determinado momento estão imersos em um território que lhes é contemporâneo em outro momento estão imersos em uma época que seria a mesma das andanças de Jesus, com seus apóstolos. Em minhas pesquisas sobre Luis Buñuel, li que muitos críticos destacavam nos filmes dele uma influência muito forte do movimento surrealista, principalmente de Salvador Dali, que era amigo muito próximo de Buñuel. No final do filme, um destaque do diretor dizendo que tudo que no filme se refere à religião católica, seus dogmas e o que ela suscitou como heresias eram exatos, que foram extraídos de textos das escrituras bíblicas e textos de teólogos e eclesiásticos da antiguidade e da idade moderna.

Logo nas primeiras palavras ditas na discussão sobre o filme, uma das alunas expressa sua surpresa pelo último filme ter como temática a religião. Justamente no momento em que ela teria que escrever, aparece o tema religião. Sua surpresa estava pautada no fato de ela se considerar alguém que não sabe muito sobre questões religiosas, que não saberia o que escrever. Por se considerar alguém onde a religião não tinha nenhuma importância, não tinha muita influência em sua vida, achava que assim não teria o que falar sobre ela. Disso, levantei como problema a possibilidade de que, nós brasileiros, nascidos numa das maiores nações cristãs e católicas do mundo, teríamos algum outro modo de vida onde a influência dos dogmas cristãos, seus valores e rituais não nos alcançasse. Por mais que nos declarássemos ateus, agnósticos ou qualquer outro tipo de crença diferente, tínhamos em nossa vida um quê de cristãos.

O cristianismo está presente nos mais variados lugares da sociedade. No hospital quando nascemos, é comum que se tenha um crucifixo nos quartos ou nas salas de cirurgia, há também hospitais que abrigam até uma mini-capela. Na maioria das escolas do ensino fundamental ou médio, senão todas, existe na grade curricular a matéria Religião como sendo obrigatória a todos, onde 99% do conteúdo é dado a partir de referências bíblicas; os feriados religiosos nacionais, são todos em referência ao calendário católico; até expressões costumeiras como *“Meu Deus!”*, *“Ave Maria!”*, seriam exemplos da presença das crenças, valores e rituais cristãos em nossas vidas, querendo ou não.

A conversa continuava a rondar as influências perceptíveis ou não da religião católica ou do cristianismo em nossas vidas. Estávamos praticamente na véspera do Natal, muitos alunos poderiam ter faltado, visto que poderiam ter viajado para passar o dia de natal com

familiares. Então passamos a falar sobre os sentidos do Natal, para além de uma questão religiosa, sobre seus sentidos mais voltados para o consumo no que diz do ato de presentear, dos gastos financeiros estimulados nessa época do ano. Mas ao mesmo tempo o Natal é tido como uma data importante por considerarem como nascimento de Jesus e que então seria um momento onde todos deveriam refletir sobre suas vidas, onde um espírito solidário toma conta de todos, onde tudo que é enunciado é para afirmar um discurso de confraternização entre todos, já que somos todos filhos de Deus. Cada um falou sobre os sentidos do Natal para si, onde muito diferia dos próprios dogmas cristãos e católicos que estão relacionados a essa época, mas ao mesmo tempo haviam coisas que estavam ligadas a eles.

E por falar nessas coisas que contradizem os dogmas, passamos a apontar que nas próprias práticas religiosas havia pontos que se contradiziam e nisso fizemos pontes com questões apontadas pelo filme, onde são mostradas as contradições dos dogmas e das práticas religiosas, que estão presentes nos textos das escrituras bíblicas e de textos teológicos. O quanto era interessante isso que o filme trazia, de como nos próprios textos que fundamentam os dogmas e as práticas da religião cristã há também argumentações que poderiam muito bem tirar o chão daquilo que eles defendem. Num livro que se apresenta como absoluto em termos de verdades há variados sentidos para um mesmo caminho, para uma mesma história.

Para um dia onde poucos apareceram, onde o tema aparentou para um dos presentes não se ter o que falar, as mais variadas formas de produzir sentidos sobre um tema emergiram e fluíram por entre os presentes. E essa força de produção de sentidos estendeu-se para aquilo que foi escrito no *blog*. Textos que permitiram a construção de pontes, mas sem saber ao certo o que se tinha do outro lado. Como disse Juaum em um dos comentários, dos quatro *posts* produzidos:

[Juaum](#) disse...

Ótimo socorro... você construiu um caminho para santiago e a partir do seu texto eu construí um para mim.

Bom, lembrei de uma frase de uma das músicas dos Novos Baianos que diz que a estrada "não é uma estrada, é uma viagem!" e fiquei pensando como seria esse mesmo caminho para santiago se fosse construído através de outra linguagem que não fosse viagem... seria um filme "entendível" e assim confortável que não tirasse do lugar?

Engraçado que o discurso que ele constroi no filme é inteiramente retirado de trechos da bíblia e assim mesmo se faz viagem surrealista como você diz. Mas então o que é possível se produzir com aquele monte de palavras escritas no livro? Vimos aqui três possibilidades já postas: fé fervorosa; racionalidade histórica (beirando cientificismo?); e um filme surrealista. para onde vão outros caminhos?

[4 de Janeiro de 2009 21:59](#)

(Disponível em <http://www.psicocinehistoria.blogspot.com>).

Poderia dizer que o surrealismo do filme atravessou a tela e nos atingiu com sua força de provocar pensamentos sobre os variados sentidos possíveis que a religião poderia ter em nossas vidas. Sentidos que nos permitiriam dizer que um ateu é tão religioso quanto qualquer crente que conheçamos, mesmo indo por outro caminho, fugindo de uma premissa que diz que religião não se discute. Discutimos e muito sobre a religião, sobre de que modo temos suas crenças e valores em nossas vidas, sobre como nos relacionamos com isso, seja acreditando piamente ou mesmo rechaçando. Não chegamos a uma conclusão – creio que seja essa a angústia que se dá quando se discute esse tipo de tema, ou até muitos outros – e nem era preciso nem necessário, mas cada um que naquela sala esteve presente ou mesmo aqueles que não estiveram mais seguiram as discussões no *blog*, puderam construir para si caminhos singulares, seja para Santiago ou outro lugar que nem se conhecia ou não existia até então.

Duas semanas de recesso natalino e de final de ano e já nos primeiros dias de janeiro de 2009 voltamos à sala para o encontro derradeiro, aquele onde os alunos fariam uma auto-avaliação deles e da disciplina. Sala cheia, todos os alunos presentes, afinal era o dia para obterem a nota final que seria colocada na caderneta e que iria para os respectivos históricos universitários. Antes de dar a palavra aos alunos, resolvi falar um pouco. Em um primeiro momento agradei a todos que se matricularam e cursaram a disciplina, até porque ali se tratava de um campo de experiência enquanto docente e também um espaço para cumprimento de exigências institucionais. Expus que o que vivenciei ali foi muito interessante, foi uma experiência onde pude imprimir algumas apostas ou ideias que tinha de como montar e encaminhar uma disciplina e que como toda a aposta que fazemos gera expectativas, frustrações, surpresas e produz sempre novas formas de olhar para aquele lugar.

Após as minhas colocações foi a vez dos estudantes falarem e fazerem suas auto-avaliações da e na disciplina. Muitos disseram que gostaram muito da disciplina, apesar de não terem falado muito durante as discussões ou feito comentários no *blog*, no geral avaliaram como uma disciplina tranqüila. Outros até gostaram, mas disseram que a disciplina não superou as expectativas que tinham para ela, que acharam os filmes ruins, que se fossem outros poderia ter sido muito melhor. Houve também quem não tivesse gostado da disciplina, não gostou dos filmes, esperavam que fossem outros, diziam que os filmes escolhidos eram muito clichês, o que gerou desmotivação até para nem mais aparecerem nas aulas. Falou-se também que a disciplina e o *blog* poderiam ter sido mais movimentados caso houvesse algum

dispositivo avaliativo tanto na participação em sala como no *blog*, ou seja, que se avaliasse que aqueles que participassem em sala e também que houvesse algum tipo de avaliação qualitativa sobre aquilo que fosse escrito no *blog*, seja nos textos ou nos comentários, a justificativa era que isso motivaria aos alunos a se esforçar no que fosse para escrever, que não fosse algo apenas para cumprir tabela.

Nesse mesmo momento de avaliação da disciplina, os alunos faziam também suas auto-avaliações dando-se uma nota. Alguns falaram algo como: “*bom, como é para me dar uma nota mesmo, vou me dar dez.*” sem apresentar uma justificativa, utilizaram-se apenas da oportunidade para aumentar suas médias, sem nenhuma questão meritocrática envolvida, apenas abraçaram a oportunidade. Em outros casos o que se disse foi: “*Olha, eu acho que mereço dez, pois vim para quase todos os encontros, tive uma participação ativa, mesmo quando não falava em sala. Procurava ler os textos no blog, as vezes não tinha mesmo o que falar, por isso não comentava. Mas fiz a minha parte aqui.*”; já outros falavam “*É, não consegui render o que queria na disciplina. Ficava muito calado, sem saber o que dizer. Faltei a algumas aulas, não acompanhei muito os textos do blog, por isso acho que mereço oito.*”<sup>30</sup>. A maioria das notas variaram entre oito e dez, se tirássemos uma média geral dessas notas, entre trinta alunos, ela seria aproximadamente de nove.

Terminada a auto-avaliação a disciplina foi dada por encerrada. O que faltava eram aspectos institucionais, como passar as notas para a caderneta e encaminhá-las ao DAA, para que fossem incorporadas ao histórico de cada aluno. O *blog* permanece, até os dias de hoje, no ar e, como no começo, qualquer um pode ter acesso a todos os textos, ler e até escrever comentários. Desde o momento que iniciei até o término desse relato não houve registros de novos comentários.

Esse relato diz de minha ótica sobre como as coisas se desenrolaram durante os quase cinco meses de aula. Um relato que quis trazer como se deram as discussões em sala e no *blog*, sobre as atividades que se queria constante em todos os encontros e falar também sobre aquilo que fugia a uma lógica esperada e que acabaram por produzir outros movimentos para

---

<sup>30</sup> Essas citações são formas aproximadas daquilo que foi dito em sala. Não se trata de uma transcrição *ipsis literis*.

a disciplina. Agora é interessante pensar sobre esses movimentos tidos em sala, que sentidos eles permitem produzir sobre aquele espaço.

## 6 CAMINHOS POSSÍVEIS PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA

Do que falam esses quinze encontros? O que nos dizem os textos e comentários no *blog*? Melhor, que história pode ser feita desses diversos atravessamentos que perpassaram essa disciplina, seja no *blog*, o cinema ou os enfrentamentos de múltiplas forças?

Desde o fim dos encontros em sala, quando tinha um bom material para desenvolver esse trabalho, que venho pensando sobre o que foi essa disciplina. Passei um bom tempo sem saber dizer algo sobre ela, sobre como poderia ser um campo de análise para o que escreveria. Nos primeiros seis meses que sucederam a disciplina, não sabia muito que pensar sobre ela. Nesse período, tínhamos uma atividade desenvolvida, juntamente, com outros estudantes do mestrado (Bruno e Ariane), mais dois professores (Liliana e Mauricio), além de Kleber, que chamávamos de orientação coletiva, onde líamos e discutíamos as propostas de trabalhos uns dos outros. Naquele momento, Bruno, Ariane e eu, estávamos próximos da qualificação do projeto e o texto que escreveríamos para essas orientações já teria que estar bem próximo daquele que levaríamos para a etapa de qualificação. O texto que apresentei continha uma revisão bibliográfica sobre a história em Michel Foucault e mais algumas páginas com intenções de desenvolvimento para o trabalho. Durante as discussões muito do que era colocado era que a parte principal do trabalho não estava ali. Eu havia apenas pontuado que me debruçaria sobre o campo de experiência que era a disciplina, mas nada disse sobre ela. A curiosidade por saber como fora essa experiência era primordial para pensar os possíveis caminhos que o trabalho poderia tomar.

Fazer um relato sobre a disciplina não era algo muito difícil. Poderia ter feito algo parecido, porém a dificuldade estava em dizer como aquilo seria utilizado, quais as possibilidades de análise para aquela experiência. Passei um bom tempo sem saber como fazer isso. Kleber me recomendou ler exaustivamente aquilo que fora escrito no *blog*. Seria uma forma de começar a criar um diálogo entre o que eu tinha como memória dos momentos da disciplina e aquilo que tinha enquanto uma memória postada no *blog*. Apresentei um extenso relato no projeto encaminhado para a qualificação, mas nele apenas expunha o que havia ocorrido, sem que houvesse algum tipo de análise.

Passada a qualificação, continuei o processo de leitura exaustiva, paciente e meticulosa do *blog*, tentando criar possíveis diálogos com ele. Nesse tempo, fiz novas leituras

sugeridas durante a qualificação, que vieram a ser de grande importância para o olhar que buscava construir sobre aquilo em que me debruçava.

Pois bem, depois de ler e reler, de insistir em dialogar com o material que tinha em mãos, foi possível enxergar pontos que me permitiam demarcar momentos interessantes na vida da disciplina. Via a possibilidade de mapear as forças que atravessavam aquela paisagem, salientar os momentos de embates de forças e as faíscas produzidas, ou seja, pude perceber que momentos poderiam balizar como acontecimentos que viriam a produzir novos caminhos para a disciplina. Fiquemos com alguns desses acontecimentos.

Podem-se marcar três momentos significativos da disciplina, que vieram a dar novos andamentos para as atividades da mesma. O primeiro seria o ocorrido durante o filme *Tigerland* (*Tigerland* - Joel Schumacher, 2000), do silêncio que se fez em sala, vozes ecoaram novos movimentos; o segundo estaria atrelado ao momento onde houve um *boom* de textos postados no *blog*; e o terceiro estaria ligado à questão das notas e da aprovação na disciplina. Traço agora algumas linhas de raciocínio possíveis para pensar melhor esses movimentos existentes na disciplina.

Nos três primeiros encontros tinha a impressão que as coisas caminhavam de uma maneira interessante, tínhamos boas discussões, uma sala com um número considerável de estudantes e logo as preocupações que existiam quanto ao número elevado de alunos e os reflexos na proposta para aquele espaço iam diminuindo. Afinal tivemos discussões que foram muito além dos filmes, outros temas iam surgindo com o andar das discussões, íamos desde preconceito, passando por questões que envolviam limites, sobre a vida e os grupos, como também entramos num debate que envolveu os próprios filmes exibidos, no que tange a modos diferenciados de montagens, que não seguiam um *padrão começo-meio-fim*, a relação com o mercado de compra e venda, ou seja, o filme como um produto e até onde ele tem que ir para poder ser vendido ou se isso seria necessário. Tivemos também uma discussão no que diz sobre a função da história, desencadeada por provocações feitas a um modo de preservar uma memória de um CAPS no qual um dos estudantes estagiava. Por uma discussão que envolvia o modo como histórias daquele estabelecimento eram contadas, adentramos numa discussão que problematiza o CAPS, enquanto modelo substitutivo a uma política manicomial; e falamos sobre reforma Psiquiátrica e luta antimanicomial. Foram discussões que problematizavam coisas não muito distantes de todos ali, elas nos eram muito próximas, o

que ocasionava debates muito calorosos, carregados de forças passionais. Embates de discursos diversos, forças distintas circulavam por entre os corpos e deles se estenderam até o *blog*.

Ao ler esses primeiros relatos no *blog*, vi que os mesmos carregavam essas forças que movimentaram as conversas em sala. O *blog* foi povoado por textos e comentários os quais intentavam por apresentar múltiplos caminhos, para pensar aquelas temáticas que vinham do encontro em sala e que no *blog* já haviam tomados outros rumos.

Lembro que, naquele momento em que foram postados esses primeiros textos e em que os lia, algo me incomodava quanto ao rumo das discussões, achava que poderiam ir por outros caminhos, por outro tipo de raciocínio. Aquilo que ouvia e lia me soava muito simplista, uma vez que, para mim, os temas demandavam análises que levassem em conta seus níveis de complexidade. No entanto, nesse novo momento de leitura tinha outra forma de pensar sobre essas coisas. Creio que isso se dá devido a algo que é primordial nessa atividade que desempenho, nessa história que foi produzida e que me proponho a narrar. O local de onde falo já é outro e o manejo com esse objeto de estudo que é a disciplina também é diferente.

Quem lia e ouvia as coisas da disciplina, durante o andar das aulas, era um *Helmir-professor*, que além disso era também um *Helmir-participante* naquilo que se desenvolvia. Os incômodos dizem, justamente, desse embate de forças, dessa guerra que se estabelecia entre os diversos discursos. Ali, o que tomava o corpo que fora um “eu”, eram opiniões sobre aqueles temas que queriam se afirmar, ao mesmo tempo havia forças que pulsavam para que aquilo que fora planejado para a disciplina, pudesse se concretizar.

Na posição de um *Helmir-pesquisador*, o olhar sobre esses momentos já tomam outras perspectivas. Essa posição ocupada me permitiu ter um novo olhar sobre o objeto, um olhar distanciado. Mas não no sentido de querer distanciar-se, para com isso eliminar sentimentos que pudessem interferir numa análise racional, mas no sentido em que me possibilita ver o objeto ligado a um momento específico, com questões singulares que o rodeavam. Um olhar que me permite rir da situação. Um riso irônico e satírico que provoca uma distância crítica, garantindo uma liberdade subjetiva (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007). Um riso que permite

que nesse debruçar sobre o objeto, possamos corroê-lo, deslocar seus sentidos, é o modo que temos de fazer gaguejar esses objetos (Deleuze, 2004).

Quando as coisas pareciam engrenar em uma determinada direção, eis que algo mudava a direção dos trilhos. O silêncio que se fez no dia da exibição de *Tigerland*, fez com que ecoassem vozes que propuseram outros caminhos para a disciplina. Vozes que vinham a enfrentar algo que aparentava ser sólido, que era o esquema de planejamento da disciplina. Enfrentavam também uma postura comumente exigida e praticada em sala de aula, que se sustentam em normas e regras institucionais, que seria a postura na qual o professor é o provedor daquilo que se terá por conhecimento ou mesmo pelos instrumentos usados para alcançar um determinado saber. A manifestação em sala para saber dos critérios de escolha dos filmes, dizia de uma insatisfação com a qualidade do que vinha sendo visto até então e também da intenção de que filmes que fossem do desejo deles pudessem fazer parte dos encontros.

Desde o início das aulas que as expectativas dos alunos sobre a disciplina já haviam sido colocadas. Uma dessas dizia da vontade de ver bons filmes e poder ter boas conversas sobre eles. De um movimento de insatisfação, saía uma proposta para que os alunos também pudessem sugerir filmes dali para frente. Nesse ponto a disciplina passou a tomar novos rumos.

De manifestações de insatisfação, de um silêncio que tomou conta daquele encontro e de uma nova proposta de funcionamento, emerge uma nova disciplina. Não mais seriam somente os filmes que já estavam escolhidos, havia a possibilidade de que os encontros seguintes pudessem ser construídos a partir de questões desdobradas em meio às discussões em sala ou no *blog*. Os próximos filmes ou mesmo textos que viessem a ser vistos ou lidos, poderiam advir de um movimento coletivo, ou seja, poderiam ser efeitos de relações entre forças distintas que se chocavam nos encontros.

Mas essa nova disciplina também produziu uma nova dinâmica dos movimentos. Se num primeiro momento foi possível enxergar diversas forças circulando, se chocando, apontando outros caminhos, parecia que nessa nova disciplina um novo caminho queria se tornar o único. Embora houvesse discussões muito calorosas, textos e comentários que se propunham a dar outros sentidos ao que estava em debate, isso passou a ser restrito a um

pequeno grupo. A conversa passou a circular somente entre poucos. Forças de conformação pairavam sobre o território da disciplina e em um determinado instante, o que seria um espaço criado com o intuito de permitir problematizações do cotidiano, do presente, do modo como vivemos, passou a ser ou queria ser unicamente uma sala de aula, como outra qualquer.

Os filmes e as discussões tanto em sala e no *blog* eram vistos como desinteressantes. Uma proposta de ocupar de uma forma diferente o espaço de sala de aula começava a ser vencida por um cansaço que tomava conta dos corpos, quando estes empreendiam lutas contra aquilo que se quer e há muito aparenta ser sólido. Lembro-me aqui de um episódio ocorrido, quando fazia o estágio curricular institucional, no último ano de minha graduação.

O estágio se deu em um CAPS-AD (álcool e outras drogas), durante uns oito meses. Eu e mais três amigos do curso, passamos a fazer visitas constantes àquele estabelecimento. Nos primeiros meses só observávamos o fluxo de funcionamento do local. Estávamos atentos ao que aparecia sempre como problemas, que tipos de discursos perpassavam as práticas, etc. Conseguimos fazer um mapeamento dessas práticas, que diziam do modo de funcionar da equipe técnica do CAPS. Fizemos uma apresentação à equipe disso que havíamos mapeado, que eram, para gente, os principais entraves que ali emergiam em meio às discussões, e propusemos alguns pontos que deveriam ser discutidos de uma forma mais consistente, sem a criação de pseudo-empecilhos. Propusemos algumas atividades, as quais coordenaríamos em um primeiro instante e depois deixaríamos por conta da equipe. Várias foram as tentativas de por isso para funcionar, mas sempre eram apresentadas desculpas para que adiássemos, até uma hora em que, nós estagiários, acabamos desistindo. Ficamos irritados, cansados e sem vontade alguma de ir ao CAPS, como tínhamos no começo do estágio. Não percebíamos que estávamos entrando na mesma lógica de funcionar da equipe, daquilo que denunciávamos.

Quando percebemos isso, decidimos criar outras estratégias de atuação. Queríamos a todo custo colocar na roda de discussão dos técnicos, questões que quando surgiam, sempre havia quem inventasse alguma desculpa para encerrar a conversa. Sendo que eram questões pertencentes àquele tipo de serviço, como por exemplo, uma discussão sobre política de redução de danos como intervenção e a abstinência como única forma de tratamento, que sempre era protelada, mas que gerava muito incômodo quando aparecia. Então, decidimos que não deixaríamos mais isso acontecer, ou pelo menos tentaríamos. Cada vez que alguém

tentasse botar panos quentes na conversa, que amenizasse o tom, nós seríamos que botariam mais lenha na fogueira. Resolvemos que dali para frente seria “pé na porta e soco na cara”.

Contudo, já sabíamos que em algum momento a pancada viria do lado contrário. Um modo de funcionamento daquele lugar, as regras invisíveis que regiam as práticas do local, essas forças institucionalizadas, em algum momento se manifestariam para que continuassem como tal. E foi o que aconteceu. Fomos chamados pela coordenação do CAPS-AD, para, entre outras coisas, que disséssemos qual nossa intenção ali e também para nos dizer que já estávamos passando dos limites, que nossas posturas mexiam com coisas que poderiam prejudicar o funcionamento do local, bem como a coesão existente entre os técnicos da equipe.

Voltando à disciplina, parecia que aquelas forças expressadas por fazer funcionar outro modo de se estar numa sala de aula, perdiam intensidade. Uma dinâmica de embates entre forças que queriam propor outros caminhos e de forças que queriam manter as coisas como sempre foram, davam o tom do que seriam os encontros dali pra frente. Poderíamos dizer que se tratava de um embate entre forças instituintes e forças instituídas. Lourau (1993) defende uma noção de instituição não como algo objetivo, como se fosse um prédio, cercado por quatro paredes. A instituição diz mais de uma dinâmica contraditória construindo-se na história. Uma dinâmica entre forças instituintes, que buscam institucionalizar novas práticas, novos movimentos e forças instituídas, que na sua dinâmica busca produzir certas imobilidades, garantindo um modo já consolidado de funcionamento. A institucionalização seria o devir, o produto desse embate entre o instituinte e o instituído, que estão nessa luta permanente. Nesse caso, podemos falar de uma instituição familiar, uma instituição Psiquiátrica ou mesmo uma instituição educacional ou pedagógica. Sobre esta última, Rancière (2007, p.10) nos diz o seguinte:

[...] a instituição pedagógica, lugar – material e simbólico – onde o exercício da autoridade e a submissão dos sujeitos não têm outro objetivo além da progressão destes sujeitos, até o limite de suas capacidades; o conhecimento das matérias do programa para a maioria, a capacidade de se tornar mestre, por sua vez, para os melhores.

Rancière aponta para uma instituição que ganhava força numa França pós-Revolução Francesa, onde a monarquia restaura o poder e para conseguir manter-se consolidada, usa-se, dentre outras coisas, da pedagogia como forma de manter seus planos de uma ordem e

progresso para França. Já Foucault (2002) fala da pedagogia como um dos dispositivos utilizados para por em funcionamento uma nova tecnologia do poder e outra anatomia política do corpo, que seria uma técnica de disciplinarização dos corpos.

É uma técnica que produz indivíduos “adestrados” e que consiste num poder que toma os indivíduos tanto como objetos quanto como instrumentos de si. Ela tem como característica um uso econômico de poder sobre os corpos, visto utilizar-se de instrumentos muito simples para o exercício de seu poder. Esses instrumentos seriam: *o olhar hierárquico*, onde em cada espaço estaria presente a figura de um fiscalizador/punidor, para garantir o bom funcionamento das atividades, como um professor ou inspetor nas escolas; *sanção normalizadora*, ela põe em funcionamento cinco operações distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de regras a seguir, proporcionando uma diferenciação dos indivíduos, para controlá-los, adaptá-los e excluí-los; e o exame, une as técnicas de hierarquia e normalização, num processo altamente ritualizado, onde, ao mesmo tempo, sujeita os corpos e também os objetiva. Ao mesmo tempo em que o exame serve como ferramenta de verificação, de quem o aplica, da transmissão de um saber, como também serve a construção de um conhecimento sobre o indivíduo que está submetido a ele.

[...] o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória. Com ele se ritualizam aquelas disciplinas que se pode caracterizar com uma palavra dizendo que são uma modalidade de poder para o qual a diferença individual é pertinente. (Foucault, 2002, p. 160).

Trago Rancière, Lourau e Foucault para essa conversa, pois os três permitem que visualizemos a dimensão complexa que envolve questões de âmbito institucional. Lourau (1993), com sua noção de instituição, das forças instituintes e instituídas, nos possibilita falar sobre os embates dessas forças, que estão sempre em movimento, tentando ora se afirmarem como novo, ora reafirmando algo já estabelecido. Com Rancière (2007) vemos um modo de funcionamento que mesmo se referindo a algo que se pensava por volta do final do século XVIII, há que se levar em consideração essa ideia de uma instituição pedagógica como local de autoridade e também de submissão dos sujeitos. E um dos modos de exercício desse poder é trazido por Foucault (2002) ao detalhar os micro-filamentos do poder disciplinar sobre os

corpos. É possível que muita coisa em termos de exercício desse poder tenha mudado, eles podem ter encontrado outros caminhos para se exercerem, pois parece que determinadas funções destes, como a individualização dos corpos, através de dispositivos como o exame ou mesmo a vigilância, ainda podem ser visualizadas. E creio que nessa conversa sobre esse campo que é a disciplina *Tópicos Especiais*, é interessante que esses assuntos apareçam, uma vez que nos permitem pensar sobre as lógicas que atravessam esse campo de análise.

No caso, vinha falando sobre um embate de forças que ocorria no andar da disciplina. Nisso é conveniente salientar que parecia que forças que queriam institucionalizar novas formas de ação para uma sala de aula começavam a se enfraquecer, como se a porrada que vinha contrária fosse muito forte, e a luta produzisse cansaços. Como no exemplo do estágio, chega um momento em que se torna muito mais cômodo seguir o ritmo da música que já vinha tocando, que tentar impor um novo ritmo. Nem todos estão dispostos a sentirem a todo o momento o peso de algo que provoca marcas em nossos corpos, que dói e incomoda. Parece que cada vez mais o comodismo torna-se condição de vida comum, algo que nos dá prazer. Evitar aquilo que causa stress, desconfortos, virou sinônimo de levar uma vida saudável e prazerosa. Segundo Sant'Anna (2005), estaríamos vivenciando a passagem para uma nova ordem de relação com a vida, que seria uma ordem *tecnicocientífica-empresarial*, onde por um lado haveria uma super exposição dos espaços destinados a um cuidado exagerado de si, onde esse si estaria isolado do mundo, tendo seu local particular de cuidado; e ao mesmo tempo as singularidades dos corpos seriam preteridas em favor das necessidades da economia de mercado, que ditariam o que pode e o que não pode um corpo.

Para Sant'Anna, esse cuidado exagerado de si estaria ligado a uma máxima obtenção de prazeres e a isso estaria conectada uma busca constante pelo bem-estar do corpo, anunciado constantemente pelos meios publicitários, jornalísticos, médicos, dentre outros. Tudo que fosse consumido pelo corpo, desde alimentos até as relações com outras pessoas, deveria ter um “selo” que lhe desse a categoria de benéficos à saúde. Uma viagem não seria somente uma forma de conhecer outros lugares, agora é também algo terapêutico. Come-se determinada fruta, não somente para saciar um desejo por seu sabor ou mesmo por estar com fome, mas porque ela possui características que garantirão um bom funcionamento do aparelho digestivos ou da saúde mental. Aquilo que gera mal-estar, desconfortos, *stress*, têm que ser evitados.

[...] nunca tivemos tanto medo das doenças e tanta aversão ao mal-estar como agora; quando isto ocorre, queremos relações de amizade e amor somente sob a garantia de que o outro não provoque estresse, procuramos estar em lugares somente quando acreditamos que esse lugares não fazem mal à saúde [...] (Sant'Anna, 2005, p. 105).

Não que pudesse afirmar que a disciplina provocasse um tipo de mal-estar que abalasse a saúde dos alunos, mas é de se levar em conta um modo de funcionamento que gerava fortes expectativas, que depois gerasse um manifesto por mudanças, começasse a perder forças, em favor de algo que já era comum a todos.

Devido a algo que dizia de uma exigência institucional, foi que houve uma nova mudança no andamento da disciplina. Quando faltavam poucos encontros para o encerramento das aulas e ainda havia um bom número de pessoas que não haviam postado, foi que as coisas tomaram novos rumos. Houve uma mudança no número de posts por encontro, para que fosse suprido esse déficit. De uma hora para outra, aqueles que estavam em silêncio, que não mais apareciam, resolveram voltar a freqüentar as aulas, começaram a demonstrar interesse por aqueles encontros e pelas discussões. Mas esse interesse aparenta dizer mais de estar bem com as normas da instituição, que com as possibilidades que poderiam criar para ocupar os espaços da disciplina. Era uma corrida contra o tempo; ser aprovado e ganhar os créditos estavam atrelados a postar no *blog*. Então era necessário cumprir essa meta a qualquer custo.

O *blog* foi invadido por vários *posts*, em curto espaço de tempo. Mas o número de comentários não seguiu o mesmo curso. Quando penso nessas coisas que passaram a acontecer, só lembro-me de alguns momentos que vivi durante a graduação.

Em algumas disciplinas, para acelerar o andamento delas ou mesmo para tentar fazê-las funcionar com outra dinâmica, os professores utilizavam-se de seminários. A turma era dividida em grupos e estes ficavam responsáveis por preparar um material e apresentar aos colegas em sala. Os seminários podem ser uma boa ferramenta para trazer outras perspectivas sobre determinados assuntos, os estudantes podem ter a liberdade de pesquisar coisas que vão além do que já fora dado em sala e a partir delas levantar novas problemáticas no grupo e daí levar essas reflexões para dentro da sala e ver como elas ressoam entre os outros colegas.

Porém os seminários também podem ser um caminho mais curto para que as horas-aula do professor sejam cumpridas. Afinal ele repassa parte de sua responsabilidade, no que tange ao modo de funcionamento da universidade, aos alunos. E também se transforma num caminho mais fácil para os alunos cumprirem suas obrigações com a disciplina e obterem a aprovação. Nisso, cada grupo, responsável por um texto ou temática, reparte as atividades, individualmente, às vezes por tópicos dos textos ou mesmo pelo sorteio do número de páginas que cada um vai ler. Cada um fica responsável por uma parte do texto, por exemplo, sem ao menos saber o que outros vão dizer. Seria uma divisão fordiana dos trabalhos, cada um responsável por uma única função e que não sabe dizer da do outro.

Algo parecido começava a tomar conta do *blog*. Se antes aqueles que eram escolhidos ou que se candidatavam a escrever, advinham de um envolvimento maior nas discussões, o que se via era uma corrida para postar no *blog*, independente se aquilo que fora discutido teve ou não relevância para quem escrevia. Apenas cada um queria apresentar seu texto, sem saber do que os outros tinham a dizer. Uma proposta que apostava na emergência de forças coletivas, no movimento e coexistência de forças distintas, que intentavam apontar outros caminhos possíveis, era contra-atacado por forças que buscavam manter um nível já institucionalizado. Forças que diziam de práticas individualizantes, de uma lógica que correspondia ao que é mais comum nas práticas educacionais (formais e legais), onde o que mais tem importância é a aprovação individual, que estava cada dia se fazendo presente. Percebendo esse movimento, foi preciso pensar uma estratégia para que essas forças saíssem de uma esfera do não-dito.

Com uma estratégia parecida a que foi utilizada no estágio do CAPS- AD, a intenção era com que aquilo que já era percebido nas práticas, fosse dito. Ficava claro que a disciplina estava vivenciando um período no qual a aprovação tornara-se o mais importante para uma boa parte dos alunos. Mas a aprovação estava atrelada a uma nota mínima exigida pelas normas acadêmicas da UFS. E também existia o mito-verdade no curso de Psicologia da UFS, no qual os estudantes sempre tiravam notas acima de oito, abaixo disso, era considerado nota baixa. A intenção era mexer com esse mito-verdade, presente no curso, dando nota cinco a todos.

A reação foi das melhores, onde aqueles que se opunham levantavam argumentos focados nas questões de mérito, quantos pontos que seriam dados como complementares,

outros queriam que se adotassem medidas de avaliação qualitativa e por final uma proposta de auto-avaliação. O interessante nisso tudo é que ao querer desvirtuar algo que tido como dogma no curso, as medidas protecionistas se sustentavam em ferramentas já existentes e constantemente utilizadas nas práticas educacionais instituídas: avaliação qualitativa e por mérito; e auto-avaliação. Não houve ninguém que dissesse algo como *“esqueçam essas questões de nota! O que mais interessa aqui não é isso. Mas como há essas exigências, aproveitemo-los delas de outras formas”*. E propusesse: *“em vez de auto-avaliação, avaliação por mérito, por participação ou de forma qualitativa, porque não nos damos a nota máxima, aproveitando a oportunidade?”*.

Alguém poderia muito bem sugerir algo do tipo, porém a nota, nesse caso, não estaria subordinada a nenhum tipo de crivo. Não haveria uma justificativa, seria somente um aproveitamento de uma brecha criada. Mas parece que nessas horas os valores já enraizados de mérito, de uma avaliação justa, que permita ser aquilo que é mensurado do que sabe o aluno, acabam falando mais alto. E vejo que isso foi o que se deu, durante a auto-avaliação. Muitas das falas durante a auto-avaliação falavam de um mérito individual de participação nas atividades da disciplina, o que justificaria uma determinada nota que se dava.

Olhando para esses diversos movimentos que percorreram e atravessaram a disciplina, em alguns, como esse momento das notas, vejo algo que caracterizaria como modelo do entrar na fila. Como se todos devessem entrar num esquema no qual tudo pudesse seguir uma forma controlada dos movimentos, garantindo uma economia de tempo, para execução de determinada ação. O posicionar-se numa fila permite um detalhamento dos corpos, não só no local que ocupa, em termos de território, mas permite manter um nível classificatório e hierárquico em relação aos indivíduos enfileirados (Foucault, 2002).

No caso da disciplina, o entrar na fila diria dessa condição hierárquica e classificatória presente na avaliação, mas diria também de uma “solução” para algo que poderia tomar um rumo incerto. Por uma questão de “segurança” era melhor manter-se fiel a algo ao qual já se tinha familiaridade, que adentrar um território inóspito. Em vez de uma aposta numa construção de um novo modo de relacionar-se com as normas acadêmicas, optou-se por voltarmos a um velho esquema, de avaliação individualizante, hierárquica e meritocrática. É como se não mais soubéssemos funcionar de outro modo que não seja o “entrar na fila”, ficamos circulando e circulando nessa rede de relações enfileiradas.

Mas estivemos fora da fila, é preciso que se diga. Andamos de acordo com caminhos que criávamos, ocupávamos espaços que iam emergindo, mas parece que quando menos se espera, alguém aparece e canta aquela musiquinha da época do jardim da infância que dizia “quem vai chegando, vai ficando atrás, menino educado é assim que faz.”.

E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideias, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados. (Foucault, 2002, p. 126).

É fila ali, acolá, em tudo que é lugar. Desde que nascemos somos postos em fila, vamos para escola, e ta lá a fila. Chegamos à universidade e mais uma fila. Uma das mais famosas da UFS é a do Resun (Restaurante Universitário), que é sempre extensa, mas que durante o período em que era estudante da graduação, havia aqueles que não a respeitavam, havia os fura-filas. Furar a fila do Resun sempre provocava indignações, reclamações e movimentos de estudantes com cartazes para tentar reprimir. Até que um dia passou a ter um inspetor da fila, com o intuito de preservá-la. A fila continua imensa. Não sei bem dizer se ainda hoje existem os fura-filas, mas posso dizer que houve uma diminuição desse tipo de atividade. Mas sempre vai ter aquele que dá uma de malandro, que dá o velho jeitinho brasileiro e fura a fila.

Creio que uma história possível de se contar sobre a disciplina *Tópicos Especiais em Psicologia Social e Institucional* fala das tentativas de furar filas. Uma fila que mantém uma lógica única de ocupação, organização e encaminhamentos, que não dizem somente dessa disciplina, mas que nos permite pensar as políticas no âmbito da universidade e que atravessam um modo de funcionamento que se quer hegemônico.

## 7 PRODUZINDO UM (DES)FECHO

Há urgência em estar vivo  
Outra forma de agir  
Desrespeitar sua constante dor!

Há urgência em estar vivo  
Outra forma de pensar  
E assumir... outro valor  
(Dead Fish, 2004)

Do que se tratou nesse trabalho, senão de práticas que tentam pensar outras formas de viver? Uma ação tão simples quanto a de pensar sobre nossa vida, sobre a forma como a levamos, o que fazemos dela, mas que parece que há muito é deixada de lado. Em um dos *posts* do *blog* uma pergunta ressoava por entre as palavras escritas e trazia o questionamento sobre o pensar sobre a existência.

Ainda há o que se falar sobre a questão da existência, ou melhor, ainda há paciência para isso? Por que não? Por que a questão da existência deixou de ser um tema corrente e foi mandado para o rol dos temas passados sobre os quais eu não tenho mais o que dizer? [...] Pergunto novamente por que a questão da existência foi deixada há muito nas mãos dos filósofos – se vacilar, nas mãos dos antigos filósofos. Deixo claro aqui não ser eu alguém que está, pelo contrário, a supervalorizar a questão, e a desejar que tudo volte a ser como antes. Pergunto-me apenas; e por que?

Postado por carol às [08:58](#)

(Disponível em <http://psicocinehistoria.blogspot.com>)

Penso que essa ação de questionar a existência perde seu espaço na vida das pessoas, não somente por uma falta de paciência ou porque a deixamos nas mãos dos filósofos, ou melhor, porque a deixamos nas mãos de outros vistos como especialistas na vida – e hoje há muitos desse tipo, não mais padres ou profissionais *Psi*; vai desde terapeutas holísticos, ou mesmo profissionais que se dizem especializados em administração da vida e nos dizem como devemos nos vestir, comer, relacionar-se com os outros, etc. Não saberia dizer se falta paciência ou mesmo que não há mais o que se falar sobre a existência, mas creio que há algo que perpassa essa ação de pensarmos o que estamos fazendo de nossas vidas e que pode ser visto também como algo que aparece como empecilho. Acredito que há uma dificuldade em conviver com momentos de incertezas que aparecem ao questionarmos nossa vida e os valores que a compõe lhe dando sustentação. É mais fácil acomodar-se, viver a mesma vidinha todos

os dias, que empreender uma luta por desmistificar verdades e criar pontes que são construídas sem sabermos o que tem do lado de lá<sup>31</sup>.

Pensar sobre a vida exige que sejamos ousados. Ser Ousado, diz o Aurélio (2008) é ser alguém que não respeita a decência, a conveniência. Ousei aqui nos planejamentos e ações na disciplina *Tópicos Especiais em Psicologia Social e Institucional*, que trazia estratégias que visavam dobrar as normas acadêmicas a favor de ondas que permitissem outros modos de se colocar em sala; ousei em trazer para este trabalho uma escrita, em muitos momentos, em primeira pessoa, onde não fugia das implicações que me atravessavam e atravessam no percurso desta pesquisa; ousei em querer fazer de momentos corriqueiros da vida, algo diferente do que se vê. Ousadias que podem muito bem ser chamadas de contra-condutas, pois visavam inverter, desvirtuar, criar estratégias que apontassem para outros modos de relacionarmos-nos com aquilo que está a nossa volta, sejam elas as normas acadêmicas, sejam o modo de nos relacionarmos conosco e com os outros.

Para tanto tive como companheiros nessa jornada variados personagens, que se colocaram de variadas formas frente ao que propunha. Tive aqueles com os quais sempre buscava conversas que me ajudassem a problematizar esses modelos já instituídos de se viver, tais como Foucault, Deleuze, Virilio, Sant'Anna, Albuquerque Junior, dentre outros; outros que me apareciam por acaso, ao simples ato de por uma musica para tocar e daí perceber o quanto me serviria como ferramenta, como o Pink Floyd, o Raul Seixas e a mais recente banda Dead Fish, que carrega consigo a força de contestação oriunda dos movimentos punks que emergiram na década de 70; outros personagens serviram como aqueles que me faziam contorcer, que ao levantarem suas barreiras, fizeram-me criar estratégias de enfrentamento e também me permitiram pensar diferente sobre coisas que viam de desenrolando ao meu redor, esses seriam os estudantes que fizeram parte da vida disciplina; e tiveram aqueles que sempre apareciam em momentos oportunos, para, num bom sentido, puxar-me o tapete ou mesmo apontar outros possíveis, como Kleber nas boas conversas que tivemos ao longo desse trabalho. Vê-se que estava imerso em um campo rodeado por inúmeras forças, a questão foi - e ainda é - pensar como fazer delas, forças que dariam potências a esse exercício de pensar a vida. A escrita sempre aparenta ser um ato solitário. Mas é uma solidão povoada, onde sempre

---

<sup>31</sup> Problemática como esta já foi levantada no capítulo anterior, ao falar sobre os movimentos de conformação ocorridos na disciplina. Ver capítulo 5.

tem alguém querendo entrar na conversa e que ao se fazer presente, sempre a leva para outros caminhos ou até tenta deixá-la girando em torno de si mesma.

Algo que no decorrer da escrita fui percebendo o quanto me desmanchava nas palavras digitadas ou muitas vezes escritas a mão – às vezes não consigo escrever diretamente no computador e me utilizo de papel e caneta para escrever tudo que preciso, para depois digitar – e esse desmanchar diz de um processo que escapa a algo que me constituía enquanto um tipo de sujeito, ou seja, através da escrita, no decorrer dessa experiência novos modos de pensar foram se constituindo, os quais estão expostos nisso que escrevi e que queria outros fizessem parte desse processo, que o cruzassem, que o desdobrassem, e o destroçasse em outros pedaços, apontando para novos modos de pensar a vida, a que não mais deixemos nas mãos de especialistas ou filósofos esse movimento de pensarmos sobre a existência. Como bem diria Foucault (1995, p.6):

[...] não se trata de transpor experiências pessoais para o saber. A relação com a experiência deve, no livro, permitir uma transformação, uma metamorfose, que não seja apenas a minha, mas que possa ter certo valor, um caráter acessível para os outros, que a experiência possa ser feita por outros. [...] esta experiência, enfim, deve poder estar até certo ponto ligada a uma prática coletiva, a uma forma de pensar.

Um trabalho que tentou por contar uma história sobre uma experiência, mas não meramente uma história que relatasse os fatos ocorridos, não se tratou somente de uma narrativa. Mas uma tentativa de fazer desse ato de contar uma história um processo que possibilitasse fazer tremer o solo que dá sustentação ou mesmo que nos prende de um modo específico de se colocar em um determinado espaço, como o de sala de aula. Porém essa história não pode ficar restrita às coisas que se deram durante o período que ocorreram os encontros em sala, até porque a disciplina tinha como proposta extrapolar os muros que se fazem ao redor de uma sala de aula, como se a vida lá de fora não penetrasse aquele espaço, como se ali houvesse algum tipo de dispositivo que neutralizasse as “forças de fora”.

Uma história que escapa aquele espaço, que nos leva a pensar outros aspectos da vida, sejam os níveis de tolerância entre as diferentes formas de se viver, ou as diferentes formas das pessoas se relacionarem num sentido mais amoroso, sexual; ou mesmo sobre a presença dos valores cristãos ou religiosos em nosso dia-a-dia. Essa experiência nos permitiu contar uma história que não apresentava constâncias, que em muitos momentos apontava para

outras coisas, que rompia com o que poderia ter como esperado. Houve momentos imprevisíveis, que geraram inquietações, que nos permitiram rir daquilo que se queria como sério, desmanchar o que se queria como sólido, como uma identidade e criar outros caminhos. E outros momentos em que caminhos já conhecidos queriam a todo custo se impor como o único a ser seguido.

Trata-se de uma história do presente, que teve como agente provocador questões que se dão no dia-a-dia, que atravessam diversos espaços que ocupamos. Uma história que tentou por mapear essas forças, por ver de que forma se dão os jogos de verdade que sustentam as práticas que atravessam os corpos, que efeitos esses jogos têm sobre a vida. Por pensar, refletir uma história de como foram problematizadas e experienciadas formas de vida e suas relações com os regimes de verdade de uma época.

Um bom (des)fecho para essa dissertação-experiência seria que ela não fosse somente algo feito para obtenção de um título, que servisse somente ao cumprimento de normas institucionais. Mas que aquilo que aqui está escrito pudesse extrapolar as linhas, margens e formatações, podendo alcançar outros vãos, produzir provocações em outros espaços, permitindo que o pensar sobre a existência não fique restrito ao espaço acadêmico, aos filósofos, aos especialistas *Psi*. Que este trabalho permita a construção de variadas pontes, de novos olhares sobre diversos horizontes. Afinal desde as primeiras linhas o que se fala por aqui é justamente de tentativas de mostrar que aquilo que é, nem sempre foi como se vê e que pode ser de outro jeito. Trata-se de um trabalho que busca por novos horizontes.

Corpos em movimento  
 Universo em expansão  
 O apartamento que era tão pequeno  
 Não acaba mais

Vamos dar um tempo  
 Não sei quem deu a sugestão  
 Aquele sentimento que era passageiro  
 Não acaba mais

Quero explodir as grades  
 e voar.  
 Não tenho para onde ir,  
 mas não quero ficar.

Novos horizontes,  
 se não for isso, o que será?  
 Quem constrói a ponte,  
 não conhece o lado de lá.

Quero explodir as grades  
e voar.  
Não tenho para onde ir,  
mas não quero ficar.  
Suspender a queda livre,  
Libertar.  
O que não tem fim sempre acaba assim.  
(GESSINGER, 2000).

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

*A Conceção*. Direção: José Eduardo Belmonte. Roteiro: Luís Carlos Pacca e Breno Alex. Direção de arte: Akira Goto. Fotografia: André Luís da Cunha. Figurino: Fabrícia Mancuso. Produção: Paulo Sacramento e Lili Bandeira. Brasil: Imovision, 2006. 1 Filme (96 min).

*A Via Láctea - O Estranho Caminho para São Thiago*. Direção: Luis Buñuel. Roteiro: Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière. Trilha Sonora: Luis Buñuel. Alemanha Ocidental, França, Itália: Silverscreen, 1969. 1 Filme (101 min).

*AS INVASÕES Bárbaras*. Direção e roteiro: Denys Arcand. Direção de arte: Caroline Alder. Fotografia: Guy Dufaux. Figurino: Denis Sperdouklis. Produção: Daniel Louis e Denise Robert. Canadá: Miramax Films / Art Films, 2003. 1 Filme (99 min).

*APOCALYPSE Now*. Direção e produção: Francis Ford Coppola. Roteiro: Francis Ford Coppola e John Milius. Direção de arte: Angelo P. Graham. Fotografia: Vittorio Storaro. Figurino: Charles E. James. Música: Carmine Coppola, Francis Ford Coppola e Mickey Hart. Estados Unidos: United Artists, 1979. 1 Filme (148 min).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BAPTISTA, Luis Antonio. A Escuta Surda. In: Baptista, Luis Antonio. *A Cidade dos Sábios*. São Paulo: Summus, 1999.

*BONITINHA, mas ordinária ou Otto Lara Resende*. Direção: Braz Chediak. Roteiro: Gilvan Pereira, Sindoal Aguiar, Jorge Laclette e Doc Comparato. História e Diálogos: Nelson Rodrigues. Produção: Pedro Carlos Rovai. Figurinos: Marisa Massari. Fotografia: Hélio Silva. Música: John Neschling. Cenografia: Arthur Maia e Nayd Bernasconi. Brasil: U.C.B., WV Filmes e Condor Filmes, 1981. 1 filme (85 min).

*CRASH, no Limite*. Direção: Paul Haggis. Roteiro: Paul Haggis e Robert Moresco. Direção de arte: Brandee Dell'Aringa. Fotografia: James Muro. Produção: Don Cheadle, Paul Haggis, Mark R. Harris, Cathy Schulman e Bob Yari. Música: Mark Isham. Estados Unidos: Lions Gate Films Inc. / Imagem Filmes, 2004. 1 Filme (113 min).

DELEUZE, G. *Os Intercessores*. In: Deleuze, G. *Conversações, 1972-1990*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. p.151-168.

\_\_\_\_\_. Três questões sobre seis vezes dois (Godard). In: Deleuze, G. *Conversações, 1972-1990*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. p. 51-61.

*EDIFÍCIO Master*. Direção: Eduardo Coutinho. Fotografia: Jacques Cheuiche. Produção: Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. Edição: Jordana Berg. Brasil: Riofilme, 2002. 1 Filme (110 min).

*ELEFANTE*. Direção e roteiro: Gus Van Sant. Direção de arte: Benjamin Hayden. Fotografia: Harris Savide. Produção: Dany Wolf. Estados Unidos: 2003. 1 Filme (81 min).

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; e Escóssia, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 92-108.

FERREIRA, Aurélio B de H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FISH, Dead. A urgência. Interprete: Dead Fish. In: *Zero e um*. São Paulo: Deckdisc, 2004. 1 CD-ROM, faixa 1.

FOUCAULT, M. A casa dos loucos. In: Foucault, M. *Microfísica do poder*. 26ª.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a, p. 113-128.

\_\_\_\_\_. Anti-retro. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 330-345.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2008b.

\_\_\_\_\_. Aula de 7 de janeiro de 1976. In: Foucault, M. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005b, p.3-26.

\_\_\_\_\_. *Crítica y Aufklärung [“Qu’est-ce que la Critique?”]* Trad. Jorge Dávila. *Revista de Filosofia – ULA*, 8:1-18. 1995.

\_\_\_\_\_. *Entrevista com Michel Foucault*. Traduzido a partir de *Entrevista realizada por D. Trombadori, Paris, fins de 1978, publicada em Il contributo, ano 4, n. 1, jan-mar 1980, pp. 23-84*. Por Adriana Penzim.(sem publicação).

\_\_\_\_\_. Genealogia e poder. In: Foucault, M. *Microfísica do Poder*. 25.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008c, p.167-177.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: Foucault, M. *Arqueologia do saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2005a, p. 3-44.

\_\_\_\_\_. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b, p. 335-351.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Foucault, M. *Microfísica do Poder*. 25.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008d, p. 15-37.

\_\_\_\_\_. O que é um autor?. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c, p. 264-298.

\_\_\_\_\_. Os corpos dóceis. In: Foucault, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 117-142.

\_\_\_\_\_. Os Recursos para o bom adestramento. In: Foucault, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 143-161.

\_\_\_\_\_. O que é o iluminismo? Traduzido a partir de Foucault, M. *Dits et Écrits* Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, p. 679-688. por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>>. Acesso em: 27 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. Soberania e Disciplina. In: Foucault, M. *Microfísica do poder*. 26ª.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008e, p. 179-191.

\_\_\_\_\_. Sobre a História da Sexualidade. In: Foucault, M. *Microfísica do poder*. 26ª.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008f, p. 243-276.

\_\_\_\_\_. Verdade e poder. In: Foucault, M. *Microfísica do poder*. 26ª.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008g, p.1-14.

GESSINGER, Humberto. Novos Horizontes. Intérprete: Engenheiros do Hawaii. In: *10.000 Destinos*. São Paulo: Universal, 2000. 2 CD-ROM, disco 2, faixa 18.

GILMOUR, D.; WATERS, R. Comfortably Numb. Intérprete: Pink Floyd. In: *Pink Floyd The Wall*. Londres: CBS; Pink Floyd Music Ltda, 1979. 2 discos sonoros, disco 2, Lado 1, faixa 6.

GUERRA nas estrelas: uma nova esperança. Direção e Roteiro: George Lucas. Produtora(s): Lucasfilm, Twentieth Century-Fox Film Corporation. Distribuidora: Fox Film. Estados Unidos, 1977. 121 min.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: Le Goff, J. *História e Memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p.535-553.

LOPES, Kleber J. M. *Transfigurações do humano na cibercultura: a análise de um blog que não coube em si*. 2006. 220 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LOURAU, R. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MONTY Python em busca do Cálice Sagrado. Direção: Terry Gilliam, Terry Jones. Roteiro: Graham Chapman, John Cleese, Eric Idle, Terry Gilliam, Terry Jones. Produtora(s): Michael White Productions, National Film Trustee, Python, Twickenham Film Studios. Distribuidora: Columbia Pictures. Inglaterra, 1975. 1 Filme, 91 min.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

NARDI, Henrique C.; SILVA, Rosane N. da. *Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos*. Guareschi, Neuza M. F.; Hüning, Simone M. (org.). Foucault e a psicologia. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

*PROCURA-SE Amy*. Direção e Roteiro: Kevin Smith. Direção de arte: Jim Williams. Fotografia: David Klein. Figurino: Christopher Del Coro. Edição: Scott Mosier e Kevin Smith. Música: David Pirner. Estados Unidos: Miramax Films, 1997. 1 Filme (113 min).

*PULP Fiction – Tempo de Violência*. Direção e Roteiro: Quentin Tarantino. Direção de arte: Charles Collum. Fotografia: Andrzej Sekula. Figurino: Betsy Heimann. Edição: Sally Menke. Produção: Lawrence Bender. Estados Unidos: Miramax Films, 1994. 1 Filme (154 min).

RAGO, M. Libertar a história. In: Veiga-Neto, A (org.). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 255-272.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 2 ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2007.

RODRIGUES, Heliana de Barros C. Para desencaminhar o presente psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. In: Guareschi, Neuza M. F.; Hüning, Simone M. (org.). *Foucault e a psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

RODRIGUES, José C. Indivíduo e decomposição. In: Rodrigues, José C. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 1999, p.121-136.

RODRIGUES, Nelson. *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

SANT'ANNA, Denise B de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In Veiga-Neto, A (org.). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 99-110.

SEIXAS, Raul. Ouro de Tolo. Intérprete: Raul Seixas. In: *Krig-Há, Bاندولو!*. Rio de Janeiro: Philips-Phonogram, 1973. 1 disco sonoro, Lado B, faixa 11.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

*SOLDADO Anônimo*. Direção: Sam Mendes. Roteiro: William Broyles Jr. Direção de arte: Stefan Dechant, Christina Wilson e Christina Ann Wilson. Fotografia: Roger Deakins. Figurino: Albert Wolsky. Música: Thomas Newman. Edição: Walter Murch. Produção: Lucy Fisher, Sam Mendes e Douglas Wick. Estados Unidos: Universal Pictures / UIP, 2005. 1 Filme (123 min).

*TIGERLAND – A caminho da guerra*. Direção: Joel Schumacher. Roteiro: Ross Klavan e Michael McGruther. Fotografia: Matthew Libatique. Edição: Mark Stevens. Música: Nathan Larson. Produção: Beau Flynn, Steven Haft e Arnon Milchan. Estados Unidos: 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 1 Filme (100 min).

*TOURO Indomável*. Direção: Martin Scorsese. Roteiro: Paul Schrader e Mardik Martin. Direção de arte: Kirk Axtell e Alan Manser. Fotografia: Michael Chapman. Figurino: Richard Bruno. Edição: Thelma Schoonmake. Estados Unidos: United Artists, 1980. 1 Filme (128 min).

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. São Paulo: Boitempo, 2005.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DELEUZE, G. *Conversações 1972-1990*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 12 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Poeira e a nuvem*. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d, p. 323-334.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos V. Ética, Sexualidade, Política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006e.

\_\_\_\_\_. *O filósofo mascarado*. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos II. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006f, p. 299-306.

\_\_\_\_\_. *O que são as luzes?*. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos II. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006g, p. 333-351.

\_\_\_\_\_. *Poder-Saber*. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006h, p. 223-240.

\_\_\_\_\_. *Posfácio L'impossible Prison*. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006i, p. 352-354.

\_\_\_\_\_. *Sade, Sargento e Sexo*. In: Foucault, M. *Ditos & Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006j, p.366-370.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Quando Clio encontra Psyché: pistas para um (des)caminho formativo*. Cadernos Transdisciplinares, Rio de Janeiro, v. 1, p. 33-69, 1998.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2007.

## **ANEXOS**

**Arquivo dos posts e comentários do Weblog *Cinema, História e Psicologia***

**Terça-feira, 23 de Setembro de 2008**

**Ementa da disciplina**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

DISCIPLINA: Tópicos Esp. em Psi. Social e Inst. (créd. 04 – 2008/2)

Professor: Kleber Jean Matos Lopes; Helmir Oliveira Rodrigues.

**Cinema, história e psicologia.**

**EMENTA:**

A produção de sentido. Corpo, experiências de movimento e temporalidade nos modos de subjetivação contemporâneos. A história e a problematização do presente. Cinema, estética e política. O cotidiano nas obras cinematográficas.

**OBJETIVOS GERAIS:**

1. Propiciar o exercício de produção de sentidos, usando referenciais bibliográficos do campo da psicologia, da história, do cinema e de produções cinematográficas.
2. Dimensionar possibilidades de leitura e interpretação das referências bibliográficas e das produções cinematográficas.
3. Pensar novas possibilidades de modos de existência para a experiência contemporânea.

**PROGRAMAÇÃO**

UNIDADE I: Leitura e análise dos textos sobre história e a problematização do presente; sobre cinema, estética e política; e sobre o corpo.

UNIDADE II: Apreciação e discussão dos filmes selecionados.

**METODOLOGIA**

Discussões de textos sugeridos na bibliografia de referência. Apresentação e problematização de produções cinematográficas. Produção coletiva de um espaço de registro e extensão das conversações disparadas em sala (webblog).

**AValiação:** Textos produzidos e postados no blog da disciplina.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FOUCAULT, Michel. Ditos & Escritos II. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

DELEUZE, G. Sobre a imagem-movimento. (in) DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. Sobre a imagem-tempo. (in) DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

RAGO, M. Libertar a história. In VEIGA-NETO, A (org.). Imagens de Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANT'ANA, D. B. Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

VIRILIO, Paul. Guerra e cinema. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. A máquina da visão. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

Textos publicados em meio eletrônico

SENTARO, Andre. Velocidade Traumatiza e Linguagem do filme. Retirado de <http://www.coisadecinema.com.br/matArtigos.asp?mat=1898>

Luisa Marques, O corpo que dança e os corpos dos filmes. Retirado de <http://www.contracampo.com.br:80/91/artcorpo.htm>.

Postado por Helmir O. Rodrigues às [10:54](#) 

Marcadores: [Ementa](#), [Historia e Cinema](#), [Psicologia](#)

**0 comentários:**

**Quinta-feira, 2 de Outubro de 2008**

**[Discussão na sala de aula sobre o filme Elefante](#)**

O ponto de partida do nosso debate ressaltou questões acerca da ordem seqüencial das cenas, as quais não permitem ao espectador concatenar de forma imediata uma explicação lógica dos fatos. Quanto a isso, nosso estranhamento é compreensível na medida em que estamos muito habituados com modelos de filmes *hollywoodianos*, que apresentam, em grande número, roteiro com começo, meio e fim bem delineados e explicados.

Ainda com relação a aspectos explicativos, ficamos nos questionando se, de fato, havia necessidade no filme de revelar o motivo pelo qual os meninos cometeram assassinatos. Seria preciso mostrar a relação familiar desses meninos? Poderíamos entender melhor o comportamento dos meninos se o filme tivesse revelado aspectos da infância deles e suas relações sociais? Ou terá sido uma crítica ao hábito de buscarmos, de imediato, explicações após acontecimentos chocantes como aquele e, alguns dias depois, esquecemos quando caímos na mesmice, no automatismo cotidiano? Talvez os últimos tiros que ficaram faltando quisessem explicar o que não tem ou não tenha necessidade de explicação.

A escola com seus extensos e alargados corredores, com suas inúmeras portas e saídas talvez tenha a intenção de retratar a imensidão do mundo ou o fato de que acontecimentos como aquele podem ocorrer em qualquer lugar a qualquer momento. O que acontece é que estamos tão focados nos nossos afazeres, na correria do dia-a-dia que acabamos passando batido pelos outros (seus problemas e sentimentos) e por nós mesmos (não nos vemos mais). Os espaços internos da escola parecem não estar interligados: como se estivessem todos ali e, ao mesmo tempo, não estivessem. Será que estes espaços da escola não poderiam ser análogos a muitas das nossas relações cotidianas? Até que ponto está nossa afetação e ligação com o outro?

Nesse paralelo traçado entre a escola e o mundo lá fora, fiquei me questionando se as tantas portas da escola não se encaixariam na condição de refúgios ou válvulas de escape – como a menina que usava calças na ginástica agiu para escapar de uma das aulas; ou ainda, como bem mencionado na discussão, é o que fazemos quando

perguntamos a alguém – ‘E aí tudo bem?’ E, ao ouvirmos um não, respondemos – ‘Caramba, estou atrasado!’ No que diz respeito ao título do filme, alguns pontos foram levantados: o termo Elefante fazendo menção a um ditado estado-unidense em que *The Big Elephant* é algo que está escondido, mas pode revelar-se de repente; ou ainda, Elefante como animal dotado de grande memória e, como o menino que assassinou os colegas tinha a figura de um elefante no quarto, poderíamos inferir que o menino fosse lembrar de todos aqueles que em algum dia lhes fizeram algum mal.

Por fim, questionamos se o comportamento dos meninos foi de fato motivado por um quê a mais de afetação, por se sentirem não aceitos no ambiente escolar, e por se identificarem com os personagens do videogame. Mas a menina que usava calças nas aulas de ginástica, ela também na teria motivos suficientes para se sentir incomodada com os colegas de escola? Para entendermos o filme, seria necessário nos identificar com algum personagem ou procurar nos ver incomodados como eles? Muito francamente, só consigo me identificar com os que correram; mas, de repente, pode ter alguém com tendência suicida, feito o personagem de camiseta amarela que desfila pelos corredores da escola no momento em que estão ocorrendo os assassinatos.

Postado por Marcel Maia às [01:48](#) 

#### 14 comentários:

[Lázaro](#) disse...

Bem articulado o texto Mauss.

So acho estranho a coisa de o unico heroi no filme ter sido retratado na nossa discussao como tolo e, agora por voce, como "com tendencias suicidas".

O carinha, antes de encontrar a morte, ajudou a galera a fugir. Nao ha nada de especial aí?

[2 de Outubro de 2008 19:44](#) 

[Jade](#) disse...

eu não acho que os meninos tenham cometido os assassinatos por afetação, mas sim pela falta dela... eles não se importavam com as pessoas a sua volta e assim a questão não era "matar porque eles me incomodam" mas sim "nossa que arma legal eu comprei na internet, vou me divertir matando as pessoas lá da escola"...

quanto ao carinha que lázaro falou, eu acho que ele só "perdeu seu tempo" ajudando outra pessoa porque ele não tava muito interessado em sair dali o mais rápido possível e se salvar... tanto é que ele disse pra menina ir pela janela, mas ele se dirigiu ao corredor (quase um ato suicida mesmo hehe)... é que é meio difícil acreditar em alguma "ação altruísta", num filme onde ninguém parece se importar com ninguém... tipo se o carinha tivesse correndo feito doido pra se salvar, ele não ia perder tempo ajudando a menina, assim como ninguém no filme parava pra falar com alguém que não fizesse parte de "seu mundinho"...

[2 de Outubro de 2008 23:13](#) 

[Marcel Maia](#) disse...

Lázaro, se vc chama 'uma menina' de galera...?! cá pra nós, ele não devia estar legal naquele dia. mas tudo bem, resolveu dar uma passadinha no corredor do colégio e mandou UMA menina (que não era Isabela) janela abaixo.

[3 de Outubro de 2008 00:56](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

Esse personagem é talvez o único estranho no filme. Difícil apontar um rótulo, seja herói, suicida, chapado, bobo, etc. Isso se dá, creio, por ter agido de modo distinto. No pânico, manteve alguma “serenidade”. Creio que ele seja raro. Aqui, até agora, o morto parece contar mais que os vivos. Esquisito nosso modo de produzir histórias. Abraço!

[3 de Outubro de 2008 07:42](#) 

[othon](#) disse...

O que mais me incomodou no filme, é que as nossas receitinhas (esporte, educação, etc...) capitalistas para tirar um jovem da exclusão social podem ser encobertas pelas próprias durezas do sistema e

produzir jovens brutalmente frios (por qualquer que seja o motivo), que adoram brincar de fazer "peneiras humanas".

[3 de Outubro de 2008 12:54](#) 

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

Marcel vc toca num assunto que eu fiquei pensando por esses dias pós-aula/discussao. Para mim o q esse filme traz é muito menos uma tentativa de explicar o lance dos gurus entrarem numa escola atirando, buscando alvos faceis..acho q o pude tirar dali é q o que se queria passar é q certas coisas podem acontecer, qd menos se espera..mas nao to assim querendo naturalizar o acontecido. Ai levo em consideracao um contexto um mundo onde as pessoas cada vez mais se individualizam, onde o outro ao lado nao passa de um mero objeto seja de consumo ou de teste de um novo modelo de arma, q é facilmente comprada pelo eBay, etc.. ate o fato de ali nao ser o Colégio Columbine - onde ocorreu o massacre q inspirou o filme -, mas ser um colegio qq e q ta mergulhado num mesmo contexto..ai como toda uma logica q atravessa esse modo de ser de uma tipica high school from USA, isso faz q esse fato possa ocorrer em qq colegio. visto q Columbine é apenas um exemplo, desde lá ja se tem noticias de estudantes atirando em universidades; trabalhadores demitidos atirando na antiga empresa; parece q tem toda uma questao por la de q td se "resolve" na bala hehehehe..daqui a alguns dias vai ser criançinha do jardim da infancia matando as outras heehhe...e esse america way of life ja ta sendo exportado pra outros continentes, como bem lembrou Robierto durante a discussao, recentemente na finlandia rolou algo parecido..bom, quem sabe isso nao chega por aqui nos proximos anos. vamos aguardar!!

[3 de Outubro de 2008 19:32](#) 

[Elton](#) disse...

Esta postagem foi removida pelo autor.

[3 de Outubro de 2008 23:40](#) 

[Elton](#) disse...

Tenho quase certeza que após o massacre real que inspirou o filme foi chamado um profissional Psi para a "explicação" de tamanho ato de crueldade. Buscou-se traços psicóticos através da história dos garotos, acontecimentos que pudessem dar uma direção do porquê de dois garotos de classe média saírem atirando em pessoas de sua escola. Isso nos deixa mais tranquilo, ficarmos sabendo que "aquele indivíduo era louco", "seu pai o violentou quando criança" etc., nos dá a sensação de que isso só ocorre com tais pessoas, e de que podemos sempre identificá-las, mesmo após o fato.

Concordo com Helmir, em achar que se quis mostrar que isso pode acontecer quando menos se espera, em qualquer lugar, sem explicação causal. E isso nos assusta!

[3 de Outubro de 2008 23:43](#) 

[Luis Fernando Imperator](#) disse...

faculdade de ver filme. eu quero!!

[5 de Outubro de 2008 08:39](#) 

[carol](#) disse...

Acredito que o mais interessante de um filme como este seja realmente o de não nos entregar uma verdade. Podemos ver os acontecimentos a partir de vários pontos de vista e decidimos pelo "herói" ou pelo "vilão" por nós mesmos, por nossas afetações. Os meninos que decidem matar as pessoas, inclusive, podem ser vistos tanto como más pessoas, quanto por garotos encurralados que decidiram fazer algo a respeito. E acho que é neste ponto que dispensamos, tal qual elton mostrou, um profissional psi que rotule o cara numa letra seguida de número, para nos dar um alívio, uma conformação. O que esse filme não quer fazer por nós é dar-nos esta tranquilidade ou definições de bem ou mal. Podemos nos perguntar o por quê, mas talvez não seja mesmo isso o que importa; importa pensarmos no quadro geral das coisas, talvez importe mesmo nos implicarmos naquela situação: será mesmo que é uma realidade tão distante da minha?

[5 de Outubro de 2008 11:23](#) 

[Pri](#) disse...

Realmente o que mais me tocou nesse filme foi o fato de estar tudo "aparentemente normal" e de repente, inesperadamente acontecer algo desse tipo. Essa imprevisibilidade me incomoda bastante, e assusta. Eu acho que a nossa vida de forma geral é permeada por isto. Em contrapartida, se isso não for inesperado, se já for "o que se espera" me assusta ainda mais! Como foi declarado na discussão em sala (não lembro por quem), na qual pessoas afirmaram que não se espantariam se isso acontecesse ali, me deu a impressão que a antes imprevisibilidade que senti vinda do filme, é vista ou sentida hoje em dia como algo mais previsível.

De fato, é tranquilizante ouvir que uma pessoa fez isso porque é louca ou tem um histórico de violência ou alguma outra experiência trágica que a "inspirou" a cometer tal ato. Porém, também concordo que nem sempre é isso que acontece. Mas simplesmente aceitar que não há uma/duas/três/infinitas causas por trás, nem que seja, a causa da diversão, é muito conformismo; acho que é tão conformista quanto simplesmente buscar um psicólogo para encontrar distúrbios psicológicos nesses meninos que atiraram. Porque atirar em pessoas como joguinhos, virou diversão? Porque é divertido ver pessoas morrendo? Não sei... seja qual for o motivo, psicológico, social, diversão, o sistema pode, etc, acredito que o(s) motivo(s) existem. E espero que a gente se espante e seja "sensibilizado" por essas coisas.

[6 de Outubro de 2008 12:39](#) 

[Socorrinho](#) disse...

Bom, pra mim esse filme foi muito interessante porque acredito que determinados comportamentos não acontecem por acaso...simplesmente porque aqueles meninos queriam se divertir, ou queriam ver as pessoas morrendo! Para mim existe sim toda uma história por trás, sentimentos reprimidos (raiva, mágoa, rancor), desejo de vingança ou algo do tipo! Existem muitas pessoas que não conseguem expressar sentimentos e acabam guardando e uma hora explode! Também acredito que uma família desestruturada, sem base ou uma infância difícil também é capaz de gerar comportamentos hostis! Tááá...vcs devem tá aí pensando...lá vem ela com esses pensamentos psicanalíticos...mas eu vejo muito sentido neles!!! E se vcs forem observar, essas pessoas que tomam essa atitude de matar todo mundo, são sempre pessoas introspectivas, fechadas em seu próprio mundo, alheias ao mundinho em que vivem...Isso já diz algo das personalidades de tais pessoas! Porém, o que não consigo entender é porque essa atitude terrorista de sair matando nas escolas se tornou algo comum nos EUA...Sei lá...será que depois do primeiro atentado as outras pessoas reprimidas, vingativas, ou seja lá o que for, tomaram coragem para fazer o mesmo! Aqui a gente não vê isso! Claro que é algo imprevisível como disse Priscila, mas que de repente, quando menos se espera, pode ocorrer nos corredores de alguma didática...e aí? Será que isso seria capaz de acontecer?? Bom é isso, fiquei pensando nessas questões!!

[7 de Outubro de 2008 00:00](#) 

[Juaum](#) disse...

Só pra lembrar, já ocorreram sim casos do tipo no Brasil, lembre do jovem branco, de classe média que gostava de jogar Doom e Quake que comprou uma arma e atirou dentro de uma sala de cinema. Isso gerou toda uma polêmica em torno dos jogos de computador. Mais uma vez busca-se a causa para então resolver a questão. Me incomoda o fato de ficarmos bestificados com um episódio desse tipo, mas nem se quer lembrarmos que 15 (não me lembro ao certo) pessoas foram assassinadas durante os jogos panamericanos no Rio de Janeiro numa ação policial no morro do Alemão. Tá nesse caso foi no morro... mas onde estão as causas? Alguém se importou em busca-las? Vasculhar as personalidades e histórias dos policiais para saber dos distúrbios que todos eles tinham? É preferível falar em dano secundário, tipo não intencional, ou efeito colateral, é a nossa causa.

Bom, socorro fez uma bela análise psicológica dos fatos, sinto-me agora povoado de fantasmas e um assassino potencial. Eu não gosto de vocês, por isso corram se eu aparecer armado.

[7 de Outubro de 2008 13:05](#) 

[melanie](#) disse...

Acredito que não é preciso se identificar com alguma personagem do filme ou me sentir incomodada como eles para conseguir entender ou extrair algo do filme. Primeiro porque não acredito que exista um "entendimento" certo; segundo, não me identifiquei com ninguém e nem me incomodei. - Oh, como eu não consegui me incomodar ou me espantar!? - Então, como Priscila comentou, eu acredito que isso possa ocorrer em qualquer lugar, seja em um colégio, numa faculdade, numa empresa cheia de funcionários de qualquer cidade e até da 'pacata' Aracaju. Penso assim porque simplesmente não consigo dizer as razões para aqueles meninos (e um monte de outros) terem feito aquilo. Se eu fosse pensar nas razões, naquele colégio e no que eu estudei estaria cheio de assassinos em potencial e eu

seria um dos alvos de certeza. Não que eu goste de brincar de “peneiras humanas”, mas porque, como todo mundo, há o dia de mangar e outro de ser mangado. Penso que o bullying em parte acontece e é passado adiante porque ou você manga ou é mangado; ou ainda, você manga, é mangado e continua mangando; e também existem aqueles que só são mangados ou que só mangam. Ou seja, não é tão simples. E não acho que os jovens sejam frios. Nem os do filme e nem os da realidade. Quando digo que não consigo formular razões, não quero dizer que elas não existam. Penso que uns tenham X motivo e outros Z, Y... e acho que várias pessoas ao meu redor também possam ter e, até eu! Eu não sei o que vem pela frente...! E como disse Socorro, se é porque uma pessoa tem raiva, mágoa, rancor, sentimentos reprimidos que leva a fazer isso, então aí é que torna tudo realmente imprevisível. Quem não tem isso em algum momento da vida, do dia? E essa imprevisibilidade não é apenas de hoje, isso sempre existiu. Agora o que tem acontecido pra que cada dia apareça mais e mais casos não só em um país é algo que me interessa. E porque tantos outros jovens (adultos, crianças, idosos, enfim) em condições semelhantes não fazem. E muitas outras questões que não foram levantadas, como qual o poder da mídia nesses acontecimentos em série?

Eu realmente acho que o que trouxe o filme não é uma realidade tão distante da nossa (embora muitas pessoas não consigam se incluir nisso).

[10 de Outubro de 2008 20:39](#)

## **Domingo, 5 de Outubro de 2008**

### **Sobre grupinhos e panelas**

- Uuuuuuuuuuuuhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh – a turma em coro.

ELEFANTE. A turma discutia. E dentre vários tópicos colocados em pauta, eis que surge a questão da divisão em turmas, panelas, galeras, gangues, seja qual for a nomenclatura, enfim, a divisão em grupos tão comumente verificada em filmes teens americanos ambientados nas high schools. Em todos verificamos mais ou menos o mesmo quadro. Entre os longos corredores e amplos espaços dos colégios, é fácil identificar o grupo dos nerds, seus livros, óculos e tubos de ensaio. Os super-esportistas, abrindo caminho por onde passam e que parecem necessitar vestir suas super-jaquetas para se tornarem super-seja-lá-o-que for. As líderes de torcida, suas saias, pom-pons e futilidades.

Ora essa, mas essa divisão em grupos não é algo tão exclusivo de colégios americanos. Podemos encontrá-la aqui mesmo nas escolas brasileiras, ou antes, aqui mesmo na universidade, no próprio curso de psicologia.

- Uuuuuuuuuuuuhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh – a turma em coro.

Dividir-se em grupos. Um processo que pode ser considerado típico do repertório do comportamento humano. É comum que nos agrupemos com aqueles cujas características assemelham-se às nossas. Os mais diversos critérios são utilizados. Gosto musical, time do coração ou simplesmente faixa etária. Basta recorrermos a um livro de Introdução à Psicologia Social e estará lá. De forma grosseira: os semelhantes se reúnem formando o intragrupo. Esse intragrupo por sua vez também agrupa os de fora, que podem ser nomeados intergrupo. Interessante destacar que, embora os membros do intragrupo considerem que cada um possui sua individualidade, percebem os membros do intergrupo como todos iguais até na subjetividade. Em outras palavras, um caminhão de japonês. Podemos ainda lembrar da Gestalt e da famosa Lei da Boa Forma, determinando o agrupamento de elementos semelhantes tão inexoravelmente quanto a Lei da Gravidade determina a queda de objetos.

É um fato. Sempre haverão grupos, panelas, turminhas nos mais diversos ambientes onde existirem pessoas. Não se trata de algo certo ou errado, algo para ser aplaudido ou combatido. É pura e simplesmente um fato. A problemática reside nas conseqüências de tal divisão. Argumentou-se, em classe, que a problemática das escolas americanas são as represálias sofridas pelos considerados diferentes, apenas por serem considerados diferentes. Concordo. Mas essa problemática se expande por muito além dos muros de qualquer colégio, americano ou brasileiro. A intolerância frente ao diferente tem deixado sua marca ao longo da história, ou melhor, tem escrito a nossa própria história. Afinal, a cor, a religião, a opção sexual, a nacionalidade foi e continua sendo utilizado como critério de segregação em grupos, de preconceito, discriminação e violência.

- Mas para quê misturar? Alguém perguntou em meio à discussão.

Para quê misturar? Devem se perguntar israelenses e palestinos. Para quê? Devem se perguntar brancos e negros, católicos e evangélicos, líderes de torcida e nerds. O seu grupo de alunos de Psicologia e o meu grupo de alunos de Psicologia.

- Uuuuuuuuuuuuhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh – a turma em coro.

Nos dividimos sim, é fato. E continuaremos assim. As conseqüências? Bem, podem ser as mais diversas a depender das pessoas, dos lugares, das circunstâncias ou simplesmente... nenhuma. Talvez, a depender dos grupos em que estamos inseridos, ainda iremos trocar várias idéias em nossos encontros semanais enquanto durar essa disciplina. Talvez toda de forma de comunicação alguma vez estabelecida entre nós tenha começado nas primeiras palavras desse texto e termine aqui. ELEFANTE.

Postado por Carina às [20:55](#) 

#### 7 comentários:

[Laura Regina](#) disse...

hummm gostei do texto Carina, mas fiquei ca pensando: eu concordo com a ideia de q precisamos tentar (ao menos) mistura um pouco; pensem comigo, qnto mais fixadas as divisoes entre grupinhos (sejam eles quais forem), mais provavel a falta de tolerancia entre estas diferenças, e a provavel resolução de forma "nao racional" pode acontecer. tudo bem, nao estou defendendo q saiamos de maos dadas cantando pelas canções sobre uniao e amizade, mas q possamos passear entre varios "tipos" de pessoas, q possamos aprender com elas, q tenhamos grupos, sim, mas nao restritos, reclusos em si mesmo. e dai fiquei me perguntando: se continuarmos fechados em pequenos grupos perseguindo os outros, qndo saberemos q nossos preconceitos para com os outros grupos não estão chegando no "limiar" de violência de fato? há este limiar?

[8 de Outubro de 2008 00:53](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

Laura, deve existir esse limiar. O complicado é antecipá-lo a um acontecimento trágico. Entramos no mundo do SE. Esse SE é condição não é Sergipe. Talvez, para dar mais tinta a essa linha, fosse importante trazer mais o mundo para o SI e assim levar esse SI para o mundano. Abraço!

[8 de Outubro de 2008 16:17](#) 

[Joana](#) disse...

Sou adepta aos grupos! Como a própria Carina citou, o agrupamento faz parte do repertório das pessoas. Se eu pensar em mim, neste exato momento, posso enumerar diversos grupos dos quais faço parte. E isso não necessariamente é uma coisa ruim. E isso não necessariamente levará a uma tragédia. Eu acredito no direito das pessoas de escolherem com quem quer andar, conviver, trocar figurinhas, de não precisar ser simpática com todo mundo (o que não significa tratar sem educação ou com intolerância). Não tem coisa pior que ser "conhecido", falar com todos, ser aberto a novos (todos) contatos. As relações se estabelecem de maneira superficial, indiferente, sem afetação. Tá aí, afetação, uma das discussões do filme que rendeu. Afinal, mataram por afetação ou por falta de? Para mim, de alguma forma, afetação sempre existe. A grande diferença é se as relações se fazem autêntica ou não. É difícil lidar com o vazio que bate por conta da inautenticidade.

[8 de Outubro de 2008 23:36](#) 

[Juaum](#) disse...

Tá, mas o que garante a tal da autenticidade das relações ou que expurga a superficialidade delas tornando-as profundamente idiossincráticas e profundas? Talvez uma verdade das relações, a essência da amizade. do amigo verdadeiro.

Acho que se perde muito tempo buscando profundidade, quando que o que afeta talvez seja o movimento simples do toque.

[9 de Outubro de 2008 12:42](#) 

[Jade](#) disse...

as pessoas andam juntas por afinidade e haverão sempre as pessoas que você não tem afinidade... pra que juntar? eu não vejo sentido...

por exemplo, eu acredito que se fosse tentar juntar todos os integrantes de uma turma de psicologia da ufs, fazer todos eles terem uma conversa, cada um expressando sinceramente algumas opiniões suas, a ufs provavelmente se transformaria na faixa de gaza

[9 de Outubro de 2008 20:12](#) 

[Joana](#) disse...

Autenticidade não me parece ligada a essa profundidade, mas sim a um contato sincero, transmitido, em disse, apenas em um toque.

[10 de Outubro de 2008 17:13](#) 

[melanie](#) disse...

É preciso misturar? Misturando a gente fica mais tolerante?

Olhando para nossas relações, mesmo se misturando a gente é intolerante e faz isso com as pessoas mais misturadas a nós: amigos, pais, irmãos, namorados. Quem nunca tratou melhor o desconhecido que o próprio irmão? A tolerância depende de conhecer ou não alguma coisa ou depende de se importar com a outra coisa? Eu acredito que tolerância e grupos não tenham essas relações tão estreitas. Não é pela existência de um que o outro deixa de existir ou possa aparecer. Penso a tolerância como a aceitação do modo do outro agir, pensar, SER. Sim, quando em grupo é muito mais fácil fazer isso, já que você se identifica, mas se um tiver uma opinião diferente? Ou os grupos são conjuntos de pessoas iguais? Isso existe? Ser ou não pertencente a um ou mais grupos e ter a capacidade de tolerar são coisas diferentes. É você enxergar o outro e permitir que esse outro exista. Eu acho que o que está acentuando seja isso: a não capacidade de suportar a existência do outro enquanto diferente de nós. Depois as pessoas dizem que querem ser diferentes. Será?

[11 de Outubro de 2008 15:36](#)

### **Quarta-feira, 8 de Outubro de 2008**

#### **Crash - No limite**

Um dos primeiros comentários feitos a respeito do filme levantou a discussão sobre o contraste bom/mau dos personagens. A demonstração dessa oposição foi considerada por alguns como uma consideração de que as pessoas não são de todo boas, nem de todo maldosas. E ainda que tal contraste é reflexo de uma frase citada por um dos personagens do filme, o qual se refere ao fato de nós mesmos não sabemos o que somos, do que somos capazes quando somos colocados "NO LIMITE" das situações. Seria esse o sentido do título? Talvez sim.

E o preconceito? Tão obviamente buscando ser assunto no filme. Uma das discussões mais veementes em sala foi a ocorrência ou não de preconceito no filme. Eu particularmente acho que tiveram cenas que claramente houve manifestação de preconceito, ou seja, discriminações, como na cena em que a personagem de Sandra Bullock acusa o cara da fechadura de ser membro de uma gangue por ter uma tatuagem específica, alegando que ele irá ter diversas atitudes negativas e prejudiciais a ela e à casa dela. É possível uma discussão sobre esse filme sem que se fale sobre preconceito?

Tive a sensação - após o início das discussões - ainda com base nessa discussão sobre a ocorrência ou não de preconceito, de que o filme parece meio que "propositadamente" estimular o pensamento das pessoas que o assistem a pensar o preconceito. Me ocorreu que, assim como o pensamento de um dos personagens negros (o que achava q tudo era preconceito contra negro) talvez fosse esse o pensamento que o filme esperasse que as pessoas tivessem. Foi ou não por preconceito contra o negro que o policial abusou do seu poder e fez o casal passar por aquela humilhação? Ou se tratou apenas de um abuso de poder que poderia se dar com pessoas de qualquer cor? Foi ou não porque o cara era negro que o policial (bonzinho =P ) acabou atirando nele dentro do carro enquanto ele tirava algo do bolso? Será que não era apenas a circunstância que era ameaçadora e que faria o policial ter aquele comportamento independente da raça? Ou ainda, seria por uma questão de pobreza, pela forma como o rapaz se vestia? Enfim, não dá pra afirmar nada com certeza; talvez nem o autor do filme tenha criado tais situações com uma resposta exata.

Se o filme foi produzido meramente pra ser vendido; se é "uma galinha"; se é o característico filme hollywoodiano que busca sensibilizar, tocar, "apelar", eu não sei. Mas ele quer sensibilizar ou mostra-se exagerado por reunir dezenas de pessoas e tragédias ao mesmo tempo em um só dia? Então eu discordo. Somos muitos e tragédias realmente acontecem aos montes diariamente toda hora. Ou então ele mostra-se exagerado por mostrar, por exemplo, Sandra Bullock caindo da escada e tornando-se "boazinha" em seguida? Mas por acaso

ela ficou bozinha? Pq reconheceu na empregada doméstica uma amiga, sendo que antes a destratava? Talvez caiba aqui a discussão do mistério do que somos, se somos bons e/ou maus, digamos assim. Simplesmente talvez ela possa ter sido posta numa situação limite tal de solidão, de ausência do marido e de outras pessoas que se diziam sua amiga, que acabou valorizando quem estava ali. E o policial salvando a mesma mulher que abusou? Foi bonzinho? Acho que ele fez muito do papel dele, que aquela ocorrência não deve ser algo tão incomum no cotidiano dele, mesmo que não seja sua missão exata; isso não significa que ele vai sair dali e não vai ter outras e outras atitudes de abuso de poder. Então, não vi muito de sentimentalismo barato ou lições de morais forçosamente transmitidas, pelo menos não mais do que qualquer outro filme que quer ser vendido (existe algum que não quer?) e que precisa “comprar” o público de alguma forma. Esse pelo menos suscitou discussões sociais interessantes e para os contrários aos finais felizes hollywoodianos (não é o meu caso) não apresentou só casos solucionados e felizes para sempre.

Postado por Pri às [23:42](#) 

### 5 comentários:

[Kleber Matos](#) disse...

Preconceito por Houaiss

Datação

1817-1819 cf. EliComp

Acepções

■ substantivo masculino

1 qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico

1.1 idéia, opinião ou sentimento desfavorável formado a priori, sem maior conhecimento, ponderação ou razão

2 atitude, sentimento ou parecer insensato, esp. de natureza hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância

Obs.: cf. estereótipo ('padrão fixo', 'idéia ou convicção')

Ex.: p. contra um grupo religioso, nacional ou racial

3 conjunto de tais atitudes

Ex.: combater o p.

4 Rubrica: psicanálise.

qualquer atitude étnica que preencha uma função irracional específica, para seu portador

Ex.: p. alimentados pelo inconsciente individual

Locuções

p. lingüístico

Rubrica: lingüística.

qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos

Etimologia

pre- + conceito; ver 1cap-

Sinônimos

antepaixão, cisma, implicância, prejuízo, prejulgamento, prenoção, xenofobia, xenofobismo; ver tb.

sinonímia de repulsão

[9 de Outubro de 2008 06:45](#) 

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

Falar de Crash sem se falar de preconceito, creio q seja difícil. Vejo q o filme tem uma tendencia a explicitar a todo momento essa questao do preconceito. Mas ao querer tratar de uma situacao na qual em todo momento pessoas se atacam verbalmente, fisicamente e usando disso palavras com tons pejorativos como: "Seu mexicano", "Seu arabe", "Seu negro", "Seu riquinho, criado a leite com pêra.."; e ligar isso a questao do preconceito etnico, racial ou de classe, como se essa fosse a causa dessas intolerancias, acho q é ai q mora o perigo desse tipo de discurso. Como defendi em sala, acho q tem

uma coisa q perpassa essa discussao, mas q qd se usa o termo "isso é preconceito" acaba q se mascarando. Parece q reduzir tudo q se dá em termos de intolerancia entre as pessoas ao preconceito racial, etnico ou de classe é uma forma segura ou confortavel de nao se tocar num assunto q, para mim, tem uma presença muito forte nessas questoes referentes a intolerancia, q é trazer para o campo das discussoes nosso modo de organização social q se pauta no individualismo dos corpos. Nosso modo de existencia padrao produz corpos que se individualizam, q sao moldados a evitar o contato com o outro, a olhar mais para "um si interior", a impor um movimento pra si q tem q eliminar ou desviar dos obstaculos a sua frente, sejam esses obstaculos outros corpos, mangues, animais, florestas...tudo pelo "progresso", por um crescimento de vida, pela busca da verdade. E por ai vai..Acho q uma discussao q trate sobre preconceito, nao pode esquecer de levar em conta algo q atravessa todo um modo de se viver q temos, de problematizar essas coisas. Por exemplo, fala-se de preconceito racial, mas como se deu, historicamente, essa producao de uma divisao de povos por raças? essa ideia de uma raça biologica começa a tomar força em determinado momento do sec. XVII, se nao me engano e tem a ver com a formação dos estados nacionais do velho continente..ate antes disso nao se pensava a divisao de povos por raças. era mais uma divisao entre clãs q por uma questao biologica...pra se ter uma ideia de como há o q se problematizar sobre essa tematica tao enraizada e q nos prende o pensamento, como é a questao do preconceito.

[9 de Outubro de 2008 15:10](#) 

[Joana](#) disse...

A discussão em sala tomou um rumo em que o que menos foi enfocado foi o filme e as situações condizentes à realidade que, com algumas outras peculiaridades, também faz parte do nosso cotidiano. Entre conceito, pré-conceito, "galinha", filmes hollywoodianos, a questão da discriminação, do distanciamento entre as pessoas acabou não sendo discutida como merecia.

Muito importante pensar em individualização dos corpos, Helmir. Permeia toda a nossa existência, o meio ambiente, as relações, tudo. Mas, depois de anos de privatização corporal, qual seria o caminho para, ao menos, aceitar a diversidade racial, étnica, de classe?

[10 de Outubro de 2008 17:10](#) 

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

Joana, nao sei bem se posso chamar de caminho, mas acho q um começo para que percebamos o quao misturado, diversificado podemos ser ou q podemos produzir enquanto modo de vida, pode se dar por uma problematizacao desse tipo de modo vida q temos hj e q falei um pouco no outro comentario. Começarmos a pensar sobre o q fazemos de nossas vidas, como se formam, se fixam, certos valores q direcionam o modo de vivermos, encarando-os como historicamente produzidos e sendo assim, podem ser desconstruidos; esse modo de viver já possibilita um grande passo - um passo meio confuso, complexo de se dar, admito - para enxergamos e produzirmos essa diversidade de corpos. (sem querer cair numa determinação se é étnica ou racial)

[11 de Outubro de 2008 07:40](#) 

[Jade](#) disse...

eu concordo com o comentário de que alguém faz um filme para ser visto. mas eu acho também que para alguns tipos de filme esse não é o objetivo principal...

eu acho que "vender" é o principal objetivo de filmes no esquema hollywoodiano... mas acho sim que existem vários filmes nesse esquema que são muito bons... a meu ver, esse não é o caso de crash...

eu acredito que a prosposta inicial do filme era falar de preconceito, individualismo e na não existência de uma dicotomia bom/mal, mas eu acho que o filme fracassa nessas três propostas devido ao exagero e a vontade de fazer as pessoas se comoverem a qualquer custo...

eu até acho que uma pessoa pode se sensibilizar ao cair da escada e não ter ninguém pra socorré-la, mas dizer "você é minha melhor amiga" a uma pessoa que até então ela havia destrutado de modo tão extremo é exagero demais... e a cena da menininha que não morre? colar de fada!??? me poupe...

eu acho que se um filme quer mostrar que não existe uma dicotomia entre bom/mal e que qualquer um pode ser filha da puta, ele não devia usar de tantas situações extremas, onde claramente uma pessoa está sendo filha da puta em uma cena e claramente está sendo vítima em outra... por que não utilizar situações em que bem e mal estejam mais escondidos e mais sujeitas a interpretações? mas é claro,

"deixar sujeito a interpretação" não vende, já "exagero" vende bastante... continuo achando que o filme é uma puta hehe. viva os patos... \o/

[12 de Outubro de 2008 22:46](#)

**Domingo, 12 de Outubro de 2008**

### [A perda da origem](#)

Convido-os a pensar numa situação genérica: em determinado momento histórico é estabelecido um paradigma, um discurso forte/hegemônico sobre algo. As pessoas desse tempo passam a fazer parte da dinâmica desse discurso ou paradigma; sua adoção como “verdade” passa a ser vantajosa para o cotidiano (ou ao menos compatível com ele), a idéia trazida por ele passa a ser convencional ou corriqueira.

Agora uma outra situação, ou um outro momento: uma sociedade adota um padrão de pensamento/ação que tinha uma explicação racional (o tal do discurso/paradigma). O tempo passa, o tempo voa... E as gerações subsequentes dessa sociedade mantêm esse tipo de *comportamento* (por assim dizer), ou resquícios dele, embora a maioria delas sequer tenha noção do porquê. Esses resquícios aparecem de modo não-planejado em forma de sensações, afetos ou – vá lá – pensamentos automáticos.

Pausa para consulta ao leitor: uma ocorrência dessas é perfeitamente imaginável, certo? Vou supor que sim.

O exemplo vago acima serve como um outro modo de pensar o *preconceito*. Ele poderia ser enxergado como uma *ideologia* cristalizada que se antecipa às ações ou pensamentos dos indivíduos, sem que estes, por vezes, sequer percebam isso. Mas a palavra "ideologia" é carregada de representações, então vamos jogá-la fora neste momento. O que importa é pensarmos que o fenômeno teve seu momento de gênese (a escravidão no Brasil, se formos pensar o racismo aqui) e num outro momento se reconfigura, ganhando formas mais sofisticadas, ou menos palpáveis. Tomando o exemplo da escravidão, existem inclusive aqueles que questionam esta gênese como uma real fase do fenômeno (racismo) como conhecemos hoje, pois em tal período os discursos aviltantes a respeito do grupo atingido eram hegemônicos e não desviavam muito do entendimento “padrão” que a sociedade tinha sobre as coisas. É uma boa discussão, mas não para esta postagem.

Uma vez conversei com um monge tibetano que me disse: “meu garoto, tente falar sempre a mesma língua de seu interlocutor; esse é o segredo do não-estresse”. Sábias palavras que colocarei em prática agora, a respeito do assunto em foco. Se formos levar em consideração a noção de *operadores* para o preconceito, podemos propor que, atualmente, eles são vários. A partir da sofisticação do fenômeno, da perda de sua origem, ele passa a atuar em conjunto com outros fenômenos da contemporaneidade, como o individualismo, a situação econômica, o estresse do cotidiano, o sensacionalismo da mídia, etc. Isso não o faz desaparecer, pelo contrário, pode potencializá-lo.

No filme *Crash: No Limite* temos um emaranhado de situações em que esses "operadores" se misturam: a violência urbana, a paranóia que pode ser causada pelo racismo (que atinge não só o grupo minoritário, mas todos os envolvidos), o afastamento das pessoas nas grandes cidades - que diminui ainda mais o nível de informação que umas têm a respeito de outras -, etc. Vemos, no enredo, que indivíduos que se sentiam incomodados com atitudes preconceituosas em determinada situação eram surpreendidos por si mesmos em outras, quando agiam impensadamente (ou quando *algo* os levava a agir de determinada forma antes que racionalizassem a situação). Não acredito que seja possível apontar uma única causa para cada uma das situações mostradas no filme; seria simplista, extremista ou até ingênuo. Mas parece-me claro que por trás da ação automática, da “indexação cognitiva” de informações que os indivíduos formam sobre pessoas e grupos (geralmente minoritários) existe algo marcante, cuja origem muitas vezes é desconhecida, pois se perdeu.

### **“E A GALINHA?”**

A galinha, meus caros, faz Cocoricó. É vendida em feiras, supermercados, açougues, em todo canto – ela é pop. Os sons que emite são taxados de zuada, os ovos que põe são levados à panela (e somem). Ao contrário do pavão; esse não se vê em qualquer lugar, é raridade. Não é explorado nas vendas e quitandas, foi feito para ser apreciado. Os poucos que o encontram ficam admirados, conotam significados mil sobre seu silêncio e suas plumas.

Galinha é ruim e pavão é bom, ponto! (...) Hum... Quer dizer...

Numa pesquisa Ibope, quem será que levaria vantagem? Imaginem: “Você prefere um mundo sem galinhas ou sem pavões?”. O povo diria que sem a galinha não encheria a panela, e por isso não restaria força pra procurar um pavão encantado. Alguns poderiam dizer que o pavão é melhor, pois é beleza por extensão, é alimento da mente, faz-nos pensar na vida (...) Esquecem que dos ovos da galinha também saem pintinhos, não percebem que Cocoricó também pode significar alguma coisa interessante.

Mas vamos deixar de imaginar. Sem verbas pra fazer uma pesquisa, perguntei a uma senhora que passava na rua: “Ei, galinha ou pavão?”. Depois de titubear pra responder, a doida disse:

- Galinha!
- Por quê?
- Porque é coisa da gente!
- Como assim, nobre senhora?
- É... Uns vendem, outros compram, outros são! Você é?

Eu? Que absurdo. Prefiro nem argumentar.

Postado por Rodrigo Vieira às [15:49](#) 

Marcadores: [crash](#), [galinha](#), [origem](#), [paradigma](#), [preconceito](#)

### 7 comentários:

[Carina](#) disse...

Rodrigo mto bom seu texto!!! Vc conseguiu sintetizar em suas linhas o que eu axo que realmente valia a pena ter sido discutido em sala de aula, e com mto estilo e bom humor! E sobre a galinha e o pavão? Bem... prefiro não comentar! (rsrsrsrsrs)

[12 de Outubro de 2008 16:35](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

Oi Rodrigo, como disse a Carina, seu texto tem estilo. Isso não é corriqueiro nos escritos de hoje. É raro, penso. Não é um texto-galinha, nem um texto-pavão. Por isso não creio que sua fala possa ser produto apenas da discussão da segunda passada. Ela não consegue ser produto de uma verve unicelular. Dentre outras coisas, fala em escravidão e acordos morais que se perpetuam e que são operados no automático dos comportamentos de quem se encontra No limite. De onde vem esse texto? Não sei. Mesmo não sabendo; percorro-o. Sou provocado a isso. Ele me chama para conversar. Assim, poderia respondê-lo No limite. Ali, onde a violência da representação ganha vulto. Ali, onde explicações alheias escondem a história miúda. Não me interessa. Conversas não têm começo, mas podem ter fim. Muitas vezes a gente acredita que toda questão requer uma resposta. Penso que possa ser diferente. Gostaria de lhe escutar mais sobre onde e como perdemos a origem das coisas. Não para que eu aprenda a raridade da sua língua e possa me fazer entender. Intenciono querer que as diferenças das linguagens comunquem o desentendimento e isso faça sentido. Abraço!

[12 de Outubro de 2008 20:10](#) 

[melanie](#) disse...

Durante a semana, apesar de ter muito o que comentar sobre a galinha, digo, o filme, eu pensei mais na galinha do que nele, ou seja, pensei nele enquanto galinha.

Kleber perguntou que animal ele seria e responderam *galinha*. Eu não gostei do filme, mas a *galinha* não me apeteceu. Entretanto, não consegui pensar em outro animal que fosse exatamente o que eu imaginava dele. Aí já no finzinho do domingo, eu leio o texto de Rodrigo e entendi porque não havia outro animal. Crash é uma galinha.

p.s. ri e continuo rindo.

[12 de Outubro de 2008 22:08](#) 

[Jade](#) disse...

galinha é tão claramente útil e tão fácil que não tem a mínima graça...

[12 de Outubro de 2008 22:55](#) 

[Laura Regina](#) disse...

pode até ser uma galinha (apesar de não concordar tanto com o lado pejorativo deste termo), mas a galinha ainda é muito útil para percebermos a dinâmica do sistema em que vivemos, seja com relação aos seus ovos, sua carne, os pintinhos, ou os preconceitos, sentimentos, discussões sobre tudo isso e o que nos afeta ou não.

[13 de Outubro de 2008 12:35](#) 

[Luana](#) disse...

O texto de Rodrigo é perfeito para encerrar a discussão que houve em sala sobre preconceito, pré-conceito, conceito, seja lá a q sentido queríamos chegar ao vê-lo no filme (se é q ele estava lá). A origem da palavra já foi perdida e o seu(s) sentido(s) e uso(s) nos dias de hoje é quase intrínseco a nós, a ponto de ñ sabermos nem explicá-lo ou reconhece-lo.

[17 de Outubro de 2008 00:00](#) 

[Herica França](#) disse...

Bastante intrigante o texto de Rodrigo e muito bom também. Pensei em várias outras discussões que perpassaram pela sala, o que abria espaço para muitas outras falas. Estou querendo dizer que, ao contrario do que foi dito, conversas e discurso podem tem um começo (ou não), mas falar sobre um "fim" talvez estaria encerrando nao só possibilidades de novas falas, como a produção sentidos e problematizações. São tantos os movimentos que podemos percorrer que por vezes perdemos aquilo que o originou, seja o contudo em si e o seu sentido primário. O texto toca nisso e me tocou também.

[17 de Outubro de 2008 08:28](#)

**Quarta-feira, 15 de Outubro de 2008**

## **ELEFANTE**

**Sinopse** - Um dia aparentemente comum na vida de um grupo de adolescentes, todos estudantes de uma escola secundária de Portland, no estado de Oregon, interior dos Estados Unidos. Enquanto a maior parte está engajada em atividades cotidianas, dois alunos esperam, em casa, a chegada de uma metralhadora semi-automática, com altíssima precisão e poder de fogo. Munidos de um arsenal de outras armas que vinham colecionando, os dois partem para a escola, onde serão protagonistas de uma grande tragédia.

### **Ficha Técnica**

*Título Original:* Elephant

*Gênero:* Drama

*Tempo de Duração:* 81 minutos

*Ano de Lançamento (EUA):* 2003

*Estúdio:* HBO Films / Blue Relief Productions / Meno Films / Pie Films / Fearmakers Studios

*Distribuição:* HBO Films

*Direção:* [Gus Van Sant](#)

*Roteiro:* Gus Van Sant

*Produção:* Dany Wolf

*Fotografia:* Harris Savides

*Direção de Arte:* Benjamin Hayden

*Edição:* Gus Van Sant

Postado por Helmir O. Rodrigues às [18:58](#) 

Marcadores: [Elefante](#), [Ficha técnica](#), <http://www.blogger.com/img/gl.align.full.gif>, [Sinopse](#)

**0 comentários:**

**Quarta-feira, 15 de Outubro de 2008**

**[CRASH - NO LIMITE](#)**

**Sinopse** - Questionador, Crash - No Limite, escrito e dirigido por Paul Haggis (roteirista de Menina de Ouro) mostra uma visão agressiva e perturbadora das complexidades que envolvem as questões raciais na América contemporânea. Ao mergulhar de cabeça nas confusões ideológicas nascidas no pós 11 de Setembro em Los Angeles, este drama urbano desenha as inconstantes intersecções entre personagens pertencentes a diferentes etnias, que lutam para superar seus medos enquanto suas vidas se cruzam. Uma dona-de-casa e seu marido, um promotor público, uma lojista de origem árabe, dois detetives da polícia, um diretor de televisão afro-americano e sua esposa, dois policiais, um chaveiro mexicano, dois ladrões de carro, um casal coreano de meia idade. Todos vêm suas vidas colidindo após uma série de eventos inevitáveis, no período de 36 horas, com conseqüências surpreendentes.

**Ficha Técnica**

*Título Original:* Crash

*Gênero:* Drama

*Tempo de Duração:* 113 minutos

*Ano de Lançamento (EUA):* 2004

*Site Oficial:* [www.crashfilm.com](http://www.crashfilm.com)

*Direção:* Paul Haggis

*Roteiro:* Paul Haggis e Robert Moresco, baseado em estória de Paul Haggis

Postado por Helmir O. Rodrigues às [19:14](#) 

Marcadores: [crash](#), [Ficha técnica](#), [Sinopse](#)

**0 comentários:**

**Domingo, 19 de Outubro de 2008**

**[História – históriaS // Verdade – verdadeS // Fotos – Ah! Fotos podem ser só fotos!](#)**

Falar sobre CAPS rendeu histórias! De certo que algumas pretendiam considerar essas instituições como prolongamento daquelas psiquiátricas responsáveis por anos de tortura e exclusão social; outras optavam por propor uma libertação do pensamento sobre saúde mental, apesar de terem feito uso de um discurso aprisionador; e por aí vai. Bastou um relato para as discussões começarem. Será mesmo que os Centros de Atenção Psicossocial fazem uso dos preceitos teóricos e práticos dos hospitais psiquiátricos anteriores à Reforma? É óbvio que existem resquícios nas instituições, em umas mais que outras, e nos discursos (muitas vezes dos próprios profissionais do local – “Todo mundo percebe que aquele menino é doidinho”), resquícios estes que tanto comprometem que se atinja o bem-estar ao indivíduo e a inclusão social prometidos, quanto contribuem para que ocorram mudanças por terem demonstrado que este modelo não nos é mais considerado adequado. Quantas coisas aconteceram desde a década de 80? Quantos discursos, novos adeptos e práticas diferenciadas? Parar no tempo, estagnar concepções é desconsiderar as contribuições, os esforços e o trabalho de muitos que buscam mudar as representações, as condições de vida, os relacionamentos dos portadores de sofrimento psíquico. Na verdade, é desconsiderar também os nossos esforços, ou os que deveríamos ter, enquanto ligados à Psicologia, de acabar com estigmas, impregnados, acima de tudo, em nós mesmos, que impedem uma maior aceitação do outro.

Sim, essa forma vigente de fazer saúde mental não é a perfeita, até porque essa não existe, mesmo que muitos passem o tempo criticando o que se tem em prol de uma idealização. Não é de pretensão sugerir o acomodamento neste atual modo de produção (nem acho que isto seja possível, afinal, estamos continuamente nos transformando, renovando concepções), mas incomoda demais perceber que, em alguns casos, produz-se idéias que se afastam das condições apresentadas pelo “mundo real”, prático, dotado de interesses individuais, políticos. Persisto, tem-se um modo de fazer saúde mental, com singularidades que fragmentam a linearidade da história vista anteriormente e, acredito eu, é o que tem sido possível fazer neste momento. Para hoje! Quem sabe do futuro? O amanhã é uma ooutra história, dotada de inúmeras possibilidades de desfecho! Ah! Não posso deixar de falar da questão gerada pela citação de um mural de fotos na parede de um CAPS, onde

atividades desenvolvidas em dias festivos são expostas para que usuários, familiares, funcionários possam olhar quando lhes forem convenientes, de modo a tornar o ambiente mais familiar. Gerou um grande debate sobre a adequação ou não desta prática, e se o enaltecimento de sucessos seria a exclusão dos “insucessos” do processo de construção da história daquele estabelecimento.

O que muito impressiona é a capacidade de se criticar tudo e todos, ainda que não se conheça o contexto do qual está se tratando, as pessoas que lá convivem, as histórias construídas por elas naquele local e a diversidade de fatores que possam estar presentes em cada ambiente, influenciando-o. (Isto não se refere apenas ao debate sobre o CAPS, também permeou as discussões dos filmes assistidos) Mas, sendo uma turma de psicologia, em que nós, estudantes, somos treinados a criticar deliberadamente, isto é permitido. A grande questão é que passa a tratar de assuntos sem dimensões mais reais deles, chegando até, como já dito anteriormente, a desrespeitar e desvalorizar esforços de gente que dedica sua vida pela tentativa de melhorar a do outro, só pelo hábito da crítica. E aí, com a justificativa de ‘desconstruir’ verdades absolutas, debate a debate, novas verdades absolutas são erguidas, e volta-se ao marco zero. Não se trata de abolir debates, de maneira nenhuma, são sempre muito enriquecedores, mas de observar os discursos produzidos e investigar se eles transparecem realmente novas idéias, novas propostas. Criticar é fácil, mas quem de nós tem buscado fazer a diferença, trazer novas proposições, cabíveis a uma realidade prática, concreta, burocrática? Por isso, acredito cada vez mais, refletir é de enorme importância, norteia práticas, promove mudanças. Entretanto, pelo contato com o outro, com suas singularidades, pelas possibilidades de acontecimentos, condições de existência (tanto de pessoas quanto de instituições), acasos, vivenciar vai muito além disso.

Depois de muito treinar um olhar crítico sobre o mundo, chego à conclusão de que preciso pensar menos e **EXPERIENCIAR** mais. Certamente aprenderei mais dessa forma.

Postado por Joana às [02:48](#) 

#### 4 comentários:

[carol](#) disse...

Eu começaria dizendo que "de boas intenções, o inferno está cheio" e nem por isso acredito que eu desrespeite ou desvalorize o trabalho de quem quer que seja, apesar de que eu prefiro evitar tais terminologias.

Experiência sem auto-crítica é um se jogar sem consequências, acredito eu. Quem está de fora geralmente tem pouco a dizer da experiência de dentro, corre o risco de se bater em paredes desconhecidas, mas normalmente é quem mais pensa e diz e por vezes isto consiste na única contribuição que este possa dar - e, queiram acreditar ou não, o problematizar de quem está desemaranhado do processo muitas vezes rende bons frutos. Esclareço, aqui, que não estou "pregando" que alguém pode ser de todo neutro e isolado; acredito apenas que quando não se está lá dentro, pode-se sentir 'livre' para não precisar respeitar ou valorizar o trabalho que é feito – coisa que amarra a gente. Por fim, concluo minha escrita meio incoerente dizendo que acredito que o acomodar-se seja um problema em si, e junto dele vem a necessidade cristã de respeitar e valorizar. Não defendo aqui, apesar das más compreensões, que o dinheiro do governo, a parte material, não importe. Defendo apenas que se pararmos de nos defender ante esta dificuldade; se pararmos de nos defender ante a exigência de respeito aos que já fazem qualquer coisa, às vezes qualquer coisa mesmo, podemos fazer mais, e melhor – apesar de terminar, aqui, eu mesma, com uma palavra moralizadora.

Completo, apenas a título de conhecimento, que também falo de dentro.

[19 de Outubro de 2008 15:48](#) 

[Juaum](#) disse...

Fregmentos de uma história:

Quarta passada saí da ufs com hora marcada para chegar no caps jael próximo ao terminal do maracaju. e isso era tudo que eu sabia. havia mais gente no carro e nos perdemos por algum tempo pelas redondezas até parar em uma esquina. um dos passageiros desce e entra num bar para se informar exatamente onde ficava o caps e após alguns minutos ele volta com as instruções. no caminho, disse ele que perguntou sobre o caps, onde ficava... o senhor não soube responder... insistiu dando descrições sobre a estrutura do estabelecimento, cores e formas, só sabidas por meio das falas de outras pessoas. ainda assim ele não reconheceu. então a pérola! disse o operador psi: "é o lugar onde botam os doidinhos, rapaz". então iluminou-se a loucura ao cotidiano: "se vc tivesse dito isso logo saberia, dobre a primeira à direita, suba a rua e dobre a direita na curva da mangueira".

fico pensando sobre isso e sinceramente não se distingue aos meus olhos e ouvidos o dentro e o fora, quando o que cheiro são atravessamentos.

[20 de Outubro de 2008 00:44](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

Joana provoca com seu texto um mundo de coisas. Coisas que se edificam na desconstrução de outras coisas, usando muitas vezes o entulho. Assim as coisas ficam parecidas e somos tentados, a pensar a experiência imediata, aquela que vemos, cheiramos, ouvimos. A experiência imediata pensada solitariamente não é boa companhia. Ela não gosta de viajar. Ela se perde na viagem. O texto da Joana é um texto que viaja pelos caps, pelo curso de psicologia, pelo senso cotidiano. Joana media essas coisas num texto, que atende demandas de uma disciplina OPTATIVA. Joana-mediadora, talvez seja o caso de pensarmos a experiência mediada. Abraço!

[20 de Outubro de 2008 06:20](#) 

[Vanessa](#) disse...

Falando de fora e sem medos ou preocupações com o respeito ou desrespeito, creio que as ações realizadas pelo CAPS e propiciadas anteriormente pela Reforma psiquiátrica são sim de bastante valia, obvio, disso ninguém discorda. A estrutura física em si não se assemelha a hospitais psiquiátricos, muito menos a forma como os “doidinhos” vivem dentro. Mas o cruel é que pelos CAPS que visitei parece-me muitas vezes uma proposta linda no papel, e de fato o é, mas na prática segue normas extremamente paleativas. Esquece-se algumas vezes de encarar o louco como ser humano, ou por vezes, tenta-se humaniza-lo tanto que o infantiliza.... isso me irrita no CAPS..é fato que pessoas que não seguem normas e padrões sociais, que não estão “habilitadas” a seguir regras, a frequentar universidades, a ir a shopping, teatros sei lá..precisam de ocupações diárias.. mas as vezes as oficinas propostas como atividades desapropriam o potencial destes e em muito se parecem com a programação semanal que está colada na parede das “Clinicas de Repouso” por aí existentes.. O CAPS para afastar-se das idéias de hospital precisava partir para uma ação de conscientização(nem sei também se necessário) para que não fosse visto como “deposito de doidinhos”, fosse feito um trabalho com os familiares, uma tentativa REAL de reinseri-los na sociedade, ao invés de apenas ocupar os seus dias com atividades que não os reintegram...enfim..o CAPS foi uma mudança positiva? Claro...mas não podemos nos contentar com a atual forma de vigência deles...O que fazer para mudar? Sinceramente não sei, porém se pensarmos juntos e sem separação entre o dentro e o fora.. encontraremos, ao menos, encaminhamentos possíveis de novas construções...

[22 de Outubro de 2008 17:31](#)

**Domingo, 19 de Outubro de 2008**

**[Da matéria que faz os homens](#)**

Outro dia, num programa qualquer da TV fui surpreendido por um cara que se dizia praticante do "nadismo". Literalmente, isso significava não fazer nada, manter o corpo relaxado durante algum tempo e enquanto praticava a inércia, manter a mente livre de quaisquer pensamentos. Confesso que a idéia de não fazer nada é bem interessante, mas fiquei curioso mesmo foi pra saber como poderia manter os pensamentos afastados, sendo que teria que pensar sobre como afastar todos os pensamentos...

Por falar em TV, acabou o "seqüestro" das duas meninas em Santo André! Depois de quase 100 horas de cativo, Eloá, foi libertada pela polícia. Infelizmente, a adolescente foi atingida por dois tiros e não está nada bem. Um dos tiros atingiu a cabeça e ela teve parte da massa encefálica retirada. A menina já foi dada como morta pela imprensa. Essa parte da história todo mundo já sabe. Gostei mesmo foi de Carlos Tramontina, da Globo, chamando atenção para as luzes dos apartamentos vizinhos que se acendiam depois da ação policial. Segundo o jornalista, "depois de quase cinco dias o seqüestro acabou e agora as pessoas estão livres para retomar a rotina normal de suas vidas..."

Bom, vamos ao que interessa. O que fica, de verdade, é o fato de Eloá e a amiga, o ex-namorado dela, o nadista, eu, você todos estarmos em alguma medida presos. Os vizinhos dela, por exemplo "Experimentam" a liberdade exatamente aprisionando-se a uma outra coisa. É o saco de lixo que tem que ser posto pra fora, a ligação explicativa para o chefe, notícias para os parentes que estão desesperados no Nordeste ou, apenas, acender as

luzes. Ou seja, algo próximo da liberdade pode, de fato, ser experimentado, mas isso se dá às custas de um novo engate: se libertar de algo implica em prender-se a outra coisa.

por falar em liberdade, lembro de palavras postas num outro lugar e como as acho úteis, lá vão elas novamente:

"O que se pretende da vida, em nossos dias? Realização, gozo (mesmo que imediato), felicidade a todo custo, busca de sentido pra algo que nem sequer chegamos a sentir de verdade. Cria-se, a partir disso, a ilusão simplória do querer sempre mais e acabamos recorrendo a subterfúgios que parecem nos garantir algum prazer ou fazemos esquecer das decepções.

O mito da liberdade parece guiar-nos nesse sentido. A felicidade se afeiçoaria com a *possibilidade de*, que a liberdade trás consigo. Ser livre, nesse sentido, diria respeito a se fazer o que quisesse, quando bem quisesse. E quanto maior a realização, maiores as possibilidades de ir adiante. Por outro lado, também se pode pensar ser livre na modernidade como a negação (ou melhor, abnegação). É aí que entrariam os tais subterfúgios: alcançar as benesses da modernidade somente seria possível àquele que nega a sua condição de questionador, de inquiridor: chega-se à liberdade, desde que respeitadas o limite que ela nos impõe.

Não seria possível, então, provar-se livre. Querer isso é se assumir como escravo. Ou seja, o desejo de reafirmar-se é antes o desejo de mudar e aquele que deseja mudança não É, quer SER. Lembrei na hora do peixinho no aquário: seria mais útil ser limitado pelo vidro protegido ou ser arremessado na imensidão desconhecida do mar?

Fiquei encucado e mostrei o texto para Elen (do 5º período) e para um colega. Ela, como boa cristã que é me respondeu que a "ignorância é feliz". Já ele, preferiu não comentar, disse que esses textos "de psicólogo" causam embaraço na cabeça. Fiquei com uma dúvida: será que matei o sonho de liberdade dele?"

Postado por Lázaro às [13:52](#) 

#### 7 comentários:

[Lázaro](#) disse...

P.S.: o texto entre aspas foi postado por mim num outro blog.

[19 de Outubro de 2008 14:26](#) 

[Juaum](#) disse...

qual a história da liberdade?

[20 de Outubro de 2008 00:55](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

Esta postagem foi removida pelo autor.

[20 de Outubro de 2008 07:04](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

"Certeza é o chão, tão imóvel. Prefiro as pernas que me movimentam".

Sou feito de uma matéria muito engraçada. Ela se reparte dna-mente pela humanidade que desconheço, tanto quanto ela, a humanidade, me desconhece. Talvez mais, mas é matéria o que está em questão. Há outras matérias que me constituem, talvez menos concretas, mas não menos reais. Então não sou feito de uma matéria apenas.

Para onde vão minhas pernas quando me encho de comodidade? A vontade de nada fazer é fazer o nada?

[20 de Outubro de 2008 07:05](#) 

[Lázaro](#) disse...

\* "qual a história da liberdade?"

Uma que ninguém contou ainda

\* "mas é matéria o que está em questão. Há outras materias que me constituem, talvez menos concretas, mas não menos reais.

Então não sou feito de uma matéria apenas."

O homem é contemporaneo dos homens. Como todos os outros, ele tambem tem necessidade de sentir "livre", sequer pressentindo que, assim fazendo, se prende.

Onde eu nego eu também reafirmo/concretizo.

[20 de Outubro de 2008 16:15](#) 

[Laura Regina](#) disse...

sim,

mas qual é a histórica de liberdade? ser construída por alguns poucos para que todo mundo se sentisse dono de si, e não perceber que somos dominados (por qualquer coisa que seja, desde Deus e religião, até mercado de consumo na pós-modernidade)?

[29 de Outubro de 2008 09:48](#) 

[Lázaro](#) disse...

Acredito, antes, na necessidade de sentir-se/afirmar-se livre.

O problema,ao meu ver, nao é o que fazem com a gente. O problema é a gente acreditar que so fazem porque a gente deixa.

[29 de Outubro de 2008 19:12](#)

**Domingo, 26 de Outubro de 2008**

**[\(Ausência de\) Comentários sobre o filme Tigerland](#)**

Um primeiro ponto levantado em sala de aula foi a diferença entre esse filme com os demais filmes de guerra, na verdade Tigerland é um filme de guerra sem guerra, ele trata dos conflitos de um grupo de homens que estão sendo treinados para se tornarem soldados. A maioria deles não estão naquele local por escolha própria e muitos tentam uma forma de sair de lá. E esse é o diferencial com relação a outros filmes do gênero, onde o soldado é o herói, e está disposto a tudo por sua pátria.

Uma outra questão levantada em sala foi o papel de "herói" do personagem principal. Na verdade Bozz é um anti-herói, ele toma proveito do conhecimento que tem da burocracia do exercito e burla as normas, ajudando algumas pessoas a saírem de lá.

Então as pessoas se calaram. Nenhuma questão foi levantada. Indagados porque a discussão não estava acontecendo algumas pessoas apontaram como motivo o filme, disseram que não gostaram do filme, outros que não gostam de filmes de guerra. Será porque as pessoas não conseguem se colocar naquela situação? Não sei... Pode ser pro preguiça, por sono, ou por qualquer outro motivo, mas acho que não gostar de algo seja motivo para não falar, muito pelo contrário, ai é que se tem o que falar mesmo.

A questão é sempre se pode falar de algo, não precisa necessariamente reflexões profundas ou como nos projetamos em determinada situação, ou que o filme seja aquele que mudou a minha forma de ver o mundo! Falar o que aquilo lembrou, que gostou de disso, não daquilo, viu tal ator em tal lugar, que curtiu a bunda de Colin Farrel... sei lá! Simplesmente conversar.

Postado por Catarina às [23:04](#) 

**5 comentários:**

[Kleber Matos](#) disse...

Vi seu comentário ontem pela manhã. Denunciava a ausência de conversa. Creio que isso é algo corriqueiro na atualidade que vivemos. Bom, esperei um dia para comentar. Não queria ser o primeiro. Os comentários não apareceram. Ontem foi feriado, essa semana muita gente está viajando para congressos e tal. Desculpas. Potência em não assumir o compromisso de dizer a um outro aquilo que lhe vale sentidos. Em psicologia isso é fatal. Mas não de deve lamentar por isso. Cabe ponderar e investir

no verbo. Acredito que seja possível aprender a conversar. Sobre banalidades, a tal da conversa pode ser ainda mais saborosa, assim como um pirão de capão no capricho.

Abraço!

[28 de Outubro de 2008 07:25](#) 

[Paloma Côrtes](#) disse...

(primeiramente meu teclado está com problema de formatação ,então relevem ,ok?)  
Tava pensando algo relacionado a isso,quanto a questão da ausência de comentários... não sei o que acontece nessa disciplina ,mas não estou conseguindo desenrolar,saltar o verbo,nem nada parecido...nem mesmo lendo os textos postados aqui,nem ao ler os comentários até me deparar com este...

e isso é estranho pra mim(admito)pelo menos quanto se refere a discutir,falar sobre filmes e tal (geralmente tenho essa "iniciativa" de perguntar quem assistiu,o que achou, que "viagens" fazer dele...). Não sei se seria um movimento de apatia meu quanto ao cinema e sua previsibilidade ou se as temáticas apresentadas nos filmes até agora se tornaram tão sem sentido pra mim(por serem temas tão repetidamente abordados,sei lá) que não me afetam mais...me veio agora alguns filmes em mente,mas não sei se eles trariam sangue novo,para fazer circular a conversa...ou talvez o recurso áudio-visual proporcionado pelo filme inibi e limita a imaginação e por sua vez a discussão... Divagações e nada mais...

[30 de Outubro de 2008 16:12](#) 

[Juaum](#) disse...

Paloma, quais seriam esses outros filmes?

Acho que o cinema serve a isso que você falou, sim... algo como o filme para distrair, para descansar... o cinema utilizado como calmante.

mas também existe a potência desterritorializante do cinema, algo que insere um outro tempo no cotidiano.

[2 de Novembro de 2008 12:03](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

Oi paloma, apostaria mais na tal limitação da conversa pelas produções audio-visuais. Não que isso seja característico desse tipo de produção, em essência, mas acho que muitas coisas se coadunam para que a experiência da conversa com os audiovisuais seja precária. Fica-se com a impressão que eles já disseram tudo que era necessário e o sentido está posto. Não acho que precise ser assim, mas creio que isso acontece frequentemente. Na nossa disciplina, poderíamos experimentar resistir a isso. Algo que "entre nós" permitisse a produção e uso de "algum veneno antimonotonia". Será que queremos? Como podemos querer?

Abraço"!

[2 de Novembro de 2008 19:47](#) 

[Paloma Côrtes](#) disse...

Então,João...

eu pensei em três filmes: "Onde os fracos não têm vez","Lavoura Arcaica" e "Dogville"...

São filmes diferentes tanto em sua estrutura ,quanto em forma de abordar temas "batidos"...

Agora,acabo de lembrar de um outro filme,que também é muito bom: "Da época da Inocência"..

Outro que ,não é tanto pelo filme, mas pelo personagem Vicent,é Colateral...

Que eu me lembre,por agora é isso...Ficam as sugestões

[8 de Novembro de 2008 08:15](#)

**Sexta-feira, 31 de Outubro de 2008**

[Sobre a bunda de Colin e outras coisas](#)

Uma vez estava eu e um certo amigo discutindo sobre algum jogo cujo nome não é relevante e tampouco eu lembro. Ele falava sobre um personagem ruime sua inutilidade. Eu questionei a importância dele na trama do jogo, falei que a posição que ele ocupava era estratégica para causar aquele sentimento. Esse mesmo certo amigo me falou que o grande mal do psicólogo era o relativismo. Não entendi e questão e fui discutir com ele. Mostrei várias necessidades sobre relativizar. Foram alguns minutos e copos de coca que nunca mais voltarão... Hoje entendo porque ele, com frequência, me mandava tomar no cú.

Obviamente a intensão não é falar sobre o jogo, meu amigo ou sobre o estranho hábito dele de me mandar tomar no cú. A intensão - além de postar no blog para cumprir responsabilidades - é só falar que de vez enquanto não existe muito o que falar, e não incomodar-se com isso. Sim, sim, claro que a intensão de nós como graduandos, graduados e doutores é produzir, dar para a comunidade que pagou por nossa formação algo. É bem verdade também que quase sempre esquecemos disso, mas não é sobre isto que falo. É sobre, às vezes, perceber que refletir demais, analisar algo sobre todas as esferas é tirar aquilo de "essência" (não sei que palavra usar) que ainda havia, para transforma-la em produto, um bem que possuo e é valioso. Conhecimento é poder e venhamos e convenhamos... bem... vocês entenderam.

Por fim, talvez seja importante dizer que muitas vezes agente quer só o superficial, que compramos os produtos pela embalagem. Você por exemplo deve perceber que não havia - até o presente momento- qualquer citação sobre a bunda de Colin. E não terá. É só para ter uma coisinha bonitinha no texto e vocês comprarem minha idéia.

Marcel Santiago Soares - assistindo Bob Esponja

Postado por Marcel Santiago Soares às [17:26](#) 

**0 comentários:**

**Quarta-feira, 5 de Novembro de 2008**

[Sobre existência, desejos e etc.](#)

Um filme bom de se ver e difícil de falar. Mesmo assim, conversamos. Ainda há o que se falar sobre a questão da existência, ou melhor, ainda há paciência para isso? Por que não? Por que a questão da existência deixou de ser um tema corrente e foi mandado para o rol dos temas passados sobre os quais eu não tenho mais o que dizer? Pensar sobre a morte sempre suscita vários sentimentos. Quanto à morte dos outros, como viver sem aqueles que amamos? Quanto à nossa própria, “o que será do mundo quando eu deixar de existir”? Isso se torna marcante não porque o seja realmente – acredito que quando pensamos desta forma, somos tragados para a questão: “Quão relevante fui em vida”? E isso passa por diversos âmbitos, do afetivo, de deixar pessoas saudosas, ao intelectual, de ter deixado ou não grandes feitos para a humanidade, ou pelo menos para um punhado de pessoas. Mas ainda assim a discussão correu apertada, sem lá muitas manifestações. Pergunto novamente por que a questão da existência foi deixada há muito nas mãos dos filósofos – se vacilar, nas mãos dos antigos filósofos. Deixo claro aqui não ser eu alguém que está, pelo contrário, a supervalorizar a questão, e a desejar que tudo volte a ser como antes. Pergunto-me apenas; e por que?

Não me atrevo a responder a questão, mas ela nos leva para outro ponto, não menos nostálgico para alguns, eu creio. Onde vemos, hoje, velhos amigos unidos ao leito de morte de um deles? Aliás, perguntariam, será isso uma questão do passado? Será, então, uma questão de gerações? Será isto, enfim, uma questão particular que depende de cada indivíduo? Me arrisco em dar minha opinião: “não há regras sem exceções”, ouvi de vários professores de português; não quero, no entanto, estabelecer regras, mas penso mesmo que os laços de amizade se fragmentam a cada dia e que cabem aí as exceções, mas apenas exceções. Sem querer entrar no clichê da crítica à modernidade e à tecnologia, mas já o fazendo, lidamos, hoje, com exigências múltiplas e acabamos vivendo em si e por si mesmos, afinal, de que outra maneira damos conta de conseguir tudo o que sonhamos para nossas vidas - nos dando aos outros? Tentando me redimir do comentário acima, não acredito que seja algo pessoal ou tão cretinamente consciente. Nascemos numa cultura e aprendemos a viver a partir dela e vivemos, dando nossas contribuições à sua construção, é claro. Tentamos, portanto, atender às demandas que se nos apresentam – e aqui sei que simplifico uma questão bem mais complexa, mas assumo minhas limitações. E a eutanásia?, pergunta um dos professores, como quem mostra o óbvio que parece não aparecer. Aparece, então, a pergunta polêmica que vemos ser feita por aí: O que achamos sobre a eutanásia? Complicado responder isso tendo acabado de ver “Invasões Bárbaras” – o filme mostra uma situação tão bonita que dá vontade de pedir que, quando for minha vez, seja desse jeito também. Além da piada medíocre, realmente nos envolvemos por uma situação mais fácil de resolver, afinal de contas, Remy está lúcido, o câncer já se alastrou e não há para ele uma promessa de sobrevivida, ele está sofrendo muito com esta doença que não tem mais cura e ele está rodeado de amigos que o amam, dos quais ele poderá se despedir e que, queira ou não queira – lá vem a sinceridade cretina de novo – precisam voltar às vidas deles.

Discutimos eutanásia e ouvimos nos discursos de muitos a questão do desejo, da vontade de morrer. Discurso bem utópico no mundo em que vivemos. Sendo assim, aquele mesmo professor dá uma cartada: e o suicídio? Afinal de contas, do que se trata o suicídio senão de pessoas que querem morrer – e podemos afirmar até que mais do que no caso da eutanásia. Aí a coisa muda de figura. Argumentamos, então, que na eutanásia tem a questão do “não tem mais jeito”, e do sofrimento... opa! Isso também rola nos suicidas, eu creio. E agora? Percebemos, então, a delicadeza de ambas as questões. Nem todas as situações de eutanásia acontecem tão belamente – por vezes o que se quer é apenas esvaziar um leito de um hospital lotado para outra pessoa que parece ser mais importante, seja por ter esta última uma probabilidade maior de sobrevida, seja por motivos alhures. E quanto aos suicidas, de que servimos nós, psicólogos, senão para aliviar dores e sofrimentos, incluindo as suas?

Caímos num problema de novo. A síndrome de Deus dos médicos parece ter nos pegado como um vírus faria. Não permitimos que se suicide porque, afinal de contas, devemos aliviar-lhes os sintomas e sofrimentos, dando-lhes o sopro da vida de novo. Apesar da escrita, não estou aqui condenando esta idéia – esta doença, confesso, peguei um pouco também, e ainda completo dizendo que meu ideal e às vezes a minha própria saúde dependem disso, – “é meu sintoma”, como diriam alguns psicanalistas.

Por que, então, se tornou tão difícil falar sobre a existência? Decidir sobre a morte de uns ou de outros parece mesmo um trabalho Divino que acabamos nos dando o direito de exercer. Penso numa psicologia que alivie o sofrimento e que, por isso, acredite poder ajudar um suicida, mas me eximo da responsabilidade de decidir se a pessoa tem que continuar existindo ou não, isso vai ser sempre decisão dela, mesmo que eu tentasse decidir em seu lugar. E sobre minha própria existência – tento apenas garantir que eu não desapareça, como num toque de mágica, quando meu coração parar de bater.

Postado por carol às [08:58](#) 

## 2 comentários:

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

Carol, gostei muito de seu texto. Vc traz pontos q tiveram uma forte ressonancia durante a discussao e articula bem em como vc os pensou..qt a questao da existencia, queria apenas complementar algo ao q vc traz, porém trazendo para um questionamento do "Como nosso modo de viver, de nos relacionamos com o que nos rodeia passou a ser algo que nos passa "insignificante", que nao mais pensamos de que forma nos tornamos o que somos, deixando a outros a decisao sobre como será o porvir?"

[5 de Novembro de 2008 09:57](#) 

[Juaum](#) disse...

Eu queria trazer uma ideia que circulou por mim a respeito desse filme.

Eu vi o encontro neste filme... o encontro enquanto um acontecimento que desterritorializa o si mesmo e o outro, um espaço de tensão onde é possível o movimento, o respirar outros ares, alguns chamam de devir outro. rémy encontrou-se com a morte antes mesmo de morrer, e nesses termos morreu não-rémy.

afinal, como perguntou kleber, Sébastien voltou?

perguntaria de outro modo: qual Sébastien foi?

[11 de Novembro de 2008 23:24](#)

**Sábado, 8 de Novembro de 2008**

## [Les Invasions Barbares](#)

**Viver, se relacionar, se realizar, ser e morrer...(Parece) (é) complicado(.) (?)**

**Vai abaixo minha parcela na discussão sobre As Invasões Bárbaras:**

Ir...

(Tentar definir)

O sentido do existir

(Parece se resumir)

(É) (a) um mero consumir:

Vinhos, trufas, mulheres,

Bom leito para dormir,  
Amigos para recobrar um passado  
Que (jamais) irá se repetir.

O que levar de souvenir  
Quando a vida esvair?  
(Ou seria) O que deixar para os que vão vir,  
A fim do nome, no esquecimento, não cair?  
Feitos, artigos, amores,  
(Bom) filho para o substituir,  
“Anjo de guarda” para o olhar admirado  
Que sabor pela vida passou a possuir (.) (?)

(De que) adianta tudo isso adquirir,  
(Será que) vai repercutir(?) (.)  
Por que, o morrer, (não) admitir?  
Há problema em sumir(?) (.)  
Grandes invasões, vitórias, mortes  
Basicamente, a História vai se referir,  
Antigo/ Novo Império por elas abalado.  
Que simplório falecimento o irá aturdir?

(Talvez) um percurso de vida a seguir  
É (não) tentar se iludir  
Dos fatos, acontecer, apreciar, curtir (.)(?)  
Todos os desejos realizar e assumir (.) (?)  
Presente, Passado e Futuro  
Num mesmo pacote - o (con) sentir  
(Pra que) ficar acomodado (?) (!)  
É melhor (que), os riscos, assumir...

Postado por Paloma Côrtes às [07:47](#) 

#### 4 comentários:

[Kleber Matos](#) disse...

Não estou só, sei disso  
mas tenho dificuldade  
em dizer o que sei e o que sinto  
Minto  
Insisto que minto  
Mas as pessoas insistem em desacreditar  
na minha mentira

Uma história comum  
 Uma invasão comum  
 Quem dera pudesse tocar um instrumento  
 E fazer tudo música  
 Quem dera um som inaudível aos iconoclastas  
 Mas eu dispunha de pouca sonoridade  
 Andava rouco  
 Sabia que não estava só  
 E isso foi minha alegria  
 Disso sei!

[9 de Novembro de 2008 17:20](#) 

[Laura Regina](#) disse...

fiquei contente por ver sentimentos representados por versos, que ficaram ótimos, dos dois autores. mas nao vou poder fazer o mesmo. Sorry

ps: acho que o tema do meu poema (que não saiu assim) seria: como sera a morte que virá pra mim? estarei sozinho? saberei q sou amada? terei amigos ao meu lados? ou somente alguns comprados?

[11 de Novembro de 2008 21:48](#) 

[Juaum](#) disse...

belas palavras...  
 faço minhas as de Noel

Quero que o sol  
 Não invada o meu caixão  
 Para a minha pobre alma  
 Não morrer de insolação

Quando eu morrer,  
 Não quero choro nem vela,  
 Quero uma fita amarela  
 Gravada com o nome dela.

Se existe alma  
 Se há outra encarnação  
 Eu queria que a mulata  
 Sapateasse no meu caixão

Não quero flores  
 Nem coroa com espinho  
 Só quero choro de flauta

Violão e cavaquinho  
 Estou contente,  
 Consolado por saber  
 Que as morenas tão formosas

A terra um dia vai comer.  
 Não tenho herdeiros  
 Não possuo um só vintém  
 Eu vivi devendo a todos  
 Mas não paguei a ninguém  
 Meus inimigos  
 Que hoje falam mal de mim,  
 Vão dizer que nunca viram  
 Uma pessoa tão boa assim.

[11 de Novembro de 2008 23:00](#) 

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

"Meus inimigos  
 Que hoje falam mal de mim,  
 Vão dizer que nunca viram  
 Uma pessoa tão boa assim."

esse finalzinho de Noel, me lembrou Nelson Rodrigues, quando este dizia, a partir da peça "Bonitinha, mas ordinária"..uma frase q atravessa todo a peça é "O mineiro só é solidário no câncer!"

[12 de Novembro de 2008 12:36](#)

**Sábado, 15 de Novembro de 2008**

### [Notas sobre o filme CONCEPÇÃO](#)

Concepção é um filme que se passa na cidade de Brasília, não por acaso, a cidade sede do poder no Brasil. Os personagens do filme, filhos de diplomatas, através do encontro com o personagem "X", personagem sem identidade, são iniciados no movimento conceptionista que tem por obrigatoriedade a não-identidade, na qual todos devem lançar mão da memória. A fim de poder fazer jus ao movimento e se autopromover conceptionista, os mesmos passam a contar com o auxílio ininterrupto das drogas e do sexo. Com isto, os conceptionistas optam por não viver da mesma forma que os demais, da mesma forma que os ditos "normais". Eles vão além. Optam, até mesmo, por não lembrar. Suas escolhas trazem conseqüências e os encaminham a uma forma diferente de vida, que mesmo sendo diferente, impõe como as formas vigentes, um roteiro, um script, uma norma, uma maneira peculiar de se comportar, uma obrigatoriedade. Com o tempo, esta obrigatoriedade torna o movimento sem sentido e o mesmo acaba se desintegrando, sem, não antes, encaminhar os seus integrantes à loucura da normalidade. Órfãos do movimento, os personagens são dessa vez encaminhados à obrigatoriedade das leis do mundo dito "normal". Nesta fase, alguns poucos sobreviventes que não são sugados pelo sistema vigente, através do encarceramento e dos manicômios da vida, vão poder realmente escolher seguir, ou não, o caminho dado e/ou viver a forma de vida que melhor lhe apraz, sem com isso ter que necessariamente seguir à risca as regras de uma Concepção ou de um sistema. Somente nesta fase, ao final do filme, é que eu acredito que os personagens estarão livres da obrigatoriedade do ser e do fazer, pois depois de terem experimentado o não-sistema - ao terem feito parte do movimento conceptionista - eles estarão realmente livres para querer, ou não, fazer parte do sistema, como também, para desafiá-lo. Talvez, o diretor do filme, através desse roteiro, tenha tido por propósito nos mostrar que os movimentos que são criados para "desestabilizar" o sistema, assim o fazem sem, não antes, beber do mesmo, mas que, entretanto, o contato com o dito "subversivo", apesar dos pesares, pode ser um caminho a ser trilhado na construção da verdadeira liberdade.

Postado por Carla às [13:37](#) 

**1 comentários:**

[Juaum](#) disse...

já acho que essa questão da verdadeira liberdade uma coisa complicada.

mas vou me deter a quando vc fala da obrigatoriedade impressa nos concepcionistas. então... acho que mesmo com a porralouquice das drogas, do alcool e das trepadas existia um movimento criativo alí... não acho que se possa haver criação espontânea. acho sim que os movimentos inventivos também envolvem uma certa disciplina. daí penso ser pertinente quando você fala em uma certa obrigatoriedade do movimento.

o que vocês acham?

[20 de Novembro de 2008 19:53](#)

**Segunda-feira, 17 de Novembro de 2008**

### Liberdade Prisioneira

Venho a pensar que estamos vivendo o século da liberdade. É a liberdade de ser, de agir, de sentir, de pensar. Vivemos a época da expressão da homossexualidade, dos namoros virtuais, dos desenlaces matrimoniais, dos filhos sem pais, dos presidentes sem estudos, das armas invisíveis e das relações líquidas, como diz o sociólogo Bauman. Será que é um mundo de liberdade mesmo? Ou de libertinagem? Temo a resposta.

O mundo contemporâneo permite o sexo sem limites, a fluidez dos relacionamentos e imensas possibilidades de sentir, de ser, de fazer. É um mundo em que se promove o encontro de corpos e não de pessoas; a erotização em massa, e não os sentimentos; a busca desenfreada pelo prazer e não pela satisfação. Isso me faz pensar numa liberdade vazia, vazia de sentido, de significações, que ao passo que tenta promover uma quebra de paradigmas e descobertas de novas formas de ser e sentir, depara-se com um emaranhado de sensações e sentimentos que precisam de apoio, de suporte, de “chão”. Será que o saturamento no trabalho será aliviado pelo pedido de demissão ou por noites de bebidas? Será que a revolta aos atuais modos de viver e as limitações impostas ao mesmo será resolvido pelo sexo sem limites ou pelo culto ao corpo? Acredito que após a liberação da tensão que essas práticas promovem não apareça nada menos que uma ressaca moral. Ressaca daquele que busca um sentido em sua revolta, que quer mais que liberação de tensão, que sensações. É bom ressaltar que não defendo aqui a alienação ou a obediência às normas, mas a reflexão consciente, a mudança estratégica, a percepção de que às vezes regras são necessárias e que liberdade não significa necessariamente renúncia.

Então como buscar essa liberdade? Temo dizer que a liberdade como almejamos talvez não exista. Cada vez mais nos deparamos com um mundo de coisas para experienciar, ver, questionar. Há uma imensa variedade de produtos de beleza a serem utilizados, diversas formas de deixar seu corpo perfeito, de usufruir do prazer do sexo, de experimentar realidades paralelas, de até buscar um contato com a natureza...tudo isso a um alto custo, claro! Custo esse que faz parte da máquina capitalista que visa consumir, consumir, consumir. Consumam inclusive sua liberdade! Paguem por ela. Paguem para pensar que ela existe! Todas essas possibilidades que nos são oferecidas como forma de fugir, temporariamente, da realidade que nos aprisiona, das regras do trabalho, das normas sociais, das atribulações do dia-a-dia, talvez sejam para que nos acostumemos de forma menos dolorosa a essa realidade, e tenhamos breves momentos de prazer, momentos em que acreditamos ser livres, em que temos espaço para escolher o que desejamos fazer e sentir, momentos em que temos o controle e acreditamos estar vivenciando a era da liberdade. Liberdade prisioneira, que ao passo que liberta para que sintamos, nos prende para que sobrevivamos, pois a máquina precisa funcionar!

Postado por Isis Caroline às [15:21](#) 

#### **4 comentários:**

[Kleber Matos](#) disse...

Seria possível alguma liberdade que não tivesse por contrapartida a prisão? Qual a importância desse problema? Acho que essas duas questões requerem o mesmo encaminhamento. Respirar o impreciso e o necessário conjuntamente faz parte da brincadeira pulmonar. Vivemos poluídos por dentro e por fora, mas vivemos. Há aí uma moral desmoralizante. Não é preciso ser puro para ser respirável, pois respirar é impreciso. Mas é necessário respirar. Isso não é uma solução e também não é uma rima. É uma respiração e se ela permanece, outros sentidos, ainda, podem ser requisitados para a brincadeira. Eu não sou concepcionista, mas também não sou "muito antes pelo contrário". Eu respiro e quando isso não é só uma tentativa neuro-fisiológica de tragar oxigênio, me percebo livre. Abraço!

[18 de Novembro de 2008 11:54](#) 

[Maíra](#) disse...

Liberdade vazia de sentido e significação no momento em que vivemos na sufocante opressão de padronização? do ser alienado da sua própria subjetivação? Acredito eu, não ser exagero do próprio exagero. Diante dos tempos que somos empurrados para termos identidade de contornos poucos flexíveis do que podemos ser e agir, nada mais consoante que corpos fluídos transitando em fronteiras limítrofes como resposta, como um grito silenciosamente ensurdecedor!

[30 de Novembro de 2008 00:26](#) 

[Isis Caroline](#) disse...

Poluidos por dentro e por fora... Respirar o impreciso e o necessário...grito ensurdecedor...liberdade prisioneira...descrições que marcam as contradições e limites que preenchem nossa vida...Será lamentável viver assim? Querer ser livre e estar amarrado?? Querer gritar e não ouvir? Querer entender e não conseguir? Ou será que perdemos tempo sofrendo?Devemos nos acostumar? Acreditar que podemos extrair o melhor do que há de pior e aloprar de vez? Ou devemos cortar as correntes que prendem nossa mente? Isso seria mais alopração? Isso seria uma sociedade sem valores? Será ainda que o homem necessita dessa prisão para sobreviver?? Bem, cansei de perguntas, gostaria de respostas...

[2 de Dezembro de 2008 21:25](#) 

[Maíra](#) disse...

a sociedade nunca deixara de ter valores...qualquer sentido que ela produza concomitantemente estará reafirmando um valor. Liberdade não passa de uma doce ilusão de um conceito nostálgico que sempre se insurge para defender algum interesse.

No mais, a liberdade é prisioneira sim, pois , n nos esqueçamos, somos seres negativistas, no sentido de sermos desnos, conflituosos e ambiguos, por isso q ela sempre aparecera em meio de confronto, de uma dialética.

[7 de Dezembro de 2008 20:18](#)

**Segunda-feira, 17 de Novembro de 2008**

**um pouco de música...**

Esta não é minha vez de postar, mas durante a discussão em aula essa música me vinha insistentemente à cabeça...

Contemplário 79

Henrique Teles

Eu sei que você passa

Assim tentando entender

Porque estou estacionário à beira da avenida

A minha boca aberta, a minha cara para cima

Meus olhos passeando a esmo

Por esta aquarela, a vida

Minha cabeça meu tronco oscila

Você vacila mas não pára para entender

E eu vou dizer por que

Rush,

Stress

De outra vez quando você passar a 100 por hora

E não vá dar topada de novo na tampa da caixa da DESO

Tentando me entender

Saiba que não vejo em você preconceito ou maldade  
 Até admiro a sua velocidade  
 E um dia vou ter tempo de dizer  
 Que quando o corpo pára  
 Dispara dentro de mim um turbilhão veloz  
 Meu olho devora o mundo à volta e me devolve à paz  
 Para que eu não precise correr tanto

link para escutar a música:

[www.mariascombona.com.br/data/download/?p=2007-mais-de-um-nos&f=04\\_Contemplario\\_79.mp3](http://www.mariascombona.com.br/data/download/?p=2007-mais-de-um-nos&f=04_Contemplario_79.mp3)

para saber mais sobre a banda (Maria Scombona): [www.mariascombona.com.br](http://www.mariascombona.com.br)

Postado por carol às 21:37 

#### 6 comentários:

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

ainda nao tinha percebido a musica desse jeito...qd penso nessas coisas, sempre me vem a mente "Paciência" de Lenine, principalmente esse trecho:

"O mundo vai girando cada vez mais veloz  
 A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
 Um pouco mais de paciência

Será que é o tempo que lhe falta pra perceber  
 Será que temos esse tempo pra perder  
 E quem quer saber  
 A vida é tão rara (Tão rara)"

link para escuta-la: <http://www.lenine.com.br/cd-dvd/acustico/faixa-04>

[17 de Novembro de 2008 21:53](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

uma cambalhota faz curva sobre si mesmo e jamais se cai no lugar de partida. maria scombona. muito legal! abraço!

[18 de Novembro de 2008 12:03](#) 

[Fernanda Teles](#) disse...

Adorei a discussão em sala...me identifiquei em alguns pontos rsrs Gostei bastante da música, Carol!

[21 de Novembro de 2008 22:19](#) 

[Vanessa](#) disse...

Esta postagem foi removida pelo autor.

[24 de Novembro de 2008 11:10](#) 

[Vanessa](#) disse...

Esta postagem foi removida pelo autor.

[24 de Novembro de 2008 11:14](#) 

[Vanessa](#) disse...

Caracaaaa...essa musica de lenine exprime totalmente a discussão em sala...  
tipo o mundo exige que aliemos uma velocidade a uma lentidão..

uma necessidade de viver a velocidade para aproveitar mais coisas e de viver uma lentidão para aproveitar essa coisas mais intensamente...

A vida é tão rara...

[24 de Novembro de 2008 11:15](#)

**Segunda-feira, 24 de Novembro de 2008**

**[E os automóveis correm para quê?](#)**

Esquadros

**Eu ando pelo mundo prestando atenção**

**Em cores que eu não sei o nome**

Cores de Almodóvar

Cores de Frida Kahlo, cores

Passeio pelo escuro

**Eu presto muita atenção no que meu irmão ouve**

E como uma segunda pele, um calo, uma casca,

Uma cápsula protetora

**Eu quero chegar antes**

Pra sinalizar o estar de cada coisa

Filtrar seus graus

Eu ando pelo mundo divertindo gente

Chorando ao telefone

E vendo doer a fome nos meninos que têm fome

**Pela janela do quarto**

**Pela janela do carro**

**Pela tela, pela janela(quem é ela, quem é ela?)**

Eu vejo tudo enquadrado

Remoto controle

Eu ando pelo mundo

**E os automóveis correm para quê?**

**As crianças correm para onde?**

**Transito entre dois lados de um lado**

**Eu gosto de opostos**

**Exponho o meu modo, me mostro**

**Eu canto pra quem?**

Eu ando pelo mundo e meus amigos, cadê?

Minha alegria, meu cansaço?

Meu amor cadê você?

**Eu acordei**

**Não tem ninguém ao lado**

Pela janela do quarto

Pela janela do carro

Pela tela, pela janela(quem é ela, quem é ela?)

Eu vejo tudo enquadrado

Remoto controle

O eterno titubear entre a lentidão e a velocidade confundem a cabeça do eu-lírico da música Esquadros cantada por Adriana Calconhoto. Correr para chegar primeiro ou ir devagar observando as cores, o mundo, as pessoas?

Com toda essa velocidade proposta seria possível “andar pelo mundo prestando atenção em cores que não se sabe o nome”? Ou “prestar atenção no que seu irmão ouviu”? Certamente não. A velocidade individualiza e isola. Na busca desenfreada não há tempo de se olhar para os lados de se pensar muito, de “perder” tempo com os outros.

“Os automóveis correm para que?” e “As crianças correm para onde”?, a velocidade produtora de liberdades novas é também responsável pela criação de agonias singulares. Os automóveis e as crianças são livres para correr, mas para onde e por quê? Essas incertezas não desencadeariam agonias?

O carro quanto mais rápido mais indica progresso e liberdade, mas não tarda a provocar acidentes. O excesso de liberdade torna a vivência triste, isolada, solitária. Afinal, a velocidade funciona como condição de sucesso, poder e riqueza e apenas um ou poucos podem “chegar lá” (aonde? Eu não sei...mas deve ser no almejado sucesso!), sendo assim esta corrida eliminatória, como sugere Paul Virilio, só pode ser solitária e triste, suscitando muito mais o reflexo do que a reflexão.

Para refletir mais surgem as propostas de lentidão. E “andar pelo mundo prestando atenção em tudo” torna-se uma meta. No entanto, encarar a lentidão como meta a ser alcançada é ao mesmo tempo realçar a presença da velocidade. A lentidão não precisa ser exclusivamente o oposto da velocidade; ela não significa apatia, falta de imaginação ou de energia. É possível defini-la de diferentes maneiras e experimentá-la é o melhor caminho. “Transito entre dois lados de um lado, eu gosto de opostos, exponho o meu modo, me mostro”...definitivamente este é o melhor caminho...para que decidir-se entre a velocidade e a lentidão...é possível transitar entre os dois, seguir seus próprios passos...

Postado por Vanessa às [10:52](#) 

**1 comentários:**

[carol](#) disse...

por ora, quero acreditar nas suas palavras e tentar ser rápida lentamente.. mas não sei..

por ora eu fico com este otimismo... por ora..

[24 de Novembro de 2008 12:23](#)

**Quarta-feira, 26 de Novembro de 2008**

**Filme Edifício Master**

Copacabana é conhecida mundialmente por seu glamour. A mídia fez questão de vender esta parte da cidade maravilhosa (olha aí outra construção) para atrair e conquistar. Vista como uma praia linda e cheia de gente com disposição para tudo, na verdade também possui seu lado B. Como bem retrata o filme Edifício Master, nesta região da cidade do Rio de Janeiro habitam, por exemplo, muitos idosos que buscam um pouco de sossego para ter em paz suas lembranças de anos que não voltam mais. Porém, eles não existem uns para os outros: o

prédio, longe do glamour das novelas da Globo, é um amontoado de gente com poucos recursos e pouca vontade de conhecer seu vizinho. Num exemplo bem ilustrativo, mostrado no filme, muitos vizinhos só souberam do acidente doméstico de um idoso quando este já estava quase curado, repousando em casa. É uma co-existência com pitadas de não necessitar do outro, de que ele apenas é alguém com quem se bate no elevador minúsculo, ou um dito cujo que faz barulho enquanto se quer ver TV.

Daí o prédio se transforma num amontoado de diferentes estilos de pessoas. Algumas adoram a confusão e a diversidade, outras se sentem indiferentes, terceiros nunca viveram em outro ambiente e nem saberiam direito qualidades ou defeitos de seu prédio, e ainda outros que desejam se esconder ou matar o povo todo nos corredores. Como conviver com pessoas tão diferentes num espaço tão próximo, separado por portas e paredes finas? Ou como não conviver, já que a maioria não se conhece e não faz questão de tal? Entendo eu que sua casa, seu lar é onde se pode construir uma relação bacana consigo mesmo e com os próximos de ti. E num ambiente assim, já com tanta proximidade espacial, como também não ter uma afetiva? Ou, ao menos, de conhecer o outro?

O interessante é notar que as pessoas continuam a viver, e só há cruzamento ao ouvir o nome de sua vizinha por 4 meses, mesmo não sabendo qual o rosto dela. Habitam, participam de espaços próximos, mas vivem de fato em mundo distantes, onde cada um deve vencer sozinho, mesmo que os velhinhos queiram companhia mas não procuram seu vizinho do lado, mesmo que tenham histórias parecidas de migrarem de interiores diversos do país para procurarem oportunidades numa grande capital e nem saibam de suas semelhanças (que normalmente integram as pessoas), mesmo que se sintam sós mas prefiram se refugiar num passado longínquo ou num futuro improvável. Onde está o glamour?

Postado por Laura Regina às [20:50](#) 

Marcadores: [Edifício Master](#), [espaços comuns](#), [relações](#)

### 3 comentários:

[Jade](#) disse...

eu acho que o documentário vai bem bem além de mostrar pessoas que não criam laços com o seu vizinho...

essa questão não me incomoda... morei sete anos em um prédio e nunca soube nem o nome do meu vizinho... hoje, morando em condomínio fechado, odeio ter de dar uma buzina e acenar pra um vizinho... eu acho que se fosse pra escolher alguém no filme com quem eu me identifiquei, eu escolheria a mulher com fobia social...

eu acredito que o grande mérito do filme está em mostrar como um edifício abriga uma grande quantidade de pessoas tão diferentes e tão parecidas entre si... pra mim a riqueza das histórias de cada pessoa foi o que mais marcou...

[27 de Novembro de 2008 18:39](#) 

[Laura Regina](#) disse...

eu ate concordo contigo, JAde, por esta diversidade tb ser muito interessante neste local. mas o ser indiferente ao tão proximo, não conhecer ter vizinho me imcomoda. daí minha idéia de escrever sobre isto.

[28 de Novembro de 2008 22:28](#) 

[Juaum](#) disse...

Laura, acho que vc levanta uma questão boa nas cinco primeiras frases do seu texto. o que essas histórias que vc chamou de "lado b" são para a cidade cartão-postal e como elas podem criar rachaduras nas fotografias do cristo redentor? imagino, e quero mesmo acreditar nisso, que uma das possibilidades da vida é trazer essas histórias para o lado a e assim torna-las histórias sem lado. Mas acho que isso se perde no decorrer do texto, aí eu tou muito com jade, as histórias mostram singularidades e diversidade não entendo como chama-las depois de amontoado de estilos diferentes de pessoas. fecha em três caixinhas, a do amontoado e a dos estilos.

e também das pessoas que não se conhecem, mas pra que conhecer?

é isso... continuemos

=)

[29 de Novembro de 2008 07:27](#)

### Quinta-feira, 27 de Novembro de 2008

Um edifício com doze andares, em cada andar vinte e três apartamentos, morando cerca de quinhentas pessoas, isso lhe implica alguma sensação?

Em um espaço físico pequeno para tanta gente morar, moradores viram estranhos, ou melhor, intrusos que moram lado a lado. A ausência (ou pouca) movimentação, em seus corredores, denuncia a falta de (ou baixa) interação entre os seus quinhentos sujeitos residentes e caracteriza a formação de uma sociedade atomizada no edifício.

O espaço se arranja a partir de cada sujeito. Os elementos concretos que configuram o espaço não conseguem resumir-lo. Ao mesmo tempo em que ele é entendido como algo externo ao sujeito, é também possível conceber como algo psíquico, interno. A articulação entre o sujeito e o espaço é composta por duas direções não opostas: uma de sentido para o mundo externo e a outra para a introspecção.

A estrutura física do edifício em si não transmite a sensação de humanização. No entanto, esse efeito perde a sua implicância com a interação dos moradores com o espaço. Uma cena do filme que expressa bem isso é a do corredor escuro, cumprido por onde uma criança passa. Ela bate na porta de um dos apartamentos e fica a espera de ser atendida. A sua (que esse pronome possessivo utilizado não expresse a idéia de aproximação.) vizinha abre a porta. A criança lhe presta algum favor, ela agradece e, pronto, lhe fecha a porta. Essa cena é caracterizada pela humanização do espaço físico, realizada pela criança, mas também, traz a característica da atomização do edifício, devido ao comportamento da vizinha.

A humanização é mais visível somente dentro dos duzentos e setenta e seis apartamentos. Nos quais, as articulações entre os sujeitos e os espaços são mais estreitas. Aí a estrutura física se encontra decorada com nomes, discursos e fantasias. Não sei se isso significa e garante que tais moradores consigam ver seus respectivos cantos como seus lares. Por mais que se feche a porta que delimita o espaço público (corredor) com o espaço particular (apartamento), o residente pode não sentir diferença quanto às dimensões simbólicas que o seu edifício e o seu apartamento carregam.

Morar em edifício, creio eu, já impõe certa limitação na articulação do sujeito com o espaço físico, na interação do sujeito com o outro que pertence ao mesmo espaço e, por fim, na relação do sujeito consigo mesmo.

Postado por Maria Clara às [19:20](#) 

#### 4 comentários:

[Juaum](#) disse...

Respondendo a sua pergunta do início... não me implica sensação alguma.

acho que poderíamos iniciar uma conversa sobre essa separação que você faz entre o lado de dentro e o de fora.

Qual seria o dentro?

e qual seria o fora?

[29 de Novembro de 2008 07:41](#) 

[Maíra](#) disse...

complementa o que sugerir sobre o documentário. A questão do espaço atomizado, onde as pessoas se cruzam no mesmo ambiente, mas poucos ou ninguém toma o outro como referência. Cada um se enclausura no seu espaço, no seu mundo sem se conectar com a subjetividade do outro.

[30 de Novembro de 2008 00:04](#) 

[Maria Clara](#) disse...

Esta postagem foi removida pelo autor.

[30 de Novembro de 2008 20:44](#) 

[Maria Clara](#) disse...

Essa sua pergunta recai em uma discussão semelhante - a fronteira entre indivíduo e sociedade. São questões densas de sentidos que propõem significados diferentes e aqui eu acredito que apresentei

apenas o sentido simbólico. O dentro e o fora por serem simbólicos vão apresentar concepções distintas e implicar diferentes sensações em pessoas diversas.

Por "n" fatores você seria indiferente a essa estruturação física atomizada e a toda forma de relação que ela implica e por outros "n" fatores esse mesmo espaço físico e suas formas de relações poderiam não passar despercebidos a uma segunda pessoa e isso lhe acarretar em um comportamento extremado.

[30 de Novembro de 2008 20:47](#)

**Quinta-feira, 27 de Novembro de 2008**

### Decompondo órgãos

Aos vermes que primeiro comerem minhas carnes frias, contarei estórias do corpo que consomem. cada cicatriz de queda de bicicleta ou cachaça contará uma estória engraçada ou dolorosa, uma estória da pele com o chão, da pelepêlos que se tornam pelepêlosafalto, da sujeira que se torna célula. da fumaça que estraga os pulmões e polui o ar, que aperta as veias para depois dilatar. da unha encravada que dói mas que não encontrou melhor residência que o lado direito do dedão do pé esquerdo. do olho canceroso abertofechado em noites longas de insônia e por vezes tédio do mundo e das gentes revisitado por longos dias a fio. estórias da pele e dos órgãos que com o desenrolar-se da vida envelheceram e se dobraram criando rugas de tempo e de nada até serem comidas pelo verme ouvidor de estórias. espero que cada parte do corpo morto tenha ainda um gosto diferente ao verme, que sinta o sabor de palavras e mais de tantas coisas que não haverão de ser ditas nunca, que escapam à linguagem e são parte maior do que o corpo há de contar. o corpoestórias dignificado pelos sabores ao verme, este sim por ser ínfimo perceberá suas modulações micropolíticas, estratégias chinesas, combates do cotidiano ordinário de nossos dias.

Mas o que de mim não será mais eu ao torna-se verme, depois fezes de verme, será também estórias outras de corpos outros roídos pela sua boca e digeridos por seu sistema digestivo. o corpo que já não é eu torna-se vermeantropófago e em seu corpo transforma suas estórias. em sua pele, talvez seus anéis, mistura-se em sua composição a outros corposestórias dignificados de sabores sievízid(in)finitos, mas também a sabores indiferentes de corposoutdoors de imagem estética fluida porém de gosto, cheiro e textura monótonos aos ínfimos vermes vibráteis. os corposoutdoors estão sempre atrasados e com pressa atrás da boa forma que lhes dá voltas e imputam faltas, buracos, incompletudes. aos corposoutdoors que correm sempre atrás de que? falta o sabor de mil gostos da estória inventada e que se inventa no coloquial. ao vermeantropófago que primeiro comer minhas carnes frias desejo o sabor do possível.

Postado por Juaum às [22:52](#) 

#### **2 comentários:**

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

"...A morte, surda, caminha ao meu lado

E eu não sei em que esquina ela vai me beijar

Com que rosto ela virá?

Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer?

Ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque,

Na música que eu deixei para compor amanhã?

Será que ela vai esperar eu apagar o cigarro no cinzeiro?" (Raul Seixas, Canto pra minha morte)

um copo de wisky ao lado, uma vontade de uma boa cigarrilha de palha e me deparo com o texto de joao (ou será Robierto)...texto-fluxo...fluxos q se acoplam a outros durante o desenrolar dele...os corposoutdoors nao se encaixam ou melhor, nao conseguem acompanhar essa lentidao q se expressa nos escritos de Robierto...só me faltou um cigarro pra ter "fumaça que estraga os pulmões e polui o ar, que aperta as veias para depois dilatar"

[27 de Novembro de 2008 23:21](#) 

[Catarina](#) disse...

Tão Augusto dos Anjos...

[27 de Novembro de 2008 23:45](#)

**Sábado, 29 de Novembro de 2008**

### UM BREVE COMENTÁRIO

As pessoas transitam nas ruas, os carros correm apressados, a violência pulsa intensamente. Concorrendo a essa loucura urbana, a princesinha de Copacabana sempre de braços abertos para acolher turistas, impressionados com o humor cariocês, o clima contagiante, enfim, a cidade maravilhosa. Em um ponto dessa cidade cosmopolita- onde você encontra qualquer cidadão do mundo por acidente que de repente escolheu o Rio para morar por os tempos até que não seja surpreendido por uma bala perdida- se encontra o edifício Master.

Antes de comentar sobre o filme produzido por Eduardo Coutinho, gostaria de conversar um pouco sobre uma questão que me deixa um tanto curiosa: a emergência de apêndices em uma cápsula que parece ser tão envernizada, ou seja, a insurgência de algumas comunidades dentro de uma sociedade. Ao meu ver, as comunidades surgem na tentativa de resgatar, ou melhor, produzir algum sentido que por um momento foi tolhido pela sociedade. Um exemplo que me vêm agora à cabeça é a favela. Ela nasce da cidade, mas dela se degenera. Por constituir de elementos relegados a essa sociedade, a favela produz uma nova configuração dentro da cidade. As pessoas transitam não em ruas, mas em caminhos orlados de casas, os carros não correm apressados, mas tropeçam em caminhos não pavimentados, a violência pulsa, mas com um diferencial: quem é atingido, é reconhecido. Enfim, as pessoas não estão dissolvidas no anonimato.

Logo que assistir o filme *O edifício Master*, o autor me trouxe uma sensação de brincar com essa idéia de comunidade coexistindo em uma sociedade. As pessoas se encontram no mesmo espaço, mas pouco se relacionam ou até mesmo não se conhece. O seu mundo somente é individualizado quando dá acesso ao seu apartamento, depois de um imenso corredor sombrio preso na escuridão. Mas quando a vida daquelas pessoas são expostas para produzir o documentário, suas vidas tomam o novo significado, cada morador é personalizado. Suas histórias são relatadas pondo a tona lembranças, revelações e sentimentos. Mesmo que o edifício seja uma passagem para alguns, ali não deixa de ser um ambiente que trouxe recordações e que serviu por algum momento, um lugar que protegeu e também empurrou contra a pior de todas as violências: a solidão. Uma solidão tão familiar na cidade grande: estar no meio de tanta gente e ser apenas mais um, preso em suas m lembranças, angústias e receios.

Postado por Maíra às [18:03](#) 

**0 comentários:**

**Domingo, 30 de Novembro de 2008**

### Mais um do Edifício Master

Uma das questões que, logo após a discussão, pensei em referir nesse texto já apareceu no texto de Laura. Também me chama atenção essa nova maneira das pessoas se relacionarem, ou melhor, de não se relacionarem. Vejo que esse não é um comportamento típico de uma fase da vida, de um grupo de adolescentes, por exemplo, é um comportamento que passou a fazer parte de determinadas realidades sociais e parece ser tendência para as demais, quanto mais elas “progridam”. Esse isolamento de pessoas em caixinhas (algumas maiores, outras bem pequenas) e esse passar por invisível diante de pessoas que moram do meu lado e vejo todo dia, no mínimo, me assusta. Não que eu queira conhecer a torcida do flamengo e não que eu viva sorrindo, cumprimentado as paredes, mas acho que estar disposto a relacionar-se é, no mínimo, saudável.

Deixando essa questão de lado, o documentário me levou a pensar também em como as pessoas (ou boa parte delas) gostam de contar suas histórias e em quão pouca é a nossa disponibilidade, o nosso tempo e nossa paciência para ouvir as histórias dos outros, especialmente se esses outros são nossos conhecidos. Lembro que alguém comentou na aula sobre sua curiosidade a respeito da disponibilidade das pessoas para participarem daquele projeto. Teria sido difícil convencer pessoas a contar suas histórias ou mesmo falar de si? Eu também fiquei curiosa e arriscaria um palpite: acho que essa foi a etapa mais simples para o produtor daquele documentário.

Tenho a impressão de que sentimos vontade de falar mais e mais e, ao mesmo tempo, temos poucos e com pouco tempo pra nos ouvir. Não dá pra perder tempo ouvindo histórias. Às vezes você quer ouvir aquela historinha que seu filho insiste em contar do que aconteceu ontem na escola, mas não dá porque você está atrasado para o trabalho. Às vezes, você simplesmente não quer escutar porque você está de saco cheio, trabalhou o dia inteiro com muita informação! Às vezes sua mãe fica te “perseguido” quando você chega pra

almoçar, mas não dá pra ouvi-la porque a aula começa às 13h. Às vezes você quer falar como uma matraca, mas não tem graça falar pro espelho.

Vi um pouco disso no filme: a satisfação de poder ser ouvido com atenção, de ter um espaço só seu pra falar, simplesmente falar pra alguém. Acho que muitos psicoterapeutas ouvem essas mesmas histórias.

Postado por Manuela às [19:06](#) 

#### 8 comentários:

[Laura Regina](#) disse...

acho que é porque estamos numa época em que todos querem falar, e ninguém ouve; ninguém pára um tempinho que seja para se importar com o outro, escutar um pouco e daí sim poder falar também e ter um atenção em troca. temos que pagar para obter isto.

[30 de Novembro de 2008 21:55](#) 

[Isis Caroline](#) disse...

Isso me faz pensar na afirmação de alguns ditos leigos que dizem que a terapia é um simples conversar...q é coisa de quem não tem amigo...Essa afirmação aparentemente tola faz muito sentido no mundo contemporaneo em que as relações e o tempo estao sendo consumidos forazmente. As relações em suas instabilidades e fluidez e o tempo em sua restrição. Não havendo nenhum desses dois paga-se por um espaço onde haja tempo para falar e confiança para se abrir, para se relacionar. A terapia torna-se mais que um espaço de auto-conhecimento, de reflexão, de acertos e desacertos e torna-se um espaço só seu, em que tudo é permitido, em que se pode falar, gritar, chorar, rir, espernear, mas que mesmo com um tempo reservado apenas para isso, que vem sendo limitado no cotidiano, ainda há um controle do tempo...paga-se pelo tempo perdido no dia-a-dia. Para alguns 50 minutos, para outros 1 hora e para os lacanianos o tempo que for preciso. Quem dá mais pelo tempo perdido?

[2 de Dezembro de 2008 21:52](#) 

[Paloma Côrtes](#) disse...

"Vi um pouco disso no filme: a satisfação de poder ser ouvido com atenção, de ter um espaço só seu pra falar, simplesmente falar pra alguém. Acho que muitos psicoterapeutas ouvem essas mesmas histórias".

é uma pena que se tenha que pagar a alguém para simplesmente ser ouvido..

[3 de Dezembro de 2008 12:08](#) 

[Joana](#) disse...

Sim, tem aqueles que querem ser ouvidos e não tem quem escute. Mas, também é tendência dos nossos tempos aqueles que optam, conscientemente ou não, por não falar, não compartilhar, por considerar perda de tempo, falta de privacidade e inúmeros outros motivos... Os dois fenômenos sinalizam a era do indivíduo que vive no bloco do eu sozinho.

[3 de Dezembro de 2008 19:51](#) 

[Isis Caroline](#) disse...

Bloco do Eu sozinho!!!! Incomparáveis Hermanos!!!

Acho q o que se paga não é para simplesmente ser ouvido...é muito mais que isso...é para recuperar um tempo que vem sendo roubado de nós...um tempo em somos nós...em que não há mascaras, em que não há temores...em que todos os papéis que representamos no dia a dia se misturam em um só...a fala é o meio, o ouvir é necessário, mas o que está entre eles é muito mais significativo.

[3 de Dezembro de 2008 21:43](#) 

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

será q se paga mesmo para recuperar um tempo perdido??? será q não há mascaras?...mas é interessante estar explicito que ao Pagarmos(e o q esta ligado a isso, ou seja,a psicoterapia), conseguimos "entrar" nesse tempo em nós somos nós mesmos...é dificil pra mim pensar q eu pago pra recuperar algo q me foi roubado...se me roubaram, pq eu tenho q pagar pra reaver? será q a quem eu pago, nao ta de certa forma produzindo esse roubo, atraves desse discurso q eu fui roubado, q o tempo q

tenho não me permite ser o q sou, q eu vivo no bloco do eu sozinho, qd seria melhor estar eu no bloco bora bora, ou fascinação (aproveitem q as mortalhas ja tao se esgotando), mas pra descobrir isso preciso pagar pra descobrir q fui roubado e dps pagarei ainda mais pra entrar no bloco do todo mundo junto...mas fiquemos com a ideia q me roubaram o tempo onde eu posso ser eu, pois desse modo quem sai no lucro é quem diz q eu tive o tempo roubado, q vai me escutar e falar comigo..

[4 de Dezembro de 2008 00:20](#) 

[Juaum](#) disse...

Legal a discussão...

Quanto a isso acho que a gente precisa ter mais cuidado quando falamos que vivemos em tempos assim ou assados. acho que há um risco nesse tipo de generalização de acabarmos sufocando os cruzamentos, aos esquinas, as vias de mão dupla em nome da via expressa de mão única.

Acho sim que esses discursos apontam para algo que massifica, mas acho que não podemos mesmo reduzir tudo àquilo ou a isso.

Então, encontramos o psicólogo no dito espaço psicoterápico onde se paga para encontrar seu eu ou o tempo que lhe roubaram. só que antes ele estava na tv falando que os pais deveriam dedicar mais tempo aos filhos para o bem do seu desenvolvimento. no jornais da meia noite ele fala que o individuo que cometeu o crime era de uma personalidade patológica que com certeza em algum tempo da sua vida iria fazer aquilo.

pra mim fica uma pergunta que conspira com as ideias trazidas por helmir.... que facas estamos a amolar?

[5 de Dezembro de 2008 00:38](#) 

[Kleber Matos](#) disse...

o master é mister em dizer //

o eu que lá cresce //

não sabe do você

[5 de Dezembro de 2008 07:44](#)

### **Quarta-feira, 3 de Dezembro de 2008**

#### **a solidariedade e os tempos tumorais**

Um filme extraordinário acontece numa sala da didática 2 (UFS) em 1º de dezembro de 2008. O último mês, o primeiro dia. Digo acontece de modo extraordinário, pois se tratava de um drama a revelar os excessos da vida nos anos 70 na cidade do Rio de Janeiro e nós, gargalhamos das mazelas escancaradas pela película, como se aquilo nos soasse um entretenimento pueril.

Confesso. Também ri de muitas cenas. Agora, alguns dias depois; cai a ficha e vejo que não havia como não rir. Daqui em diante, direi desse meu riso e quem quiser que diga do seu.

Meu riso era efeito de uma imbecilidade efêmera que se apossou de mim, a me dizer: “Ria Kleber, pois o Rio de hoje é bem mais dramático, sujo e triste”. E eu ri. Ri daqui de Aracaju do Rio de hoje onde os excessos parecem não causar remorso. Dr. Wernek, o pilantra-mor da história revelava arrependimentos e tentava compensar suas perversões com dinheiro. Não creio que haja outros Werneks na Cidade Maravilhosa da atualidade, a estabelecer parâmetros para que a solidariedade, mesmo destinada a uma dimensão moral, seja um investimento para a vida e não para a morte.

Repetia a exaustão o José Wilker que a “o mineiro só é solidário no câncer”. No *happy and* diante da tentação Vera Fischer e de um cheque de cinco milhões de moedas, decide-se o obstinado personagem pelo amor e por uma vida de convicção na incerteza. Como diz Juaum; “Isso é lindo”. Lindo como a cidade do Rio de Janeiro era. Lindo como o silêncio poderia ser, não tivesse eu me entregado ao riso de enxergar o tosco naquilo que era sinistro. Esses momentos roubam qualquer cena, pois eles são mestres em instalar a indiferença. Penso agora que foi bom eu ter rido. Pude querer escrever isso que escrevo. Entretanto, agora, agora mesmo, um calafrio me toma de assalto e me encaminha uma reflexão: seguirei rindo do tosco que me é insuportável ou outros sentidos vou conseguir inventar, estabelecendo comigo e com o mundo modos de ser solidário aquém do câncer?

Não se trata de uma opção. Trata-se uma análise. Uma psicanálise sem atos falhos ou superego, onde o que importa é sentir que faço parte do tempo e que ele é e será, um pouco que seja, aquilo que melhor me convier. Pergunto; vivemos em tempos tumorais?

Postado por Kleber Matos às [20:20](#) 

Marcadores: [paradigma](#)

#### 4 comentários:

[carol](#) disse...

Começo questionando uma afirmação feita no texto lido: havia no ato do Sr. Werneck de "pagar pelos seus atos" algum resquício de arrependimento? Como chamamos seus atos de perversos, proponho que leiamos a perversão presente também neste pagar, nesta "expição de sua culpa", enquanto consideramos que há mesmo culpa. Nem para além ou para aquém do câncer, acredito, sim, que vivemos em tempos tumorais, mas em tempos em que a solidariedade se dá assim, perversamente, e peço licença para esclarecer que este termo está desvinculado de qualquer conceito patologizante. Somos solidários em nosso câncer permanente; após expiarmos a nossa culpa, estamos tranquilos, tal qual o autor do texto explicou que ria daquelas cenas - pela pura indiferença que foi ali instalada. Pagamos: quanto custam os meus atos? Quanto custa para que eu não (os) veja? Quanto custa, enfim, para que eu possa rir à vontade?

[4 de Dezembro de 2008 15:59](#) 

[Paloma Côrtes](#) disse...

Bonitinha ,mas ordinária...

a vida parece ser bonita,mas é ordinária? a "professorinha pudica" se vende para proteger o futuro das irmãs,o Peixoto se vende para manter sua posição,a riquinha finge ser vítima pra comprar um marido,o mineiro se ilude fingindo que ama a riquinha para não se considerar um Peixoto,o Werneck compra qualquer um para se vender aos seus prazeres...é um grande comércio encoberto pela faixada da moralidade, das aparências...e parece que romper com esse jogo leva ou à morte (como no caso do Peixoto) ou indica numa existência de miséria financeira (como sugeriu o final do mineirinho)... e a nossa vida? é bonita? é ordinária?

[5 de Dezembro de 2008 21:13](#) 

[Juaum](#) disse...

Pergunto; vivemos em tempos tumorais?

o que importa é sentir que faço parte do tempo e que ele é e será, um pouco que seja, aquilo que melhor me convier.

inverto a pergunta: o que andamos fazendo de nosso tempo?

[9 de Dezembro de 2008 00:55](#) 

[Paloma Côrtes](#) disse...

Eu estou perdendo o meu tempo numa sociedade que,num geral:com suas obrigações toscas,não faz o menor sentido para mim e onde seus valores bonitinhos ,mas ordinários,não me convencem mais...e agora? Vai chegar a um ponto que: "Eu sinto tanto,eu sinto muito,eu nada sinto...Como dizia Madalena replicando aos fariseus: quem dá aos pobres e empresta,adeus..."bLUES DO eLEVADOR

ILUSÃO

Dizes que sou feliz. Não mentes. Dizes

Tudo que sentes. A infelicidade

Parece às vezes com a felicidade

E os infelizes mostram ser felizes!

Assim, em Tebas - a tumbal cidade,  
 A múmia de um herói do tempo de Ísis,  
 Ostenta ainda as mesmas cicatrizes  
 Que eternizaram sua heroicidade!

Quem vê o herói, inda com o braço altivo,  
 Diz que ele não morreu, diz que ele é vivo,  
 E, persuadido fica do que diz...

Bem como tu, que nessa crença infinda  
 Feliz me viste no Passado, e ainda  
 Te persuades de que sou feliz!

Augusto dos Anjos-iLUSÃO  
[11 de Dezembro de 2008 05:39](#)

**Sexta-feira, 5 de Dezembro de 2008**

### O verdadeiro bom selvagem

O que me apetece aos olhos ler Nelson Rodrigues, é a sua sagacidade ao dar uma agudeza de espírito, muito peculiar, nos seus personagens. Mais que isso, é a arte de provocar o riso, o que torna ele genial! O que me parece, é que o riso já nasce dele. Enquanto enreda mais um conto maquiavélico Nelson dá boas gargalhadas disposto a ferir o moralismo decadente. Pra mim, é esse tipo de riso que me traz um alívio, pois posso rir sem culpa. Rir do exagero que se dilui no meio de tantas promessas de civilidade, respeito ao próximo. Ouso em dizer que a vida é ordinária, mas é bonitinha, muito fofinha, pois temos a oportunidade de rir dos deslizes dos outros e de nós mesmos. Quantas vezes não rimos de nós mesmos por mostrarmos tão bem intencionado com o próximo, e no mais queremos que o próximo se fôda? Quantas vezes já não fomos diabólicamente românticos quando fazemos juras de amor ao nosso amado, enquanto pensamos naquele gostoso, que conhecemos num dia aí qualquer, e que não saí da nossa cabeça? Pois é, Nelson Rodrigo nos dá essa oportunidade de nos enxergarmos em seus personagens, de nos vê tão deslizando quanto eles, de nos dar asas as nossas fantasias aprisionada pelo nosso superego malcriado. Daí faço uma ressalva, acredito que Werneck sinta o peso da culpa, não por provocar exageros, ao contrário, por ser em determinado momento civilizado demais.

Patinar sobre a moral é uma delícia, antes de ser um projeto para que se estabeleça o respeito mútuo, ela serve de bálsamo para a vida para sermos excessivamente bons com nós mesmo, não renunciando os nossos instintos mais reprimido. hum...isso sim, me soa pueril!

Postado por Maíra às [23:08](#) 

#### **1 comentários:**

[Jade](#) disse...

"Quantas vezes não rimos de nós mesmos por mostrarmos tão bem intencionado com o próximo, e no mais queremos que o próximo se fôda?"

essa parte me incomoda bastante...

eu ri bastante no filme porque achei bem exagerado e assim longe do que poderia acontecer no cotidiano... mas quando você trás isso pra "vida real", eu acho que a questão fica bastante incômoda...

eu não acho engraçado nem riu pelo fato de eu querer que alguém se foda... eu acho que todo mundo é um pouco canalha sim... mas daí a achar isso engraçado... acho que achar engraçado seria a maior das canalhices...

[8 de Dezembro de 2008 19:26](#)

**Sábado, 6 de Dezembro de 2008**

Até onde...

Antes de assistir ao filme, ouvia muito falar de Nelson Rodrigues. A imagem que tinha de sua obra era que essa seria um retrato de uma sociedade burguesa, hipócrita, cheia de sujeiras e tals. Porém, quando cheguei em casa, após a aula, fiquei me perguntando: até onde isso é um retrato dessa sociedade de 1964 (época que foi escrita a peça)?

Eu não sei se é difícil para vocês imaginar, uma sociedade onde há estupros coletivos, a pedido a vítima, diga-se de passagem, e onde meninas são as "comidas" de um banquete, e todo mundo acha isso, sei lá, corriqueiro ou engraçadinho, e por fim, onde o dinheiro compra tudo e corrige tudo, até a dignidade e a honra das pessoas. O único no filme que resistiu a tudo isso foi Edgar, e mesmo assim, ele acaba sem emprego, sem dinheiro, e com uma prostituta de caráter duvidável (mas não convém falar aqui em valores).

Tem uma frase no filme que marca essa imagem de sociedade: "O brasileiro quando não é canalha na véspera, é canalha no dia seguinte.". Até onde todo brasileiro é canalha?

Postado por Karyne às [13:52](#) 

**9 comentários:**

[carol](#) disse...

acredito que a ficção tenha mesmo um apelo muito estereotipado - e penso que precisam tê-lo desta maneira para passar uma mensagem qualquer...

quanto à sua pergunta, eu não apreciaria assistir a estupros coletivos, isso é certo, mas confesso aqui, publicamente, que tenho minhas pequenas canalhices..

vc tem certeza de que não tem as suas? sendo você, eu não apostaria minha vida nisso...

[7 de Dezembro de 2008 10:05](#) 

[Maíra](#) disse...

Canalha. Acho que essa palavra pertence a todos nós. Enquanto houver leis que afaste nossas fantasias e desejos nos seremos vacilanteS. Estaremos pisando em terreno líquido o tempo todo.

[7 de Dezembro de 2008 20:35](#) 

[Maíra](#) disse...

ah! esqueci de responder...ate onde vai tudo isso? ATE SEMPRE!

[7 de Dezembro de 2008 20:35](#) 

[Helmir O. Rodrigues](#) disse...

ser ou nao canalha tem algo ver com leis q barram certos "desejos" q temos e nao acessamos?

[7 de Dezembro de 2008 22:30](#) 

[Fernanda Teles](#) disse...

Como já disse no meu "post", o filme suscita inúmeras reflexões acerca de nossas condutas, sobre como reagiríamos em determinadas situações...cabe a cada um a própria escolha...seja ela vista como certa ou errada!

[8 de Dezembro de 2008 00:38](#) 

[Lázaro](#) disse...

Esta postagem foi removida pelo autor.

[8 de Dezembro de 2008 12:40](#) 

[Lázaro](#) disse...

\* "ah! esqueci de responder...ate onde vai tudo isso? ATE SEMPRE!"

Então, mudemos a pergunta: até onde sermos canalhas é natural?

[8 de Dezembro de 2008 12:48](#) 

[Jade](#) disse...

eu não acho que o filme seja um retrato, mas sim uma caricatura...

e eu acho que todo mundo é um pouco canalha sim...

[8 de Dezembro de 2008 19:06](#) 

[Juaum](#) disse...

Canalha, Peixoto, bonitinha, ordinária, Vera Fischer... Cadelão.

Existe algum desses nomes que fale de algo único ou que possa ser único? e que o seja efetivamente?

[9 de Dezembro de 2008 00:31](#)

**Segunda-feira, 8 de Dezembro de 2008**

**Ser ou não ser, eis a questão!**

O filme baseado na obra de Nelson Rodrigues é repleto de interrogações e suscita muitas reflexões acerca da questão do poder, do dinheiro e dos valores morais. A trama satiriza a sociedade brasileira e põe em discussão a ética e o caráter do indivíduo. Evidenciam-se, ainda, no decorrer do longa-metragem as características rodrigueanas: abuso sexual, prostituição, suborno.

A exploração do corpo, a questão da castidade, a selvageria sexual impactam o telespectador, acendendo inúmeras inquietações.

O drama que persegue o protagonista Edgar tem por objetivo criticar a hipocrisia humana: seria melhor garantir o conforto financeiro proporcionado pelo casamento com Maria Cecília ou viver o amor por sua vizinha Ritinha?

Com Ritinha, Edgar tem uma relação equivalente à sua situação sócio-econômica, baseada no desejo, já com Maria Cecília, o protagonista está envolvido numa situação tentadora, além de engajar-se num patamar inferior ao dela.

Segundo Otto, o mineiro só é solidário no câncer. Deveria Edgar seguir tal afirmação e se render aos encantos pomposos das cifras monetárias?

A indecisão entre o enriquecimento fácil e a fidelidade aos seus sentimentos remete a questão do poder, que compra tudo e todos, ou melhor, quase todos. Edgar decidiu queimar o cheque e começar do zero, optando por NÃO SER mais um "Peixoto" e NÃO SER mais um ordinário, optando, portanto, pela "consciência tranqüila", elegendo para si a moral, a ética e o bom caráter.

O filme proporciona ao telespectador um diálogo interior entre suas próprias inquietações, um diálogo particular e silencioso entre o dilema do ser ou não ser!

Postado por Fernanda Teles às [00:27](#) 

**3 comentários:**

[Lázaro](#) disse...

A questão é "POR QUE ser ou não ser?".

[8 de Dezembro de 2008 12:34](#) 

[Maria Clara](#) disse...

Enxergar o homem como um ser não-natural faz parte da natureza humana, porém tê-lo como ser ideal é tb deletar toda a sua complexidade. Aquilo que nos parece absurdo, desumano só o é superficialmente, só o é qnd ignoramos a nossa própria contradição.

Entre feras e anjos, não existe o ponto médio, o de equilíbrio para um animal civilizado. Há satisfação humana no prazer animal que leva a insatisfação no ser civilizado, e há satisfação humana no prazer civilizado que leva a insatisfação no ser animal. Ser e não ser, parece resolver a questão.

[8 de Dezembro de 2008 23:20](#) 

[Juaum](#) disse...

"Edgar decidiu queimar o cheque e começar do zero, optando por NÃO SER mais um "Peixoto" e NÃO SER mais um ordinário, optando, portanto, pela "consciência tranqüila", elegendo para si a moral, a ética e o bom caráter."

Aqui pego carona na questão de Lázaro. Não vejo como uma questão dicotômica entre ser OU não ser. quem sabe não seja uma questão de ser E ser... o que? bem... daí eu não sei, talvez outra coisa que não a coisa. quem sabe das esquinas do Edgar?

[9 de Dezembro de 2008 00:41](#)

**Sexta-feira, 12 de Dezembro de 2008**

### O que ele diria?

Assim como Karyne, também já ouvi falar muito de Nelson Rodrigues. Nunca soube de fato sobre o que falavam suas peças, tirando o tema sexualidade, é claro. Lembro da minissérie Engraçadinha e do relacionamento incestuoso entre dois irmãos. Já tinha ouvido falar sobre o filme (Bonitinha, mas ordinária) e da famosa cena do estupro, mas, da mesma forma, a imagem que me passaram foi que o sexo era um dos temas principais. Agora, depois de ter visto o filme e ter discutido em sala, tenho uma visão diferente da obra dele. Sem dúvida, temas como o amor, sexo, dinheiro e corrupção são os focos principais do seu trabalho. Além de querer retratar a vida da sociedade de sua época e denunciar o quão hipócrita, interesseira e de moral duvidosa ela era. Seria apenas uma caricatura daquela sociedade? Creio que não. Como o próprio Nelson disse, ele buscava mostrar “a vida como ela é”, e todos seus personagens só eram retratos do homem canalha e interesseiro da época. Talvez ele tenha exagerado nesse retrato, e seu pessimismo ao encarar a sociedade o tenha ‘contaminado’. Mudando de assunto... Fiquei pensando o que diria Nelson Rodrigues da sociedade de hoje. Será que houve grandes mudanças de lá pra cá? Tenho minhas dúvidas. Lembrei de alguns fatos que aconteceram recentemente. Os jovens, de classe média, que embriagaram uma adolescente de 15 anos e a estupraram. Não satisfeitos, gravaram o crime e divulgaram as imagens pela internet. No dia seguinte à veiculação da notícia, encontrei alguns conhecidos e ficamos conversando sobre o fato. Dois deles falaram que assim que assistiram à reportagem, correram para o computador para tentar encontrar o tal vídeo e, rindo, mostraram a frustração de não ter encontrado. Perguntei o porquê de querer ver um vídeo como aquele, eles continuaram rindo e disseram: “pura curiosidade”. Curiosidade!?. Também lembrei do caso de um senhor que encontrara um malote de dinheiro e o devolvera ao banco. No dia seguinte, esse senhor foi à delegacia para denunciar ameaças que estava sofrendo desde ter devolvido o dinheiro. Não quero discutir se devemos tratar esse senhor como um herói ou um bobo, mas o fato de a própria sociedade ter repudiado tal gesto de honestidade.

Se um dos objetivos de Nelson era mostrar o que acontecia às escuras na sociedade de sua época, o que ele diria da nossa que não faz muita questão de esconder sua podridão?

Postado por Carlinha às [17:52](#) 

#### **4 comentários:**

[Kleber Matos](#) disse...

oi Carla, sua questão no final do texto é muito interessante. O que Nelson teria a dizer da miséria humana superexposta. O que dizer do tanto que a gente já nem suporta ver? Aí vejo algumas alternativas. Destaco duas: primeiro ele poderia não querer dizer nada, posto tudo já está não na cara. Algo como se a força de denúncia tivesse antes que ultrapassar um vazio e nós, alimentado pelo cansaço da superexposição. Aí o artista talvez preferisse falar dele, do seu eu e denunciar para si mesmo essa condição. Em segundo lugar, talvez, ele depois de alguns goles de algo a base de álcool nos dissesse: “Já não se faz mais mineiros como antigamente”. Abraço!

[15 de Dezembro de 2008 09:20](#) 

[Fernanda Teles](#) disse...

Oi Kleber... eu descartaria sua primeira alternativa...

Acho q o Nelson não ia perder a oportunidade de lançar mais uma sátira, reproduzindo uma nova versão do: "O mineiro só é solidário no câncer"

[15 de Dezembro de 2008 16:48](#) 

[Lázaro](#) disse...

Nostalgia, Kléber?!

[17 de Dezembro de 2008 12:02](#) 

[Maíra](#) disse...

Acho que esses aspectos da curiosidade que o outro tem sobre certos temas chocantes, não cabe somente nos tempos de hj, mas em todos os momentos da história. É só lembrarmos um pouco da política do pão e circo, na Antiga Roma. Para sair da miséria vivida, nada "melhor" que rir da miséria alheia. Chamaria, como um amigo meu comentou sobre esse fato, de Voyerismo sociológico. A nossa vontade ver, de tornar a miséria do outro em espetáculo.

[1 de Janeiro de 2009 14:06](#)

**Quarta-feira, 17 de Dezembro de 2008**

### [Amy no campo de centeio](#)

Alyssa, Bancky e Holden são os personagens principais do filme "Procura-se Amy". Ao assistir o filme, eu lembrei bastante de um livro que eu gosto muito "O Apanhador no Campo de Centeio". Holden e Bancky, personagens do filme, são também nomes de dois personagens do livro. A princípio, eu lembrei do livro por causa dos nomes, depois eu vi algumas semelhanças entre os personagens.

No livro Bancky é um técnico de basquete que tem o costume de emprestar o seu carro para que seus alunos possam sair com garotas. Eu acho que o Bancky do filme se parece um pouco com o Bancky do livro. Mas, tanto no livro quanto no filme os dois não têm um papel muito importante, e não é sobre eles que eu quero falar.

Holden é o personagem principal do livro. Eu não acho que o Holden do livro e o do filme se pareçam. Para mim o Holden do livro se parece mais com o personagem de Alyssa no filme. Não em relação à liberação sexual, mas em relação a se permitirem ter dúvidas e não se identificarem com padrões, com caminhos pré-fabricados. Qual era a opção sexual de Alyssa? Lésbica? Bissexual? Heterossexual enrustida? Pra mim ela não era nada disso. Eu acredito que ela inventou a sua própria forma de se relacionar com as pessoas, por não se identificar com identidades sexuais pré-estabelecidas; eu acho que ela procurava conhecer a pessoa, independente do sexo. Como ela fala na cena do filme em que ela está brigando com Holden: "sou uma garota experimental. Talvez você soubesse antes que iria do ponto A ao B, mas, diferente de você, eu não ganhei nenhuma merda de mapa quando nasci."

Eu acredito que o Holden do livro, assim como a Alyssa do filme não ganhou um mapa quando ele nasceu. No livro, Holden é expulso do colégio em que ele estudava e, com pouco dinheiro, hospeda-se em um hotel barato em Nova York. Ele não quer voltar para casa e não sabe o que quer fazer da vida. Ele não se identificava com o colégio que ele estudava e não se importou com a sua expulsão. Ele já havia passado por alguns outros colégios e também havia tido problemas. Pra mim uma das melhores partes do livro é quando a irmã pergunta a ele o que ele quer fazer da vida, e ele responde "fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu queria fazer o dia todo. Ia ser só a sentinela do abismo e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice."

Muita gente acha que Holden não passa de um adolescente imaturo. Eu acho que ele pode até ser imaturo, mas eu não o coloquei nessa história para questionar sua maturidade, nem para questionar a viabilidade de suas idéias. O que eu queria falar é em relação a buscar algo que lhe faça sentido, em relação a inventar um modo de viver que você se identifique. Eu acho que se uma pessoa não se identifica com modos de viver impostos pela sociedade, é ótimo que essa pessoa tenha coragem de inventar um modo de viver que tenha a ver com ela.

Postado por Jade às [19:40](#) 

Marcadores: [procura-se amy](#)

**3 comentários:**

[Kleber Matos](#) disse...

Viver como experiência é tido como algo inviável nos dias que correm. Na boca de muitos se revela ingenuidade ou descompromisso com as coisas que estão instituídas. Uma ação pela moral quando essa mesma força poderia ser convertida em sentidos que marcassem vontade de felicidade. O triste nos suga.

Seu texto, Jade, é uma pedra atirada contra esse espírito de tristeza. Gostei!

[18 de Dezembro de 2008 11:54](#) 

[Juaum](#) disse...

Eu também gostei jade, mas acho que poderíamos conversar mais sobre um ponto que pode guardar alguns perigos.

As vezes fico pensando sobre quando é que vivemos como experiência, como disse kleber. Sobre o que é que possibilita vivermos nossas vida de obra de arte, como disse foucault.

Penso ser bastante tênue uma linha que separa uma singularização da massificação. Ou talvez a linha nem mesmo exista e as coisas estejam mesmo amarradas e previstas e quando não, sejam prontamente capturadas e categorizadas.

o que acham?

[21 de Dezembro de 2008 22:04](#) 

[Paloma Côrtes](#) disse...

viver como arte...categorização...isso me fez lembrar de duas coisas...primeiro: porque desejamos alguma coisa e não outra...e segundo:será que as alternativas já estão dispostas ou será que podemos criá-las? as escolhas podem ser "denominadas",mas o caminho para obê-las é diferente para cada um...o resultado pode ser o "mesmo" mas as experiências até ele serão diferentes,pq as pessoas sentem de maneiras diferentes...e aqui vem a questão,viver como arte é viver algo único(pelos menos na idéia de obra de arte e tal),mas será que existe o 100% novo?mas será que as coisas são 100% iguais que possam ser categorizadas?

Não sei,não sei e não sei...

Enquanto isso vou vivendo e fazendo o quero e o que tenho que fazer de forma,no mínimo,prazerosa ou menos dolorosa...

[22 de Dezembro de 2008 13:54](#)

**Sábado, 20 de Dezembro de 2008**

### [O caminho de Alyssa](#)

“Procura-se Amy” parece à primeira vista mais um besteirol do diretor Kevin Smith, mas, como também é peculiar a ele, o besteirol traz temas muito interessantes e polêmicos, num estilo humor irônico e/ou satírico. Quando se entra em uma discussão como ocorre em sala, esses temas vêm à tona e desperta nas pessoas o que facilmente passaria despercebido só pela imagem visual.

Jade já falou bem quando se referiu a “escolha” de Alyssa. Ela simplesmente escolheu não escolher nenhum padrão e levar a vida à medida que ela ia acontecendo. Pareceu simples e fácil, como foi dito em sala, deixar de ser lésbica e relacionar-se com Holden, mas conhecendo a história de “experimentação” de sua vida, percebe-se que diante da proposta de Holden e da relação que eles estavam tendo, ela tinha resolvido arriscar e viver mais aquela experiência, para ela não parecia que estava fugindo da sua opção, afinal ela não parecia querer uma opção estabelecida. Considero o fato de Alyssa não ter falado sobre seu passado, e ter feito Holden pensar que era seu primeiro homem, justamente pelo julgamento precipitado que seria feito dela (e que obviamente foi feito). Apesar da omissão (grave em qualquer tipo de relação), ela só queria que ele considerasse o presente, o fato de eles estarem juntos e estarem se dando bem.

Não vou entrar numa discussão que envolva escolha e liberdade, mas me arrisco a relacionar que a escolha de Alyssa envolveu a busca ou opção pela liberdade, de viver, de sentir, e porque não, liberdade de escolher. E ao contrário dela e sem perceber, os outros personagens não estão livres (dizer que estão presos seria muito forte), seja tentando estabelecer uma imagem, como o negro gay, seja com medo de perder um amigo e fazendo qualquer coisa para isso não acontecer, como Banky, seja fazendo uma proposta ridícula de ménage a trois para consertar uma merda já feita, como Holden. A opção de Alyssa foi ser livre e ela não se incomodou tanto quando teve que abrir mão de Holden e seguir um novo caminho, pois para ela a estrada nunca se daria em eterna via reta de mão única, como muitas vezes somos obrigados a “escolher” para seguir.

Postado por Luana às [14:46](#) 

Marcadores: [procura-se amy](#)

**0 comentários:**

**Domingo, 21 de Dezembro de 2008**

[Um pouco de Nightingale em Alyssa!](#)

Florence Nightingale, foi uma enfermeira britânica que atuou com muita determinação em um conflito entre russos, franceses e ingleses que durou anos e dizimou um número considerável de cidadãos de tais países. Viu e viveu os terrores de uma guerra e sofreu muito com tudo isso.

O que levou uma garota provinda de família abastada, com poder político, inclusive rompendo relações com sua família, submeter-se à um cargo execrado pela sociedade, exercido somente por prostitutas e cozinheiras que acompanhavam os exércitos? Ainda questionando, o que levou uma garota a largar toda tranquilidade, enfrentar os costumes da sociedade da época e partir para um mundo considerado escuso, sujo e degradante? A resposta, creio eu, está na paixão e na crença de que para poder fazer efetivamente a diferença era preciso quebrar as regras, sair da comodidade da rotina e arriscar "conhecer o desconhecido".

Em paralelo, Alyssa Jones, jovem roteirista, bonita, com relativa tranquilidade financeira mas que sente um vazio absurdo dentro de si. Uma jovem que se auto denomina "garota experimental", que passeia e conhece de formas não muito tradicionais pessoas e se relaciona com elas de forma a poder saciar sua curiosidade e preencher esse vazio. Uma garota lésbica, cheia de personalidade e práticas que sustentam sua escolha sexual.

Tudo em sua vida transcorre de forma tranquila até conhecer Holden McNeil, um desenhista que está na moda na cidade de Nova Jersey e que fatalmente se apaixona pela encantadora roteirista.

Essa história não teria nenhum que de destaque se não fosse pelo que reconheci como egoísmo, isso mesmo, egoísmo!

Ao final do filme, logo tive a sensação de que os fatos de passaram de forma muito linear e superficial, afinal, penso em opção sexual como algo muito maior que um simples preenchimento que sana parcialmente os desejos de alguém. Não o vejo como um drive thru, em que passamos pelos estágios e ao final, depois de termos em mãos o que conseguimos, podemos voltar rapidamente e logo fazer outro pedido sem nem sentir o restinho do sabor do recente hambúrguer. Não consigo imaginar como alguém se diz e age como lésbica e de uns momentos para outro, esquece tudo que acreditou, tudo que praticou, larga uma série de dogmas e paradigmas e simplesmente corre no meio da chuva para os braços de alguém do sexo oposto sem demonstrar e sem nem se preocupar com o que pode proporcionar ao seu "novo desafio" como foi mostrado por meio do amigo de Holden, Banky Edwards, se mostrando apenas preocupada consigo mesma e com os seus desejos!

Romper com as regras geralmente incomoda a maioria e mexe com conceitos - digo isso imaginando por exemplo uma mãe ou pai que descobre a homossexualidade de seu filho - e não pensar no que pode causar aos próximos soa realmente como muito egoísmo...

Diferentemente da enfermeira que quebrou os costumes de sua sociedade, que resolveu assumir o ônus da sua opção para mudar modos de tratamento de pessoas pobres, de sua paixão e crença nas suas atitudes, a jovem rebelde simplesmente assume posições que deixam em perigo pessoas que se aproximam dela por causa de uma possível falta de manual que a justificam manipular os que se juntam à ela...

Postado por othon às [21:02](#) 

### **1 comentário:**

[Maíra](#) disse...

Acho que nessa vida todo mundo é experimental. É isso de fato que tornam as coisas interessantes. Nada mais surpreendente que nos pergamos em situações que jamais permitiríamos em poucos momentos atrás. Tudo na vida é fluído inclusive as nossas escolhas, por que não experimentarmos, ir além daquilo que nos apetece? Daquilo que nos transborda de curiosidade. Acredito que nada se encontra definido, inclusive nossas "ditas" escolha sexuais. O que de fato existe são fronteiras rígidas imposta pelas leis "normativas".

[1 de Janeiro de 2009 14:03](#)

**Segunda-feira, 22 de Dezembro de 2008**

### **[Deixar-se cativar](#)**

Acredito que *Procura-se Amy* me chama atenção principalmente pela forma como explora o tema do estabelecimento de laços entre as pessoas. Embora seja difícil entender como os habituais padrões da vida em sociedade conseguem se estabelecer sobre o que as pessoas sentem a tal ponto de guiar suas escolhas sobre algo tão íntimo, mas que nem por isso passa ileso de tais padrões; o filme aborda o assunto da construção dos relacionamentos amorosos não deixando de apontar o choque do que é conservador frente ao liberal. Há a desconstrução do modelo heterossexual padronizado, é uma forma de abordar os conflitos gerados em uma juventude afetada tanto pelo espírito de liberdade sexual absoluta, como pelo conservadorismo moral e religioso.

Segundo Bruschi e Medeiros (2000), Procura-se Amy desconstrói a idéia de uma identidade heterossexual fixa e demonstra que nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Porém, eu não acho que o que está em questão seja a aceitação ou não de padrões fixos, mas o estabelecimento de laços de forma desnuda. Mesmo sabendo que estaria arriscando sua amizade com Alyssa (Joey Lauren Adams), Holden (Ben Affleck) não deixa de lhe falar o que sente apesar de ela ser homossexual. Nesse momento, a fragilidade também emerge da personagem de Joey Adams, pois Alyssa estaria apaixonada pelo seu amigo. Mostra-se então que Alyssa não limitara a possibilidade de encontrar alguém que lhe completasse independentemente do sexo dessa pessoa. Ando relendo “O Pequeno Príncipe” (que bonitinho) e tudo isso me lembra muito do diálogo entre o Pequeno Príncipe e a raposa sobre o que vem a ser cativar. Não vou resistir de colocar aqui alguns trechos desse diálogo:

“(Pequeno Príncipe) - Que quer dizer "cativar"?”

(Raposa) - É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços”.

(Pequeno Príncipe) - Criar laços?

Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

[...]

(Raposa) - A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me! Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração ... É preciso ritos.”

Apesar de suas diferenças, como quaisquer duas pessoas são diferentes, a dupla de personagens principais se deixa afetar um pelo outro, dando-se a oportunidade de conhecer-se e de se deixarem cativar num mundo onde não existirem as tais “lojas de amigos”, onde tudo pode ser comprado pronto. Pelo contrário, a relação entre eles foi construída e negociada, como citado mais acima. A própria “garota experimental” buscava propriamente ser cativada, relacionando-se com quem a conquistasse independentemente de tal pessoa ser homem ou mulher. Para Holden, a imagem de Alyssa foi além da de uma garota homossexual, aliás, a imagem dela não estava vinculada ao fato de ela ser homo ou hetero ou bi ou “tri”, e por aí vai. Ela era “apenas” a pessoa por quem ele se apaixonou e a quem ele queria, apesar de por um momento ele não parecer superar o fato de ela ter tido uma relação heterossexual grupal e de ter escondido isto dele. Acho que o desprendimento de Alyssa no estabelecimento de seus laços afetivo-sexuais deixou Holden confuso e inseguro, como se não conseguisse ter firmeza sobre o que ela podia sentir por ele, enquanto ele estava certo de que se apaixonara por ela. Bem, para mim, no tocante à relação entre Alyssa e Holden, vejo que a ligação afetiva de amizade e de respeito supera a turbulenta ligação sexual que possam ter possuído, afinal o filme para mim não deixou de ser legal pelo fato de eles não terem terminado juntos; vale mais o fato de eles terem experimentado o que possivelmente se trata da quebra daqueles padrões. Isso tudo pode estar parecendo muito confuso pra vocês, até porque pra mim eu tenho certeza de que está. ^^

Ah, eu li isto aqui [BRUSCHI, M. E.; MEDEIROS, Patrícia Flores de . *Procura-se Amy: uma musa diferente*. Sessões do Imaginário, Porto Alegre, p. 12-15, 2000.] pra me ajudar a organizar as idéias. Beijijos!

Postado por Maísa às 12:57 

Marcadores: [o pequeno príncipe](#), [procura-se amy](#)

**0 comentários:**

**Segunda-feira, 22 de Dezembro de 2008**

**[O que você prefere?](#)**

Quebrar padrões. Atravessar limites. Ir além do comum. Passar daquilo que é certo ou errado. Estaria Alyssa presa à liberdade? Isso passou pela minha mãe nos poucos minutos que Alyssa chega a rejeitar Holden e lhe enche do seu discurso sobre tudo aquilo que acreditara até então: experimentar. Alyssa estava fugindo da situação por ele ser um homem, por ir de encontro a sua escolha de ser lésbica ou para não limitar a possibilidade de encontrar alguém que a completasse totalmente, independentemente do sexo?

Alyssa parecia estar compensando algo que não teve buscando novas e novas experiências. Mas ao iniciar seu namoro com Holden se renda a tão clássica sensação de que “encontrei minha alma gêmea”. Como a própria personagem menciona no filme, Alyssa, Holden a completava, e não importava mais seu passado. Alyssa se permite um grande envolvimento afetivo heterossexual, permite-se também experimentar o comum, o trivial. A ira que Holden sentiu por ter sido “enganado” por sua amada, vai além se uma raiva pela mentira. Não foi só isso. Às vezes penso que Holden chegou a acreditar que Alyssa estava se virando “para o seu time”, rendendo-se ao que é moralmente correto; então como aceitar tamanha orgia? Outras, penso que ele na verdade se sentia inferior o tempo toda a ela, exceto pelo fator relacionamentos heterossexuais. Mas agora, sabendo que ela também o ultrapassa nesse quesito, quase impossível perdoar, senão por uma idéia brilhante de uma experiência totalmente inusitada para poder se igualar a ela. Puro egoísmo, como já disse Othon. Pena que ninguém aceitou e, cada um seguiu seu caminho.

E aí vem a pergunta? O que você prefere, ser traído por um homem ou por uma mulher?

Postado por Herica França às [14:13](#) 

Marcadores: [procura-se amy](#)

**0 comentários:**

**Segunda-feira, 22 de Dezembro de 2008**

### [Garota Experimental?](#)

Procura-se Amy me parece mais contar a história de uma garota que se esconde atrás da máscara que ela própria cria para esconder seus medos. Alyssa passa a vida em meio a loucuras, orgias, experiências sexuais, como queiram chamar, mas nunca teve coragem de encarar uma relação verdadeira independente do sexo de seu parceiro. Quando conhece Holden e ele a vê com sua "amiga", ela confirma que é lesbica e que nunca teve relações com outros homens. Talvez ela faça isso para chocá-lo, assim como tenta fazer com todo mundo, entretanto, quando se apaixona realmente, ela mais uma vez, a princípio, tenta fugir desse sentimento atrás de seu esteriótipo de lesbica. Esteriótipo esse que fica comprovadíssimo pela rapidez com que ela muda de opção e cai nos braços de Holden!

Da mesma forma Holden, a princípio, se mostra uma pessoa mais aberta, contudo quando descobre que Alyssa mentiu e que ela já teve relações com vários outros homens ele se mostra machista, inseguro, imaturo e inclusive, egoísta como citou Othon. Além disso, faz uma tentativa ridícula de jogar a responsabilidade do final do namoro em Alyssa quando pede para ela fazer um ménage à trois com seu amigo. Digo que foi isso que ocorreu porque é lógico pensar que Alyssa no mínimo ficaria ofendida com a proposta já que ele se mostrou tão ofendido quando soube o que ela tinha feito em seu passado. Então, para não parecer machista e se mostrar apenas incomodado com sua falta de experiência se comparado a Alyssa, ele toma essa atitude dizendo que é uma escolha dela querer compartilhar uma experiência dessas com ele e que essa era a única forma de salvar a relação. Acredito eu que, se Alyssa aceitasse ele voltaria atrás no mesmo instante.

Enfim, de experimental nem Alyssa nem Holden não têm nada! Aliás, não tem nada de experimental no filme. É somente mais uma história e um casal que se apaixona com a típica garota que esconde as coisas com medo de decepcionar o amado e o garoto que tem que passar por cima dessas coisas para ficar com ela.

Postado por kely às [20:18](#) 

**1 comentários:**

[Maíra](#) disse...

completando...o filme mostrou pontos que parecia dar um sabor de diferente, mas retomam muitos clichês!

[2 de Janeiro de 2009 21:44](#)

**Segunda-feira, 29 de Dezembro de 2008**

### [Sou assim, uma profana.](#)

Qual o filme de hoje? *Um estranho caminho para São Tiago* ou *Via Láctea*, de Luis Buñuel. Ah, aquele cineasta surrealista... Nunca ouvi falar desse filme, mas ele começa e ... épa! É sobre religião? Vixe, logo hoje que eu tenho que escrever, o filme é sobre religião... Vá lá que não é um filme *religioso*, mas... É sobre religião! O filme começa e se mostra muito louco. Dois caras, um tanto maltrapilhos, estão fazendo o caminho de peregrinação a Santiago da Compostella, na Espanha, e nessa viagem encontram com o Marquês de Sade [*gente, era ele que só dava dinheiro ao andarilho que possuía algumas moedas*], que lança uma estranha profecia. Eles

seguem sua jornada e, no caminho, encontram um guri com chagas que nada fala, mas ajuda-os fazendo um carro parar e dar carona para eles. O guri fica.

Agradecido, um dos andarilhos grita “*Por Deus, por Deus!*” e o motorista joga ambos para fora do carro, restando a eles fazer o caminho a pé mesmo. Nesse caminho, quanta “viagem”! Encontram religiosos fervorosos à procura de pessoas contra sua igreja, diversos personagens bíblicos e históricos e várias histórias paralelas às suas que acabam se cruzando. O filme vai, vai e no final... As falas e as histórias são todas escritas da Bíblia?!

Eu, que pouco, ou melhor, *nada* sei sobre religiões, não havia percebido isso. São falas contraditórias que parecem ser escritas com a finalidade de quebrar os dogmas cristãos, como a Santíssima Trindade e o Livre Arbítrio. Mas... E que diferença isso faz pra mim?

É assim que começa nossa discussão, com comentários sobre o filme, sobre a loucura e o surrealismo, o cruzamento de épocas e personagens e com minhas reclamações a respeito da coincidência de ser um tema do qual eu (e um monte de gente) prefiro não falar, mas tenho que escrever. Haverá pano pra manga?

Alguns têm pouco conhecimento sobre o assunto, outros são mais íntimos. E não é que a conversa fluiu, sem ofensas? Saiu conversa sobre a influência da religião nas nossas vidas, sobre os rituais, sobre a importância do Natal, sobre o significado disso tudo.

E, voltando pra casa, no carro com minha mãe e minha irmã (3 diferentes crenças num só carro), a conversa desenrolou-se do Rosa Elze até a Coroa do Meio. Minha mãe, uma católica não praticante (ela se autodenomina assim), diz que a religião serve para dar uma orientação; minha irmã, espírita, diz que encontra respostas para suas questões existenciais; e eu, filha-de-católica-com-ateu-hoje-teosofista-e-com-irmã-espírita-kardecista, o que penso? Eu preciso mesmo ter uma religião ou uma filosofia de vida?

Já passei por minhas fases de tentar ser católica, de questionar os professores de religião, de ouvir a irmã falando sobre o espiritismo e indo a centros, de discutir horas na praia sobre as religiões com meu pai e, no fim, nunca deu em nada. Na segunda-feira, 22, fiquei bastante incomodada com o tema do filme. Eu não queria pensar sobre isso mais uma vez e não chegar a conclusão alguma. Seria preguiça? Será que é preciso pensar nisso para *viver*?

Quem já escolheu a religião a seguir ou tem uma filosofia de vida vive mais plenamente ou dá mais valor a vida do que quem não pensa nisso? Saberiam eles um real motivo de viver?

Em pleno fim de ano, o levantar de inúmeras perguntas volta a confundir minha cabeça e novamente não concluo nada. Ou talvez eu tenha tido uma *ótima*(!) conclusão para o início de um ano... essa é a maneira que escolhi para viver: ser profana; olhar para o templo, ver o que tem dentro e não querer entrar.

Postado por melanie às [00:19](#) 

### 3 comentários:

[Kleber Matos](#) disse...

Sintomas de mais uma rinite me retiraram do caminho de Compostela em 22/12/08. Fiquei esperando alguém postar, para tentar um atalho pra essa via. Ele veio. Veio como um veio, veio como um líquido que escorre pelas linhas no texto da Melanie, que não se permite seduzir por templos. Acho que isso soa um pouco Bauman e sua obsessiva maneira de ver liquidez nos modos de subjetivação atuais. Soa também como um eu-kleber-hipermíope a ver o distante Bauman naquilo que se me apresenta de perto. Sendo as duas coisas, pelo menos, vejo os templos e as religiões de modo racional. Eles dizem muito, eu escuto pouco. Assim, não exercem em mim fascínios e vontades de pertencimento, mas diante de “um silêncio, uma catedral. Um templo em mim, onde eu possa ser imortal...” me vejo envolto a uma paixão triste, como diria Espinosa. Vejo em mim e em muito mais que meia dúzia de gente, sem muito esforço, projetos de fazer pra si, pra dentro de uma suposição de intimidade, um percurso que revele a dita “minha verdade”. Provisória que seja, mas que acuse pertencimento. O viés psicológico realiza peregrinações mais perversas que o catolicismo na era moderna. “Valei-me meu Padim Ciço Romão do Juazeiro...”

[29 de Dezembro de 2008 07:30](#) 

[Juaum](#) disse...

Guardo com carinho esse nosso último encontro. penso que essa foi das, se não a, melhores segundas-à-noite.

Talvez os andarilhos da Compostela, caminhantes e não turistas, tenham nos puxado pelo braço até que viajássemos com eles.

Conversamos, enquanto viajantes, sobre nossas experiências e impressões em relação às paisagens religiosas. paisagens para alguns, moradias para outros.

conversamos sobre como atravessamos e somos atravessados pelos templos invisíveis, que mesmo liquefeitos ainda orientam práticas cotidianas.

acho que enquanto viajantes podemos continuar conversando sobre paisagens, moradias e cotidianos, se a necessidade do ponto final no roteiro turístico.

[29 de Dezembro de 2008 11:36](#) 

[Paloma Côrtes](#) disse...

Interessante saber que o tema do último filme fora religião...eu estava falando sobre esse tema ontem À noite,enquanto estávamos(aqui em casa)assistindo ao Código da Vinci e aquela balela toda da Madalena e tal...

Eu falei sobre a surgimento da religião, que falavam que estava relacionada a era glacial que teve participação humana (se eu não me engano,foi a terceira) e ,numa forma de se manterem vivos em meio àquele situação inóspita,surge a fé,a esperança de que tudo irá mudar e ,assim, o gérmen da religiosidade...

Eu até me perguntei,será que esse povo todo :Jesus,Maomé, Buda e outros realmente existiram? Eu atualmente penso que (alguém que já foi católica,espírita,agnóstica,que já pensou em ser budista e hoje desistiu disso) tudo não passa de histórias...e ,aliás,o que é a vida senão um bando de histórias? Mas,voltando pra questão da religião,o que fundamenta toda a religião (um tipo dela) são livros,que,simplesmente,contam histórias... acho que tudo também passa por uma questão de crer no que está escrito e só... e também tem aquela idéia de : como trilhar o caminho (viver) e o que acontece depois (morrer)...depois que nasce,o homem aprende a ter tanto medo...e muitos se apegam a uma diretriz,pra dar tudo certo e se não der,foi seu karma,Deus não quis ou isso é o resultado de suas vidas passadas...

Acho que ,por hora, é só...

[30 de Dezembro de 2008 08:04](#)

**Sábado, 3 de Janeiro de 2009**

### Racionalidade X Verdades inquestionáveis

O Estranho Caminho de São Thiago é um filme surrealista, do autor Luis Buñuel, que fala sobre dois peregrinos que fazem uma viagem a Santiago de Compostela na Espanha. Nessa longa viagem eles encontram diversos personagens cujas falas e comportamentos são retirados rigorosamente da Bíblia e nesse viagem pela história eles se defrontaram com as principais heresias da Igreja Católica. Não há dúvidas que o autor é totalmente contra aos abusos da Igreja e de uma forma cômica e com uma certa dose de sarcasmo ele brinca com isso em seu filme.

O que eu achei desse filme? Loucura total...uma viagem!De início fiquei confusa e perdida, não sabia o que falar do filme que tinha acabado de assistir, tinha a impressão que não tinha entendido a estória. Sabia da essência religiosa, das passagens bíblicas, dos personagens e das heresias, porém o fato de ser um filme cheio de cortes e surrealista, confundiu um pouco. No entanto, com o desenrolar da discussão que, por sinal, foi muito produtiva, consegui enxergar de uma maneira melhor o filme e percebi que eu possuía alguma base naquele terreno que eu julgava desconhecido.

Falar de religião, apesar de ser uma católica não praticante, é muito natural pra mim, pois cresci em uma família que é dividida entre católicas fervorosas (minha mãe e minha avó) que acreditam em todas as verdades da Igreja e "católicos" racionais que leram a bíblia e conhecem a história e sabem distinguir o que realmente aconteceu de TUDO aquilo que a Igreja difundiu como Supremo. Particularmente, eu prefiro acreditar na sequencia racional dos fatos, prefiro acreditar na sequência lógica da história, pois, sem dúvida, faz mais sentido. Em minha opinião, Cristo realmente existiu. Ele foi um Grande homem, alguém que estava à frente de seu tempo. Um homem que queria a igualdade para todos e era realmente isso que ele pregava. Seria ele um comunista? =X Com aquele cabelão pregando a igualdade? Isso fez com que os poderosos da época se sentissem ameaçados e temendo perder o poder resolveram acabar com Jesus Cristo. Eu vivo pensando nessas hipóteses que fazem sentido...E Maria Madalena? Prostituta ou suposta esposa de Jesus?E os padres, pq não podem se casar? A Igreja proibiu o casamento deles pois se isso acontecesse e eles tivessem herdeiros (naturalmente), estes teriam direito a herdar as riquezas da Igreja (que era riquíssima). Bom isso tudo faz muito sentido, porém a Igreja condena completamente tais pensamentos...

Adoro discutir sobre religião, sobre essas curiosidades, sobre as verdades desvendadas que a Igreja insiste em esconder. Apesar de ter sido batizada, de ter feito a 1ª comunhão e de ter sido crismada, com certeza por influência da minha mãe, não tenho muita paciência para assistir missas e seguir com obediência os dogmas da Igreja Católica, mas acredito em Deus (ou algo muito poderoso) e sei da importância dele em minha vida. A fé realmente orienta, dá uma base.

Diferente do autor do filme, não sou uma crítica ferrenha dos dogmas da Igreja. Apenas não vejo sentido em suas pregações e sou contra a todos os abusos cometidos por ela. Prefiro acreditar na história, nas sequências racionais dos fatos a acreditar em verdades inquestionáveis! ⇐⇐

Postado por Socorrinho às [22:28](#) 

### 1 comentários:

[Juaum](#) disse...

Ótimo socorro... você construiu um caminho para santiago e a partir do seu texto eu construí um para mim.

Bom, lembrei de uma frase de uma das músicas dos Novos Baianos que diz que a estrada "não é uma estrada, é uma viagem!" e fiquei pensando como seria esse mesmo caminho para santiago se fosse construído através de outra linguagem que não fosse viagem... seria um filme "entendível" e assim confortável que não tirasse do lugar?

Engraçado que o discurso que ele constroi no filme é inteiramente retirado de trechos da bíblia e assim mesmo se faz viagem surrealista como você diz. Mas então o que é possível se produzir com aquele monte de palavras escritas no livro? Vimos aqui três possibilidades já postas: fé fervorosa; racionalidade histórica (beirando cientificismo?); e um filme surrealista. Para onde vão outros caminhos?

[4 de Janeiro de 2009 21:59](#)

**Domingo, 4 de Janeiro de 2009**

### “Sou ateu, graças a Deus”

Esta frase, dita por Luis Buñuel mas que segundo minha pesquisa é atribuída à Miguel de Cervantes, mostra um pouco de uma postura irônica daqueles que dizem não acreditar em Deus. Alguns escritores e diretores, assim como Buñuel, causaram polêmicas ao criarem obras que criticam a instituição Igreja, a religião católica e seus dogmas, ou por mostrarem uma história diferente da contada pela ela, como Jose Saramago em O Evangelho Segundo Jesus Cristo, que mostra uma outra história da vida de Jesus: um Jesus “humanizado”, que teve uma relação amorosa com Maria Madalena e não estava assim tão interessado em ser o Messias.

Já me peguei compartilhando do sentimento desta frase. Mas em outros momentos dizendo acreditar em um Deus, mas que nada interfere na vida das pessoas. Sinceramente não tenho opinião formada sobre o assunto e nem me sinto pressionado a obter uma conclusão. Também não me preocupo em parar pra pensar sobre... Acho que esteja mais para o lado da primeira. Quem sabe eu seja também um profano, não me incomodo com tal definição. Assim como a frase parece contraditória o filme também parece e o interessante é que são trechos retirados da Bíblia. E o surrealismo impregnado no filme, a “viagem” proposta por Buñuel, assim também não é a religião católica? A história da Bíblia não é fruto da imaginação - livre de construções e encadeamentos lógicos - de alguns?

O que sei que essa história nos acompanha, teístas ou ateus, católicos ou evangélicos. A religião católica, seus ensinamentos, seus dogmas fizeram parte da formação de nossa civilização ocidental. O que é o Bem e o Mal, o que é respeitável ou não, está carregado de seus valores. “Pelo amor de Deus!”, “Meu Deus!”, “Nossa Senhora”, tornaram-se força de expressão, termos utilizados até pelos “profanos”.

Falar sobre religião não é fácil. Dizem que religião e futebol não se discute. Acho que o que não vale é não discutir.

Bem... “Graças a Deus que sou ateu, assim não vou para o inferno!”

Postado por Elton às [23:27](#) 

### 2 comentários:

[Kleber Matos](#) disse...

" (...)Assim como a frase parece contraditória o filme também parece e o interessante é que são trechos retirados da Bíblia.(...)" escreve Elton e essa frase nos propõe um jogo também interessante. Um jogo que pode se desdobrar ao infinito. Um jogo que articula texto e contexto, naquilo que é visível (texto/contexto) e também naquilo que não é visível (contexto). Se retiro o visível-texto de um contexto e o insiro num outro contexto, como fazer referências indiretas, ou seja, referência a aquilo que não tinha visibilidade no texto/contexto que cede a expressão?

Muitas vezes a ânsia em racionalizar nos faz tentar produzir reificações ou sobreposição de contextos, via o signo ou a representação. Isso pode ser prático mas carrega grande risco à vida. Lidar com as invisibilidades também pode ser prático e o risco é de outra natureza: aquilo que jamais se viveu. Abraço!

[5 de Janeiro de 2009 09:15](#) 

[Juaum](#) disse...

Lendo o texto pensei em uma coisa que falei na discussão sobre como a religião ou a religiosidade atravessam nossas práticas cotidianas. Lembro que a Igreja participou com muita força por algum tempo das subjetividades "antigas", diria até que serviam como grande molde hegemônico de modos de viver. Hoje, alguns dizem, caíram as grandes instituições - família, política, religião, etc. - prefiro pensar que elas perderam espaço hegemônico, mas que ainda sim participam de algumas forma dos modos de existir nos mundos de hoje em dia. Dizem ainda que há agora a hegemonia do consumo e do individualismo e isso se reflete um tanto no crescimento das igrejas não-católicas contemporâneas. Elas dizem o que os indivíduos querem ouvir e se estes se cansam podem muito bem trocar de credo sem criar dívidas com O Supremo.

Talvez o que eu queria dizer é justamente que as instituições tradicionais não sumiram, mas participam de formas outras da produção de nós mesmos. Não sendo descartadas pelos ditames do consumo e individualismo, adaptaram-se, reinventaram-se e continuam constituindo, porém não ditando, as vidas cotidianas em diferentes intensidades de ateus, crédulos e vagabundos.

[5 de Janeiro de 2009 10:07](#)

**Terça-feira, 6 de Janeiro de 2009**

[um caminho com São Thiago](#)

oprofundodoprofanopatinanabatinasuperfíciedomundano

Postado por Kleber Matos às [06:56](#) 

**0 comentários:**